



cherish
BOOKS

VICIADA
em VOCÊ

KRISTIN MAYER



cherish
BOOKS

VICIADA
em VOCÊ
KRISTIN MAYER

Copyright © 2018 Kristin Mayer
Copyright © 2020 Cherish Books

Mayer, Kristin

Viciada em Você (Intoxicated by You) / Cherish Books; Rio de Janeiro; 2020

Edição Digital

1.Romance Contemporâneo 2. Literatura Estrangeira 3.Ficção

Viciada em Você © Copyright 2020 — Cherish Books

Texto revisado segundo novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, através de quaisquer meios, sem a prévia autorização do autor.

Tradução: Bianca Carvalho

Revisão: Luciane Rangel

Capa: Gisele Souza

Diagramação: A.J Ventura

SUMÁRIO

<u>Capa</u>	
<u>Prólogo</u>	
<u>Capítulo 1</u>	
<u>Capítulo 2</u>	
<u>Capítulo 3</u>	
<u>Capítulo 4</u>	
<u>Capítulo 5</u>	
<u>Capítulo 6</u>	
<u>Capítulo 7</u>	
<u>Capítulo 8</u>	
<u>Capítulo 9</u>	
<u>Capítulo 10</u>	
<u>Capítulo 11</u>	
<u>Capítulo 12</u>	
<u>Capítulo 13</u>	
<u>Capítulo 14</u>	
<u>Capítulo 15</u>	
<u>Capítulo 16</u>	
<u>Capítulo 17</u>	
<u>Capítulo 18</u>	
<u>Capítulo 19</u>	
<u>Capítulo 20</u>	
<u>Capítulo 21</u>	
<u>Capítulo 22</u>	
<u>Capítulo 23</u>	
<u>Capítulo 24</u>	
<u>Capítulo 25</u>	
<u>Capítulo 26</u>	
<u>Capítulo 27</u>	
<u>Capítulo 28</u>	
<u>Capítulo 29</u>	
<u>Capítulo 30</u>	

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

*Este livro é dedicado a todos os que fizeram parte dessa jornada.
Obrigada do fundo do meu coração.*

Prólogo

Alexa



Os últimos dias foram um borrão. Num momento, meu pai estava vivo e, no outro, Drake ligava para me dizer que ele havia morrido. Nós nos falamos apenas três horas antes de sua morte. E agora ele nunca mais atenderia ao telefone quando eu ligasse.

Algo pareceu estranho nas últimas vezes em que conversamos. Como se houvesse alguma coisa que ele queria me dizer, mas nunca dizia. *O que há de errado?*, quando perguntei, ele se esquivou, o que só contribuiu para me deixar mais preocupada.

Será que algum dia irei descobrir?

Meu pai era meu porto seguro – a pessoa com quem eu poderia contar para qualquer coisa. E agora eu nunca mais teria seus conselhos nem sua companhia para trabalhar em carpintaria quando algum problema assolasse a minha cabeça.

Pelo menos eu ainda tinha Drake. Juntos, encontraríamos o nosso caminho.

Durante todo esse tempo difícil, o amor da minha vida esteve ao meu lado. Drake estava presente de todas as maneiras imagináveis. Ele era a minha alma gêmea.

Mas, por dentro, eu me sentia entorpecida, e minha mente estava uma bagunça enquanto tentava processar a perda de meu

pai. Parecia uma estranha na minha própria pele. E odiava esse sentimento. Normalmente, eu era segura de mim mesma e pronta para enfrentar o mundo. Mas desde que meu pai morreu, me via simplesmente perdida e sem saber qual seria o meu próximo passo.

Se ao menos meu pai pudesse me guiar.

Minhas mãos tremiam quando abri a carta – a última comunicação que receberia do meu pai. Após a leitura de seu testamento, seu advogado me deu o envelope e disse que papai o entregara algumas semanas atrás.

ALEXA.

ENQUANTO TRAÇAVA A CALIGRAFIA FAMILIAR, minha garganta se apertou. Naquela tarde, escapei para a lagoa atrás da casa dos meus pais para ler a carta sozinha. O chão estava coberto de neve e fazia um frio intenso, mas não me importei.

Um tremor lento começou em minhas mãos enquanto eu me preparava. Talvez este fosse o sinal que eu precisava para seguir em frente. Talvez o destino tivesse pressionado papai a levar essa carta ao advogado, sabendo que seu tempo aqui na Terra era limitado. Eu acreditava firmemente que tudo acontecera por uma razão.

Deslizei meu dedo sob a aba do envelope e o abri.

A primeira linha provocou um soluço que eu não sabia que estava prendendo.

MINHA QUERIDA ALEXA ...

PAPAI NUNCA DIRIA essas palavras para mim novamente. Nunca mais construiríamos novas memórias. Fechei os olhos e tentei me acalmar. *Eu posso fazer isso. Posso ler esta carta.*

Respirando fundo, concentrei-me nas palavras do meu pai.

*Minha querida Alexa,
Você sempre foi tudo para mim. Tenho lutado com algo que preciso
lhe dizer. Não consegui encontrar as palavras enquanto
conversávamos ao telefone. Espero levá-la para a cabana e contar
durante a sua próxima visita. Mas se esse momento não chegar, eu
escrevi esta carta. Tenho que proteger a minha garotinha.*

*Sei que ama Drake, mas precisa me ouvir.
Ele não é o homem certo para você. Sei que isso é um choque, mas
preciso que confie em mim. Como seu pai, eu te imploro. Termine o
relacionamento. Será melhor assim. Sei que não faz muito sentido,
mas preciso que obedeça. Faça isso por mim. Com o tempo, você
entenderá o porquê. Este pode ser o último conselho paternal que
poderei lhe dar.*

Eu te amo, Alexa, com todo o meu coração.

Papai

QUANDO CHEGUEI À SUA ASSINATURA, meu mundo implodiu.
Meu coração se partiu em um milhão de pedaços, e nada fazia
sentido.

Como poderia desistir de Drake?

Como poderia não escutar meu pai?

1

Um

Alexa



— A tenda ao telefone — sussurrei, olhando pela janela. Toda a cidade estava presente no Red Onion Saloon, comemorando a reeleição do prefeito Richmond. Cheguei a Skagway dois dias antes e até aquele momento tinha conseguido passar despercebida, o que foi um feito e tanto para uma cidade tão pequena. Mas isso não aconteceria daquela vez. Ah, não! Teagan insistiu que eu a encontrasse lá para pegar as chaves da propriedade que comprei. O motivo de ela tê-las levado ainda me deixava intrigada.

A corretora, Nancy, partira para Ketchikan para uma convenção. Recebi uma mensagem avisando que ela entregara as chaves para Teagan. Eu nunca pedi a Teagan que as guardasse e não consegui uma resposta conclusiva do porquê de ela tê-las pegado. Na noite anterior, enviei uma mensagem de texto dizendo que ia mandar um chaveiro abrir a porta para mim. Magicamente, recebi uma resposta, pedindo que eu a encontrasse no Red Onion Saloon.

Cheguei ao lugar e logo ouvi música, o que me preocupou. Algo parecia errado em toda aquela situação. Mas as coisas com Teagan normalmente eram assim. E eu precisava começar a organizar a minha futura clínica o mais rápido possível.

Dentro do bar, as pessoas aplaudiam o prefeito, que estava de pé em uma cadeira no meio da sala. Drake estava lá dentro – eu

podia sentir. Sempre que ele estava por perto, meu corpo ganhava vida, e um conjunto de emoções dançavam ao longo da minha pele.

Mas eu não me sentia pronta para vê-lo. Esperava que esses sentimentos tivessem desaparecido nos últimos dois anos. Mas se meu atual estado de alerta fosse alguma indicação, nenhum deles tinha sequer amenizado. O que era péssimo. Drake Foster era a única pessoa com quem eu não poderia ficar. Terminar as coisas com ele fora o último pedido de meu pai antes de morrer.

Teagan sabia disso. Ela *sabia* disso.

Drake provavelmente seguira em frente, mas eu me recusava a querer saber. Se havia encontrado outra pessoa, eu não sabia se poderia suportar. O pensamento fez meu peito doer. Eu estava ciente de que em algum momento seria necessário vê-lo. Encarar o que tinha feito. Mas não hoje. *Hoje, não*. Precisava colocar meus pés no chão e enfrentar outros demônios do meu passado.

Eu teria que enfrentar Drake, é claro. Voltei para a minha pequena cidade natal para abrir uma clínica com meu amigo, Hollis. *Bem, tecnicamente, ele era o Dr. Hollis Fritz*. Skagway não tinha um médico local. Em casos extremos, os feridos tinham que ser transportados de avião para outra cidade. Custava milhares de dólares; e isso, por si só, poderia causar um desastre financeiro a alguma família. A espera por transporte atrasava o tratamento em casos críticos. E se o tempo estivesse ruim, nem o transporte aéreo era possível.

Esta foi a razão pela qual meu pai morreu dois anos atrás, depois de um incidente com extração de madeira. Havia muito gelo, e o helicóptero não chegou a tempo. Com uma determinação que nunca tive antes, voltei para a faculdade no segundo ano e me enterrei em meus estudos para terminar meu curso de enfermagem em tempo recorde.

Meu telefone vibrou e me agachei para atender Hollis.

HOLLIS: Decidi viajar um dia antes. Chegarei hoje mais tarde.

***Eu:** Quer que eu te pegue?*

***Hollis:** Nah, meu carro vai ser entregue no aeroporto. Vou me instalar no hotel. Podemos nos encontrar amanhã. Você ainda está*

indo para a clínica?

HOLLIS SEMPRE FORA um pouco solitário. Foi por isso que nos conectamos tão rápido dois anos atrás. Ele era o dono de um fundo fiduciário que queria uma folga da vida descontraída dos ricos e famosos. Nossa pequena cidade de Skagway, no Alasca, proporcionaria essa fuga.

Abaixei-me um pouco mais para garantir que minha cabeça não estivesse visível acima do parapeito da janela.

EU: Sim, este é o plano. No momento, estou de pé em um caixote, do lado de fora do Red Onion, tentando fazer com que Teagan me entregue as chaves. Ela as tomou como reféns.

***Hollis:** Umm... isso é normal para os skagwayianos?*

ISSO ME FEZ RIR. Hollis e o Alasca seriam uma combinação interessante. Sua mãe ficou lívida quando o filho sequer considerou desperdiçar seus talentos numa cidade como esta. Ele se formou como primeiro de sua classe. Nós nos conhecemos em uma clínica, enquanto ele fazia sua residência. Mesmo tendo quatro anos de diferença de idade, nos tornamos amigos instantaneamente.

EU: Não... não exatamente.

***Hollis:** Hum... bem, boa sorte.*

***Eu:** Eu preciso ir. Minhas panturrilhas estão começando a doer.*

***Hollis:** Só fale com ele.*

GUARDO MEU TELEFONE, sem responder à última mensagem. Hollis achava que eu deveria contar tudo a Drake. Por dois meses

depois que parti, Drake tentou entrar em contato comigo. Finalmente, mudei meu número e me mudei para um local diferente em Nova York, para ficar inacessível. Caso contrário, eu sabia que voltaria para ele.

Eu sou uma vadia.

Drake não merecia isso. Ele era um cara legal – o melhor. Antes do que aconteceu, planejava passar o resto da minha vida com ele. Eu o amei. Eu ainda o amava. Mas papai sabia de algo, caso contrário, nunca me faria sofrer dessa forma.

Liguei novamente para Teagan e segurei o telefone entre o ouvido e o ombro.

— Vamos lá, Teagan. Atenda. Não estou com disposição para joguinhos hoje.

Correio de voz novamente. *Droga.* Eu não fazia ideia de por que ainda pegava tão leve. Seu egoísmo e seus joguinhos costumavam enlouquecer Drake. Mas eu sabia que era sua maneira de se proteger. Seus pais tinham sido tão ruins quanto podiam. Se eu estivesse no lugar dela, gostaria que alguém tentasse me ajudar – um amigo de verdade.

Quando perguntei se poderia ficar morando com ela por um tempo, ela hesitou no começo, mas depois concordou. Desde que cheguei, só a vi uma vez. Então ela sumiu com Donnie.

Aquele reencontro foi desajeitado, quase tenso. Eu precisava encontrar outro lugar para ficar. Talvez o hotel fosse uma boa opção.

Dentro do bar, a multidão aplaudiu. Eu me senti como uma doida, em cima de um caixote bambo, com a cabeça esgueirada logo acima do parapeito da janela, observando. Teagan estava lá nos fundos com seu namorado Donnie, que não me cheirava bem desde o primeiro dia – quase três anos atrás – e alcançava a escala dez no meu medidor de embustes. Eu teria que andar pelo bar inteiro só para chegar até ela. *Ela está fazendo isso de propósito. Ou talvez esteja apenas agindo como sempre agiu.* O problema era que, com Teagan, eu nunca soube. Com um suspiro frustrado, respirei fundo.

— Ei, Lex. Quem você está espionando?

A voz profunda me pegou de surpresa, fazendo-me sobressaltar com um grito e cair do meu caixote. Uma dor lancinante se

manifestou no meu tornozelo.

— Ai!

Por que comigo? Por quê?

As circunstâncias pareciam muito piores do que eram – uma situação inocente que dera terrivelmente errado. Tudo o que eu queria era evitar o homem que ainda me afetava de mais maneiras do que deveria. E agora aquele homem estava parado a menos de um metro de distância. Minha pele dançava com a corrente elétrica familiar que deixava minha cabeça zumbindo.

Seja forte.

O caixote provocou um arranhão desagradável na minha panturrilha. *Droga!* Foi superficial, mas estava sangrando, no entanto. Eu sabia que não deveria ter usado shorts naquele dia, mas o tempo estava excepcionalmente quente. Olhei em volta, para garantir que ninguém mais tivesse ouvido meu grito, ganhando algum tempo para me recompor. A julgar pela barulheira lá dentro, eu provavelmente tinha escapado de passar ainda mais vergonha.

Dei uma outra analisada rápida nos arredores para garantir que ninguém mais estivesse lá. Skagway tinha um boletim de fofocas local que saía semanalmente por e-mail. As irmãs Twiner o controlavam como se fossem paparazzi de nível internacional. Às vezes, para as notícias quentes, havia até edições especiais. Elas tinham o dom de estar no "pior" lugar no "melhor" momento.

Cada. Pessoa. Solteira. Da. Cidade. Estava. Na. Lista. De. E-mails.

O povo de Skagway gostava de fofocas. Inferno, até eu as lia. Quando meu e-mail anunciava o boletim semanal, ele parecia brilhar em neon.

As pernas vestidas em um jeans, às quais eu estava familiarizada, se aproximaram.

— Precisa de uma mão?

O timbre profundo de sua voz ainda deixava meus joelhos fracos. Era profundo e rouco, e levou a expressão viril a um nível totalmente novo. Minha determinação enfraquecia só de ouvi-lo. Eu teria que ler a carta de meu pai novamente para reforçar minha armadura contra ele. Levei-o comigo para o caso de sentir a necessidade de ligar para Drake, o que acontecia frequentemente.

Os homens da cidade de Nova York não se comparavam em nada a Drake. Eles eram muito refinados, sem a brutalidade – a natureza selvagem – do Alasca, infundida nos homens que moravam aqui. Drake era selvagemmente protetor, romântico, forte e amoroso, tudo embrulhado em um pacote ridiculamente sexy.

Eu olhei para cima, encontrando aqueles olhos castanhos cálidos dos quais me lembrava muito bem. Seu cabelo escuro ainda estava curto, assim como antes. Engoli em seco e disse:

— Drake — minha voz falhou.

Sim, eu pareço nervosa. Fique calma. Drake conhece você. Ele conhece você melhor do que ninguém.

Limpei minha garganta.

— Eu não estava bisbilhotando. Estava esperando por Teagan.

— Por que não entrou? Ela está lá dentro com Donnie.

Essa era a pergunta de um milhão de dólares.

— Umm... eu... Você sabe... — Desisti de falar e me levantei. Imediatamente senti o sangue escorrer pela minha perna.

Ugh. Preciso limpar isso.

Drake se apoiou no poste e cruzou a perna direita sobre a esquerda. Ele era todo músculos.

— Vamos dar um jeito em você. Tenho um kit de primeiros socorros lá em cima, na minha casa. Podemos subir pelas escadas dos fundos.

Dei um passo para trás.

— Eu vou ficar bem. Posso andar.

Drake olhou para a minha perna.

— O velho Rooster está conversando com as irmãs Twiner logo ali na frente. Se você for por esse caminho, vai passar direto por eles. — Ele balançou a cabeça. — Tenho certeza de que isso vai alimentar suas fofocas por um tempo. Você será a estrela do boletim semanal Twiner Tellings.

Seu sorriso me fez respirar fundo. Ele sabia que eu odiava aparecer no boletim. Odiava, de verdade. E nos dois anos em que estive fora da cidade, Drake só participara uma vez – por algo inconsequente. Eu procurei secretamente por notícias sobre ele. Se estava saindo com alguém. *Não pense sobre isso agora. Não importa.*

Um dos motivos que me fizeram ficar espreitando do lado de fora da Red Onion era exatamente para que as irmãs Twiner não descobrissem que eu estava de volta à cidade. As fofocas iriam se espalhar na velocidade da luz. E, verdade seja dita, agora que tinha Drake por perto, não estava pronta para me despedir tão cedo.

Só mais alguns minutos. Quero ficar perto dele só por mais alguns minutos. Então eu vou embora. Vou ler a carta e me lembrar do porquê de ter ficado tanto tempo fora.

— Me guie.

Drake me entregou uma toalha, que pegou do bolso de trás de sua calça. Por trabalhar no bar, ele sempre tinha uma consigo.

— Está limpa. Pressione-a no seu corte, que eu vou te carregar. Não queremos que deixe um rastro de sangue nas escadas.

Sem discussão, peguei a toalha. Os braços fortes de Drake me envolveram, e ele facilmente me ergueu do chão.

Eu gritei.

— Ei!

— Não me lembro de você ser tão resmungona.

Fechei a boca com força. Eu estava um caos de tão nervosa só por estar perto dele. *O que eu deveria dizer?* Qualquer tipo de explicação só faria a situação parecer pior do que já era.

— Juro que não estava espiando.

— Então por que não entrou para falar com Teagan? Estava com medo de me ver?

Claro, Drake ia direto ao ponto. Sempre foi assim. Nós nos conhecíamos desde que éramos bebês. Quando eu estava no último ano do ensino médio, ele parou para me ajudar a trocar um pneu furado na estrada. A partir daí, começamos a sair. Com a benção do meu pai, Drake me levou para o nosso primeiro encontro. Ele era dois anos mais velho e quis a aprovação do meu pai, uma vez que eu ainda estava na escola.

Por que papai mudou de ideia?

Drake ajeitou-me em seu colo, enquanto subia as escadas, o que guiou meus pensamentos à sensação tão familiar de estar em seus braços. Arrepios se formaram ao longo da minha pele, nos locais onde ele me tocava. Dois anos tinham se passado, e nada mudara. Meu desejo por ele só aumentara.

Ele parou diante da porta.

— Por que você está nervosa, Lex?

Lex. Ele era o único que me chamava de Lex, e isso ainda mexia comigo — fazia com que sentisse como se ainda lhe pertencesse.

Do lado de fora da porta, nos encaramos.

— Você sabe por que estou nervosa. Faz dois anos que nos vimos pela última vez ou que falamos um com o outro.

— Não fique. Eu ainda sou apenas eu. O mesmo homem que era há dois anos.

Não de acordo com meu pai.

O arrependimento tomou conta de mim e pisquei algumas vezes.

— Sim, claro. Eu imaginei que encarar uma grande multidão seria estranho depois do que fiz. Eu mereço que você me odeie.

Aquilo era demais para mim; tive que quebrar o contato visual. Se ele me odiasse, eu não suportaria. *Por que parece tão certo estar perto dele?* Em apenas alguns minutos, meu mundo parecia mais pleno do que nos últimos dois anos. Foi por isso que tive que cortar toda a comunicação. Drake Foster me consumia.

Movendo o braço sob meus joelhos, ele foi capaz de abrir a porta sem me colocar no chão. Tinha me esquecido do quão forte ele era.

— Eu nunca poderia te odiar — a suavidade em sua voz me levou ao limite, e eu pisquei várias vezes para desanuviar meus pensamentos. Gentilmente, ele me colocou no chão. — Deixe-me pegar o kit de primeiros socorros. Está no meu quarto.

— Obrigada.

Meu corpo instantaneamente sentiu falta de seu toque. *Se ao menos eu pudesse estar de volta em seus braços.* Ele merecia saber o que acontecera há dois anos. Mas saber que meu pai não o aprovava poderia magoá-lo ainda mais. Drake o amava. Eles eram próximos. Foi por isso que aquela última carta, me pedindo para terminar meu relacionamento, me destruiu. Como eu poderia considerar passar o resto da minha vida com um homem que meu pai não aprovava? Quando li a mensagem pela primeira vez, não me senti como eu mesma, mas como uma estranha na minha própria pele. E agora que eu estava na presença de Drake novamente, duvidava daquelas palavras pela primeira vez.

Será que tinha feito a escolha errada?

Balancei minha cabeça e tentei organizar meus pensamentos. A casa de Drake era exatamente como eu lembrava – masculina. Os móveis eram de madeira maciça – feitos à mão por seu pai, Ike. As coisas estavam arrumadas, como sempre. A camisa que ele usara no dia anterior estava pendurada no encosto do sofá, onde provavelmente a removera para assistir TV. Uma garrafa de cerveja solitária e vazia repousava sobre a mesa. Eu tinha tantas lembranças de nós juntos naquele lugar – abraçados no sofá enquanto assistíamos a um filme de terror, fazendo amor junto à lareira e comemorando quando fui aceita na faculdade com uma bolsa de estudos quase completa.

Levei três anos para economizar dinheiro suficiente para cursar enfermagem aos vinte e um. A bolsa complementou minhas economias, então eu não precisei de um empréstimo. Foi uma benção. Ser enfermeira era o meu sonho desde que era uma garotinha.

Drake reapareceu na porta e parou, enquanto nossos olhos se encontravam. O tempo fora generoso com ele, que parecia em forma como sempre. Sua camiseta abraçava seus músculos e mostrava o quão grande era.

Com um rápido movimento da cabeça, ele se aproximou, trazendo o kit de primeiros socorros para mim. Rapidamente, comecei a limpar o corte e coloquei um curativo sobre ele.

— Está novinho em folha. Obrigada, Drake.

— Disponha.

Alguns momentos se passaram enquanto nos encarávamos. Eu sabia que deveria sair, mas não consegui fazer isso. Eu queria mais tempo com ele.

Por fim, Drake disse:

— Minha mãe me contou sobre a clínica.

A menção de seus pais foi dolorosa. Eu sentia tanto a falta deles. Fracamente, sorri.

— Sim, Skagway finalmente vai ter um médico. Hollis é incrível.

Algo mudou dentro de Drake, e ele soltou um suspiro, dando alguns passos para trás enquanto passava os dedos pelos cabelos.

— Você está fazendo uma coisa boa para a cidade.

Senti um nó fechando a minha garganta.

— Obrigada. Talvez meu pai... bem, você sabe...

Ele agarrou a minha mão, e a sensação de proteção feroz que sempre associei a Drake me inundou rapidamente.

— Eu sei. Ele ficaria orgulhoso.

Eu cometi um erro terrível ao deixar Drake Foster.

2

Dois

Drake



Precisei esfregar meu rosto quando a porta se fechou. Lex estava de volta. E eu ainda a amava, porra! Inferno, nunca deixei de amá-la. Quando voltou para casa, para o enterro do pai, pensei que estávamos bem. Fiquei ao seu lado de todas as maneiras que poderia estar. Ou, ao menos, achei que sim. Tentando relembrar de nosso tempo juntos, ainda não fazia ideia do que acontecera de errado.

Então, na manhã em que foi embora, tudo mudou. Ela terminou as coisas entre nós. Algo aconteceu, e ela me afastou... completamente.

Porra de Hollis Fritz.

O nome em si me deixou irritado. Eu odiava o filho da puta, e nunca cheguei a conhecê-lo. Depois que Lex foi embora, continuei tentando contactá-la. Ela não atendia minhas ligações, não respondia e-mails, cartas... Nada. Eu esperava que resolvesse o que quer que a incomodava e depois voltasse. Mas isso nunca aconteceu. Finalmente, fui atrás dela. Ela era minha. O problema foi quando cheguei lá, dois meses depois, ela estava correndo para os braços daquele babaca.

Então, fui embora e me enfurnei no Red Onion e na cidade. Entrei para o conselho local, comecei a jogar cartas com meus

amigos a cada duas semanas, fui indicado para um conselho comercial do Alasca e ajudei meu pai a construir móveis no tempo livre. Qualquer coisa para me fazer esquecer. E eu achava que tinha funcionado. Pensava que tinha conseguido me reerguer e seguir em frente... até hoje.

Sentia-me enjoado quando abri a geladeira e peguei uma cerveja. Durante o mero momento em que a tive em meus braços, esqueci-me que tinha um namorado. Mas eu manteria distância dali em diante. Traição não era algo que eu perdoava. Nunca perdoei. Nunca faria isso com outra pessoa.

Nos dois anos em que passamos afastados, ela só ficou mais bonita. Seu cabelo loiro estava um pouco mais longo, mas, fora isso, nada mudara. O corpo pequeno de Lex se encaixava perfeitamente em meus braços. Com esse pensamento, percebi que tentar esquecê-la era um desperdício de energia. Não havia como.

Eu estou muito ferrado.

Naquela noite, ia à casa de Moochie para jogar cartas com alguns dos rapazes. Éramos amigos desde a escola e nos reuníamos quando podíamos. Todos estavam casados e com filhos – ou com filhos a caminho. Eu certamente levaria uma caixa extra de cerveja. A distração, definitivamente, cairia bem.

Lex estar de volta ia foder com a minha cabeça, especialmente porque o namorado estava voltando com ela.

Mas se ela precisasse de algo, eu estaria por perto para ajudá-la. Foi uma promessa que fiz ao seu pai e precisava cumpri-la. Foi o que ele sussurrou para mim enquanto morria:

Cuide da minha Alexa. Ela vai precisar de você.

Além de perder Lex, o dia em que Lloyd faleceu foi o pior da minha vida.

Desde que começamos a namorar, quando Lex estava no ensino médio, eu soube que ela queria ser enfermeira. Eu apoiei sua ida para outra cidade para perseguir esses sonhos. Pensei que nosso amor iria durar. Toda essa merda que dizem sobre a distância aumentar a saudade é uma besteira total. Se fosse esse o caso, ainda estaríamos juntos.

Ouvi uma batida suave na porta. Droga. Eu precisava ficar sozinho, reorganizar meus pensamentos e reestabelecer o controle

antes de voltar para o bar. Ser grosseiro com os clientes não era bom para os negócios. Lex estar de volta à cidade e trazer aquele cara idiota junto mudava tudo.

Como vou me controlar para não socar o filho da puta?

Abri a porta, e Lex estava lá, bonita como sempre. Ela girava uma mecha de seu cabelo loiro, que caía sobre seu ombro, e mordia o lábio.

Será que está tão confusa quanto eu a respeito dessa situação?

— Desculpa, esqueci meu telefone.

Fique calmo. Neutro. Inabalável.

— Entre. Quer uma cerveja? — Abri a porta para deixá-la entrar.

Seu sorriso doce quase me desmontou.

— Não, obrigada. Talvez outra hora. Peguei as chaves com Teagan. Finalmente. E preciso ir dar uma olhada na clínica. Espero abri-la dentro de uma semana. Sei que precisa de reformas, mas uma mão de tinta vai deixá-la nova em folha. Pelo menos foi o que Nancy disse.

Sem mais pessoas para ajudá-la, não havia como cumprir com a data estipulada. Nancy me deixava puto. Ela dizia qualquer coisa para fazer uma venda. Mas era a única corretora de imóveis em Skagway. E só fazia isso em meio expediente, porque também ajudava a coordenar passeios para turistas durante a temporada.

Lex pegou o telefone e colocou-o no bolso de trás. A maneira como tamborilava os dedos na perna me dizia que estava nervosa. E imaginei que isso tivesse a ver com o fato de ter que ir sozinha até o prédio da clínica. Meus dedos apertaram a garrafa com força só de pensar que Hollis estivesse em Skagway, mas eu não podia deixá-la ir sozinha. *Onde está o bastardo?* Eu já o odiava.

— Você quer companhia?

Ela parou por um segundo, e sua mão relaxou. Então, outro sorriso lindo surgiu em seu rosto.

— Seria legal. Casas antigas e vazias me assustam. Teagan não pôde vir. Ela vai a algum lugar com Donnie. Eles estão sempre indo a vários lugares, pelo que parece. Eu mal consegui ficar com ela por mais de dois minutos desde que cheguei à cidade.

Às vezes, Teagan não pensava nas coisas. Mais de uma vez tive que correr para buscar Lex porque Teagan a abandonara para ficar

com alguém. Isso me irritava pra caralho.

— Deixe-me pegar minhas chaves.

— Ah, é melhor eu dirigir. Tenho um monte de coisas no meu carro. Ou você pode me seguir. Você decide. Mas não precisa ir comigo. Não quero estragar a sua tarde. — As sobancelhas de Lex se enrugaram enquanto divagava.

Sim, isso também é muito confuso para mim, querida.

O que eu queria era entender o que aconteceu. Fechar o ciclo. Para mim. Talvez eu pudesse seguir em frente. Porque, honestamente, não fazia sentido algum. Lex fora feita para mim. Eu sabia disso, mas precisava descobrir alguma coisa.

Descemos as escadas, e seu perfume de pêssego começou a me provocar.

— Tem certeza de que não precisa voltar para o bar?

— Sim, tenho certeza. Crete tem tudo sob controle.

Peguei meu telefone para avisá-lo.

EU: Só vou poder voltar mais tarde.

Crete: Sem problemas.

CRETE ERA UM BOM GAROTO. Ajudava a sustentar a mãe e duas irmãs. Seu pai se envolvera no mesmo acidente que o de Lex. A cidade ficara muito abalada quando os três madeireiros perderam a vida devido a um mal funcionamento do equipamento.

Segui Lex até o carro e vi as irmãs Twiner apoiadas em um poste, nos observando. Não havia como escapar delas. Estaríamos no boletim daquela semana, com certeza. Durante a temporada turística, elas vestiam roupas que as pessoas usavam para fazer mineração de ouro. Pensaram que isso dava aos turistas uma melhor impressão da cidade.

Elas. Eram. Loucas.

Lex soprou uma mecha de cabelo que caía sobre seus olhos.

— As Twiners estão de olho em nós.

— Estão? — Olhei novamente para as gêmeas de cabelos escuros.

— Será que vamos compor uma edição especial?

Ela não está preocupada com Hollis? Devo perguntar sobre ele?

No final das contas, decidi manter o nível das coisas bem rasas entre nós, por enquanto. Se eu começasse a perguntar sobre o namorado dela, tudo ficaria estranho. Sendo assim, comentei de volta:

— Provavelmente. Acho que Elvira pegou a câmera.

— Ah, com certeza faremos parte de alguma edição especial. Merda, eu odeio aparecer nesse negócio estúpido.

Foi difícil reprimir minha risada, mas, de alguma forma, eu consegui. A perna de Lex tremia de nervosismo enquanto ela dirigia. Estiquei as minhas dentro da velha caminhonete Chevy vermelha do pai dela.

— A caminhonete do seu pai ainda funciona bem. Sempre vou até a unidade de armazenamento para colocá-la em funcionamento de tempos em tempos.

Ao olhar na minha direção, a expressão de Lex era a mesma que sustentava sempre que eu fazia algo por ela. Sua adoração costumava me fazer sentir como a porra de um rei.

— Obrigada. Significa muito para mim. Faz com que eu sinta como se ainda tivesse um pedaço dele.

— Eu sei.

Entramos em uma garagem nos arredores da cidade e saltamos da caminhonete. Logo neste momento, ficou óbvio que o lugar estava destruído. A varanda praticamente inteira precisava ser substituída, e o quintal estava mal cuidado, repleto de galhos espalhados. Imaginei que o lado de dentro estaria da mesma forma.

Nós caminhamos até a porta. Estava um calor dos infernos, então, limpei o suor que se formou na minha testa.

— Você contratou alguém para arrumar o lugar?

— Não. — Ela pisou em uma das tábuas quebradas. — Antes de comprar o local, pedi à minha mãe que desse uma olhada. Ela não teve tempo, mas jurou que estava em bom estado na última vez que viu. E... bem... você sabe como ela é.

Sim, eu sabia como ela era. E apoiar as ambições da filha não era uma de suas qualidades. Irene e eu tínhamos um relacionamento difícil, para dizer o mínimo.

Tocando a grade da varanda quebrada, Lex soltou um suspiro.

— Acho que vou ter que adiar a abertura. Está bem diferente do que imaginei. Eu acho que é verdade... o ditado. O barato sai caro.

Mantive a minha boca fechada. As coisas entre Irene e eu eram tensas às vezes. Na maioria dos casos, ela tendia a favorecer Raquel, irmã de Lex. Um pai nunca deve mostrar favoritismo a um de seus filhos em detrimento de outro. Os meus nunca fizeram isso entre meus dois irmãos e eu.

Lex abriu a porta. Tudo estava coberto de poeira e cheirava a mofo. Esfreguei a parte de trás do meu pescoço. Sim, precisava de muito trabalho.

— Talvez Fred possa te encaixar na agenda.

Na parte do Alasca onde estávamos, Fred era a única opção para aquele tipo de reparo, o que significava que vivia ocupado.

— Sim, eu vou ligar para ele. — Lex continuou andando pela sala. Parando, ela respirou fundo e apontou para a área da frente. Algo mudou, e seu rosto se iluminou. — Está imaginando? Os pacientes entrando... Salas de exames por aqui. Escritórios. O andar de cima pode ser uma área de residência. Vai ser maravilhoso.

A emoção dela era contagiosa. Sempre foi assim.

— Sim, eu consigo ver. Vai ser ótimo.

Lá estava ela, com aqueles olhos doces.

— Obrigada, Drake. Eu sei que você entende o quanto isso é importante para mim.

— Eu entendo.

As coisas mudaram entre nós, e eu dei um passo para trás. *Ela tem namorado.*

— Com o que você precisava de ajuda? Eu preciso voltar para o bar.

Seria mágoa o sentimento que irradiava de seu rosto? Depois que saísse dali, eu precisaria de uma bebida forte. Talvez duas. Ou três. Uma caixa de cerveja apenas não iria bastar para a reunião na casa de Moochie. Eu ia precisar de uísque. Muito.

— Ah, sim. Eu sinto muito. Eu esqueci. Você pode me ajudar a tirar algumas medidas das salas? Preciso delas para criar um layout para quando todo o equipamento chegar. Vou tirar fotos também. Dessa forma, vou poder fazer um orçamento do que terá que ser feito.

Peguei uma das trenas da bolsa dela.

— Vou começar lá em cima.

— Obrigada.

Novamente, as coisas pareciam estranhas, ou talvez o problema fosse que havia muitas coisas não ditas entre nós. *Apenas pergunte a ela o que aconteceu.* Mas as palavras morreram na minha garganta. Em vez disso, subi as escadas e tomei todas as medidas, anotando-as no meu telefone. O segundo andar estava tão ruim quanto o primeiro. Talvez pior. Parte do drywall precisava ser reparada, e o encanamento parecia baleado.

Eu podia ouvir Lex xingando quando a trena se retraiu, fazendo efeito ioiô. *Porra, era adorável.* Ela estava impaciente e tinha um temperamento e tanto. Outra pressão da trena me fez sorrir e me levou até ela.

Corri escada abaixo.

— Como tá indo?

— Essa coisa estúpida está tentando me matar. — Ela jogou o objeto no chão e pisou nele.

— Acho que você matou efetivamente a trena.

Sorrimos um para o outro e depois rimos. Tive que lutar contra o desejo de puxá-la para meus braços e beijá-la até que não pudéssemos respirar. Os lábios dela eram viciantes. Eu poderia felizmente me afogar em seu toque. Em vez disso, pigarreei.

— Terminei lá em cima. Vou medir tudo aqui embaixo, mas pode ir tirando fotos do segundo andar.

Em pouco tempo, terminamos e voltamos para o Red Onion. Lex parou na frente do bar e disse:

— Vou deixar você sair para depois estacionar.

Eu ri.

— Desta vez, tente não ficar espiando pela janela.

— Eu vou tentar. Acho que isso pode virar um hábito. Lex, a Stalker.

— Você definitivamente leva jeito para isso. — Rindo, saí da caminhonete e entrei, incapaz de arrancar o sorriso de merda do meu rosto.

O bar estava um pouco mais vazio. A maior parte dos participantes da festa tinham ido embora, sobrando apenas alguns fregueses eventuais. Acenei e conversei por alguns minutos antes de ir para trás do balcão.

Havia um cara novo ali; só podia ser turista. Pela aparência de seus sapatos, era um rapaz da cidade. Muitos vinham até aqui pensando que conseguiriam domar a natureza. Se eu fosse um babaca, daqueles que costuma revirar os olhos, seria a hora de fazer isso, enquanto o observava, imaginando o que poderia estar pensando. Pessoas como ele me deixavam louco.

Duas das garotas locais – Samone e Jane – se sentaram perto dele. Aquelas mulheres viviam se insinuando para os caras. O playboyzinho cheirava a dinheiro, o que significava que aquelas duas garotas estariam atrás dele.

— Oh, Hollis, vai ser tão bom ter um médico na cidade — disse Jane.

Minha cabeça se ergueu, e eu olhei para o cara. Não havia porra de chance nenhuma de que fosse uma coincidência. Estávamos em Skagway, pelo amor de Deus. O cara abriu um sorriso para Samone, e eu senti a raiva me inundar. Lex não merecia isso. Nenhum idiota rico iria trair a mulher com quem eu daria meu braço direito para estar.

Jane deslizou um pedaço de papel para ele.

— Me liga.

Ele pegou o bilhete, e eu perdi a cabeça.

3

Três

Alexa



Soltei um suspiro ao ouvir uma mensagem do oficial de empréstimo que queria se encontrar comigo. Os documentos foram assinados para a compra do prédio da clínica. Usei um pedaço de terra que meu pai me deu como garantia, já que estava tecnicamente sem emprego. Todo o processo foi um pouco confuso, pois tive que dar uma garantia hipotecária. No final das contas, eles precisavam da minha terra para garantir que o empréstimo fosse coberto se eu falhasse. Provavelmente havia alguma papelada adicional que precisavam que eu assinasse.

Colocando meu telefone no bolso, decidi que ligaria para Morgan, o oficial de empréstimos, no dia seguinte. Eu sabia que estava sendo negligente, porque queria passar mais tempo com Drake. E eu precisava conversar com ele sobre o que aconteceu, ver se houvera algum mal-entendido com meu pai. Sentia meu coração vivo pela primeira vez desde tanto tempo que mais parecia uma eternidade.

Depois de estarmos juntos por apenas algumas horas, comecei a sentir falta dele. Eu queria ficar ali, sentada na minha caminhonete, respirando fundo e saboreando o cheiro ao meu redor,

que era uma mistura de Drake e do ar lá de fora. Pura masculinidade.

Do outro lado da rua, o vento soprava poeira, e as irmãs Twiner acenavam do banco onde estavam sentadas.

— Olá, Alexa.

— Ei, Elvira e Sylvia. Tirando o dia de folga?

Elvira passou a mão por seus cabelos grisalhos e ajeitou seu antigo uniforme de garimpeira.

— Uma repórter nunca dorme.

Claro.

— Bom saber. Encontrou algo que valha a pena publicar?

Elas riram.

— Quer nos dar uma entrevista?

— Talvez da próxima vez — respondi e corri em direção à varanda de madeira do Red Onion. Havia algum tipo de comoção acontecendo lá dentro. Entrei, e enxerguei a cena acontecendo em câmera lenta. Os olhos de Drake pareciam assassinos enquanto se aproximava de um homem como uma força imparável.

— Lex merece mais do que um bastardo traidor de merda.

Em um piscar de olhos, Drake deu um soco no homem loiro. Quando este virou o rosto, eu arfei. *Hollis*. Meus olhos se arregalaram quando Hollis caiu do banquinho.

— Oh, meu Deus! Não! — eu gritei.

Drake virou-se para mim e abriu os punhos. Corri para o lado de Hollis enquanto este segurava o rosto e gemia. Ele sentou-se, olhando para o louco do Alasca.

— Que diabos, cara? É crime em Skagway pegar o número de uma garota?

— Hollis, o que aconteceu? — eu perguntei, olhando para Drake com os olhos estreitos. Ele não parecia arrependido de dar um soco no futuro médico e mais novo membro da cidade.

Hollis apontou para Drake.

—Aquele neandertal acabou de me dar um soco. Por nenhuma razão.

Estremeci quando o hematoma começou a se formar. Hollis precisava de gelo.

— Drake? — chamei. Tinha que haver algum tipo de explicação.

Drake cruzou os braços contra o peito, o que só fez seus músculos parecerem maiores. Definitivamente intimidante.

— Ele estava pegando o telefone de uma mulher.

Certo... Olhei em volta para ver se conseguia encaixar as peças. Samone e Jane estavam abraçadas, como se lutassem por suas vidas. *Dramático.*

Eu olhei para Drake.

— Por que Hollis não pode pegar o telefone de uma mulher?

Os olhos de Drake se estreitaram.

— Um homem não trai sua mulher.

Fiz uma pausa, esperando ele continuar. Quando permaneceu em silêncio, seus lábios se franziram em uma linha fina, e eu comecei a compreender tudo.

Ah, não! Ele acha que Hollis e eu estamos juntos.

Hollis se levantou.

— Não, ele não trai. Concordo. Ainda bem que não tenho namorada.

Os olhos de Drake se arregalaram, e eu percebi que as pessoas estavam olhando para nós. As irmãs Twiner "espreitavam" na porta e anotavam tudo o que acontecia. Provavelmente tínhamos acabado de lhes dar material suficiente para três edições especiais. Mas já bastava.

— Podemos ir ao seu escritório, Drake? Pode levar um pouco de gelo para Hollis?

Drake assentiu, pegando uma bolsa de gelo das mãos de Crete durante o caminho até o escritório no final do corredor. Este era organizado, com painéis de madeira – exatamente como eu me lembrava. Sussurrei para Hollis:

— Você está bem?

Ele moveu a mandíbula e estremeceu.

— Não é à toa que você queria um médico aqui, se é assim que eles cumprimentam os recém-chegados.

— Drake acha que estamos juntos.

Hollis assentiu, provavelmente já compreendendo a situação. No escritório, Drake entregou a Hollis o bloco de gelo, que ele colocou na mandíbula.

Drake começou a falar, mas eu o interrompi, sentindo-me mais do que um pouco agitada.

— Você deve desculpas a ele, Drake. Hollis e eu não estamos juntos. Nós nunca estivemos. Por que você pensaria isso?

Por um momento, Drake simplesmente olhou para mim. Então deu um passo em direção a Hollis.

— Me desculpe, cara. Acho que entendi tudo errado.

— Posso te desculpar, porque sei que estava cuidando de Alexa. Mas da próxima vez, pergunte antes de dar um soco. — Eles se cumprimentaram apertando as mãos. Hollis devolveu a Drake a bolsa de gelo e depois se virou para mim. — Eu vou para o hotel. A que horas você vai à clínica amanhã?

— Provavelmente às oito ou nove. Precisa de mais reformas do que eu esperava. Te ligo quando sair daqui.

Hollis sorriu.

— Ótimo. Já começou com uma aventura.

Soltei um suspiro e revirei os olhos. Só Hollis para pensar que levar um soco fazia parte da aventura que estava procurando no Alasca.

Na porta, Hollis disse:

— Encontro você de manhã. Vamos bancar os carpinteiros juntos.

De certa forma, Hollis sempre foi muito protegido. Viajara pelo mundo, mas nunca havia sequer acampado. Jantara no topo da Torre Eiffel, mas nunca tentara muito mais do que isso. Nossos mundos estavam a quilômetros de distância, mas nos conectamos devido às nossas perdas.

Assenti.

— Eu levo os martelos.

— Mal posso esperar.

Seria um desastre. Eu duvidava que Hollis já tivesse segurado um martelo em sua vida.

A porta se fechou, deixando Drake e eu sozinhos. Antes que tivesse chance de falar, Drake perguntou:

— Vocês não estão juntos?

— Não.

Ele deu outro passo em minha direção.

— Nunca estiveram?

— Não.

Meu corpo estremeceu quando ele se aproximou. Um tipo diferente de luz dançava em seus olhos.

— Você está saindo com alguém?

— Não.

— Está solteira?

— Sim.

Eu sabia que ele tinha muitas perguntas, a julgar pela maneira como seus olhos cor de mel buscaram os meus. Eu também tinha. A conexão entre nós era inegável. Nunca haveria alguém como Drake Foster na minha vida. Nunca. Eu sabia disso. *Mas o que poderia lhe dizer?* Ele merecia mais do que eu podia lhe dar. Ainda assim, queria que entendesse que não havia ninguém na minha vida.

Coloquei meu cabelo atrás da orelha.

— Não saio com ninguém desde que fui embora, há dois anos. Nem mesmo um encontro.

— Então por que, Lex? Por quê? — A angústia em sua voz torceu uma faca no meu coração. Eu tinha feito isso com ele... conosco.

— Eu... é só que... meu pai...

Toc. Toc. Toc.

Drake xingou quando a porta se abriu. Crete enfiou a cabeça pela fresta, e seu cabelo escuro estava uma bagunça.

— Drake, o inspetor está aqui. Quer falar com você sobre alguns novos códigos para garantir que você esteja ciente.

— Ok, me dê alguns minutos.

— Tudo bem.

A porta se fechou, e Drake voltou-se para mim.

— Eu tenho muitas perguntas, Lex, e preciso de algumas respostas.

— Eu sei. Fiz tudo errado. Eu me tornei um caos quando papai morreu. Um verdadeiro caos. Vou explicar tudo, responder a qualquer pergunta que fizer.

Os olhos dele se suavizaram.

— Eu sei que foi difícil. Para onde você vai depois daqui? Quero te encontrar para que possamos conversar.

Com tudo o que aconteceu, eu precisava passar na casa da minha mãe antes que ela ficasse chateada. Não que isso importasse muito. Quando tentei contar a ela que estava voltando para a cidade, ela ignorou meus comentários e só queria falar sobre Hollis. Honestamente, eu estava apreensiva por ter que visitá-la. Não fazia isso desde que meu pai morreu, porque a casa parecera mais vazia. E isso me assustava. Na última vez em que estive lá, a camisa dele ainda estava pendurada nas costas da cadeira, e as coisas todas como ele as deixou. Se eu fechasse meus olhos, ainda podia senti-lo. Mas duvidava que mamãe tivesse jogado algo de fora.

Eu não tinha certeza do que encontraria quando voltasse para casa. Mas precisava encarar o problema e também a minha mãe.

— Vou visitar a minha mãe depois disso. Ainda não a vi.

— OK. Me passa o seu telefone novo. Mais tarde, enviarei uma mensagem para que possamos nos encontrar.

Peguei meu celular e enviei a Drake meu número. Ele me acompanhou até a porta.

— As coisas entre nós ainda não estão terminadas, Lex.

A porta se fechou, e meu coração bateu duas vezes no meu peito. Drake Foster ainda me queria. E eu o queria.

O que eu vou fazer?



DIRIGI PELO LONGO CAMINHO, buscando a placa POUSADA OWENS. Alguns anos atrás, ajudei a gravar nosso sobrenome no letreiro e depois o pintei com papai. Quando fiz a curva, parei abruptamente. A placa tinha desaparecido. O local fora pintado recentemente, recebera um novo paisagismo, havia móveis novos no quintal. Parecia um lugar completamente diferente. Mais sofisticado. Não era a pousada rústica que chamei de lar por tantos anos.

Piscando algumas vezes, fiquei ali parada, congelada. Aquela não era a minha casa. Era um lugar... novo e não fazia parte das minhas lembranças com meu pai. Tudo que eu podia ver era que

tinha perdido toda a essência. O banco que papai e eu construímos havia sumido. Os balanços namoradeira também. Meu coração doía. Eu esperava que mamãe, ao menos, ainda os tivesse.

Fechei os olhos, me lembrando de como era antes, precisando ter essa conexão com meu pai. Nosso lar. O lugar onde ele me ensinou a andar de bicicleta. O lago atrás da casa foi onde eu aprendi a patinar no gelo. Papai me empurrara no balanço de pneu por horas a fio.

Talvez isso seja um sonho.

Quando abri meus olhos novamente, percebi que não era. Aquele era um lugar estranho para mim. Meus olhos ardiam. Por que mamãe não me disse que ia fazer isso? Por quê? Eu teria voltado para casa mais cedo para vê-lo uma última vez.

Pelo menos a árvore onde papai e eu costumávamos ler juntos ainda estava lá. Drake e eu também tínhamos lembranças debaixo daquela planta. Quando começamos a namorar, tivemos que ficar em lugares públicos porque eu tinha dezessete anos, e Drake, dezenove. Todo dia, Drake vinha me ajudar a estudar embaixo dessa árvore.

Drake.

Ele pensou que eu estava namorando alguém. Eu o queria mais do que qualquer outra coisa no mundo. Minha mente ainda estava um caos, mas meu coração estava vivo pela primeira vez em dois anos. As palavras do meu pai ricochetearam na minha cabeça como uma bola de pingue-pongue.

Não se acomode. Drake não é o único para você.

O advogado me deu a carta dois dias depois que papai morreu, na leitura de seu testamento, e ela virou meu mundo de cabeça para baixo. Eu amei Drake... ainda o amava. Mas nunca soube que papai se sentia reticente em relação a ele. Os dois caçavam, pescavam e faziam muita coisa juntos. Eram muito próximos. E, no entanto, parecia que era tudo mentira. *Será que alguma coisa aconteceu enquanto eu estava na faculdade?* A carta fora datada duas semanas antes de sua morte, e eu não conseguia imaginar Drake fazendo algo para trair minha confiança.

Um nó ficou preso na minha garganta. Drake era um cara legal, mas, em algum momento, por algum motivo, meu pai passara a não

o aprovar mais. Seu último conselho me alertou contra o homem que eu amava. E agora eu estava mais confusa do que nunca. Se tivesse sido a decisão certa, eu certamente não deveria me sentir tão confusa.

Mais tarde, Drake e eu conversaríamos e tentaríamos resolver o problema.

Mamãe estava na varanda da frente, acenando sem emoção. A careta em seu rosto provavelmente significava que eu não tinha chegado no momento mais oportuno. Ainda assim, saí do carro e acenei de volta.

— Ei, mãe.

Ela fez uma pausa com um olhar de surpresa.

— Alexa, pensei que não te veria até amanhã. Quando foi que chegou?

Bem, essa não era a saudação que esperei. Normalmente, eu a corrigiria, mas me sentia mal o suficiente naquele momento. Como se eu fosse uma estranha no único lugar que deveria me proporcionar conforto. Pelo que podia ver, o interior da casa também fora alterado. E eu mais parecia masoquista, porque meus pés me levaram para mais perto da porta. Ao menos o aroma floral de miosótis ainda preenchia o ar. Era o cheiro do meu lar.

Eu pigarreei.

— Ontem. Voltei para abrir a clínica.

— Onde mesmo você vai abrir?

Foi quando eu quis gritar de frustração. Pedi a ela que checasse o prédio para mim – expliquei todos os meus planos. Tentando afastar a irritação da minha voz, eu disse:

— No prédio do Doogle, lembra?

Ela suspirou:

— Ah, Alexa. Eu esperava que você decidisse não continuar com esse plano. Deveria ficar com Hollis em Nova York. Vocês dois pertencem àquele lugar.

Respire fundo. Respire fundo.

Subi os degraus, estendendo os braços. Mamãe me cumprimentou com um abraço frio. Não era o que eu esperava dela depois de não me ver por dois anos. Mamãe e eu nunca fomos super próximas. Quero dizer, sim, eu a amava, e ela me amava... ou

eu pensava que sim. Mas era muito mais próxima da minha irmã, Raquel. Minha irmã era casada com o homem mais rico da cidade, um idiota, até onde eu sabia. *Chazz acha... Chazz diz... Chazz concorda. Chazz, Chazz, Chazz.* Pelos e-mails que Raquel me enviou, era como se minha irmã tivesse perdido todo o pensamento independente quando se casou com ele. Mas eu nunca o conheci.

Abrindo a porta, mamãe disse:

— Entre. Acabei de tirar uma torta do forno.

O cheiro de maçã recém-assada flutuava pelo ar, o que ajudou a aliviar minha alma despedaçada. Uma fatia de torta era exatamente o que eu precisava. Este era outro cheiro familiar, ajudando-me a me situar. Papai e eu comemos torta de maçã muitas vezes enquanto trabalhamos juntos.

— Muita coisa mudou — comentei. No testamento, mamãe recebera a pousada e o terreno ao redor. Raquel e eu ficamos com parcelas separadas de terra que não estavam conectadas à pousada.

Atrás de mim, mamãe soltou um suspiro profundo e decepcionado. Ela provavelmente queria que eu lhe dissesse o quanto todas as reformas foram maravilhosas. A mentira morreu na minha língua. Não pude. Era como se a memória do meu pai estivesse sendo apagada propositalmente. Pressionei-a novamente, tentando obter respostas.

— O que aconteceu com a placa da pousada?

— Eu parei com o negócio. Sua irmã queria que eu relaxasse e não trabalhasse tanto. Chazz concordou. Com a nova posição dela na cidade, eles pensaram que seria melhor se eu parasse.

Ela também estava obcecada por Chazz? Guardei meus pensamentos para mim, embora estivesse ficando cada vez mais difícil ficar quieta a respeito disso.

— Mas você adorava. Era algo que você e papai gostavam de fazer.

Ela deu de ombros.

— Raquel entende os sacrifícios que fiz. Mereço ter a chance de descansar.

Deixe para lá. Você não vai ganhar nada se disser mais alguma coisa.

Toquei uma das novas cadeiras na entrada. Estava coberta por seda chique. Parecia deslocada – ou talvez eu fosse a verdadeira deslocada ali. Sentia-me uma estranha na casa onde passei minha infância inteira. Pensar nisso me deixou um pouco enjoada. Com o rosto impassível, mamãe me observou. Para manter a paz, eu disse:

— Estou feliz por você, mãe. Para onde foram todos os móveis que papai construiu?

— Foram vendidos em leilão. Que tal um pedaço de torta? Conte-me sobre Hollis.

As palavras me feriram, e meu coração convulsionou dentro do peito. *Ela tinha leilado as coisas dele e não me perguntara se eu as queria?* Os móveis do papai estavam perdidos? A ideia, por si só, pesava no meu peito. Todas aquelas horas passadas construindo os móveis juntos – tantas memórias preciosas. Era um passatempo que ele aprendera com o pai de Drake, Ike.

Mamãe virou as costas para mim e começou a cortar a torta. De repente, a bile se agitou no meu estômago. O aroma convidativo de antes passara a surtir o efeito oposto. As paredes começaram a se fechar ao meu redor, e não havia como eu ficar naquela casa. Preferia dormir na minha caminhonete.

— Alexa? Conte-me sobre Hollis.

Pisquei algumas vezes, tentando não chorar. Mamãe odiava lágrimas.

— Ele chegou hoje. Mas, mãe, somos apenas amigos.

Depois que terminei com Drake e conheci Hollis... minha mãe se convencera de que ele era o cara certo para mim. A sala ficou um pouco menor, e eu tive que lutar para me manter calma, enquanto procurava algo de concreto que fizesse aquele lugar parecer mais com o *lar* que conheci.

— Mal posso esperar para conhecê-lo. Ele parece ser um bom rapaz. Talvez consiga convencê-la a voltar para Nova York.

Senti como se estivesse falando sozinha. Sempre foi assim. Foi por isso que mamãe e eu tivemos um relacionamento "mais difícil". Nossa, eu senti falta do meu pai. Ele sempre quis saber tudo sobre os meus planos. Papai teria insistido em me ajudar a preparar o prédio da clínica.

Fiquei olhando ao redor da sala. Todas as fotos da família... tinham sumido. Qualquer coisa do passado... desaparecera. A bile subiu ainda mais no meu estômago. Eu precisava sair dali.

Antes que ela cortasse outro pedaço, dei um passo em direção à porta.

— Acabei de lembrar que preciso fazer alguma coisa. Deixamos a torta pra próxima vez?

— Certo. Eu tinha planejado encontrar Raquel para jantar, de qualquer maneira.

Mamãe parecia quase aliviada por não ter mais que me fazer sala. *Claro*. Neste ponto, nada tinha mudado.

Deveria haver um limite para quantas vezes um coração poderia ser partido.

4

Quatro

Drake



Lex estava solteira.
Estivera solteira este tempo todo.
Tamborilei meus dedos no volante enquanto dirigia para o meu lugar de reflexão favorito. Era começo da noite, mas eu ainda não estava pronto para vê-la. Precisava colocar minha cabeça no lugar e me acalmar antes de seguir em frente com Lex. Aquela nova informação mudara tudo. Eu só precisava de alguns minutos. Então enviaria uma mensagem para ela.

Ela parecia pronta para conversar. Eu esperava que pudéssemos entender o que aconteceu.

Moochie foi compreensivo quando lhe enviei uma mensagem para avisar que Lex estava de volta à cidade. Ele disse iria guardar meu lugar e que eu poderia chegar mais tarde, se quisesse. Se as coisas dessem errado, eu provavelmente aceitaria.

Lembrei-me de tudo o que fora dito nos últimos dois anos. Irene insinuara que Lex tinha um namorado na cidade grande. Mas, pensando bem, ela nunca confirmou. Fora sempre uma alusão. *Por quê?* Assumi que era verdade quando a vi correndo para os braços dele. Bati meu punho contra o volante. *Por que diabos não falei com ela naquele dia? Por quê?*

Estacionei minha caminhonete e avistei sua pequena silhueta no final da doca que meus pais possuíam. Era um pequeno pedaço de terra não muito longe da casa deles. *Que coincidência!* Balancei minha cabeça e enfiei as mãos atrás dela. Aquele era o nosso lugar quando estávamos juntos – para conversarmos, sentarmos, ficarmos sozinhos. Ela levantou a cabeça dos joelhos e olhou na minha direção, com um sorriso triste no rosto.

Eu odiava esse olhar. E mesmo que aquela conversa me deixasse apavorado, saí da caminhonete e segui em sua direção. A atração por ela era instintiva; a necessidade de protegê-la era primordial.

— Você veio aqui para pensar também?

Ela inclinou a cabeça para trás para olhar para mim.

— Sim. Quer que eu vá embora?

Tentei ler o que havia por trás daqueles tristes olhos azuis. Balançando a cabeça, respondi:

— Não, não quero. De modo algum.

Sentei-me ao lado dela e deixei minhas pernas penduradas na doca. Havia tantas emoções conflitantes em seu rosto. A brisa aumentou, aliviando um pouco do calor sufocante que tivemos naquele dia. Lex apoiou o queixo nos joelhos nus e olhou para o lago.

— É tão tranquilo aqui. Eu deveria ter ligado para seus pais e perguntado se poderia vir. Mas...

— Você nunca precisa pedir permissão para vir aqui.

Ficamos em silêncio novamente. Eu estava impaciente para obter as respostas necessárias, mas Lex não podia ser pressionada. Pelo olhar distante em seu rosto, imaginei que havia uma guerra feroz dentro dela.

Por fim, ela respondeu:

— Eu fui covarde. E eu estava confusa.

— Sobre?

Ela me olhou nos olhos e pude ver a dor que ela escondia. Era uma expressão crua, angustiada, e eu queria abraçá-la até convencê-la de que tudo ficaria bem.

Suspirando, ela balançou a cabeça.

— Tudo o que eu pensava que estava certo na minha vida tornou-se subitamente errado.

Isso não faz nenhum sentido. Fiquei observando-a de perto, esperando.

— Lembra que depois da leitura do testamento de papai, Montgomery me entregou uma carta?

— Sim. — Engoli em seco, ansioso para ouvir o que tinha acontecido.

— Era do meu pai.

Mais uma vez, senti como se ela estivesse me dando informações por um conta gotas. Incitei-a a continuar:

— O que a carta dizia?

Os olhos dela estavam cheios de lágrimas, e eu não suportava isso. Estendi os braços, e Lex se enfiou dentro deles de bom grado. Eu a segurei contra mim, fixando o momento em minha mente. Ela começou a soluçar.

— Lex, o que aconteceu? Alguém te machucou?

Se alguém a tivesse machucado, eu mataria.

Ela balançou a cabeça.

— Não. Ninguém me machucou.

Fiquei esfregando suas costas enquanto ela chorava, e lentamente começou a se acalmar. Quando se afastou, vi um coração partido desenhado em seu rosto.

— Estou tão confusa. Era mais fácil quando eu estava longe. Conseguia te manter fora da minha mente. Mas agora você está aqui e...

Não. Não. Não. Ela precisava terminar a frase. Muitas coisas dependiam dela.

— Estou aqui e o quê?

— Meu pai me pediu para terminar com você. Disse que com o tempo eu entenderia o porquê e que era seu último conselho para mim — a voz de Lex embargou, e ela fechou os olhos. — Eu estava tão confusa, Drake. Muito confusa. Então, simplesmente reagi. Não estava pensando. Não era eu mesma. Só fiz o que ele pediu.

O ar escapou dos meus pulmões na velocidade da luz, e eu não consegui recuperar o fôlego enquanto tentava processar as palavras que ouvi. *Ele queria que Lex terminasse comigo?* Olhei para ela,

mal conseguindo falar. Precisei fazer um grande esforço para perguntar:

— O quê?

— Eu sei que papai te amava. Mas eu tinha acabado de perdê-lo. E a carta... Foi demais. Eu só reagi. Estava muito à flor da pele. E me arrependo de tudo.

Fique calmo. Lloyd pediu a Lex para terminar comigo? Isso não fazia sentido.

— Você ainda tem a carta?

Ela fungou e puxou-a do bolso de trás. O papel estava amassado e desgastado. Muito desgastado. Parecia que tinha sido redobrada milhares de vezes. Depois de algumas fungadas, ela disse:

— Toda vez que me sentia fraca, com vontade de ligar para você, eu a lia.

O que parecia muitas vezes.

— Eu posso?

— Sim.

Eu desdobrei a carta; era curta.

*Minha querida Alexa,
Você sempre foi tudo para mim. Tenho lutado com algo que preciso
lhe dizer. Não consegui encontrar as palavras enquanto
conversávamos ao telefone. Espero levá-la para a cabana e contar
durante a sua próxima visita. Mas se esse momento não chegar, eu
escrevi esta carta. Tenho que proteger a minha garotinha.*

*Sei que ama Drake, mas precisa me ouvir.
Ele não é o homem certo para você. Sei que isso é um choque, mas
preciso que confie em mim. Como seu pai, eu te imploro. Termine o
relacionamento. Será melhor assim. Sei que não faz muito sentido,
mas preciso que obedeça. Faça isso por mim. Com o tempo, você
entenderá o porquê. Este pode ser o último conselho paternal que
poderei lhe dar.*

Eu te amo, Alexa, com todo o meu coração.

Papai

O AR ESCAPOU dos meus pulmões pela segunda vez, e eu senti náuseas. Verifiquei a data da carta. As ações de Lex passaram a fazer sentido.

— Isso é muito louco.

— Por quê?

Engoli em seco, sem saber como lhe dizer. Mas se tivéssemos uma chance, não havia como esconder nada.

— Ela está datada de duas semanas antes de ele morrer.

— Eu sei.

Deveria contar a ela? Passei meu polegar ao longo de sua mandíbula, em um dilema. Seus olhos azuis procuraram os meus, implorando, e eu sabia que precisava fazê-lo.

— Um mês antes, enquanto você estava na faculdade, fomos à cabana dele por alguns dias para caçar.

Um leve sorriso surgiu em seu rosto.

— Eu lembro. Foi em setembro. Ele se divertiu. Vocês caçaram um alce.

Respirei fundo.

— Lex, naquele fim de semana, pedi permissão ao seu pai para me casar com você. Ele me deu sua bênção.

Um milhão de emoções surgiram no rosto dela – choque, alegria, tristeza. Esperava que aquela informação mudasse o nosso futuro. Eu ainda queria que ela usasse meu anel, tivesse meu sobrenome, fosse minha em todos os sentidos. Nós só precisávamos encontrar o caminho de volta um para o outro.

Lex agarrou-se a mim, desesperada.

— O quê? Você pediu? Ele deu?

— Sim. Eu nunca menti para você antes. E nunca vou mentir. Essa carta não foi escrita pelo seu pai – não importa o que digam. Você sabe que ele teria recusado se não aprovasse. E se eu tivesse feito algo errado, ele teria conversado comigo. Nunca fui infiel a você. Eu juro.

Eu teria feito qualquer coisa para arrancar toda a dor de Lex, absolutamente qualquer coisa. Continuando, eu disse:

— Ele não teria me pedido para cuidar de você em seu último suspiro. Você sabe que eu estava lá. Ele disse: ‘Cuide da minha Alexa. Ela vai precisar de você.’

— Ele pediu? — sua voz era suave, e ela fechou os olhos. Nós dois sofreremos desnecessariamente nos últimos dois anos. Se ao menos tivéssemos conversado.

— Sim ele pediu. Eu juro. Não contei, porque quando você voltou para casa, para o funeral, eu só queria te dar apoio. E então você foi embora.

Ela agarrou a minha camisa.

— O que eu fiz? Oh, Drake, o que eu fiz?

— Nada que não possa ser desfeito. — *Espero*. Se ao menos ela nos desse uma chance.

Lex me abraçou mais forte.

Eu a tinha de volta na minha vida, e nunca a deixaria partir.

CAPÍTULO CINCO

DRAKE

O SOL MERGULHOU no horizonte enquanto continuávamos sentados, abraçados. Não falamos muito, apenas ficamos ali e absorvemos o momento. *Eu tenho Lex em meus braços novamente. Ela está aqui*. Porra, tantas vezes eu me perguntei se tudo realmente havia acabado entre nós. Esperava que não. Ela estremeceu e se aninhou ainda mais no meu peito. Era maravilhoso poder protegê-la e cuidar dela novamente. Ela era minha, de verdade.

— Vamos sair daqui — eu disse.

— Está ficando frio. Mas não quero ir embora. Estou com medo de que você prefira que as coisas continuem terminadas entre nós.

— Essa vulnerabilidade não combinava com Lex. Ela geralmente era forte e segura de si.

Esperei que olhasse para mim. Os últimos raios do sol já tinham quase desaparecido, e o rosto de Lex estava iluminado como o de

um anjo. Porra, ela era linda. Quando seus olhos encontraram os meus, eu me inclinei para mais perto até ficarmos sem fôlego.

— Isso não vai acontecer. Desde o momento em que te ajudei a trocar o pneu na beira da estrada, você é dona do meu coração.

— Drake...

Apenas um gostinho. Apenas um gostinho. O que tínhamos ainda era frágil. Se eu apressasse as coisas, poderia nos destruir para sempre. Pressionei meus lábios nos dela, saboreando a sensação cálida que provocaram nos meus. Ela tinha gosto de baunilha. Uma porra de um paraíso. Antes que o beijo pudesse se aprofundar, eu me afastei.

— Está sentindo?

— Sim.

— Quando as coisas ficarem difíceis, vamos nos agarrar a esse sentimento. Lutaremos como loucos para nunca o perder.

Ela me puxou para mais perto.

— Eu topo.

Graças a Deus! Soltei um suspiro e a segurei firme. A carta de Lloyd me confundiu. Ele aprovara quando pedi sua permissão para que Lex se casasse comigo. E ele não era homem de voltar atrás em sua palavra sem dar um motivo válido. Cartas secretas e esse tipo de merda não combinavam dele. A letra era masculina, mas ele não usaria aquelas palavras. Eu tinha certeza disso.

Alguém tinha fodido com nossas vidas.

Mas por quê?

De alguma forma, eu chegaria ao fundo daquela história. Mas, primeiro, eu precisava levar Lex para um lugar seguro. Ela estremeceu nos meus braços. Com os lábios contra sua testa, sussurrei:

— Vamos sair daqui.

— Tudo bem.

De mãos dadas, andamos até a caminhonete dela.

— Onde você está hospedada?

— Estava acampada no sofá de Teagan – mas eu cheguei na cidade, e eles foram embora. Acho que estou empatando o estilo de vida deles. Os dois trancaram a porta do quarto. Hoje eu disse a Teagan, no bar, que encontraria outro lugar para ficar, e ela achou

ótimo. Pensei em perguntar à minha mãe se poderia ficar lá, mas com todas as mudanças que ela fez, acho que não consigo. Posso ir para o hotel ou ficar na cabana do meu pai. Só não sei se estou pronta para ir lá também.

Quando soube do fechamento da pousada, imaginei que Lex ficaria chateada. Irene quase estripou o lugar. Era como se ela quisesse apagar todas as memórias. Os pertences de Lloyd foram leiloados. Não fora por dinheiro. Foi Raquel que quis dar um golpe final em Lex. *Vadia*. E a cabana era um lugar especial para Lloyd e Lex. Quando criança, ela o ajudou a construí-la. Juntos, eles restauraram a propriedade que fora construída por seus avós. Eu entendia por que seria difícil ficar lá.

A brisa soprou, e Lex estremeceu novamente, colocando o cabelo atrás da orelha. Eu não estava pronto para me separar dela. Poderia oferecer minha casa, mas Lex provavelmente não estava pronta para isso. Ela precisava de um lugar seguro onde pudesse refletir a respeito de tudo. A carta ainda seria um problema a ser superado, ao menos mentalmente. Mas iríamos superá-la juntos.

Então, uma ideia me surgiu, e eu parei, fazendo Lex parar também.

— Por que você não fica na casa dos meus pais? Eles têm espaço extra, e você adora esse espaço aqui.

Por um segundo, seu sorriso aumentou, mas, com a mesma rapidez, esmoreceu novamente.

— Eu não poderia fazer isso. Eles devem me odiar depois do que eu fiz.

Levei a mão dela aos meus lábios. *Lex está comigo. Ela é minha*. Respirei fundo e foquei de novo na situação.

— Não, eles não te odeiam. Você é como uma filha para eles. Nunca deixaram de te amar. Acho que eles sabiam que encontraríamos o caminho de volta um ao outro. Mamãe já ligou quando recebeu o boletim de informações.

Uma hora depois de Lex deixar o Red Onion, o boletim informativo – *Notícias Quentes das Irmãs Twiner* – chegou à caixa de e-mail de todos. De acordo com as irmãs Twiner, Lex e eu estávamos juntos novamente. Hollis tentou nos separar. A história estava completa com fotos minhas carregando Lex subindo as

escadas para a minha casa e nós entrando na caminhonete dela juntos para irmos ao prédio da clínica. E, é claro, Hollis saindo do Red Onion com a mandíbula machucada. Consegui evitar aparecer no boletim por dois anos. Lex tinha voltado à minha vida em um dia, e lá estava eu nele novamente. A vida estava boa pra caralho.

Porra, naquela cidade, não se podia nem mijar sem que alguém soubesse.

Lex gemeu.

— Evitei verificar meu e-mail. Está muito ruim?

Eu ri.

— Tem fotos, de acordo com a minha mãe. Eu não olhei.

— Aposto que Raquel vai ficar brava. — Ela se encostou na porta da caminhonete e riu.

A irmã dela era complicada, sempre agindo como se fosse melhor que todos os outros.

— Ela entrou em contato com você?

— Não. Mas vai me caçar amanhã, tenho certeza. Depois que descobrir que Hollis tem dinheiro, vai tentar controlar isso também. Apenas espere. — Seus punhos estavam cerrados nas laterais de seu corpo. Lex era como um foguete quando ficava irritada. Com um bufo, ela liberou um pouco da energia que se avolumava. Em algum momento, explodiria.

Finalmente, ela assentiu.

— Vai ficar tudo bem.

— Vai mesmo. E se ela te irritar demais, podemos colocar corante em seu enxaguante bucal novamente.

Lex riu alto e eu sorri com a lembrança. Quando Lex estava no último ano, Raquel pegou emprestado um de seus pares de sapatos e os arruinou. Em retribuição, Lex colocou corante verde em seu enxaguante bucal. Aquela merda deixou os dentes dela manchados por um tempo. Raquel parecia ter mofo na boca. Era repugnante.

Lex riu.

— Ah, Deus, você consegue imaginá-la em um de seus eventos aparecendo com dentes parecendo mofados?

— Seria muito elegante.

As coisas estavam ficando mais fáceis entre nós. Ela colocou a mão meu peito, e eu gostei da sensação. Logo eu a sentiria

desmoronar em meus braços. Ficava duro só de pensar em estar dentro dela novamente. *Acalme-se, garoto. Só mais um pouco de tempo.*

— Senti falta disso.

— Eu também. — A brisa aumentou. Com aquele short minúsculo, Lex devia estar com frio. — Vou segui-la até a casa dos meus pais.

— Tudo bem. — Ela abriu a porta, mas parou antes de entrar. Por um segundo, olhou para baixo e chutou uma pedra na estrada de terra. — Estou com medo, Drake.

Aproximei-me e beijei sua mandíbula.

— Também estou. Mas... eu arriscaria tudo por você.

Lex enlaçou a minha cintura. Parecia tão certo tê-la em meus braços. Queria deitá-la e fazer amor com ela sob o céu do Alasca, como havia feito tantas vezes antes. Mas precisávamos levar as coisas devagar.

E precisávamos descobrir quem diabos tinha nos separado.

Docemente, ela murmurou:

— Você também vale a pena, Drake.

Fechei os olhos enquanto segurava Lex contra mim, saboreando suas palavras.

5

Cinco

Drake



O sol mergulhou no horizonte enquanto continuávamos sentados, abraçados. Não falamos muito, apenas ficamos ali e absorvemos o momento. *Eu tenho Lex em meus braços novamente. Ela está aqui.* Porra, tantas vezes eu me perguntei se tudo realmente havia acabado entre nós. Esperava que não. Ela estremeceu e se aninhou ainda mais no meu peito. Era maravilhoso poder protegê-la e cuidar dela novamente. Ela era minha, de verdade.

— Vamos sair daqui — eu disse.

— Está ficando frio. Mas não quero ir embora. Estou com medo de que você prefira que as coisas continuem terminadas entre nós.

— Essa vulnerabilidade não combinava com Lex. Ela geralmente era forte e segura de si.

Esperiei que olhasse para mim. Os últimos raios do sol já tinham quase desaparecido, e o rosto de Lex estava iluminado como o de um anjo. Porra, ela era linda. Quando seus olhos encontraram os meus, eu me inclinei para mais perto até ficarmos sem fôlego.

— Isso não vai acontecer. Desde o momento em que te ajudei a trocar o pneu na beira da estrada, você é dona do meu coração.

— Drake...

Apenas um gostinho. Apenas um gostinho. O que tínhamos ainda era frágil. Se eu apressasse as coisas, poderia nos destruir para sempre. Pressionei meus lábios nos dela, saboreando a sensação cálida que provocaram nos meus. Ela tinha gosto de baunilha. Uma porra de um paraíso. Antes que o beijo pudesse se aprofundar, eu me afastei.

— Está sentindo?

— Sim.

— Quando as coisas ficarem difíceis, vamos nos agarrar a esse sentimento. Lutaremos como loucos para nunca o perder.

Ela me puxou para mais perto.

— Eu topo.

Graças a Deus! Soltei um suspiro e a segurei firme. A carta de Lloyd me confundiu. Ele aprovara quando pedi sua permissão para que Lex se casasse comigo. E ele não era homem de voltar atrás em sua palavra sem dar um motivo válido. Cartas secretas e esse tipo de merda não combinavam dele. A letra era masculina, mas ele não usaria aquelas palavras. Eu tinha certeza disso.

Alguém tinha fodido com nossas vidas.

Mas por quê?

De alguma forma, eu chegaria ao fundo daquela história. Mas, primeiro, eu precisava levar Lex para um lugar seguro. Ela estremeceu nos meus braços. Com os lábios contra sua testa, sussurrei:

— Vamos sair daqui.

— Tudo bem.

De mãos dadas, andamos até a caminhonete dela.

— Onde você está hospedada?

— Estava acampada no sofá de Teagan – mas eu cheguei na cidade, e eles foram embora. Acho que estou empatando o estilo de vida deles. Os dois trancaram a porta do quarto. Hoje eu disse a Teagan, no bar, que encontraria outro lugar para ficar, e ela achou ótimo. Pensei em perguntar à minha mãe se poderia ficar lá, mas com todas as mudanças que ela fez, acho que não consigo. Posso ir para o hotel ou ficar na cabana do meu pai. Só não sei se estou pronta para ir lá também.

Quando soube do fechamento da pousada, imaginei que Lex ficaria chateada. Irene quase estripou o lugar. Era como se ela quisesse apagar todas as memórias. Os pertences de Lloyd foram leiloados. Não fora por dinheiro. Foi Raquel que quis dar um golpe final em Lex. *Vadia*. E a cabana era um lugar especial para Lloyd e Lex. Quando criança, ela o ajudou a construí-la. Juntos, eles restauraram a propriedade que fora construída por seus avós. Eu entendia por que seria difícil ficar lá.

A brisa soprou, e Lex estremeceu novamente, colocando o cabelo atrás da orelha. Eu não estava pronto para me separar dela. Poderia oferecer minha casa, mas Lex provavelmente não estava pronta para isso. Ela precisava de um lugar seguro onde pudesse refletir a respeito de tudo. A carta ainda seria um problema a ser superado, ao menos mentalmente. Mas iríamos superá-la juntos.

Então, uma ideia me surgiu, e eu parei, fazendo Lex parar também.

— Por que você não fica na casa dos meus pais? Eles têm espaço extra, e você adora esse espaço aqui.

Por um segundo, seu sorriso aumentou, mas, com a mesma rapidez, esmoreceu novamente.

— Eu não poderia fazer isso. Eles devem me odiar depois do que eu fiz.

Levei a mão dela aos meus lábios. *Lex está comigo. Ela é minha*. Respirei fundo e foquei de novo na situação.

— Não, eles não te odeiam. Você é como uma filha para eles. Nunca deixaram de te amar. Acho que eles sabiam que encontraríamos o caminho de volta um ao outro. Mamãe já ligou quando recebeu o boletim de informações.

Uma hora depois de Lex deixar o Red Onion, o boletim informativo – *Notícias Quentes das Irmãs Twiner* – chegou à caixa de e-mail de todos. De acordo com as irmãs Twiner, Lex e eu estávamos juntos novamente. Hollis tentou nos separar. A história estava completa com fotos minhas carregando Lex subindo as escadas para a minha casa e nós entrando na caminhonete dela juntos para irmos ao prédio da clínica. E, é claro, Hollis saindo do Red Onion com a mandíbula machucada. Consegui evitar aparecer

no boletim por dois anos. Lex tinha voltado à minha vida em um dia, e lá estava eu nele novamente. A vida estava boa pra caralho.

Porra, naquela cidade, não se podia nem mijar sem que alguém soubesse.

Lex gemeu.

— Evitei verificar meu e-mail. Está muito ruim?

Eu ri.

— Tem fotos, de acordo com a minha mãe. Eu não olhei.

— Aposto que Raquel vai ficar brava. — Ela se encostou na porta da caminhonete e riu.

A irmã dela era complicada, sempre agindo como se fosse melhor que todos os outros.

— Ela entrou em contato com você?

— Não. Mas vai me caçar amanhã, tenho certeza. Depois que descobrir que Hollis tem dinheiro, vai tentar controlar isso também. Apenas espere. — Seus punhos estavam cerrados nas laterais de seu corpo. Lex era como um foguete quando ficava irritada. Com um bufo, ela liberou um pouco da energia que se avolumava. Em algum momento, explodiria.

Finalmente, ela assentiu.

— Vai ficar tudo bem.

— Vai mesmo. E se ela te irritar demais, podemos colocar corante em seu enxaguante bucal novamente.

Lex riu alto e eu sorri com a lembrança. Quando Lex estava no último ano, Raquel pegou emprestado um de seus pares de sapatos e os arruinou. Em retribuição, Lex colocou corante verde em seu enxaguante bucal. Aquela merda deixou os dentes dela manchados por um tempo. Raquel parecia ter mofo na boca. Era repugnante.

Lex riu.

— Ah, Deus, você consegue imaginá-la em um de seus eventos aparecendo com dentes parecendo mofados?

— Seria muito elegante.

As coisas estavam ficando mais fáceis entre nós. Ela colocou a mão meu peito, e eu gostei da sensação. Logo eu a sentiria desmoronar em meus braços. Ficava duro só de pensar em estar dentro dela novamente. *Acalme-se, garoto. Só mais um pouco de tempo.*

— Senti falta disso.

— Eu também. — A brisa aumentou. Com aquele short minúsculo, Lex devia estar com frio. — Vou segui-la até a casa dos meus pais.

— Tudo bem. — Ela abriu a porta, mas parou antes de entrar. Por um segundo, olhou para baixo e chutou uma pedra na estrada de terra. — Estou com medo, Drake.

Aproximei-me e beijei sua mandíbula.

— Também estou. Mas... eu arriscaria tudo por você.

Lex enlaçou a minha cintura. Parecia tão certo tê-la em meus braços. Queria deitá-la e fazer amor com ela sob o céu do Alasca, como havia feito tantas vezes antes. Mas precisávamos levar as coisas devagar.

E precisávamos descobrir quem diabos tinha nos separado.

Docemente, ela murmurou:

— Você também vale a pena, Drake.

Fechei os olhos enquanto segurava Lex contra mim, saboreando suas palavras.

6

Seis

Draķe



E stávamos quase na casa dos meus pais quando meu telefone vibrou.

Moochie: *Ainda bem que as coisas estão dando certo. Avisarei quando tivermos a próxima noite de jogatina.*

Eu: *Ótimo. Eu estarei lá.*

CHEGAMOS à casa dos meus pais, que ficava a cerca de quinze minutos da cidade. Eles eram donos de um terreno grande. Meus dois irmãos e eu possuíamos cem acres que meus pais tinham nos dado. A única estipulação era que, se quiséssemos vendê-lo, alguém da família teria direito à primeira oferta razoável.

Era o paraíso na terra.

No Alasca, você pode ir de uma área povoada a uma floresta densa no espaço de 400 metros. Os verões são bonitos, mas os invernos são brutais. É preciso ser forte para sobreviver neste lugar.

Quando saltei da caminhonete, busquei os carros dos meus irmãos, mas parecia que haviam sumido. Sabia que tinham estado lá mais cedo para ajudar meu pai a carregar alguns móveis. Minha mãe provavelmente os espantou quando eu mandei uma mensagem avisando que estava levando Lex para se hospedar com eles.

Mamãe surgiu na varanda da frente enquanto eu dava a volta na caminhonete para abrir a porta de Lex. Ela sorriu para mim.

— Obrigada.

Ao olhar em seus olhos, vi o calor familiar. Não havia dúvida de que Lex me possuía, corpo e alma.

Antes de pegar a mão dela para ajudá-la, verifiquei o banco de trás e a caminhonete. Não havia nada.

— Tem alguma bagagem?

— Ah, não! Está tudo na casa da Teagan. Preciso correr até lá e pegar algumas roupas.

Lex começou a subir de volta em sua caminhonete, mas eu coloquei minha mão em seu cotovelo. Era fácil perceber que sua mente estava seguindo em um milhão de direções diferentes.

— Eu tenho algo que você pode usar, ou minha mãe pode te emprestar. Podemos pegar suas coisas amanhã.

— Alexa, oh, eu senti tanto sua falta.

Eu deveria saber que minha mãe não esperaria que chegássemos à porta. Ela me empurrou para o lado e tomou Lex em um abraço de urso em questão de segundos. Era a melhor coisa do mundo vê-las juntas. O abraço de Lex era igualmente feroz quando elas se uniram e sussurraram uma para a outra. Elas sempre foram próximas. Muito. Lex era a filha que minha mãe nunca teve. E, de certa forma, minha mãe era uma figura materna para Lex.

Para ser sincero, eu até que gostava da Irene, contanto que ela não se intrometesse no meu relacionamento com sua filha. Mas Lex e a mãe eram diferentes. Elas não combinavam em quase nada. Muitas vezes eu pegava Irene criticando Lex por não usar maquiagem suficiente ou não se vestir elegante o suficiente. Isso me irritava. Lex era perfeita do seu jeito. Não eram necessárias alterações.

Será que Irene tinha escrito a carta?

Eu esperava que não. Mas não poderia descartá-la. Muitas vezes, ela fizera insinuações sobre Hollis e Lex na minha frente.

Mamãe conduziu Lex em direção à porta da frente.

— Entre. Espero que fique conosco até encontrar um lugar. Esta casa precisa de mais mulheres.

— Eu adoraria. Mas não quero impor minha presença.

Mamãe chegou ao topo da escada primeiro e se virou, com as mãos nos quadris. Ah, droga, eu conhecia aquele olhar de cor. Ele já fora dirigido a mim muitas vezes.

— Alexa Marie, tire esse pensamento da sua cabeça neste instante. Você é da nossa família e sempre será.

— Gosto de ouvir isso. — Lex olhou na minha direção e me deu um sorriso de tirar o fôlego.

Mamãe a conduziu para dentro.

— Você já comeu?

— Não, mas não precisa.

Mamãe bateu palmas e colocou uma mecha de cabelo loiro de Lex atrás da orelha.

— Perfeito. Vou preparar algo enquanto Drake te acomoda. Drake, leve Alexa para o andar de cima. Ela pode dormir no quarto que quiser. — Começamos a subir as escadas quando minha mãe chamou: — Drake, você vai passar a noite aqui?

— Sim, eu vou. — Não havia chance de eu sair dali até Lex sair comigo.

— Perfeito. Chamo quando o jantar estiver pronto.

Chegamos à porta do meu quarto. O rosto de Lex ficou um pouco vermelho quando ela tocou a maçaneta da porta. Passamos muitas noites aqui, fazendo amor, quando meus pais estavam fora. Quando me mudei, depois que Lex se formou no colegial, ela ficava sempre comigo, na minha casa.

— Isso se parece com os velhos tempos.

Esfreguei a parte de trás do meu pescoço quando as imagens de Lex, deitada sob mim, relampejaram em minha mente. Porra, eu precisava tomar um banho frio naquela noite.

— Eu nunca poderia esquecer um momento que passamos juntos. Nenhum.

Ela ofegou e franziu os lábios. Sem responder, abriu a porta do meu quarto. Assisti enquanto ela entrava no cômodo e olhava ao redor. Se algo tinha mudado, nem eu mesmo notaria. Mamãe insistiu em manter nossos quartos como costumavam ser quando morávamos aqui. Ela queria ter certeza de que nos sentiríamos bem-vindos quando quiséssemos voltar para casa. Eu só ficava aqui quando meu pai precisava de ajuda durante o inverno. Ajudava a cortar madeira, limpar a neve para que mamãe pudesse dirigir, fazer entregas e ajudar alguns de seus vizinhos idosos que não tinham tanta energia quanto costumavam ter.

Lex caminhou até uma foto emoldurada de meus irmãos e eu.

— Como estão Hayden e Kane?

Provavelmente era uma estratégia inteligente mudar de assunto.

— Eles estão bem. Hayden ainda pilota aviões e ajuda nosso pai. Seus negócios cresceram muito nos últimos dois anos. Tem três aviões e contratou um segundo piloto. Kane ainda está focado em suas caçadas e odeia pessoas em geral.

Era incrível o quão diferentes meus irmãos e eu éramos uns dos outros. Nunca tive medo de relacionamentos e queria um compromisso como o dos meus pais, algo para a vida toda. Hayden queria a liberdade de estar com quem queria e quando queria. E Kane... quem diabos conseguia entendê-lo? Ele parecia não ter nada no peito.

Ela largou o retrato, dando uma risada.

— Kane provavelmente está contando os dias até que possa se esconder em sua cabana na floresta.

Kane amava invernos rigorosos. Se dependesse dele, viveria bem longe da cidade e só nos visitaria esporadicamente.

— Sim. Ele voltou de uma caçada hoje. Estou surpreso que não tenha deixado o pobre bastardo no meio da floresta.

Ser um guia por aqui pagava bem. E isso permitia que Kane se escondesse do mundo com mais frequência.

Lex riu.

— Eu também. E aposto que Hayden está triste porque a temporada turística está chegando ao fim. Já conheceu o casinho de verão dele?

— Já que você mencionou... Não, não conheci. Ele não falou nada sobre garotas este ano ainda. — Isso era estranho. Normalmente, Kane e eu não conseguíamos fazê-lo calar a boca sobre sua vida de solteiro.

Ouvi passos nas escadas e me encostei na minha mesa. Pelo que parecia, papai estava vindo para dizer oi. Alguns segundos depois, ele apareceu na porta, com um sorriso enorme. Kane e eu saímos ao nosso pai. Hayden era loiro como minha mãe.

— Você não é uma visão e tanto? Amie mencionou que estava vindo para cá.

Lex sorriu para meu pai e o abraçou.

— Ei, bonitão. Como você está?

Papai riu e a abraçou ferozmente. Minha separação com Lex fora difícil para todos nós. O relacionamento dos meus pais lembrava o nosso. Nós nunca brigávamos muito. Claro que discordávamos, mas sempre resolvíamos.

Papai deu um tapinha nas costas de Lex quando a soltou.

— Eu estou bem. Que bom que você voltou para a cidade, garota. Drake nos contou o que decidiu fazer. Ficamos muito orgulhosos. Seu pai também ficaria. Ele sempre me dizia como você faria a diferença com seu diploma.

Lex piscou algumas vezes para conter as lágrimas, deixando claro que as palavras do meu pai a tocaram profundamente.

— Obrigada. Significa muito. Espero que você possa passar na clínica em algum momento para conhecer Hollis. Skagway tem sorte de tê-lo como médico.

— Com certeza farei isso. — Ele deu uma piscadela. — Fiquei sabendo que as irmãs Twiner o têm em alta conta... então deve ser verdade. — Houve uma pausa, e papai sorriu quando Lex balançou a cabeça. — Elas escreveram algumas coisas sobre vocês dois também.

Lex soltou um suspiro e jogou a cabeça para trás com um gemido.

— Eu juro que elas são cães de caça.

Papai e eu rimos. Todo mundo adorava aqueles boletins estúpidos. Mas era um pé no saco quando você era a manchete.

Papai deu outro abraço em Lex e foi até a porta.

— Vou ver se sua mãe precisa de ajuda. O jantar deve estar pronto em cerca de dez minutos.

Quando papai saiu, o quarto ficou em silêncio novamente. Abri a gaveta da cômoda que Lex costumava usar e, como esperado, as coisas dela ainda estavam lá. Mamãe provavelmente não fora capaz de jogá-las fora. Fazia tanto tempo que eu não morava mais naquela casa que não saberia dizer o que havia na maioria das gavetas. Encontrei um pijama e coloquei sobre a cama.

— Parece que você está com sorte. Mamãe nunca joga nada fora.

Lex brincava com um fio perdido da minha colcha, e estava claro que havia algo em sua mente. *Deixe-a resolver sozinha*. Meus nervos estavam desgastados depois do dia que tive, esperando e me perguntando onde estava sua mente. Precisei de um enorme autocontrole para não exigir que me dissesse no que estava pensando.

Depois de mais alguns segundos, que pareceram uma vida inteira, ela perguntou baixinho:

— Você namorou alguém enquanto eu estive fora?

Inclinei minha cabeça e a observei de perto. Quando fechei a porta do quarto, ela ergueu, com uma expressão rígida e cheia de pavor. Meus pais não eram intrometidos, mas algumas coisas precisavam ser mantidas em sigilo entre um homem e sua mulher. Eu precisava que Lex olhasse em meu rosto. Que realmente me visse enquanto eu lhe respondia. Palavras poderiam ser mal interpretadas.

— Eu tentei uma vez. Mas desisti antes de chegar mais longe. Era uma turista aleatória que surgiu no Red Onion. Mas eu sabia que seria um erro. Então eu a deixei no hotel e fui para casa.

Alívio brilhou em seu rosto, seguido de esperança.

— Sério? Você não dormiu com ela?

Eu dei um passo à frente.

— Não, eu não dormi. Só houve você desde aquele pneu furado.

Depois de trocar o pneu de Lex na beira da estrada, cancelei o encontro que havia planejado para aquela noite. Levei um tempo para convencê-la de que meus dias de mulherengo haviam terminado e que ela poderia me dar uma chance. Para ser justo, eu

merecia a reputação. Mas depois que vi Lex, soube que não desejaria mais ninguém.

Ela soltou um suspiro com um aceno de cabeça. Não era um bom sinal. Pensei que ela ficaria feliz por eu não ter transado com outra garota.

— O que você está pensando?

— Sinto muito pelo que fiz. Eu quase nos arruinei. Se você tivesse... eu só... eu...

Ajoelhei-me na frente de Lex, descansando as mãos em seus joelhos.

— Sem mais desculpas. Vamos seguir em frente e ver aonde isso vai nos levar. Eu gostaria de ter conversado com você quando fui a Nova York. Há muitas coisas que eu gostaria de ter feito. Mas nós encontramos o caminho de volta um para o outro. Isso é o que importa.

— Você foi? A Nova Iorque?

Eu assenti.

— Dois meses depois que terminamos. Quando percebi que você não iria voltar, entrei no primeiro avião. Quando cheguei lá, vi você correr para os braços de Hollis. Passei a odiar o filho da puta. Então, me virei, peguei um avião e fui embora. Nunca contei a ninguém além dos meus pais o que eu vi.

Inflexivelmente, Lex balançou a cabeça.

— Ah, não. Nós somos apenas amigos. Sempre fomos. Eu juro. Nada nunca foi estranho entre nós.

Era bom ter a certeza. Contanto que ele mantivesse seu interesse longe da minha garota, nós nos daríamos muito bem.

— Nós estamos bem?

— Nós estamos. Mais do que bem. Mas, Drake, ainda não entendo por que alguém iria querer nos separar. Escrever uma carta usando o nome do meu pai. Isso parece tão cruel. E eu não entendo o porquê. Não faz sentido.

— Não, não faz. — *Mas, querida, eu vou descobrir quem foi. Fique calma. Não se preocupe.* Eu respirei fundo. — Nós vamos descobrir. Juntos.

— Gosto disso.

Quem quer que fosse, pagaria por quase ter arruinando nossas vidas.

7

Sete

Alexa



Sequei minha testa antes de começar a esfregar outra janela. Pelo menos o tempo estava ameno. Como a maioria das casas do Alasca não tinha ar condicionado por causa da neblina permanente, os dias quentes eram um inferno. Pela décima vez, chequei meu telefone para ver se Teagan havia me enviado uma mensagem sobre eu poder ir pegar minhas roupas, mas não havia nada. *O que há de errado com ela?* Quando me deu a chave do lugar, foi como se mal pudesse esperar para que eu fosse embora bem rápido. E ela não perguntou sobre o meu encontro com Drake. Isso me fazia pensar se mantivera as chaves como reféns para me forçar a vê-lo. *Ou seria outra coisa?*

Pulverizei mais limpador no vidro e comecei a esfregar novamente. Hollis estava lá em cima, tentando varrer. Acho que ele nunca usou uma vassoura na vida. Depois que lhe mostrei como fazer, ele subiu as escadas com entusiasmo, animado. Ele era um idiota. Mas era um médico brilhante. O Hospital Presbiteriano de Nova York implorara a Hollis que fosse trabalhar para eles. O hospital era o oitavo mais respeitado do país.

Recuei e examinei a janela. O parapeito estava um pouco torto. *Ah, droga, este lugar precisa de muitas reformas.* Eu era sabia fazer

algumas coisas, mas levaria meses sozinha. Teríamos que adiar a abertura, o que era decepcionante.

Ouvi uma espécie de grito de dor. Gritei para o andar de cima:

— Hollis?

Houve um xingamento antes que ele gritasse:

— Estou indo! — Ele desceu as escadas correndo. — Juro que a vassoura está querendo me matar.

No outro lado do rosto, onde sua mandíbula não fora machucada por Drake, havia um vergão vermelho.

— O que aconteceu com o seu rosto?

Ele apontou para o queixo.

— Louco do Alasca. — Então apontou sua bochecha.— Vassoura louca do Alasca. Aparentemente, o Alasca e eu não estamos nos dando bem.

Coloquei minha mão na boca, tentando não rir. Hollis me lançou um olhar de repreensão.

— Não ouse. — Ele inclinou a cabeça para a esquerda e depois para a direita, estalando o pescoço. — Fazer cirurgias é mais fácil do que sobreviver a esta tarefa selvagem.

Balançando a cabeça, tentei controlar minha risada. Varrer o chão dificilmente era uma tarefa *selvagem*.

— Acho que precisaremos contratar alguém para fazer reformas. Não sei como conseguiremos abrir a tempo se o empreiteiro não puder nos encaixar.

Jogando a cabeça para trás, ele sussurrou dramaticamente:

— Existe um Deus. Finalmente, minha amiga voltou a si. Nada mais de trabalhos manuais.

Soquei seu ombro.

— Não foi tão ruim. E você quis bancar o Sr. Autossuficiente.

Com uma sobancelha erguida, ele me encara.

— Não foi tão ruim? Você viu meu rosto? Eu devo ter julgado mal a situação.

Isso me fez rir da marca vermelha mais uma vez. Como ele a conseguiu? Hollis jogou a vassoura longe como se esta estivesse pegando fogo.

— Não vou precisar mais disso.

Soltei um suspiro. Havia muito o que fazer, e estávamos com a corda no pescoço.

— Eu deveria ter pedido a alguém que viesse inspecionar o local. Sinto muito, Hollis.

Nós nos encostamos na parede e entramos no cômodo. O lugar cheirava um pouco melhor hoje, pelo menos. Uma mistura de pinho sol e quarto velho empoeirado. Notei que alguns eixos estavam faltando na grade do segundo andar. *Argh! Que ótimo.* Cutuquei o ombro de Hollis. Como ele podia estar tão calmo diante de tantos problemas? O equipamento médico chegaria no consultório antes que percebêssemos, e estávamos longe de estar prontos para recebê-lo.

— Ouça, Alexa, eu também vi as fotos. Concordei com o lugar. Sim, vai ser mais difícil do que pensávamos. Mas quando estiver consertado será ótimo. A localização é ótima, o layout é excelente e a propriedade é grande o suficiente para pensarmos em uma expansão. Além disso, posso morar aqui no prédio, o que será útil. Não estou preocupado.

Claro que ele não estava. Hollis nunca se preocupava com nada. Mas eu tinha uma hipoteca para pagar e precisava da renda da clínica. Embora Hollis tivesse se oferecido para comprar a propriedade sozinho, eu insisti. Era importante que ele soubesse que eu ia entrar de cabeça.

Mais para mim, eu disse:

— Vamos resolver isso. Posso começar a telefonar para ver se alguém pode nos encaixar na agenda. Talvez demore um pouco.

Eu queria que a clínica fosse reformada e estivesse perfeita antes de recebermos nosso primeiro paciente. Ter um médico na cidade era mais importante do que todo o resto. As coisas iam se resolver. Mas eu queria que Hollis estivesse feliz com sua decisão. Em Nova York, ele não precisaria olhar para eixos quebrados em uma grade.

— Você está ouvindo?

Foquei minha atenção de volta em Hollis.

— Desculpe. O que você disse?

— Eu acho que você deveria me deixar comprar a sua parte deste lugar. Quero morar aqui. Vai ser mais fácil, e eu gosto. —

Fiquei quieta por um segundo, sem saber o que dizer, e Hollis continuou: — Só pense nisso. Eu sei que você quer mostrar que também investiu. Já sei disso. E eu sei que você pode pagar. Mas faz mais sentido. Caso contrário, vou pagar uma quantia obscena de aluguel em outro local.

Ah, Hollis sabia como mexer comigo.

— Você não faria isso.

Ele piscou.

— Apenas pense com carinho. Honestamente, faz mais sentido. E eu quero fazer deste lugar um lar. Minha casa.

Eu não tinha pensado nisso. Quando criança, Hollis crescera em mansões, não em lares comuns. E eu sabia que ele queria desesperadamente um lugar cheio de amor. Isso era algo que ele precisava.

— OK.

— Ok... eu posso comprar? Ou ok, você vai pensar sobre isso?

— Você pode comprar.

Um sorriso genuíno se espalhou por seu rosto.

— Obrigado, Alexa.

— Obrigada, Hollis. Por ter vindo para cá.

Ele colocou o braço ao redor dos meus ombros.

— Eu que deveria te agradecer. Você me salvou de mais maneiras do que pode imaginar.

— Eu me sinto da mesma forma.

Nós olhamos ao redor do ambiente. Mordi o lábio enquanto pensava em tudo o que precisava ser feito. Teríamos a sorte se conseguíssemos concluir em alguns meses. O problema era que o equipamento que Hollis encomendou chegaria em seis dias.

Hollis estalou os dedos na frente do meu rosto.

— Pare de se preocupar. Nós vamos fazer isso funcionar. — Ele inclinou a cabeça para um lado, e eu soube que estava prestes a fazer uma pergunta. — Então... Drake? Vocês dois estão juntos de novo?

— Estamos. Decidimos ir devagar.

— Acho inteligente da parte de vocês. Estou feliz que tenham finalmente conversado. Aquele homem sabe dar um soco. Mas

agora me sinto como um morador oficial do Alasca. Fiz parte de uma briga.

Balancei minha cabeça, rindo.

— Você é louco.

Hollis estufou o peito, e eu tive que rir. No dia anterior, após seu confronto com o punho de Drake, ele foi à loja local e comprou o que achava ser o vestuário oficial do Alasca: algumas calças com bolsos para as pernas, que combinou com uma camisa de flanela abotoada que tinha todos os bolsos de tamanhos diferentes. Definitivamente na moda.

— O que é tão engraçado?

— Você, usando esse vestuário do Alasca.

— O que foi? Pareço um skagwayiano oficial.

— Sim, parece mesmo. Completamente oficial. — Ou não. Mas eu não diria isso em voz alta.

8

Oito

Alexa



O barulho de veículos entrando nos levou à janela. Quatro caminhonetes grandes estacionaram no quintal. Eu as reconheci como pertencentes aos Foster. Quase ao mesmo tempo, Drake, Ike, Hayden e Kane saltaram de suas caminhonetes. Instantaneamente, a cabeça de Drake se ergueu, seus olhos me procuraram, e eu acenei. Um sorriso se abriu em seu rosto. *Eu o amo tanto.* Nunca mais iria deixá-lo. Nunca. Ele perguntou ao meu pai se poderia se casar comigo. Se eu não tivesse sido precipitada, Drake e eu ainda estaríamos juntos. Eu desejava isso desesperadamente.

A carta ainda me incomodava. Quem faria isso? E por quê?

Com um cutucão no meu ombro, Hollis voltou minha atenção para os homens do lado de fora. Os rapazes da família Foster saltaram e seguiram para as caçambas de suas caminhonetes, pegando cintos e caixas de ferramentas. A caminhonete de Ike estava cheia de madeira. Hayden e Kane tinham máquinas. Meu coração disparou. Drake fizera isso por mim.

— Parece que a cavalaria acabou de chegar.

— Parece mesmo.

Minha atenção se voltou para Drake, que me deu uma piscadela. Seus músculos fortes flexionaram quando ele afivelou o cinto de

ferramentas, e o desejo se avolumou dentro de mim. Engoli em seco quando ele tirou uma caixa de ferramentas da sua caminhonete. *Que o céu tenha piedade, mas o homem é sexy.*

— Por que não pensei em comprar um desses negócios para carregar as ferramentas enquanto estava na loja? — perguntou Hollis.

Esperei que ele risse, mas quando o olhei, vi que estava falando sério.

— Aposto que eles têm um extra que podem te emprestar.

Os olhos de Hollis se iluminaram.

— Agora eu gostei. Vamos nos preparar para o Alasca!

Era difícil não rir, mas de alguma forma eu consegui me controlar. Do lado de fora, na varanda da frente, os rapazes Foster subiam pelo caminho de cimento. Amie e Ike os seguiam. Eu não tinha reparado que Amie estava entre eles. Drake capturara toda a minha atenção.

Eu nem tentei conter meu sorriso.

— O que vocês estão fazendo aqui?

Drake pulou dois degraus e me encontrou na varanda. Eu quase me derreti quando ele me cumprimentou com um beijo na bochecha. Sua respiração fez cócegas no meu ouvido quando ele disse:

— Estamos aqui para ajudar a minha garota a abrir a clínica a tempo.

Aquela sensação cálida e suave preencheu meu coração.

— Obrigada.

Com um cutucão, Hollis ergueu a sobrancelha e acenou com a cabeça em direção ao cinto de ferramentas de Drake. Oh, certo. Eu me virei para Drake:

— Por acaso você teria um cinto de ferramentas extra para Hollis? Ele está tentando se tornar um nativo do Alasca.

A aprovação era evidente nos olhos de Drake. Ele chamou por cima do ombro.

— Pai, você tem um cinto de ferramentas extra para Hollis?

No meio da caminhada, Ike respondeu:

— Tenho certeza de que sim. Vou pegar. — Ao meu lado, Hollis vibrou de animação.

Num piscar de olhos, alguém me pegou no colo e me girou.

— Vejam só se não é a nossa encenqueira!

Eu ri.

— Ei, Hayden. É bom ver você também.

— Você perdeu a chance de conquistar o irmão Foster certo. — Hayden tinha um tipo de personalidade otimista. Era difícil não ser afetado por seu carisma. Ele sempre foi brincalhão e flertou inocentemente comigo para irritar Drake.

Ainda funcionava. Drake deu um tapa na nuca dele.

— Não me faça te dar um soco.

Hayden me abraçou com mais força.

— O quê? Estou dizendo olá para Lex. Preciso de algo mais esfuziante para compensar o tempo perdido.

Drake estreitou os olhos; Eu sabia que ele odiava quando Hayden usava seu apelido para mim. Apenas Drake me chamava de Lex. E ele era ferozmente ciumento em relação a isso.

— Pare de ser um idiota.

Rindo, ele me colocou no chão com uma piscadela.

— Garota, é bom ter você de volta. Faz tempo que não consigo irritá-lo assim.

Drake murmurou baixinho:

— Babaca.

Eu ri. Ao lado de Drake, Kane surgia com sua expressão normal, um pouco mal-humorada. Sua cadelinha Husky, Mariah, estava sentada aos seus pés. Em uma caçada, cerca de quatro anos atrás, Kane a encontrou abandonada na floresta. Desde então, eles se tornaram inseparáveis.

— Ei, Kane. Olá, querida Mariah.

A Husky sacudiu o rabo, mas ficou colada a Kane. Ela era o cachorro mais bem-comportado que eu já conheci.

Kane me lançou um de seus sorrisos calmos.

— Faça o filho da puta te merecer de volta.

Desta vez, foi Amie quem atingiu Kane na parte de trás da cabeça.

— Olhe o palavreado!

Kane revirou os olhos e eu sussurrei:

— Você está contando os dias para começar a nevar?

— Claro que sim. Mas, por cerca de um mês, vou ter que lidar com os ricos idiotas que pensam que sabem caçar, mas não sabem. Filhos da... idiotas tolos.

Amie assentiu em aprovação. Os irmãos Foster respeitavam seus pais.

Ike entregou o cinto de ferramentas a Hollis, que parecia uma criança em uma loja de doces. Eu fiz as honras.

—Este é Hollis Fritz. O novo médico de Skagway.

Hayden assobiou quando olhou para Hollis.

— Então os rumores são verdadeiros.

— Se eles incluírem Drake me dando um soco por achar que eu estava pegando Alexa, o que *não* é verdade, eles são.

Amie estalou a língua e lançou um olhar cheio de repreensão para Drake.

— Oh, céus. Eu sinto muito. Sou Amie Foster, mãe desses três. Juro que lhes ensinamos boas maneiras.

Com um movimento polido, ele pegou a mão de Amie e deu um beijo suave.

— Meus pêsames, senhora. Você deve ter recebido muitas advertências do colégio quando eles eram mais jovens.

— Ah, confie em mim. Esses três me deram todos os cabelos grisalhos que tenho.

Os rapazes riram e assentiram. Os irmãos Foster realmente foram infernais naquela época. Hayden era dois anos mais velho que Drake, e Kane, o bebê, tinha a minha idade.

Drake e Ike montaram um plano de ação. No minuto seguinte, madeira foi trazida e os homens começaram a trabalhar.

Hollis pegou um martelo.

— O que você está fazendo?

Com o martelo na posição errada, Hollis olhou para mim como se eu fosse estúpida, enquanto enfiava alguns pregos em um dos muitos bolsos de sua camisa.

— Vou martelar algumas coisas. Bancar o viril do Alasca. Vou precisar das habilidades de sobrevivência. Esses caras parecem as pessoas certas para me ensinarem essas coisas de virilidade.

Ah, eles são. Entreguei a Hollis uma fita métrica.

— Você provavelmente vai precisar disso também. Mas tome cuidado. Se você achou a vassoura ruim, isso é muito pior. É o meu inimigo.

— Bem pensado.

Os rapazes Foster encararam Hollis como se ele tivesse enlouquecido. Ike bateu no ombro do meu amigo.

— Venha comigo. Vou te ensinar a martelar agora mesmo.

— Perfeito. — A animação que vinha de Hollis era contagiosa. Ele queria se encaixar e descobrir as coisas. Ninguém nunca imaginaria que era um médico brilhante. Meu coração doía por todas as coisas que ele perdera quando criança.

Enquanto eles subiam as escadas, ouvi Ike perguntar:

— Você já segurou um martelo antes?

— Não. Mas nunca é tarde para aprender.

Drake tocou minha mão.

— Minha mãe vai levá-la à loja de tintas. O grupo dela de costura e os membros da igreja local virão amanhã para ajudar a pintar. Este lugar vai ficar pronto em pouco tempo e você cumprirá seu prazo.

Isso era incrível. Meu coração chegou a inchar no peito. Desde o dia em que Drake trocou meu pneu, ele sempre cuidou de mim. Tornou-me sua prioridade. Inclinando-me para ele, coloquei minha mão em seu rosto.

— Você é maravilhoso. Obrigada.

— Qualquer coisa para você. Qualquer coisa.

Drake se inclinou em minha direção e nossos lábios quase se tocaram.

Kane chamou do andar de cima:

— Eu não estou aqui para fazer isso sozinho, Drake. Pare de ficar de beijos com a Alexa, ou eu vou te dar umas porradas.

Amie gemeu e Drake me deu um beijo rápido.

— Melhor ir antes que Kane dê um chilique.

— Eu ouvi isso, idiota.

Amie suspirou:

— Senhor, me dê forças.

Era maravilhoso estar com os Foster novamente.

9

Nove

Alexa



Quase doze horas depois, me vi no meio do que seria a área de recepção. Os defeitos no parapeito superior foram consertados, as paredes foram pintadas e o cheiro de mofo foi substituído pelo aroma de madeira cortada fresca e material de limpeza. Todos os principais reparos foram feitos, exceto a cozinha no andar de cima e os banheiros. Estes últimos teriam que esperar mais ou menos um dia, quando chegasse o novo encanamento. Kane ajudaria Drake a terminar no dia seguinte, porque Hayden precisou pegar o avião. O papel de parede antigo fora retirado e as paredes estavam prontas para serem pintadas. Todos, exceto Drake e Hollis, tinham ido embora cerca de vinte minutos atrás.

Estava acontecendo. Nós abriríamos a tempo. Tudo graças a Drake. Sem ele, levaria muito mais tempo.

Hollis desceu as escadas parecendo exausto. Ao longo do dia, ouvi Ike ensiná-lo o que ele precisava saber. E agora seu martelo estava encaixado no cinto de ferramentas corretamente.

— Acho que nem mesmo a residência foi tão cansativa. Vou dormir. O vigor de Ike precisa ser reconhecido, e ele tem o dobro da minha idade.

Dei um abraço nele.

— Boa noite, Hollis. Você está na metade do caminho para se tornar um morador do Alasca completo.

— Acredito que sim. Pontos, calcificação de ossos, diagnóstico de doenças... moleza. Serrar, martelar, parafusar, nivelar e todas as outras palavras com AR... estou cansado demais até para bancar o inteligente. Drake está reunindo suas ferramentas e vai descer em um segundo.

— Ótimo. Durma um pouco. Vou encontrar os membros da igreja e o pessoal do grupo de costura aqui, às dez da manhã, para pintar. Você não precisa vir.

— Não, eu quero. Essa missão está sendo gostosa. Vou me jogar na cama, rastejar por ela e desmaiar, a menos que você precise de algo.

— Não, eu vou ficar com Drake.

Ele ergueu a mão em cumprimento e foi até o carro.

— Boa noite.

Embora ele estivesse completamente fora de sua zona de conforto, Hollis ficara conosco até o fim. Quando Ike foi embora, ele presenteou Hollis com o cinto de ferramentas. Meu amigo tinha mais dinheiro do que poderia gastar na vida e poderia ter comprado quantas correias de ferramentas quisesse. Mas a julgar pela maneira como ele pegou aquele negócio, eu soube que ele o valorizaria pelo resto da vida. A maioria das coisas na vida de Hollis viera como uma forma de manipulá-lo. Com os Foster, amizade e bondade não eram uma moeda de troca.

As luzes traseiras de seu SUV desapareceram enquanto ele se afastava, e eu fiquei pensando no meu amigo. Ele estava desesperado por um novo começo depois do suicídio de seu pai há dois anos e meio. Este possuía uma empresa de equipamentos médicos e, cerca de três anos atrás, separou-se da esposa. Numa noite, depois de seu turno no hospital, Hollis passou para jantar apenas para encontrar seu pai morto. Em seu escritório, um bilhete com uma única palavra foi deixado sobre a mesa. *Desculpe*. Acho que Hollis e eu nos unimos rapidamente porque ambos perdemos nossos pais de uma maneira trágica.

Entrei na sala à direita. Aquela seria uma das salas de exame. *Se ao menos tivéssemos esse lugar quando papai se machucou, as*

coisas poderiam ter sido diferentes. No dia do acidente, três homens haviam morrido. Os pistões do cortador de troncos haviam explodido, e papai tivera uma hemorragia interna antes que o helicóptero chegasse até ele. Se Skagway possuísse um cirurgião, o sangramento poderia ter sido interrompido.

O ar tornou-se mais carregado quando Drake entrou na sala, e eu senti seu calor atrás de mim.

— Minha mãe disse que está tudo pronto para pintar amanhã.

Foi por causa de Drake e sua família que as coisas estavam dando certo. Eu me virei e ficamos tão próximos que nossos narizes se tocavam.

— Obrigada por tudo. Você ajudou a tornar um dos meus sonhos realidade.

Deslizando o nariz ao longo do meu, ele disse:

— E passarei o resto da minha vida te ajudando a realizar seus sonhos. Cada um deles.

— Eu quero fazer isso por você também.

— Você já faz.

Arrepios surgiram ao longo da minha pele. Fazia tanto tempo desde que eu me sentira assim tão viva. Passei as mãos sobre seu peito e o senti estremecer com o meu toque. Drake estava todo suado. Senti falta dele. Borboletas se reviravam no meu estômago, antecipando o momento em que seus lábios tocariam os meus.

— Lex, eu...

— Yoo-hoo! Alexa?

Não, não, não.

Eu queria voltar àquele momento entre mim e Drake. O que ele tinha a dizer parecia importante, e eu poderia jurar que estava prestes a declarar que me amava. Fechei os olhos e soltei um suspiro quando a voz familiar de Raquel – um som não muito diferente de um gato sendo estrangulado – surgiu na sala. Drake se levantou e murmurou um xingamento.

— Ótimo *timing*.

Isso era um eufemismo.

10

Dez

Alexa



Eu me virei para encarar a porta, me preparando para ver minha irmã. Nós não tínhamos conversado nos dois anos desde que fui embora, com exceção de alguns e-mails aleatórios para finalizar o espólio de papai, onde ela me contou sobre sua vida fabulosa. Raquel vendeu o terreno que meu pai lhe deixou quase que imediatamente. Eu fiquei um pouco chateada por ela ter feito isso sem me dar a chance de comprá-lo, mas papai me deixou o terreno com a cabana – aquela com todas as memórias. Mamãe ficara com a pousada e as terras ao redor. Respirei fundo, tentando me preparar.

— Alexa? Onde você está? — Se possível, a voz dela ficou ainda mais alta e eu estremeci. Ela espiou pela porta. — Ah, aí está você. Por que não me respondeu? Tive que gritar. Você sabe como isso estressa minhas cordas vocais. Chazz não gosta quando minhas cordas vocais estão estressadas.

Ah, sim, as cordas vocais. Raquel tinha uma bela voz de cantora. Era estranho, considerando que quando falava quase me fazia bater a cabeça na parede. Mas ela cantava como um anjo. Mamãe, é claro, adorava a atenção que Raquel chamava e geralmente ficava do lado dela. Todos esperavam que um dia minha irmã chegasse longe. Mamãe sempre dizia que a voz de Raquel seria ouvida em

outra parte e que um agente iria até Skagway para contratá-la. Como gostavam de se iludir. *Mãe, Alexa está me estressando. Isso vai afetar minhas cordas vocais*, essa foi a frase mais ouvida em nossa casa enquanto crescíamos. Papai, por outro lado, ignorava as reclamações e me levava para pescar. Qualquer coisa para que pudéssemos escapar daquela casa.

Raquel usava o cabelo escuro preso em um coque severo e vestia um terno de grife exagerado. Em Skagway, ela se destacava como um polegar dolorido. Quando entrou, seu perfume forte preencheu a sala. Senti vontade de vomitar pelo gosto excessivamente florido na minha boca.

Talvez as coisas sejam diferentes agora. Eu espero.

— Ei, Raquel. É bom te ver.

Dei um passo à frente, com meus braços estendidos. A reação de Raquel foi quase cômica. Ela bateu nos meus ombros como se eu estivesse doente. Se estivéssemos em público, ela teria me recebido com carinho excessivo.

Não, ela não havia mudado.

Sem dizer uma palavra, Drake parou ao meu lado e apoiou a mão no meu quadril. Os olhos de Raquel focaram no movimento, impassíveis. Ela nunca aprovou Drake. Pensar em estar conectada a alguém que possuía um bar era inimaginável para ela. Várias vezes, implorara ao papai que me obrigasse a terminar com ele. Nem precisava dizer que Drake mal a tolerava.

O que eu devo falar?

A situação ficou estranha enquanto eu esperava e Raquel dava uma olhada na sala. A desaprovação surgiu em seu rosto. Não havia dúvidas de que a clínica estava muito abaixo de suas expectativas.

Bem, verdade fosse dita, qualquer um que não ligasse para dinheiro e status teria a mesma consideração.

A situação financeira dos meus pais era confortável somando o trabalho de extração de madeira do meu pai e com a pousada administrada pela minha mãe, principalmente durante os meses turísticos. Mas não havia excessos. Foi por isso que tive que economizar para a faculdade.

Depois que papai morreu, Raquel e Chazz começaram a namorar - eles se - casaram dois meses depois. No momento em que ele chegou à cidade, Raquel planejou chamar sua atenção. Ouvi uma conversa entre ela e mamãe, após o funeral, em uma sala dos fundos. O pobre rapaz nunca teve chance.

Não fui convidada para o casamento, e isso me magoou. Mas sempre foi assim - Raquel fazia coisas intencionalmente para me irritar e me machucar. Ela sabia que eu gostaria de estar presente. A família era importante para mim.

Eu descobri sobre o noivado de Raquel através do boletim informativo das irmãs Twiner. Sim, fora doloroso. Algum dia esperava ficar completamente insensível a qualquer coisa que minha irmã fizesse.

Depois de concluir sua análise da sala, Raquel fez uma careta e abanou com a mão bem cuidada na frente do nariz.

— A poeira está começando a perturbar minha alergia. Preciso fazer isso rápido. Chazz odeia quando estou entupida e com a voz anasalada. Temos que conversar sobre dar as boas-vindas ao Dr. Fritz em Skagway. Chazz concorda.

Chazz Hennington. Eu nunca conheci o sujeito, mas ouvir o nome dele era como arranhar um quadro-negro. Ninguém sabia muito sobre sua família além do fato de que seus pais estavam mortos e ele tinha um irmão na Califórnia. Pelo que fiquei sabendo pelas Twiners, eles ganharam milhões com uma cadeia de supermercados na Califórnia.

Eu queria tirar o olhar presunçoso do rosto de Raquel.

— Acho que vamos fazer as apresentações no Red Onion. Espero que Chazz entenda. — Mantive meu rosto neutro, mas da minha voz pingava sarcasmo. Havia muitas coisas que eu poderia tirar da minha irmã antes que meu temperamento esquentasse. E eu odiava quando meu mau gênio me dominava. Normalmente, acabava fazendo algo do qual me arrependia.

Uma vez, no ensino médio, joguei uma bandeja inteira de comida na minha irmã na frente de toda a escola. Sim, eu fiquei em apuros, mas ela deixara a mochila cair sobre um projeto importante, arruinando-o. Isso me irritou e eu reagi. Mal.

— O quê?

— Você me ouviu, Raquel. Faremos uma festa de boas-vindas no Red Onion. — Bem, eu não tinha combinado nada com Drake, mas ele não se importaria.

Ela ofegou, com a mão no peito, e eu senti o corpo de Drake estremecer enquanto ele tentava conter o riso.

— Não sei se um *bar* é o lugar certo para receber o médico da cidade.

Levantando a cabeça, Drake olhou para Raquel.

— Prometo garantir que os pisos e as mesas estejam limpos. Chazz pode dar uma olhada para ver se aprova.

Pressionei um lábio no outro com a ênfase excessiva de Drake ao mencionar Chazz. Em algum momento durante nosso namoro, Raquel dissera que duvidava que os pisos e as mesas do bar de Drake fossem limpos. Aparentemente, Drake se lembrou disso.

Os olhos verdes e os lábios de Raquel se estreitaram até quase sumirem. Se olhares pudessem matar, Drake teria evaporado. Ela andou pela sala algumas vezes, circulando sua presa que era... provavelmente eu. Talvez Drake. O clique de seus saltos ecoou pelo ambiente. Raquel fixou os olhos em mim tentando me intimidar e me submeter. Não daria certo. Recusei-me a desviar o olhar e continuei seguindo seus movimentos. Drake permaneceu relaxado ao meu lado. Sempre me surpreendeu o quão equilibrado ele conseguia ser.

Finalmente, ela perguntou:

— O rumorejo anunciado no Twiner Tellings é verdadeiro? — perguntou, antes de suspirar dramaticamente.

Rumorejo? Quem falava assim?

Antes que qualquer um de nós tivesse a chance de responder, ela continuou:

— Alexa, as coisas mudaram desde que você saiu. Não acho digno que um membro da nossa família tenha o nome mencionado naquele boletim horrível. É perturbador para mim. E Chazz odeia quando fico chateada. Ele planeja concorrer a prefeito na próxima eleição. Você entende, não é?

O prefeito Richards não gostaria das notícias. Ele fora eleito há sete anos e servira bem o povo de Skagway. Se Chazz vencesse, podia jurar que minha irmã iria querer que Skagway fosse renomeada como Raquelville.

Aí, neste caso, eu teria que me mudar.

Mais uma vez, não houve tempo para responder antes que ela dissesse:

— Então, vou lhe informar os detalhes da festa de boas-vindas. Imagino que possamos fazê-la em nossa casa. É um lugar encantador, mais do que adequado para receber o novo médico. E Chazz concorda.

Chazz. Chazz. Chazz. Minha raiva aumentou e senti um calor subir pelo meu pescoço, algo que frequentemente acompanhava esse nível de fúria.

— Fico feliz por concordarmos, Alexa. Vou avisar a Chazz e te passo os detalhes em breve.

Desvencilhei-me dos braços de Drake e me dirigi à minha irmã.

— Não, Raquel, não concordamos. — Ela não ditaria minha vida. Fechei minhas mãos com força para manter a calma, mas quando Raquel inclinou a cabeça e ergueu a sobrancelha condescendentemente, eu perdi a cabeça. — Chazz também limpa a sua bunda, Raquel? Porque parece que você parou de pensar por si mesma desde que se casou com ele.

Raquel ofegou e colocou a mão no peito novamente, dando um passo impressionante e dramático para trás. Revirei os olhos. Se houvesse mais alguém ali além de Drake, ela teria desmaiado só para chamar atenção.

— Nunca ouvi tanta grosseria.

— Bem, é uma pergunta relevante, Raquel. Você consegue cagar com privacidade? — Ergui meu dedo indicador. — Espere, não responda.

Ela estreitou os olhos para mim.

— Papai ficaria tão decepcionado com você por agir assim. Estou tentando ajudar.

Por dentro, eu tremia de raiva. *Como ela ousa trazer meu pai para aquela conversa? Como ela ousa?* Havia um balde de água suja a dois metros de distância. *Fique calma. Não morda isca.* Eu respirei fundo.

— Raquel, acho que é melhor você ir embora.

Pelo lampejo de vitória em seus olhos, Raquel sabia que tinha atingido meu ponto fraco. E agora ela estava disposta a dar o tiro

final. Com um sorriso sinistro, acrescentou:

— A verdade te incomoda, Alexa? Sei que se meu pai não aprovasse minhas escolhas, isso me assombraria.

Mentira. Foram apenas mentiras. E manipulação.

A raiva se apossou de mim. Nada havia mudado. Raquel diria qualquer coisa para conseguir o que queria. Qualquer coisa. Em um piscar de olhos, senti-me como uma adolescente outra vez, sofrendo com todas as coisas terríveis que ela costumava dizer.

Nunca mais.

Peguei o balde e joguei a água suja em Raquel.

— Você sempre foi uma vadia.

Raquel gritou, mas eu continuava espumando de ódio. Se eu tivesse dez baldes, teria jogado cada um deles nela.

— Nunca, nunca, use o nosso pai para me ferir. Está entendendo? Ou melhor, me evite por completo.

Fiquei ali parada, segurando o balde vazio enquanto Raquel tremia de ódio. *Ah, eu vou receber uma ligação da minha mãe amanhã, sem dúvida.* Mas naquela noite, eu havia estabelecido um limite com a minha irmã. Ergui um dedo em riste, do jeito que ela tinha feito comigo tantas vezes.

— Saia correndo agora, Raquel. Vá contar à mamãe. Mas não vou te avisar novamente. Nunca use o papai para me chantagear, ou vou tomar como minha missão de vida criar *rumorejos* para aquele boletim mais vezes do que você jamais poderia sonhar. Chazz não iria gostar, considerando seus planos de concorrer à prefeitura. Você entende, não é?

As narinas de Raquel se alargaram enquanto ela abria e fechava a boca, incapaz de falar. Sem dizer mais nada, ela se virou e saiu bufando, pingando água suja e desagradável pelo caminho. Joguei minha cabeça para trás e suspirei. *Eu não deveria ter feito isso. Só deveria ter me afastado.* No dia seguinte, eu sofreria as consequências com a minha mãe. Raquel merecera, sem dúvida, mas eu teria ainda mais estresse.

E o clima fora efetivamente arruinado. *Vadia.*

Virei-me para Drake, e ele disse:

— Nada disso é verdade. Você sabe disso, não sabe?

Um nó se formou na minha garganta, e eu assenti rigidamente. Drake colocou a mão na minha bochecha com toda a sua gentileza.

— Não deixe que ela te envenene. Seu pai tinha orgulho da pessoa que você era. Nunca duvide disso, Lex. Não a deixe vencer.

Cansada, fechei os olhos por um segundo. *Papai me amava. Eu sei isso.* Peguei uma toalha e comecei a secar a sala. Silenciosamente, Drake veio me ajudar.

— Estou pronta para ir para a casa dos seus pais.

Drake assentiu e me levou até a porta.

— Ela não vale a pena.

Apaguei as luzes.

— Não, ela não vale. Aposto que Chazz concordaria.

A risada profunda de Drake ajudou a aliviar parte do estresse.

— Talvez devêssemos convidá-la para cantar na festa de boas-vindas de Hollis? A menos que suas cordas vocais estejam muito estressadas. Quem sabe, talvez haja um agente lá para contratá-la.

Desde o momento em que conheci Drake, ele sempre conseguiu trazer a luz para as situações mais sombrias. Ele manteve meus pés no chão. Eu gargalhei, e ele sorriu para mim.

Depois de trancar a porta, segui para a minha caminhonete. Drake abriu a porta, mas nós ficamos lá, olhando um para o outro. *Como consegui ficar tanto tempo afastada?* Ele passou o dedo pela minha mandíbula, e algo selvagem cintilou em seus olhos. Talvez pudéssemos recuperar o que quer que estava prestes a acontecer mais cedo. Eu ainda queria saber o que ele quisera dizer.

— Lex, eu...

Blingbring. Blingbring. Blingbring.

— Puta que pariu do inferno — ele amaldiçoou.

O mundo estava contra nós.

Ele olhou para o telefone com uma careta e suspirou.

— Eu preciso atender. — Concordei e ele aceitou a ligação. — É melhor que seja urgente, Crete. Porra! Tá, só me deixa levar Lex para casa e já parto para aí.

Oh, não deve ser nada bom.

Praguejando novamente, ele encerrou a ligação.

— Más notícias?

— Sim. Bernie apareceu lá, irritado com o mundo. Mack disse alguma coisa. Bernie começou uma briga. Roy apareceu. Tenho que ir. — Roy era o xerife de Skagway.

No passado, nossos encontros tinham sido arruinados em mais de uma ocasião por causa de situações semelhantes. Uma vez a cada dois meses acabava acontecendo.

— Você não precisa me seguir até a casa de seus pais. Vou ficar bem.

— Roy pode esperar. Quero ter certeza de que você vai chegar.

Aquele sentimento cálido e suave retornou. Drake piscou para mim e foi para sua caminhonete. Enquanto eu dirigia para a casa dos pais dele, era impossível tirar o sorriso do meu rosto ao ver os faróis de Drake no meu retrovisor durante todo o caminho. Drake Foster sempre fazia com que eu me sentisse como sua prioridade.

11

Onze

Drake



J á passava da meia-noite quando me sentei na varanda dos fundos dos meus pais, bebendo uma cerveja para relaxar. Lex já estava dormindo – ela não se mexeu quando abri a porta do quarto para checá-la. Ela pedira que eu a acordasse quando chegasse, mas depois de ver como estava dormindo pacificamente, não tive coragem.

Depois que cheguei ao bar, não demorou muito para que as coisas fossem resolvidas, mas acabei ficando para garantir que tudo continuaria assim. Bernie e Mac entraram em uma briga sobre quem pescou o peixe maior. *Uma porra de um motivo estúpido.* Provavelmente os dois estavam tão bêbados que só pescaram um pequeno perca.

Eu ainda estava chateado por terem interrompido as coisas com Lex. Queria ter dito a ela o quanto ainda a amava, mas duas vezes naquela noite algo nos atrapalhara. *Será que o destino está me impedindo de ir rápido demais?* Porra, eu não fazia ideia.

Tomei outro gole da minha cerveja, pensando na carta de Lloyd para Lex, que ainda estava no bolso de trás do meu jeans. Desde o momento em que ela me entregou nas docas, eu já a tinha lido várias vezes. *O que devo fazer a respeito? Como posso provar que Lloyd não a escreveu?* Lex acreditou em mim, mas isso ainda devia

pesar em sua cabeça. Merda, pesava em mim também, e eu sabia que era uma mentira.

Talvez eu devesse conversar com meu pai e ver se ele tinha alguma ideia de como resolver isso, antes que levasse uma eternidade.

Como se soubesse que eu estava pensando nele, meu pai saiu pela porta dos fundos.

— Pensei ter ouvido você chegar. — Ele se sentou e esfregou a mão no rosto enquanto bocejava.

A escuridão da noite me acalmou.

— Desculpa pai. Pensei que não estava fazendo muito barulho. Precisava desestressar.

— Tem algo te perturbando, filho?

— Lex. — Não havia um único momento em que ela não consumia minha mente.

— Você está se arrependendo de ter decidido tentar de novo? — meu pai perguntou, hesitante.

Eu o olhei diretamente nos olhos.

— Não. Nunca. Ela é minha. Sempre foi.

A tensão nos ombros do meu pai desapareceu.

— Então o que está acontecendo?

Fazia algum tempo desde a última vez em que conversei — realmente conversei — com meu pai. Nos últimos dois anos, eu guardei meus sentimentos e fingi que estava bem. Mas não era verdade. Tinha me esquecido o quanto conversar ajudava. Puxei o bilhete do meu bolso de trás.

— Você sabe que eu pedi a permissão de Lloyd para me casar com Lex. E ele deu sua benção.

— Eu me lembro. Você comprou o anel e ia pedi-la naquele Natal.

Antes de perguntar a Lloyd, conversei com meu pai, querendo ter certeza de que estava fazendo a coisa certa.

Então, entreguei o bilhete a ele.

— Bem, eu descobri por que Lex terminou comigo. Ela recebeu um bilhete na leitura do testamento dele. Lembro-me do advogado entregando o envelope a ela, mas ela não o abriu. A carta era supostamente de Lloyd e pedia a Lex que terminasse comigo.

Papai praguejou enquanto lia.

— Eu nunca entendi o que aconteceu. Mas isso faria sentido. O último conselho do pai. Eles eram muito próximos. Como ela poderia ficar com um homem que seu pai não aprovava?

Pensar nisso fez meu sangue ferver. Lex estava péssima, sentindo-se culpada por não estar em casa quando ele morreu. E então recebeu a carta do pai... Sim, isso foderia com a cabeça de qualquer um.

— Exatamente. — Respirei fundo. — Eu disse a ela que pedi a bênção de Lloyd para nos casarmos e o que me disse quando estava morrendo. Não acredito que ele tenha escrito essa carta.

Papai ficou olhando fixamente para o bilhete.

— Eu também não. Lloyd não era de mascarar seus sentimentos. Era um homem de palavra. E ele não teria pedido para você cuidar de Alexa. Ele teria dito para você deixá-la, mesmo com seu último suspiro.

Era verdade.

— Quem faria isso, Drake? Por quê?

Esfreguei uma mão pelo meu rosto e recostei-me na cadeira de balanço.

— Raquel é o primeiro nome que vem à mente. Ela foi à clínica hoje nos visitar. Ainda cheia de ódio e inveja. Ou talvez tenha sido Chazz. Ou Irene. Ela sempre pensou que o sol brilhava na bunda de Raquel e era mais severa com Lex. E nenhuma delas gostava de mim. Tudo o que sei é que alguém precisou ter acesso ao testamento. Talvez tenha sido o advogado. Porra, pode ter sido até Teagan, considerando o quão estranho ela vem agindo. Mas ela sempre foi assim. Quanto ao porquê, não faço a menor ideia.

Papai redobrou o bilhete e o devolveu para mim com um aceno de cabeça.

— Você terá que ter cuidado se começar a acusar pessoas.

— Eu sei. Mas quem quer que seja quase estragou a minha vida.

— Suspirei e tomei outro gole da minha cerveja. — Algo não está certo nisso. Não sei se Lex pensou muito a respeito, mas alguém se deu ao trabalho de nos separar. Agora que estamos resolvendo as coisas, eu me pergunto o que farão.

— Você parece preocupado.

— Eu estou. Essa pessoa permaneceu nas sombras por dois anos. Agora Lex está em casa e estamos juntos novamente em menos de quarenta e oito horas.

— Lex mencionou algo fora do comum?

— Não que eu me lembre

Antes que meu pai pudesse responder, a porta se abriu. Lex saiu com uma camiseta – sem sutiã – e com um short minúsculo. Meu pai não iria sobreviver a essa decisão de irmos devagar, algo que ainda nem tinha sido definido de verdade.

— Ike, você ainda corta madeira no mesmo lugar?

Ah, merda.

Meu pai apontou para o outro lado do quintal.

— Mesmo lugar. Tem madeira lá agora.

— Obrigada.

Lex saiu do outro lado do quintal, rebolando a bunda enquanto jogava os braços no ar, obviamente falando consigo mesma. Pela maneira como o volume de sua voz aumentava e diminuía, ficou claro que ela estava chateada. Parecia que estava fazendo uma pergunta ao mundo e depois respondendo por si mesma. Eu não tinha certeza do que havia acontecido, mas sabia que era melhor não a sufocar. Algo aumentara o nível de sua fúria com Raquel mais cedo. Seu corpo ficava mais em alerta conforme ela parecia mais irritada e desaparecia atrás da oficina do meu pai.

— Rapaz, algo a deixou agitada. — Papai riu. — Eu tinha esquecido o quão esquentadinha ela pode ser.

A porra do sorriso no meu rosto não desapareceu. Eu tinha Lex de volta, e ela ainda era a mesma. Com seus rompantes e tudo o mais.

— Vou ver o que aconteceu. Reze para que ela não jogue um machado em mim.

De pé, papai me deu um tapinha nas costas.

— Boa sorte, filho.

Quando eu estava no meio da escada, papai me parou.

— Você sabe... Poderíamos perguntar a Butch se ele conhece alguém que possa dar uma olhada na carta. Talvez comparar a caligrafia.

Butch era um ex-militar da inteligência americana que se mudara para a cidade um ano atrás para começar de novo. Ele era um cara legal que ia comer no Red Onion de vez em quando e era muito discreto. Eu tinha me esquecido totalmente dele.

— Você é um gênio.

Então, ocorreu-me... se Lloyd tivesse escrito a carta, eu poderia perder Lex para sempre. Este era um território desconhecido. Ouvi a madeira lascar ao longe e olhei naquela direção. Eu não poderia perdê-la. E eu lutaria como o inferno para mantê-la comigo.

Meu pai tocou meu ombro.

— Por experiência, é sempre melhor saber do que imaginar.

Sim, exceto se isso puder arruinar sua vida.

— Provavelmente.

Mas não era uma decisão minha. Isso era algo que Lex e eu precisávamos discutir juntos. Ao atravessar o quintal em direção à oficina, meu telefone vibrou.

HOLLIS: Os rumores não são verdadeiros. Não venha atrás de mim para me dar um soco de novo. O povo da cidade não sabe usar os punhos.

Eu ri, porque começava a gostar de Hollis. Ele era um peixe fora d'água, mas queria fazer a diferença. O cara não sabia manejar um martelo, cortar madeira nem usar uma fita métrica para porra nenhuma, no entanto, o Alasca seria uma escolha interessante para ele. Digitei uma resposta.

EU: O que aconteceu?

Hollis: Algo a ver com as irmãs Twiner e seu boletim. Vocês do Alasca são loucos. Sério, notícia bombástica? É quase uma da manhã. Elas me ligaram querendo que eu desse meu parecer.

Eu: Bem-vindo a Skagway, doutor.

Hollis: Vou ter que aumentar o valor das minhas consultas.

Eu: Ideia inteligente. Vou dar uma checada em Lex.

Hollis: Boa sorte. Ela está muito irritada.

GUARDEI MEU TELEFONE e caminhei em direção à oficina. Contanto que tivesse Lex em minha vida, eu enfrentaria qualquer tempestade com ela.

12

Doze

Draęe



As luzes do lado de fora da oficina estavam acesas. Lex segurava o machado na mão, sobre sua cabeça, pronta para baixá-lo. Enquanto eu observava, um pedaço de madeira se partiu ao meio.

Meu furacão do Alasca.

A cada giro do machado, Lex rosnava:

— Eu a odeio. Eu a odeio. Eu a odeio.

Isso não era nada bom. Tínhamos um sentimento de ódio em questão. Mantive distância e me encostei na parede.

— Quem você odeia?

Lex balançou o machado novamente e partiu outro pedaço de madeira.

— Raquel.

Raquel provavelmente merecia.

— O que ela fez?

— Aparentemente, ela ligou para as irmãs Twiner, provavelmente para justificar seu nome e se vingar de mim pela água suja. Então ela começou a contar a Elvira que fora ideia dela e de Chazz trazer Hollis para cá. Aquele idiota do Chazz! Idiota, idiota! Eu nem o conheço, mas não suporto nem o som do nome dele.

Crec!

Mais um toco de madeira se partiu. Sylvia e Elvira deviam estar nas nuvens com este boletim. Lex pegou outro pedaço de madeira, posicionou e preparou-se para acertá-lo, mas daquela vez ela errou.

— Não foi ideia dela. Em absoluto. Ela me chamou de idiota quando fui para Nova York. Argh! — Ela deu outra machadada no tronco. — Então Sylvia entrou na conversa e perguntou como era ser irmã de Raquel. Tentei manter a calma. Eu juro. Mas, então, além dessa pergunta idiota e ridícula, elas me pediram um comentário para o boletim com a minha opinião sobre o quão maravilhosos Raquel e Chazz eram para a comunidade. Como foram maravilhosos por encontrar Hollis Fritz.

Eu tinha medo de perguntar, mas o fiz assim mesmo.

— E o que você disse?

Ela fez mais quatro movimentos furiosos antes de pousar o machado e se virar para mim. Colocou as mãos nos quadris, e a fúria irradiava de todos os poros de seu corpo.

— Que Raquel não teve nada a ver com a vinda de Hollis Fritz para a cidade. Nada. Ele nem a conhece. Ele é meu amigo, e eu pedi que nos mudássemos para cá. E então as irmãs ligaram para Raquel, que disse que eu estava traindo Hollis com você. Minha mãe confirmou que eu estava namorando Hollis. *Minha mãe!* Ela sabe que não é verdade.

Agora eu começava a ficar muito puto também. Aquelas duas estavam tentando criar problema onde não havia. O que, definitivamente, as tornava suspeitas em relação à carta.

— Drake, nunca namorei Hollis. Eu juro.

— Eu acredito em você. — Também comecei a sentir vontade de usar o machado. Filhas da puta. — O que aconteceu depois?

Lex começou a andar de um lado para o outro.

— Elas me ligaram e perguntaram sobre nós. O que Hollis pensava sobre reatarmos o nosso romance. Se eu pretendia terminar com Hollis. Eu tentei explicar calmamente a situação. Elas disseram que precisavam coletar todas as informações e que me avisariam. Essa é a *porra* da minha vida. Eu sei quem estou namorado. Só quero...

Meu telefone tocou, interrompendo Lex. Era Sylvia, uma das irmãs Twiner. Ergui meu dedo.

— Você vai querer que eu atenda. É a Sylvia.

Lex marchou e estendeu a mão para o telefone.

— Gostaria de terminar de onde parei.

Tentei argumentar com Lex enquanto tentava manter o telefone fora de seu alcance. Esse tipo de discussão poderia demorar a noite toda. Eu estava exausto pra caralho e só queria me concentrar em nós dois.

— Me deixa falar com ela.

Por um segundo, Lex pareceu querer discutir, mas deu um passo para trás, com as mãos erguidas em rendição.

— À vontade. Eu sou uma idiota. Idiota! Idiota! —Ela pegou o machado e deu outro giro, murmurando: — Dois dias, e eu já estive em três boletins. Três. *Três*. Isso deve ser um recorde.

Pressionei *Aceitar* no meu telefone, tentando esconder meu sorriso.

— Sylvia, como vai?

Lex parou e me observou, seus olhos se estreitaram, e eu jurei que podia ver fumaça saindo de seus ouvidos. Ela colocou outro tronco em posição e começou a dar machadadas novamente.

— Ei, Drake. Temos um boletim informativo urgente que queremos divulgar para o povo de Skagway. Parece que descobrimos um escândalo. Gostaríamos de ouvir o seu lado antes de enviá-lo.

Um escândalo colocaria Lex em um *quarto* boletim. Um recorde, com certeza. Eu ri.

— Que escândalo seria esse?

— O nome Hollis Fritz significa alguma coisa para você?

Ah, ótimo! Eu ia poder dar uma revirada nessa merda antes de ela começar a feder.

— Sylvia, pegue seu lápis ou ligue seu gravador. Isso vai ser bom. Você não vai querer perder nada do que eu vou dizer.

Lex paralisou, largou o machado e caminhou em minha direção. Do outro lado do telefone, ouvi uma enxurrada de atividades. As irmãs Twiner moravam juntas e nunca se casaram. Jurava que elas se revezavam para dormir em turnos para não perderem nada. Ouvi Sylvia dizer:

— Ah, meu Deus! Elvira, isso vai ser bom. — Houve mais barulho, e ela voltou à linha. — Vá em frente, Drake.

Aproximei-me de Lex, observando o rosto dela para ter certeza de que entendia o quanto eu estava falando sério.

— Lex nunca esteve envolvida com Hollis. E *ela* é a razão pela qual Hollis está aqui. Por causa dela o povo de Skagway terá um médico. Raquel e Chazz não têm nada a ver com isso. E eu odeio dizer isso, mas Irene sabe que Hollis e Lex nunca namoraram. — E como as irmãs Twiner precisavam de algo mais bombástico no qual se concentrar, eu disse: — Há rumores, vindos de uma fonte muito confiável, que Chazz quer concorrer como prefeito no ano que vem. Acho que provavelmente é uma adição melhor à sua newsletter do que Lex e eu estarmos juntos novamente, você não acha?

Eu podia ouvir suspiros do outro lado da linha.

— Ah, isso é uma coisa boa. Elvira?

Elas começaram a sussurrar.

— OK. OK. Me dê um segundo, e eu vou perguntar. Shh... eu não sou uma amadora, Elvira. — Sylvia pigarreou. — Então, Drake?

— Sim.

Era difícil não sorrir. A boca de Lex permanecia franzida em uma linha fina.

Houve mais comoção do outro lado.

— Sim, eu sei. Vou perguntar. Pare com isso. — Ela pigarreou novamente. — Diga-me, Drake, só para constar. Você e Alexa estão juntos novamente? Tipo juntos, juntos? As pessoas vão querer um fechamento da história.

Tive a impressão de que as irmãs iriam se voltar para Raquel já que estavam falando de fechamento. *Mas que merda*. Coloquei meu braço ao redor da cintura de Lex e a trouxe para mim. Lentamente, eu nos guiei até fazê-la colidir com a parede. Tantas emoções passaram por seu rosto: amor, medo, desejo, irritação. Uma vez que sua expressão suavizou um pouco, eu disse:

— Lex é minha. Sempre foi. E pretendo que sempre seja.

Lex respirou fundo e seus olhos brilharam com desejo, enquanto as irmãs riam como menininhas.

— Oh, Deus, isso vai ser bom. — Eu tinha quase certeza de que fora Elvira que falara.

As irmãs tinham o suficiente para outro boletim bem quente. O tempo do bate-papo havia acabado.

— Ok, senhoras, eu preciso ir beijar a minha garota agora.

Elas continuaram a rir.

— Tchau, Drake. Obrigada pela dica sobre Chazz. Você quer permanecer anônimo? — elas perguntaram em uníssono.

— Claro.

Com isso, encerrei a ligação. Lex estava encostada à parede. Apoiei minhas mãos de cada lado do rosto dela, enjaulando-a. Porra, eu a queria muito. Mas precisava me lembrar de que não podia apressar as coisas até termos algumas respostas. Inclinei-me para mais perto.

Silenciosamente, ela perguntou:

— Sempre fui sua?

Busquei seus olhos enquanto ela lambia os lábios.

— Sim. E espero que sempre seja.

— Eu também.

Isso foi o suficiente para eu pressionar meus lábios contra os dela. Lex gemeu contra a minha boca e instantaneamente meu pau endureceu. Eu sabia que reviveria esta memória mais tarde, desejando que as coisas tivessem ido mais longe. Cedo demais, Lex se afastou, e eu pressionei minha testa contra a dela. Tudo parecia *certo*.

— Senti sua falta.

Ela encostou a cabeça no meu peito com um suspiro suave.

— Senti sua falta também.

13

Treze

Drake



Deitei na minha cama, olhando para o teto. No quarto ao lado, Lex estava dormindo. Mais cedo, antes de ela entrar, eu não queria parar de beijá-la, mas quando finalmente abriu a porta do quarto, não me pediu para segui-la. Com a paciência de um maldito santo, fiquei do lado de fora. Mas, diabos, eu queria abraçá-la, nem que fosse só isso mesmo: tê-la em meus braços. Eu parecia um idiota, com certeza, mas senti falta dela deitada ao meu lado durante a noite. Kane e Hayden me dariam um sermão se soubessem o quão longe eu estava disposto a ir por Lex. Em mais de uma ocasião, eles me chamaram de mulherzinha, de dominado, ou qualquer outra coisa na qual pudessem pensar. Só que isso nunca me perturbou. E se eles um dia conhecessem a pessoa certa, eu os zombaria da mesma forma.

A lembrança de seus lábios roçando nos meus me deixou duro novamente. Merda. Um banho frio e bater punheta duas vezes não ajudou. Talvez uma terceira vez resolvesse o problema – isso ou uns cinco drinques.

Crack.

Congelei.

— Drake?

Levantei-me, meu pau endurecendo ainda mais com o som de sua voz.

—Sim, estou acordado. O que houve?

—Posso entrar?

Se ela acendesse a luz, veria a barraca que eu estava armando sob os meus cobertores. Graças a Deus ela não fez isso. Ajustei-me na cama, estremecendo.

— Claro. Venha aqui.

A porta se abriu mais antes de fechar novamente, nos escondendo na escuridão. Ouvi os pés de Lex no tapete enquanto ela se aproximava de mim.

— Eu não consigo dormir.

— Eu também. — Engoli em seco antes de perguntar: —Você quer ficar aqui comigo?

— Sim — ela respondeu em um sussurro.

Afastei as cobertas.

— Vem cá.

Fui atingido por sensações familiares demais quando ela se juntou a mim. O cheiro de pêssego foi quase a minha ruína. Se não estivéssemos neste limbo embaraçoso, ela teria se aninhado a mim e colocado a mão no meu abdômen. Em vez disso, manteve algum espaço entre nós e ficou de frente para mim. Nossas respirações se misturaram. Eu a queria. Tudo dela.

Alguns minutos se passaram em silêncio.

— Drake?— Eu podia ouvir a preocupação em sua voz.

— Sim, querida. Eu ainda estou acordado.

Ela respirou fundo.

— E se meu pai realmente escreveu a carta?

Sua tristeza me dilacerou por dentro. Eu sabia que aquela história ainda não havia terminado. Não terminaria tão cedo. Meu coração e minha mente lutavam entre si, o que significava que tinha uma guerra em escala ainda maior para Lex. Eu esperava ter mais tempo para nos fortalecer para lidar com isso. Mas o tempo não andava sendo meu amigo ultimamente.

Estendi a mão e esfreguei meu polegar sobre seu quadril.

— Então você precisa decidir o que fazer.

Lex abaixou a cabeça para abafar um soluço.

— Eu não quero viver sem você, Drake. Estes últimos dois anos foram infelizes. Eu simplesmente não consigo.

— Então não viva sem mim.

Ela não disse mais nada enquanto estávamos em silêncio. *Será que ela está tendo dúvidas?* Eu queria perguntar, mas não tinha certeza se queria ouvir a resposta. Lex me deixara uma vez antes. *Ela será capaz de fazer isso de novo?*

Em algum momento, um sono preocupado me reivindicou.

14

Quatorze

Drake



— Drake!

Eu pulei na cama e estendi a mão, em busca de Lex. Ela já estava sentada.

— Lex, você está bem?

Ainda estava escuro, e eu quase fiquei cego quando ela acendeu a luz. Havia olheiras sob seus olhos, e ela parecia exausta.

— Podemos conversar?

Ah, merda. As duas palavras que ninguém queria ouvir. Elas raramente iniciavam uma boa conversa. Sentei-me ereto e olhei para o relógio. Eram quase cinco da manhã.

— O que houve?

— Eu andei pensando...

E essas eram mais três palavras que eu não queria ouvir.

Eu sabia que tinha que proceder com cuidado.

— E...

Ela colocou a mão no meu rosto.

— Não posso mais me afastar de você. Mesmo se tenha sido meu pai que escreveu a carta, eu não posso. Papai queria que eu fosse feliz. Estou feliz com você.

Em um movimento rápido, puxei Lex para o meu colo.

— Eu também acho que não poderia. Mesmo se você quisesse desistir de nós, eu passaria todos os dias do resto da minha vida tentando te convencer a voltar para mim.

Ela colocou as mãos no meu peito. A intensidade do que sentíamos não havia mudado.

— Está sentindo, Drake?

— Sim, eu sinto. Ele nunca parou de bater por você.

Ela se mexeu no meu colo e seus olhos se arregalaram. *Sim, querida, eu estou bem excitado.* Pela mudança em sua respiração, eu sabia que ela queria mais. Se eu colocasse meus dedos dentro de sua calcinha, tinha certeza de que a encontraria molhada. As pontas dos mamilos endureceram contra o tecido da blusa. Meus polegares dançaram sobre os bicos, movendo-se lentamente de um lado para o outro. Analisei seus olhos, para ver se estava tudo bem. Estavam nublados de luxúria; não havia hesitação neles. Ela queria... não, ela precisava disso tanto quanto eu. A cada movimento lento, seus mamilos ficavam mais duros. Lex se contorceu.

—Você tem certeza disso? — perguntei.

— Sim — ela disse em um suspiro ofegante.

Eu só iria lhe dar prazer por enquanto. Mais tarde, quando pudesse criar um momento especial, faríamos amor como ela merecia – várias vezes. Deslizei minha mão pela parte interna de sua coxa, onde sua pele era lisa como seda.

— Drake — o som do meu nome em seus lábios deixou meu pau terrivelmente duro.

Ela se remexeu e... porra! Eu quase gozei na minha cueca como um adolescente.

Toc, toc, toc.

— Vamos!

Filho da puta. Era Kane. Não deveríamos nos encontrar até as sete.

Lex e eu congelamos na cama como duas crianças pegas no flagra fazendo algo que não deveríamos estar fazendo. Eu não tinha ideia se a porta estava trancada. Gritei:

— Só um segundo.

Lex pulou do meu colo e mergulhou sob as cobertas rapidamente, antes de a porta se abrir.

— Eu não tenho o dia todo. Vamos logo.

— Eu pedi um segundo, idiota!

— Sua porta estava destrancada. Se você quer se masturbar, é melhor trancá-la.

Às vezes, eu jurava que Kane era adotado. Ao meu lado, Lex ficou rígida. Ele fez uma pausa e olhou para as cobertas amontoadas. *Sim, idiota, Lex está aqui comigo.* Meu irmão sorriu, o que me fez querer lhe dar um soco.

— O que aconteceu com o nosso combinado? Não era às sete?
— indaguei, sem me preocupar em esconder a irritação na minha voz.

— Tenho que encontrar uns filhos da puta na cidade às onze. Eles vão pagar a mais para irem mais cedo para uma caçada de dois dias. Mandeí uma mensagem para você enquanto vinha para cá, mas, pelo visto, você estava ocupado.

Minha mãe falou lá de baixo:

— Olha a boca, Kane. E não acorde Alexa.

Ele falou de volta:

— Tarde demais, Drake já a acordou.

— Babaca.

— Punheiteiro.

Lex levantou a cabeça debaixo das cobertas.

— Bom dia, Kane. Você está muito tagarela esta manhã.

— Foder com a diversão do meu irmão tem esse efeito em mim.

Minha mãe falou de novo do andar de baixo:

— Kane Foster! Pare de atazanar o seu irmão. E cuidado com o palavreado! Drake, você também!

— Desculpe, mãe — respondemos em uníssono.

Kane fez um sinal para mim enquanto recuava.

— Vamos, idiota. Vá logo tomar café para que possamos pegar a madeira do galpão.

Deixando a porta aberta, Kane saiu e desceu as escadas. Eu não conseguia entender como, na floresta, ele conseguia se mexer sem emitir nenhum som. Aqui, ele era tão delicado quanto um touro em uma loja de objetos de porcelana.

Lex colocou a mão sobre o rosto, murmurando:

— É pedir muito um orgasmo? Apenas um que não seja gerado por um vibrador. O mundo está contra nós. Sério, toda vez que estamos prestes a fazer ou dizer algo – bam – somos interrompidos.

Ela estava irritada de verdade, e eu ri. Pelo menos até pensar em Lex usando um vibrador, o que me fez novamente ter uma ereção completa.

— Não ria! Não é engraçado.

Agarrei sua mão e a levei à minha ereção maciça.

— Não, não é.

— Oh, meu Deus.

— Sim. E ele está muito chateado por ter que esperar. Já me masturbei duas vezes antes mesmo de você entrar aqui no quarto.

Sentando-se, ela mordeu o lábio inferior.

— Sério?

— Sério.

Aquelas deviam ser palavras mágicas porque ela se inclinou e me beijou. Talvez eu pudesse me atrasar por cinco minutos.

Kane gritou lá de baixo:

— Estou indo embora! É melhor você se apressar, a menos que queira fazer isso sozinho.

Aquele filho da puta iria mesmo embora. Transportar madeira era definitivamente mais fácil com duas pessoas. Afastei as cobertas e peguei minhas roupas. Em menos de dois segundos, estava quase pronto. Inclinando-me, dei um beijo de despedida em Lex.

— Você pode levar a minha caminhonete até a clínica depois? Para o caso de eu precisar de mais alguma coisa depois que Kane for embora?

— Sim, estarei lá em breve. Acho que preciso tomar um banho frio primeiro, se é que você me entende.

Eu gemi.

— Não está ajudando.

Com mais um beijo, saí porta afora e me dirigi para a caminhonete do meu irmão. Em meio a provocações e risadinhas, Kane deu marcha à ré e recuou cerca de três metros antes de parar e me deixar entrar. Mariah estava sentada no banco de trás, nos observando com interesse.

Quando eu estava no meio do caminho, Kane engatou a caminhonete. Empertiguei-me e vesti minha camisa.

— Você é um idiota.

— Sim eu sou. Mas pelo menos eu não sou um filho da puta dominado.

Dando-lhe um sorriso de gato de Cheshire, assenti.

— Quando a garota certa entrar na sua vida, eu vou te encher o saco.

Mariah latiu do banco de trás.

— Mariah concorda. Eu sou dono de mim mesmo, e não vou deixar uma garota me dominar através do meu pau.

Eu não disse nada, e Kane ergueu a sobrancelha.

— Vá se foder.

— O quê?

— Estou vendo seu sorriso presunçoso. Não vai acontecer.

— Ok. — Ergui minhas mãos, sabendo que isso o deixaria ainda mais puto. — Não vai acontecer.

Aproximamo-nos de um dos galpões de madeira de nosso pai. Como principal fonte de renda da família, nossos pais administravam um negócio de madeira serrada. Ele havia doado todos os suprimentos para consertar a clínica, embora Hollis tivesse se oferecido várias vezes para pagar enquanto trabalhávamos no dia anterior. Pelo que pude perceber, Hollis não estava acostumado em ter as pessoas fazendo algo para ele sem compromisso – simplesmente porque eram boas pessoas. No Alasca, havia momentos em que precisávamos um do outro para sobreviver.

Do lado de fora do galpão, uma das mesinhas de cabeceira do meu pai estava inacabada. Vê-la trouxe de volta muitas lembranças. Eu nunca imaginaria que a garotinha de cabelos loiros e rabo de cavalo que costumava ir com o pai comprar madeira, um dia me deixaria intoxicado. Naquela idade, ela costumava me seguir, fazendo um milhão de perguntas. Quando ia embora, me dava um abraço e pulava na caminhonete do pai. Ela parara de aparecer cerca de um ano antes de eu realmente enxergá-la pela primeira vez. Cara, foi como se ela tivesse florescido do dia para a noite.

Meu pai e Lloyd se uniram para fabricar móveis. Eu acreditava que este fora um dos únicos motivos que convencera Lloyd a me

deixar namorar Lex.

— Parece que você e Alexa estão resolvendo as coisas — a voz de Kane me arrancou das minhas memórias.

— Nós estamos. — Girando meu pescoço, tentei reunir meus pensamentos. Eu precisava de alguém que não fosse meu pai para conversar. Embora Kane fosse insensível, ele era leal à família sempre que precisávamos dele. — Lex terminou comigo porque recebeu uma carta que seu pai deixou, junto ao testamento, dizendo que não me aprovava. Sei que foi outra pessoa que a escreveu. Eu tinha acabado de pedir a permissão de Lloyd para me casar com Lex, e ele deu sua benção.

Kane embicou o caminhão no parque e olhou para mim.

— O quê? Pode repetir?

Em um verão do ensino médio, Kane voltara de um trabalho em Ketchikan como um novo homem. Ele nunca contou a ninguém por que, até onde eu sabia. Nossa mãe ficara preocupada, mas ele jurou que nada de horrível havia acontecido. De alguma forma, eu sabia que falaria comigo quando estivesse pronto. E, apesar de todas as brigas e discussões, nós ajudávamos um ao outro.

Eu expliquei a situação. Quando terminei, havia raiva queimando em seus olhos.

— Ninguém fode com um Foster. Você vai tentar descobrir quem foi?

— Esse é o plano. A pessoa mais razoável para começar a investigar é com o advogado. Raquel e Irene são prováveis suspeitas.

Ele balançou a cabeça em desgosto.

— Por que elas fariam isso com Alexa?

— Ciúmes. Irene claramente tem uma favorita. Lex não foi informada de que sua mãe fechou a pousada. Ela nem foi convidada para o casamento de Raquel.

Os olhos de Kane se arregalaram enquanto seus lábios se franziam.

— Eu não fazia ideia. Alexa é como uma irmã para mim. É melhor eles não mexerem com ela. E acho melhor você protegê-la, ok? E se cuidar também.

As palavras me deixaram inquieto, mas eu entendi o que ele quis dizer. Alguém sabotou nosso relacionamento dois anos atrás. Era altamente improvável que permitissem que continuássemos em paz agora que estávamos juntos novamente. Ninguém, nem eu, pensaria que conseguiríamos resolver as coisas.

Eu dei um tapinha no ombro dele.

— Obrigado, cara.

Um dos trabalhadores acenou para nós enquanto saía do galpão. Kane perguntou:

— O que ela pensa sobre tudo isso?

— Acho que ainda está tentando entender tudo. Nos últimos dois anos, ela condicionou sua mente a rejeitar o pensamento de nós dois juntos. Então ela volta e... eu não sei... não conseguiríamos ficar longe um do outro nem se tentássemos. Mas é uma merda pesada para processar. Parece que tivemos um avanço ontem à noite. Lex me disse que, mesmo se descobrirmos que foi o pai dela que escreveu a carta, ela vai escolher ficar comigo.

Ele soltou um suspiro.

— Isso é uma merda.

— Sim, é.

Com uma intensidade que apenas Kane poderia ter, ele me olhou nos olhos e prometeu:

— Se você precisar de alguma coisa, me ligue. Não importa se eu estiver em West Buttfuck, no Alasca. Ligue para mim e eu virei imediatamente.

— Obrigado, Kane. Agradeço. Meu pai sugeriu que eu entrasse em contato com Butch Cowart, para perguntar se ele não poderia dar uma olhada na carta. De repente conseguimos descobrir se foi mesmo adulterada. Vou pegar o número dele no Red Onion. Acho que tenho no meu escritório. — A ideia de saber se Lloyd havia escrito a carta me deixava desconfortável.

Kane pensou por um segundo.

— Não consigo imaginar o que você está passando. Mas, em seu lugar, eu iria querer saber. Não ia gostar de ter essa merda pairando sobre mim. Algo assim poderia foder com a cabeça de um homem. Você quer que eu ligue para Butch? Acho que ele está planejando ir ao bosque para me encontrar hoje à noite. Está me

ajudando com a caçada. Não tenho certeza se há recepção de celular por lá. — Ele riu. — Butch pode matar os babacas dos turistas, então você pode querer ouvir suas ideias sobre tudo isso antes que ele seja preso.

— Por que ele vai com você?

— A demanda por caçadas particulares é alta, mesmo quando eu aumento meus preços. Estou cobrando quase o quádruplo do que cobreí no ano passado. E vou aumentar o preço novamente para todas as novas que reservar. Butch mencionou que estava à procura de uma renda extra, então ele vai comigo em algumas caçadas nas próximas duas semanas. Vamos ver como funciona.

Kane e Butch eram bons amigos. Eles caçavam juntos de tempos em tempos.

— Se você não se importar... Seria ótimo se ele pudesse dar uma olhada na carta antes de sair da cidade. Eu só preciso perguntar à Lex primeiro.

— Ótimo. Vamos ao trabalho, enquanto eu ligo para Butch.

15

Quinze

Drake



Era início da noite e estava frio. Desde o dia em que Lex voltara para casa, Skagway retornara às temperaturas normais. Mas uma frente fria surgira, levando-nos à casa dos quatro graus, ou seja, mais frio do que o normal para um final de agosto.

Depois que terminamos os reparos na clínica, tive uma reunião com o conselho da cidade. Então Moochie e eu comemos rapidamente. Fora um dia muito cheio. Agora, Lex e eu estávamos no meu escritório enquanto Crete cuidava do bar para mim. Eu ia dar um bônus a ele. Nos últimos dias, aquele garoto mostrou-se disponível a qualquer momento.

Butch estava sentado à minha mesa, estudando a carta e comparando-a com amostras da caligrafia de Lloyd.

Quando cheguei à clínica, Lex e eu decidimos que precisávamos descobrir tudo. De qualquer jeito. Meu pai estava certo – era melhor saber a verdade e lidar com ela do que deixar a incerteza persistir.

Mas, porra, eu estava nervoso. Lex andava de um lado para o outro, sentava-se e caminhava um pouco mais. Eu estava na minha segunda cerveja, mas provavelmente precisaria de algo mais forte. A tensão parecia ricochetear em Butch. Ele estava recostado de

forma descontraída, como se estivéssemos sentados no jantar, conversando sobre o clima. Aposto que teve uma vida infernal.

O som de papel sendo remexido preenchia a sala silenciosa. Felizmente, minha mãe encontrara alguns pedidos com a escrita de Lloyd. Ela sempre guardava tudo. Durante vinte minutos, Butch estudou metodicamente a carta e os pedidos de madeira. Cada vez que ele mudava de foco, a expectativa na sala aumentava. Parecia que tinha uma porra de elefante pesando no meu peito.

Tic.

Tic.

Tic.

Jurei que podia ouvir o ponteiro dos segundos no relógio de parede enquanto o tempo passava. Lex roía as unhas, andava um pouco mais e sentava-se ao meu lado, inquieta.

Tic.

Tic.

Tic.

Parecia que minha vida estava na corda bamba. Sim, nós encontraríamos uma forma de resolver as coisas. Mas se Lloyd realmente me quisesse longe de sua filha, seria doloroso pra caralho.

Tic.

Tic.

Tic.

Eu estava prestes a explodir quando Butch finalmente ergueu os olhos e recostou-se na cadeira, com o rosto ilegível. A cadeira rangia terrivelmente. Permaneci sentado, sentindo a boca seca. A pressão aumentou quando Lex parou ao meu lado e pegou minha mão. Eu queria ficar de pé, mas sabia que isso só aumentaria o estresse.

Respire fundo, expire lentamente.

Butch coçou a barba grisalha e assentiu para si mesmo.

— A caligrafia da carta não corresponde à letra de Lloyd nos pedidos. É muito parecida, mas não bate. Eu acho que alguém pagou muito dinheiro para isso ser feito.

Eu quase fiquei sem ar enquanto absorvia suas palavras. Lloyd não tinha escrito a carta. Ele realmente me dera sua bênção. Queria

que eu cuidasse de Lex. Queria que ela fosse minha.

Sem pensar, levantei-me e ergui Lex do chão. A nuvem negra que pairava sobre nós desapareceu. Um peso foi retirado dos nossos ombros. Estávamos livres para nos amarmos, sem consequências emocionais.

Lex soltou um soluço e se agarrou a mim como se sua vida dependesse disso.

— Não foi o meu pai.

— Não, bebê. Não foi.

Eu a segurei com força. Era oficial, alguém tinha armado para nós. A raiva começou a me inundar. Eu descobriria quem. E uma vez que descobrisse, não seria nada bonito.

Lex também me abraçava com desespero. Depois de alguns minutos, eu a coloquei no chão. Ela ainda se aninhou a mim, encostando o rosto no meu peito.

Voltando-me para Butch, perguntei:

— Você pode dizer alguma coisa a respeito da carta?

— A pessoa usa predominantemente a mão esquerda. Quando assinaram a palavra *Papai*, houve uma leve inclinação para a esquerda, em vez da direita, e a pressão da caneta mudou minuciosamente. É quase insignificante. Essa falsificação provavelmente não seria detectada por muitos especialistas iniciantes e intermediários em caligrafia forense. É provavelmente do sexo masculino devido aos traços irregulares e ousados. Eles parecem ser naturais versus forçados. Mas tenho apenas 75% de certeza do sexo. — Butch olhou para a carta novamente. — Além de ser um homem canhoto, não tenho certeza do que mais posso lhe dizer.

Isso não era muito. E a probabilidade de o falsificador morar em Skagway era pequena.

— Obrigado, Butch. Quanto te devo?

— Nada. Fico feliz em ajudar. — De pé, ele colocou seu chapéu camuflado, que havia sido descartado sobre a mesa enquanto analisava as caligrafias. Ele estava usando aquele negócio toda vez que eu o via.

Não era muito, mas eu ofereci:

— A cerveja é por minha conta.

— Obrigado, cara. Eu agradeço. Isso eu vou aceitar.

Eu assenti.

— Ótimo.

— É melhor eu ir.

— Encha bastante o saco de Kane por mim.

— Ah, eu vou encher.

Nós nos cumprimentamos, e Butch foi embora. Lex sentou-se no sofá, olhando para as próprias mãos. Quando a porta se fechou, esperei para ver qual seria sua reação. E quando ela ergueu os olhos, o que eu vi partiu meu coração.

16

Dezesseis

Draęe



Seus olhos estavam cheios de mais lágrimas. Se ao menos eu pudesse tirar a sua dor. Dei um passo em sua direção, e ela se levantou e correu para mim. Pulando nos meus braços, gritou:

— Não foi ele.— Seu corpo tremia enquanto ela chorava mais.

— Não foi o meu pai.

— Não, não foi, amor. Ele queria que você fosse feliz. Ele nos queria juntos.

Eu a carreguei até o sofá colado à parede dos fundos do meu escritório e a abracei até meus braços ficarem dormentes. Nós encontraríamos o nosso caminho a partir daquele momento. E quem tentou interferir em nossas vidas não teria tanta sorte na próxima vez, se eu pudesse evitar. Eles não conseguiriam ficar entre nós.

De vez em quando, Lex me apertava mais forte. Se isso tinha fodido com a minha cabeça, não era nada comparado ao que tinha feito com a dela. A vida se tornava um caos desde que ela voltara.

Depois de mais alguns minutos, ela se afastou e eu senti meus braços vazios, enquanto algumas porras de calafrios corriam por eles.

— Todo esse tempo eu fiquei longe. Todo o tempo que perdemos. Nós estaríamos... — Lex interrompeu a si mesma.

Sim, provavelmente já estaríamos casados. Noivos, com certeza. Acariciei seu queixo com meu polegar.

— Isso nos fará valorizar muito mais nosso tempo juntos, agora que sabemos o quão doloroso é ficarmos separados.

Ela respirou, parecendo um pouco instável.

— Quem você acha que fez isso? E por quê?

— Eu não sei. Mas é provável que quem quer que seja ainda não nos queira juntos.

E isso ainda não fazia sentido para mim. Quem diabos se daria a tanto trabalho? A menos que tivesse sido simplesmente um jogo de poder para ver se poderiam se safar.

— Você teve notícias de Raquel hoje? Eu vi o boletim.

As irmãs Twiner pintaram nossa história como uma espécie de conto de fadas. Raquel não teve tanta sorte. E elas usaram a ideia de Chazz querer concorrer a prefeito como uma bomba. Fiquei surpreso por ninguém ter me ligado, mas, novamente, fiquei fora do radar a maior parte do dia.

Lex balançou a cabeça.

— Não, minha mãe ligou algumas vezes, mas eu ignorei os telefonemas e não ouvi as mensagens. Imagino que elas não estejam muito dispostas a serem gentis. Eu simplesmente não queria lidar com mais esse estresse. E Raquel provavelmente está planejando sua vingança.

Por alguns minutos, Lex ficou traçando as letras da minha camiseta desbotada do Red Onion. Ela ainda estava um pouco aérea.

— Você acha que foi Raquel? — ela perguntou.

Soltei um suspiro. Independentemente do fato de Raquel ser uma vadia, ela ainda era a família de Lex. Isso não podia ser apagado com palavras rudes. Esse assunto precisava ser tratado com cuidado, mas com sinceridade.

— Eu acho que ela é uma provável suspeita.

— E minha mãe também. — Não foi uma acusação, apenas uma declaração. Mas isso magoava a minha garota profundamente. E eu odiava o fato de não poder fazer nada.

— Não é segredo que nenhuma delas gosta de nos ver juntos.

Talvez tudo tivesse sido feito para nos separar e machucar Lex. Talvez tivesse sido a maneira que Raquel encontrara para se divertir, brincando com nossas vidas. Não seria a primeira vez. Quando namorávamos, ela plantou na cabeça de Lex que eu tinha saído com outra garota quando estava caçando com Kane e Hayden. Ela até mentiu que uma de suas amigas disse que me viu. Eu fiquei muito puto. Puto pra caralho. Quando começamos a namorar, Lex ficara um pouco desconfiada, porque não tinha certeza se eu estava pronto para ser fiel – porque eu era mais velho e porque sempre fui um pouco namorador.

Toc. Toc. Toc.

Antes que eu pudesse responder, a voz abafada de Crete atravessou a porta.

— Drake, preciso falar com você. É urgente.

Isso não era bom. Eu não queria deixar Lex sozinha, mas ela tocou meu ombro.

— Vai. Deve ter acontecido alguma coisa. E não queremos que, seja o que for, fique pior. Já temos coisas ruins suficientes para lidar agora. Eu vou ficar bem.

Depois de um momento de hesitação, Lex saiu do meu colo.

— Eu juro. Vou ficar bem.

Isso me matava por dentro, mas ela estava certa.

— Volto já.

Assentindo, ela se deitou e olhou para o nada, obviamente perdida em pensamentos. Havia um cobertor que mamãe acrescentara para tornar o local um pouco mais aconchegante. Coloquei-o sobre ela e me ajoelhei à sua frente.

— Nós vamos superar isso. Eu e você.

Pela primeira vez desde nosso encontro com Butch, ela me deu um pequeno sorriso.

— Eu sei que vamos. Só é muita coisa para processar.

Beijeí sua testa.

— Eu sei que é. Volto já.

A melhor coisa que eu poderia fazer por Lex naquele momento, provavelmente era dar a ela um pouco de tempo para processar tudo, embora fosse a última coisa que eu queria fazer. Meu instinto

era sempre correr em sua direção e protegê-la, mas aprendi que ela refletia melhor quando tinha um pouco de tempo para si mesma.

Lex se virou para olhar nos meus olhos. Cada vez que ela olhava para mim daquela maneira, eu sentia que podia me perder neles.

Fui para o corredor e fechei a porta.

— O que aconteceu?

A expressão de Crete estava séria demais.

— Randall está te esperando no telefone. Ele disse que tentou te ligar, mas caiu no correio de voz. Ele ia transportar seu pedido de bebidas para amanhã, mas o chefe disse para ele não fazer isso.

— Que porra é essa? — Essa era a última coisa que eu esperava ouvir. Sinceramente, jurei que receberia notícias de outra briga entre dois fregueses.

— Sim, ele não tem certeza do que fazer. Não quer te deixar na mão, mas se aceitar o seu pedido, pode perder o emprego.

— Filho da puta.

Randall e eu éramos amigos desde o colegial. Ele era um cara legal, e empregos fixos não eram fáceis de se encontrar em Skagway. Havia trabalhos turísticos, que atraíam muitas pessoas do continente, mas os diários, que pagavam as contas durante o inverno, eram mais raros.

— Diga a Randall para deixar para lá e que não haverá ressentimentos. — Eu tinha alguns contatos para acionar. Chazz era o chefe de Randall. Aquele idiota não me pressionaria a ir rastejando até ele.

Enquanto Crete se afastava, perguntou:

— Você sabe o que está acontecendo?

— Uma irmã com sede de vingança.

Crete balançou a cabeça.

— Vi o boletim. As pessoas falaram sobre isso o dia inteiro no bar. Acho que pegou meio mal, depois de Chazz ter jantado com o prefeito Richards duas noites atrás.

— Imagino. Diga a Randall que ele pode passar para jantar lá em casa. Vai ser bom conversar com ele. — Tentamos nos encontrar algumas vezes, mas nossos horários sempre entravam em conflito.

— Farei isso.

As pessoas em nossa cidade eram leais. Chazz Hennington ainda era considerado um estranho por muitos. E a última cartada de Chazz se espalharia pela cidade, afastando-o ainda mais.

Crete se afastou, e eu estalei meu pescoço, tenso. Deveria ter mantido minha boca fechada para as irmãs Twiner. Essa retaliação era a última coisa com a qual eu queria lidar. Encostei-me na parede para pensar sobre isso.

Minha bebida vinha de Juneau. Tinha que ser transportada primeiro para Haines e depois para Skagway. Eu amava a minha cidade, mas era difícil pra caralho conseguir coisas lá. A empresa de entrega que eu usava pertencia a Chazz. *Idiota*. Havia rumores de que Reeser, um amigo de longa data, estava interessado em expandir seus negócios. Eu ligaria para ele, veria quais eram seus planos. Caso contrário, ele poderia me recomendar alguém. Com o inverno chegando, as empresas de entrega estavam atoladas de serviços. Era difícil conseguir uma vaga, a menos que você firmasse um compromisso permanente.

Voltei ao meu escritório, pensando em soluções. Lex provavelmente não iria querer conversar naquele sofá, então eu a levaria para um lugar mais privado, a deixaria acomodada e depois voltaria para resolver as coisas.

17

Dezessete

Drake



Assim que entrei em meu escritório, Lex sentou-se.

—Está tudo bem?

Era melhor contar, de forma direta e simples. Eu não gostaria que ela escondesse coisas de mim.

— A empresa de entrega que eu uso não quer transportar minhas bebidas de Juneau.

— Qual você usa?

— Hennington Express.

Dito tudo, a expressão de Lex tornou-se transtornada.

— Ah não! Drake, sinto muito. Vou ligar para Raquel e tentar resolver o problema.

— Não, é isso que ela quer. Vou encontrar uma maneira de outra empresa ir pegar essa bebida e qualquer outra que eu precise. A Hennington Express não é a única da cidade. — Era fácil perceber que Lex estava agitada. Enquadrei seu rosto com as mãos. — Quero dizer, eu mesmo provoquei isso. Mas não tem problema. Vou resolver. Não estou preocupado.

E eu não estava. Mas estava irritado. Agora, eu tinha um problema para resolver que iria me impedir de passar mais tempo com Lex.

Enquanto ela analisava meus olhos, eu esperava que percebesse que eu estava falando sério. Lex olhou para o relógio.

— Podemos nos encontrar na casa dos seus pais mais tarde.

De forma alguma eu iria deixá-la sair sozinha. Se ela realmente quisesse ir para a casa dos meus pais, eu a levaria ou a seguiria até lá. No entanto, havia outra opção, então, eu simplesmente a lancei:

— Ou podemos ficar na minha casa esta noite.

Seria *muito* mais simples. Lex mal teve que pensar sobre isso.

— Sua casa. — Ela deu um passo à frente. — Preciso tirar minhas coisas da minha caminhonete.

— Você pegou suas coisas hoje?

Lex soltou um longo suspiro.

— Sim. Recebi uma mensagem quando estava saindo da casa dos seus pais. Teagan deixou minhas coisas na varanda da frente, para eu pegar.

— O quê? — *Que tipo de pessoa fazia isso?*

Lex balançou a cabeça.

— Sim, foi o que ela fez. E ela não retorna minhas ligações ou mensagens de texto. Não tenho ideia do que está acontecendo.

Teríamos que lidar com Teagan mais tarde. Ela ainda era a mesma pessoa egoísta que eu sempre conheci.

— Deixa eu te levar lá para cima e depois vou pegar suas coisas.

— Eu posso pegar.

— Eu sei que você pode, mas o prazer é meu.

Ela se colocou na ponta dos pés e beijou meus lábios.

— Obrigada.

Era difícil não dizer *eu te amo*. Mas não era a hora certa – ainda não. Precisávamos fugir. Esquecer tudo aquilo. Eu descobria uma forma de roubarmos algum tempo depois que eu resolvesse o mais novo problema.

Peguei a mão dela e a conduzi até os fundos. A cidade estava quieta. Os navios de cruzeiro tinham partido, deixando apenas os habitantes locais e os poucos turistas que ainda passeavam pela cidade. Na noite seguinte os navios ficariam por mais tempo, o que deixava tudo mais movimentado.

Quando entramos na minha casa, vi algumas coisas espalhadas. Peguei uma camisa e joguei no cesto de roupa suja.

— Fique à vontade. Não vou demorar.

— Talvez eu tome um banho para relaxar e para tentar organizar meus pensamentos.

Ela ia ficar nua no meu banheiro. Meu pau endureceu ao pensar. Nada iria acontecer naquela noite, mas eu queria que ela adormecesse em meus braços.

— Então eu vou me apressar mais ainda.

Ela riu. Do lado de fora da porta, esperei até ouvir a trava. Correndo escada abaixo, peguei meu telefone para ligar para Reeser.

Ele atendeu no segundo toque.

— Eu estava esperando sua ligação. Sinto muito, cara. Foi ridículo da parte de Hennington.

— Ouvi dizer que você está interessado em se tornar um distribuidor.

— Sim, comecei pequeno e estou com muitos clientes. Vou superar as taxas de Hennington. — Reeser era um cara bom e honesto.

— Ótimo. Você pode transportar a minha comida e minha bebida?

— Sim, estou com o horário vago. Vou pedir que meus funcionários te atendam quando forem pegar a carga de outro cliente. Dividiremos essas taxas, pois os caminhões voltarão cheios.

— Perfeito. Obrigado, Reeser. Vou contar para os caras aqui.

— Ótimo. Depois deste primeiro trabalho, se você ficar satisfeito, vai ser ótimo se puder indicar o serviço.

— Claro.

Entrei na área do bar. Crete estava limpando o balcão de madeira. Duas pessoas estavam sentadas a uma mesa, bebendo cerveja. Crete serviu duas canecas da torneira e deslizou uma em minha direção. Era uma marca local que tinha um sabor agradável de trigo.

— Está resolvido. Reeser será nosso novo cara.

— Bom saber.

Um homem que eu nunca tinha visto antes sentou-se no bar. Estava bem vestido e me lembrou Hollis.

— Uísque, puro. A coisa mais cara que você tiver.

Ou não. Hollis era rico, mas não ostentava como aquele ali.

— É pra já.

Sem perder tempo, Creta serviu a dose e deslizou o copo pelo balcão. O homem engoliu.

— Pode servir mais um.

Eu gostava de analisar as pessoas novas na cidade quando elas entravam no meu bar. Se aquele cara estava disposto a beber até esquecer de algum problema, para depois causar os seus próprios, eu iria pará-lo imediatamente. A última coisa que eu precisava era subir as escadas, para ficar com Lex, só para ter que descer em seguida.

— Dia difícil?

— Sim, alguns dias as coisas não saem do jeito que desejamos.

— Entendo. — Ergui minha cerveja como em um brinde. — Eu sou Drake.

— Drake Foster?

Surpreendeu-me o fato de ele saber o meu nome completo. Turistas raramente sabiam.

— Sim. Acho que nunca te vi aqui antes.

Ele estendeu a mão.

— Peço desculpas por minha falta de educação. Eu sou Dixon Hennington, irmão de Chazz.

Que porra é essa? O irmão de Chazz estava aqui, bebendo. *Aquele arrogante filho da puta.* Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ele continuou:

— Parece que tropecei em território inimigo.

Levantei uma sobrelha, esperando para ver se ele diria mais alguma coisa. Ele tinha cinco segundos antes de ser expulso dali.

Agarrando a bebida, ele balançou a cabeça.

— Minha cunhada tenaz mencionou seu nome algumas vezes hoje.

Tenaz era gentileza da parte dele. Dei outro gole, tentando parecer despreocupado.

— Provavelmente.

Dixon levantou-se e jogou uma nota de quinhentos dólares. Cada bebida custava cerca de cinquenta dólares, então Crete iria receber uma gorjeta pesada naquela noite. *Bom.*

— Vou nessa. Normalmente, Chazz me encontra na Califórnia para nossas reuniões de negócios, mas eu decidi vir ao Alasca desta vez. — Ele balançou a cabeça como se tivesse sido uma péssima ideia. — Vou ficar no hotel esta noite.

Coloquei minha cerveja sobre o balcão. Era melhor pegar a estrada principal. Talvez o filho da puta ficasse ainda mais irritado por saber que seu irmão fora beber no meu bar, onde ele se recusou a entregar a bebida.

— Fique. Nunca fui um cara mesquinho. Mas preciso subir e voltar para a minha namorada.

Dixon sentou-se.

— Obrigado, agradeço. A irmã de Raquel, certo? Alexa, acho que ouvi o nome dela hoje. Eu não a vi no casamento, na Califórnia.

— Sim, é ela. — Mudei de assunto, não querendo dar ainda mais munição a ele: — Por quanto tempo vai ficar na cidade?

— Eu planejava ficar por pelo menos algumas semanas. Contratei um guia de caça para daqui a alguns dias. Mas talvez tenha que ir para casa mais cedo.

Era difícil esconder meu sorriso.

— Kane? Ele é seu guia?

— Sim, ele é altamente recomendado. O que eles dizem é verdade... todo mundo conhece todo mundo em uma cidade pequena.

— É verdade. Kane é meu irmão. Ele é o melhor por aqui.

— Foi o que fiquei sabendo por um amigo em San Diego. Vamos voar para o interior para pescar no primeiro dia.

Quando Kane voava para os locais de suas caçadas, ele se recusava a voar com mais alguém além de Hayden. Em outras cidades, havia pilotos além de Hayden, mas ele era o melhor.

— Você provavelmente vai voar com meu outro irmão, Hayden. Ele bebeu o segundo copo.

— Bem, lembre-se de que eu não sou Chazz nem Raquel.

Rindo, eu respondi:

— Devidamente anotado. — Bati no balcão três vezes. — Aproveite e fique o tempo que quiser. Convide seu irmão para tomar uma bebida.

Os olhos dele se arregalaram momentaneamente. Então ele sabia o que o filho da puta tinha feito.

— Provavelmente não é uma boa ideia. Tenho certeza de que você já ouviu falar sobre o que ele fez.

— Ouvi. Mas eu não sou um idiota, então fique à vontade para convidá-lo. Tenha uma boa noite. Crete, vou deixar meu telefone ligado, se precisar de algo.

— Pode deixar.

Enquanto eu subia as escadas, liguei para Kane. Ele atendeu no terceiro toque.

— Ei.

— Como está tudo?

Ele deu um suspiro pesado.

— Bem. Eles estão em suas tendas com colchões infláveis. Quero dizer, quem diabos acampa no meio da floresta com um colchão inflável?

— Turistas?

— Malditos sejam. Eles têm até um negócio tipo uma bomba automática. Juro que me senti um virgem só de estar perto deles.

Eu dei uma risada calorosa.

— Vou pedir uma de Natal.

— Bundão. Por que me ligou?

— Você tem um cliente chamado Dixon para a próxima semana?

Ele hesitou, parecendo pensar.

— Sim, um cliente antigo me indicou. Ele é irmão do Chazz. Por quê?

Pelo menos ele sabia, o que me fez sentir um pouco menos cauteloso em relação às intenções de Dixon.

— Só queria ter certeza de que você sabia.

— Está marcado há meses. Merda, cara, me desculpe. Eu queria te contar. Você quer que eu cancele?

Aquele era Kane – leal até o fim.

— Não. Ele veio ao bar esta noite depois que Chazz se recusou a pegar minha bebida em Juneau.

— Que porra é essa? Por quê?

— Talvez eu tenha contado às irmãs Twiner que ele quer se candidatar a prefeito na próxima eleição. Foi uma atitude de merda, eu sei, mas, porra, Raquel me irritou.

Kane riu do outro lado.

— Vou ficar de olho nele e ver se noto alguma coisa.

— Obrigado. Ele parece ser legal, mas nunca se sabe.

— Sim, Hayden vai nos levar para o norte durante o dia para pescar. Vou avisá-lo também.

Eu imaginei que ele faria isso.

— Agradeço.

Desligamos, e eu subi as escadas. Enviando uma mensagem para Crete, decidi verificar nosso freguês.

EU: Dixon ainda está aí?

Crete: Sim, está se enturmado. Conversando com Leroy.

Eu: Fique de olho nele. Qualquer gorjeta que ele deixar, pode ficar com tudo.

Crete: Obrigado, cara. Agradeço muito.

EU SABIA que Crete nunca ficaria com tanto dinheiro, mesmo que merecesse. Felizmente, nada de ruim iria acontecer. Eu só queria ir para casa e ficar abraçado com Lex.

Abri a porta, sentindo o perfume da loção de pêssego que Lex sempre usava antes de dormir. Senti como se estivesse verdadeiramente em casa pela primeira vez em muito tempo. Ela deixou a luz acesa sobre o fogão, da mesma maneira como sempre fazia quando eu chegava tarde. Entrei no quarto e parei por um segundo. Lex estava deitada na minha cama, seu cabelo loiro espalhado no travesseiro. Parecia que tinha adormecido enquanto lia um livro. A visão tirou meu fôlego.

Definitivamente, precisávamos de um tempo juntos. *Sozinhos*. E se eu não fizesse planos agora, outra coisa nos atrapalharia. Havia algo especial que eu queria mostrar a ela. Estávamos prontos.

Peguei meu telefone.

EU: Você se importaria se eu roubasse Lex amanhã à tarde?

Hollis: Claro que não. O equipamento médico só vai chegar depois de amanhã. Sei que ela vai querer estar presente para instalá-lo.

Eu: Voltaremos a tempo. Eu vou levá-la para a minha cabana. É uma surpresa.

Hollis: Todos os alasquianos têm cabanas?

EU RI.

EU: Muitos de nós têm.

Hollis: Ike, Hayden e Kane?

EU SABIA o caminho que a conversa estava tomando, e era difícil não sorrir.

EU: Sim, eles têm.

Hollis: Vou adicionar à minha lista. Preciso de uma cabana, ao que parece.

Eu: Com certeza. Vou até te ajudar a construir.

Hollis: Espera, você constrói por conta própria?

Eu: Mais ou menos.

Hollis: Sem ofensas, mas isso não é bom o suficiente para mim. Quero uma cabana habitável.

Eu: Será habitável.

Hollis: Se você diz. Vejo vocês amanhã.

COLOQUEI MEU TELEFONE em cima da mesa de cabeceira e fiquei olhando para a minha garota por um tempo. Se eu fosse para a cama, sabia que o movimento a acordaria, então decidi deixá-la dormir um pouco primeiro. Ela precisava de descanso. Nenhum de nós dormira bem nas últimas duas noites.

Despi-me até ficar apenas de cueca e fui para o sofá com o meu laptop. Eu queria pesquisar sobre Montgomery – o advogado – Chazz, Raquel, Irene e qualquer outra pessoa ligada a Lloyd. No final das contas, Lloyd era a chave de tudo.

Eu só esperava que ele não estivesse envolvido no que causou tudo isso.

18

Dezoito

Alexa



Eu acordei e me alonguei na cama. Esperando encontrar o corpo quente de Drake, fui recebida por lençóis frios. O que era estranho. Sentei-me e vi que a luz do fogão ainda estava acesa. Sempre que ele tinha que trabalhar até tarde, eu a deixava ligada. Quando ele vinha para a cama, costumava desligá-la. *Será que Drake não tinha voltado?*

Joguei o edredom cinza pesado de lado e fui à sala de estar na ponta dos pés. Quando o encontrei, parei e fiquei observando o homem que amava de todo o coração. Ele estava deitado com a cabeça inclinada para trás no sofá, o computador no colo. Enquanto Drake dormia, demonstrava uma vulnerabilidade que era menos aparente quando estava acordado. Um lado que só eu conhecia. Era quando sua guarda baixava, desnudando sua alma. Sua barba era pouco mais do que uma sombra, e seus cabelos escuros estavam levemente desgrehados.

Verificando o relógio, vi que eram pouco mais de seis, mais ou menos a hora que eu normalmente acordava. Acomodada em uma cadeira, fiquei olhando Drake dormir. Depois do banho, adormeci lendo uma revista. Não tinha percebido quão exaustivos os eventos do dia anterior tinham sido. Por dentro, eu ainda sentia uma mistura de emoções – aliviada por meu pai não ter escrito o bilhete, irritada

por alguém ter sabotado meu relacionamento com Drake e com medo de que não fossem desistir. Naquela manhã, as coisas pareciam um pouco menos assustadoras. Mas eu ainda não fazia ideia de por onde começar.

Eu precisava descobrir quem e por quê.

Drake se remexeu, acordou e virou a cabeça na direção do relógio na parede à minha frente. Quando ele viu a hora, ele sussurrou:

— Ah, porra.

Se eu tivesse que adivinhar, diria que ele queria ter se juntado a mim na cama na noite passada, mas acabou adormecendo no sofá. Eu amava o quanto ele me queria por perto.

Drake se sentou e seus olhos encontraram os meus. Um sorriso malicioso foi minha saudação.

— Bom dia.

— Bom dia. Como você dormiu?

— Mal. Eu pretendia me juntar a você ontem à noite. — Uma expressão irritada surgiu em seu rosto. Ficamos separados por tanto tempo e esperava acordar abraçada a ele. Sabia que Drake sentia o mesmo. Talvez as coisas tivessem progredido mais do que na noite anterior. Eu queria senti-lo dentro de mim, que me reivindicasse como ninguém mais fez. Drake fora meu primeiro, meu único e, esperançosamente, seria meu último homem.

Por alguns segundos, Drake ficou me observando. Ele sempre sabia como eu estava me sentindo.

— Quero saber quem foi. E quero entender o porquê.

Ele colocou o laptop de lado e coçou o queixo.

— Eu fiquei acordado até tarde, procurando por alguma coisa que me fizesse ter alguma ideia.

Meu coração parou.

— Encontrou algo?

— Um ano atrás, Montgomery teve um ataque cardíaco e morreu.

— O quê? Ele tinha só uns trinta anos, talvez um ano ou dois a mais do que isso.

— Sim, uma empregada o encontrou em casa, em seu escritório.

Papai usara um advogado de Juneau, que ficava à distância de algumas estações de trem. Não havia advogados em Skagway. A população total de Juneau era superior a trinta mil, mas aqui tínhamos menos de novecentos habitantes.

Esta notícia me deixou mais tensa.

— Eles disseram mais alguma coisa?

— A autópsia não revelou nada, mas os pais dele ficaram desconfiados. Disseram que ele era um homem saudável e ativo, sem problemas cardíacos.

A situação toda não me agradava. Um nó se formou na boca do meu estômago.

— O que você acha?

— Eu não faço ideia. Quero encontrar algo e descobrir quem foi, mas não sei se estou preparado para a verdade.

— Você encontrou mais alguma coisa?

Drake bocejou e apoiou os cotovelos nos joelhos.

— Pesquisei o Registro Público e descobri para quem Raquel vendeu as terras.

Em um dado momento, cheguei a perguntar a Raquel, mas ela se recusara a responder. Não cheguei a insistir.

— Para quem?

— Para uma empresa chamada Milano Incorporated que tem zero presença online. — Ele devia ter passado muito tempo pesquisando tudo aquilo. — Você recebeu alguma oferta para as suas terras?

Balançando a cabeça, eu disse:

— Não. O banco me ligou com uma oferta uma vez. Eu não quis ouvir e disse a eles que rejeitaria qualquer coisa que me oferecessem. Esta foi a última vez que entraram em contato.

As sobranças de Drake se uniram.

— Você pode falar com Morgan? Veja se ela tem um registro de alguma oferta recebida.

— Sim, eu vou falar com ela esta manhã. Você tem mais alguma ideia sobre a carta?

— É provável que quem fez isso quisesse você isolada. Você me contou que Montgomery te disse que Lloyd entregou a carta algumas semanas antes de morrer, não foi?

Uma sensação de pavor tomou conta de mim. Na noite anterior, na banheira, tive pensamentos semelhantes e não consegui processá-los completamente.

— Sim, foi o que ele disse. E sei onde você quer chegar com tudo isso.

Drake esperou que eu continuasse.

— Montgomery mentiu e definitivamente participou.

— Sim. — O olhar de Drake voou para longe, pensativo. Havia tantas partes complicadas que era difícil estabilizar minha cabeça em meio a todas elas.

Era difícil acreditar que Raquel havia vendido as terras que estavam em nossa família há gerações. Havia contingências na configuração da propriedade que estipulavam que apenas parentes de sangue da família poderiam herdar as terras. Foi por isso que minha mãe só ficou com a pousada — papai a comprara sozinho, antes de se casar.

Como ela pôde? Por que faria isso? Tinha que estar relacionado a dinheiro. Talvez fosse por isso que mamãe tinha feito todas as "modificações" na casa.

Sim, Chazz tinha uma situação financeira boa, mas ter esse tipo de dinheiro daria a Raquel a oportunidade de fazer o que quisesse, sem controle. Papai ficaria tão decepcionado, e isso machucava meu coração.

— Você acha que Raquel sabe quem é a Milano Incorporated?

Se ela soubesse, com certeza não me contaria.

— Eu não sei, amor. Tudo o que tenho são pedaços de um quebra cabeça. — O telefone de Drake vibrou, e ele o pegou. — Porra. É Reeser. Ele veio à cidade para revisar os contratos. Precisa deles por motivos burocráticos antes de poder transportar minhas mercadorias.

Eu fiquei de pé.

— Vá. Cuide disso. Vou tomar um banho e ir para a clínica. Hollis e eu vamos repassar os últimos arranjos.

Drake me puxou para seus braços.

— Eu quero um tempo a sós com você.

— Eu também quero.

Aquela devia ser a resposta que Drake procurava, por isso, ele abriu um sorriso antes de me beijar nos lábios. Mas eu queria mais. Meu corpo ansiava por ele.

Drake foi para o quarto e saiu vestido menos de dois minutos depois. Ele estava lindo, muito lindo. Quase salivei quando piscou para mim.

Eu estava tendo dificuldade em manter meus hormônios sob controle. Fazia muito tempo desde que estive nos braços de Drake pela última vez. Precisávamos encontrar algum tempo para ficarmos juntos.

— Tchau, amor. Vejo você na clínica.

— Até mais.

Então ele saiu. E eu precisava de um banho frio.

19

Dezenove

Alexa



Cerca de uma hora e meia depois, eu estava vestida e pronta para sair pela porta da clínica quando meu telefone vibrou com uma mensagem de texto de Hollis.

HOLLIS: Você pode me ligar?

ISSO ERA ESTRANHO. Ele sempre ligava se precisava de algo. Disquei o número dele.

— O que está acontecendo?

— Tem uma mulher chamada Morgan aqui. Ela diz que é sua administradora de empréstimos e precisa falar com você imediatamente. — Seu tom de voz estava nitidamente preocupado.

Ah, merda, eu esqueci de ligar para ela.

— Vou para aí imediatamente. Ela disse sobre o que é?

Ele suspirou.

— Não, ela não me disse uma única palavra, já que não fui citado na *papelada*.

Esses tipos de coisas mundanas deixavam Hollis irritado, pois ele originalmente queria estar na hipoteca. Se eu o tivesse adicionado, isso poderia ter sido resolvido rapidamente. Ele estava acostumado a pagar para fazer as coisas acontecerem. Conseguir que o equipamento médico fosse entregue aqui foi complicado, para dizer o mínimo, e foi divertido quando Hollis pediu uma confirmação na data de entrega. Trabalhar em um ritmo mais lento era algo novo para ele.

— Estou voltando imediatamente. Vamos esclarecer tudo. É bom praticar a paciência na vida doméstica.

Ele bufou, e eu ouvi passos do outro lado e uma porta se fechando.

— Você me conhece tão bem. Continuamos com o plano de eu comprar o lugar?

— Claro. Vamos colocá-lo em prática quando eu chegar lá. — Peguei minhas chaves, tranquei e comecei a descer as escadas.

— Bom. E preciso da sua ajuda com alguma coisa.

Isso soava ameaçador. Cautelosamente, respondi:

— O que foi?

— Drake mencionou que vou construir uma cabana?

Eu quase tropecei ao ouvir suas palavras.

— O *quê*?

— Sim, bem... não serei eu a construí-la. Até porque, mal consigo segurar um martelo. Mas parece que todos os homens do Alasca têm cabanas. É como um rito de passagem.

Era verdade, o que me fez rir.

— Bem, nem todos os alasquianos têm.

— Todos os Fosters têm?

Os Fosters tinham se tornado referência oficial de Hollis para o comportamento de um verdadeiro alasquiano. *Que o céu nos ajudasse.*

— Todos eles, exceto Drake, têm. A de Hayden é menor e mais parecida com um chalé. A de Kane é maior e mais alta nas montanhas.

Houve uma pausa embaraçosa.

— Bem, Drake precisa de uma, e eu preciso do seu conselho.

Por que ele parou de falar daquele jeito? Talvez Morgan tivesse entrado na sala enquanto ele falava.

— Eu posso te levar à do meu pai, se você quiser ver uma de tamanho médio. Hayden e Kane também poderiam te mostrar as deles.

— Ah, sim. Gosto desta ideia. Já consigo me ver parado na varanda segurando um machado. Vou parecer um lenhador.

Eu quase engasguei, mas consegui dizer:

— Estou entrando na minha caminhonete. Chegarei em cinco minutos.

— Ótimo.

Hollis e lenhadores eram coisas completamente opostas. Essa ideia seria um total desastre.

O caminho até a clínica não era longo, e, quando cheguei lá, Hollis estava encostado no parapeito da varanda, conversando com Morgan. Eu tinha medo de perguntar por que estava usando camisa xadrez e calça cargo. Ele deveria pensar que se tratava de algum tipo de uniforme do Alasca.

Controlando minha risada, consegui dizer em um tom uniforme:

— Bom dia. Lamento não ter ligado de volta, Morgan. As coisas estão loucas desde que voltei para a cidade.

Morgan desamassou o vestido.

— Ei, Alexa. É bom ter você de volta.

Nós estudamos juntas no ensino médio, mas nunca chegamos a ser amigas. Eu costumava me dar bem com todo mundo, mas me mantinha mais discreta. Raquel sempre causava problemas, então era mais fácil me manter longe de todo o drama.

— Como está o Greg? Ouvi dizer que vocês se casaram.

— Ele está bem. Muito bem. Vamos fazer um ano em dezembro.

— Mais uma vez, ela se remexeu. — Lamento ter que dizer isso, mas o banco reclamou sua hipoteca.

Levei um momento para processar suas palavras.

— O quê? Eles cobraram o meu empréstimo?

— Sim, alguém comprou do banco. Sua garantia hipotecária tinha um seguro caução. Não foi adicionada uma opção de prioridade, portanto, isso pode ser feito por qualquer um. Como você

não tinha renda, esse era o único tipo de empréstimo para o qual eu poderia obter sua aprovação.

Eu me lembrava vagamente de nós conversando sobre isso. Morgan ficou chocada e sem saber por que esse fora o único tipo para o qual fui qualificada. Mas eu não pensei que o pior acabaria acontecendo.

— Quanto tempo eu tenho?

— Você tem trinta dias para pagá-lo integralmente ou vai perder. Nesse momento, o novo mutuante assumirá a propriedade e poderá usar a garantia contra a propriedade para o principal ainda devido, se não for capaz de vender essa propriedade dentro de um período de tempo razoável. Sinto muito, Alexa. Eu tentei te dar mais tempo. Simplesmente não entendo. Isso nunca aconteceu antes.

Ainda me surpreendia que alguém tivesse reclamado meu empréstimo, mesmo que Hollis estivesse prestes a pagar. A situação toda me irritava. E pelo cenho franzido de Morgan, eu duvidava que isso fizesse muito sentido para ela também.

— Quem comprou meu empréstimo?

— Não tenho liberdade para dizer nada. Foi por isso que liguei no outro dia.

Eu senti como se tivesse levado um soco. *Quem faria isso?*

Hollis chamou a minha atenção e inclinou a cabeça em direção a Morgan.

— Ah, sim. Humm... Hollis vai comprar o prédio. Ele vai pagar o empréstimo integralmente.

Morgan ficou sem palavras por um segundo.

— Você vai pagar o empréstimo?

Em Skagway, não era comum alguém ter tanto dinheiro disponível. Os Fosters talvez tivessem. Raquel provavelmente teria também.

— Sim, posso fazer meu banco transferir os fundos hoje. Precisarei do seu número ABA e do valor do pagamento, bem como de quaisquer taxas de alteração de título. A garantia da Alexa não será um problema.

Morgan sorriu, aparentemente ainda chocada enquanto passava os dedos pelos cabelos.

— Estou tão feliz que isso vai dar certo. Sei o quanto a propriedade que seu pai te deixou significa para você. Lembro que trabalharam muito naquela cabana.

Os olhos de Hollis se arregalaram, e ele murmurou as palavras: *Viu? Cabana*. Eu ri.

— Sim. Obrigada, Morgan.

Enquanto Hollis obtinha os detalhes, meus pensamentos vagaram para o motivo de meu empréstimo ter sido pago. Parecia cruel, principalmente levando a carta em consideração.

— Tudo bem para você, Alexa?— Hollis perguntou.

— Hã?

— Será mais fácil pagar o empréstimo e depois titular a ação para mim.

— Perfeito.

Os detalhes finais foram organizados. Antes de Morgan sair, ela pediu para usar o banheiro, e eu mostrei o caminho. Ao sair, ela comentou:

— Você está fazendo uma coisa maravilhosa por Skagway. A clínica está incrível.

— Obrigada. Hollis é um médico maravilhoso. Temos muita sorte de tê-lo. — Enquanto caminhávamos para a porta da frente, lembrei-me do que Drake e eu havíamos conversado naquela manhã. — Ei, Morgan, tenho um favor a pedir.

— Claro.

— Você se importaria de ver se o banco tem um histórico de ofertas para as minhas terras?

Ela inclinou a cabeça para o lado por um momento antes de assentir.

— Sim, nós mantemos tudo registrado. Você gostaria de uma cópia? Não é meu departamento, mas posso conseguir para você.

— Se você não se importar, pode enviá-las para mim?

Na porta, ela parou.

— Você está pensando em vender?

— Não, de jeito nenhum. Apenas curiosa.

Na varanda da frente, Morgan pegou a pasta de papéis.

— Bem-vinda de volta, Alexa. Obrigada por ter vindo à nossa cidade, Dr. Fritz.

Nós nos despedimos, e Morgan foi embora. Quando olhei o relógio, percebi que, de alguma forma, havia se passado uma hora desde que cheguei. Parte de mim estava esgotada. Mas quase tudo na clínica estava pronto e agora precisávamos esperar até o equipamento chegar.

Hollis atendeu uma ligação enquanto eu entrava. O prédio parecia um lugar totalmente novo. O chão estava lixado e sem manchas. As paredes eram de um delicado cinza claro. Novos acessórios foram encomendados, mas os atuais de latão serviriam até que estes chegassem. Os móveis do escritório chegariam no dia seguinte ao equipamento. Deslizei minhas mãos ao longo do braço da cadeira na área de recepção. Logo este seria um lugar de cura... um lugar de esperança. Fiquei orgulhosa do quanto conseguimos.

Voltei para fora quando Hollis terminou sua ligação.

— Por que alguém reclamaria seu empréstimo? — Hollis perguntou, trazendo minhas preocupações à tona. Parecia coincidência demais.

Balancei minha cabeça.

— Eu não sei. Se tivesse ocorrido ontem ou hoje, faria sentido por causa de Raquel e Chazz. Tenho certeza de que Chazz tem condições para isso. Mas Morgan tentou me encontrar no dia em que voltei para Skagway. Aconteceu antes de todo o drama da newsletter.

Hollis franziu o cenho.

— E a terra do seu pai era a garantia? Por que eles precisariam de garantia em uma hipoteca?

— A coisa toda parece errada para mim. Até o tipo de empréstimo que o banco aprovou.

Pegando o telefone, Hollis olhou para a tela.

— Milano Incorporated significa alguma coisa para você?

Eu congelei, e ele inclinou a cabeça.

— Aparentemente, sim. Não é?

— Por que a pergunta?— indaguei hesitante.

— Foi quem reclamou o seu empréstimo. Quando Morgan saiu para usar o banheiro, eu bisbilhotei seus papéis.

Fiquei boquiaberta. Isso não era típico de Hollis.

Ele deu de ombros.

— O que foi? Nós precisávamos saber. As pessoas simplesmente não reclamam empréstimos por diversão. O que eles querem?

— Milano Incorporated comprou as terras de Raquel. Parece um pouco estranho que eles tenham se dado ao trabalho de reclamar meu empréstimo, garantido pela terra que herdei do meu pai.

— Você já ouviu falar dessa empresa?

— Não até Drake encontrar informações sobre eles ontem à noite. — Eu contei a Hollis tudo o que Drake e eu conversamos. Tentei pensar em alguém com quem papai tivesse tido algum problema, mas não consegui. Papai amava sua terra. Ele acreditava que era uma mercadoria inestimável. Não havia nada mais valioso do que isso no mundo. Aparentemente, alguém mais a queria também. — Raquel também recebeu terras. Minha mãe recebeu a pousada. Todos ficamos surpresos pelo nome dela não estar na ação. Papai comprou o lugar antes de se casar e nunca a adicionou à escritura. A parte que herdei está na família há mais de cem anos. São cerca de trezentos acres. Raquel ficou com a parte que nossos avós compraram. Essas duas parcelas de terra só podem ser passadas para parentes de sangue. Foi por isso que minha mãe só recebeu a pousada através do testamento.

Neste momento, a caminhonete de Drake parou na garagem. Ele tinha acabado de tomar banho. Mas eu poderia dizer, pela maneira como seus lábios se franziram, que ele sabia que algo estava acontecendo.

— Vocês parecem estar refletindo sobre algo muito importante.— Drake me deu um beijo rápido antes de colocar a mão no bolso e encostar-se ao corrimão.

Hollis assentiu para mim e expliquei a Drake sobre o que havíamos conversado.

Depois, ele ficou quieto.

— Não acho que seja coincidência.

— Eu também — respondi. — Mas por que... — Parei de falar quando um carro esporte novo, preto brilhante, com janelas escuras, estacionou atrás da caminhonete de Drake. Aquele lugar estava se tornando a Grand Central Station, de Nova Iorque, para os padrões da Skagway.

Quem poderia ser?

— Porra, quando pensávamos que não poderia ficar pior — murmurou Drake.

Fiquei ainda mais tensa e endireitei minhas costas. Drake colocou o braço em volta da minha cintura protetoramente, o que não era um bom sinal; apenas aumentava minha ansiedade enquanto esperávamos a porta do carro abrir. O veículo chamativo não seria muito útil no inverno. Nem no outono. Nem na primavera, para ser sincera. Não fazia sentido ter um carro esportivo no Alasca quando haveria neve no chão na maior parte do ano.

Quando a porta se abriu, e eu vi minha mãe, meu estômago se revirou.

— Ah, não — eu disse baixinho.

— Quem é essa? — Hollis murmurou.

— Minha mãe.

20

Vinte

Alexa



Hollis e Drake estavam ao meu lado. Eu senti que estava sendo flanqueada, embora fosse plenamente capaz de cuidar de mim. Mas, ao mesmo tempo, fiquei feliz por eles estarem comigo.

Mamãe esfregou o rosto com um lenço e olhou para a clínica, como se a mera ideia de um lugar como aquele a afligisse. Ainda não havia paisagismo, mas resolveríamos esse problema nos próximos dias. Fora isso, parecia uma casa nova. Se possível, o nariz dela se empinara mais do que o normal, e eu senti como se estivesse olhando por cima para nós, embora estivéssemos em um ponto mais alto na varanda.

— Alexa, venho tentando entrar em contato com você. Podemos conversar em particular?

Toda a sua atitude me irritou. E eu estava no meu limite. Por que ela não me cumprimentou com um: *Uau, o que você fez com este lugar? Eu adoraria dar uma olhada.* Ou: *Eu senti tanto a sua falta. O que posso fazer para ajudar?*

Em vez disso, ergui uma sobrancelha. Estava cansada de ouvir sempre a mesma música. Eu sentia a irritação se avolumando dentro de mim, apenas implorando para ser externada.

— Mãe, eu adoraria mostrar tudo o que fizemos na clínica. Mas se você veio me passar um sermão sobre o que aconteceu com Raquel, por favor, desista. Raquel e eu poderemos resolver nossos problemas quando ela amadurecer.

Sem prestar atenção no que eu disse, minha mãe continuou:

— Sério, Alexa, estou decepcionada com você.

Ela sempre estava decepcionada comigo. Sempre. Eu poderia encontrar a cura para o câncer, e mamãe ainda teria algo para reclamar. Aposto que, mesmo se saísse um arco-íris da minha bunda, haveria algo de errado com uma das cores. Nada do que eu fazia era bom o suficiente. Nada.

Ao meu lado, eu podia sentir Drake começando a se aborrecer. Hollis estava mais atordoado do que qualquer coisa. Nem a mãe dele era *tão* fria.

Tentei novamente ser agradável.

— Você gostaria de ver a clínica?

Ela balançou a cabeça, prestes a dizer algo, quando o telefone tocou.

— Perdão. Olá, querida. Sim, eu conheço. Oh, por favor, não se estresse. Não é bom para a sua voz. Precisa ser forte para o jantar hoje à noite. Há uma chance de o amigo de Dixon voltar para Los Angeles e contar a alguém sobre o seu talento. Eu sei que Alexa está arrependida. Ela me disse isso. Sim, estou a caminho.

Precisei de todo o meu autocontrole para não revirar os olhos. Quando ela desligou o telefone, abriu um sorriso tenso.

— Onde estão minhas boas maneiras? Você não me apresentou o seu doce Hollis.

A mandíbula de Drake se apertou e seus dedos afundaram no meu quadril. Eu sabia que ele tinha poucas e boas a falar, mas estava se segurando.

— Mãe, este é meu *amigo*, Dr. Hollis Fritz. E, claro, você deve se lembrar de Drake. Estamos namorando de novo.

Mamãe ficou parada com o mesmo sorriso suave que costumava reservar ao meu pai quando ele dizia algo que ela se recusava a reconhecer. *Ah, merda!* Aquilo não ia acabar bem.

Drake deu um passo à frente com a mão estendida.

— É bom ver você de novo, Irene.

Quando nos conhecemos, ele a chamara de Sra. Owens, e ela não gostou nada disso. Irene não soava muito melhor. Mamãe preferia não ter nenhuma interação com Drake. Era, honestamente, uma situação onde ninguém sairia como vitorioso.

— Drake. Como está a Macy?

Macy? Quem é Macy? Àquela altura, cheguei ao meu limite. Mencionar o nome de outra mulher era, provavelmente, uma manobra para plantar uma semente de dúvida em minha mente. Raquel fizera isso uma vez quando Drake saiu da cidade para caçar. Eu fiquei arrasada, pensando que ele estava me traindo.

Uma coisa que prometi naquela noite foi que nunca duvidaria dele até ter a chance de ouvi-lo. Mas ouvir seu nome associado ao de outra pessoa me encheu de ciúme.

Ele soltou um suspiro profundo e balançou a cabeça.

— Tenho certeza de que deve estar bem. Mas você teria que perguntar a à própria. Ela não vai ao meu bar há cerca de cinco meses, desde que a rejeitei para um encontro. — Drake cruzou os braços sobre o peito e deu um passo à frente. — Escute, entendo que preferiria que Lex estivesse namorando Hollis. Acho que deixou isso bem claro. Mas voltei à vida de Lex e estou aqui para ficar. Gostaria que as coisas fossem cordiais entre nós, Irene, mas não vou tolerar que coloque dúvidas na mente de Lex. Nada aconteceu e nada acontecerá com Macy.

Eu sabia! Meus punhos fecharam nas laterais do meu corpo. Isso era típico da minha mãe. Mas não importava o quão zangada ela tivesse me deixado, despejar um balde de água em sua cabeça, como eu tinha feito com Raquel, não era aceitável.

Um barulhento motor de caminhonete chamou nossa atenção para a entrada da garagem, e vimos Ike e Amie estacionarem. Olhei para Drake, sentindo-me nervosa. A última coisa que eu queria era que os pais dele se envolvessem nesse drama. O modo como minha mãe me tratava era embaraçoso. Era por isso que eu nunca saía com ela pela cidade nem a convidava para jantar nos Foster.

Com um gesto antipático, minha mãe ajeitou sua nova roupa azul bebê. Amie saiu da caminhonete de jeans e camiseta de mangas compridas. Nossas mães eram completamente opostas.

— Irene, é tão bom ver você. Então você ficou sabendo que nossos filhos voltaram a namorar? Estamos muito felizes que Alexa está de volta em nossas vidas.

Mamãe assentiu.

— Sim, sim, fiquei sabendo. E tenho certeza de que você está mesmo feliz com isso.

Uau. O tom que ela estava usando com Amie era completamente desnecessário. Dei um passo à frente. Minha mãe poderia não concordar que eram boas notícias, mas não havia necessidade de desrespeitar Amie.

— Mãe, por favor.

Ela me dispensou.

— Eu preciso ir ver sua irmã. Tenha um bom dia, Amie. Ike. Espero que venha jantar na minha casa, Hollis.

Sem olhar novamente para mim ou Drake, minha mãe saiu. Ela se tornara mais fria comigo depois que meu pai morreu. Muito mais fria. Lembrava-me do cemitério, como eu queria que ela tivesse me abraçado da mesma maneira como fizera com Raquel, que me mostrasse aquele amor incondicional que apenas uma mãe poderia proporcionar. Ela nunca perguntou como eu me sentia. Nem uma vez. Amie e Drake foram minha força enquanto eu lamentava a perda do meu pai. Não a minha mãe. Minha mãe nunca me amaria como amava a Raquel. E isso era doloroso.

Observei enquanto minha mãe se afastava, desejando que as coisas fossem diferentes.

— Ike, por que você e Drake não mostram a Hollis os planos para a cabana? Vou pedir para Alexa me mostrar a clínica — a doce voz de Amie me livrou dos meus pensamentos.

Drake parecia querer protestar. Quando Amie ergueu a sobancelha, ele seguiu o pai até a caminhonete. Eu não tinha certeza do que fazer.

Com um braço em volta dos meus ombros, ela me conduziu até a porta.

— Venha, vamos lá para dentro. Quero ver o que foi feito desde a última vez. E eu tenho amostras de tecido.

Mal entramos na casa quando a senti me apertar.

— Estou aqui, querida. Se você precisar de alguma coisa, eu estou aqui.

Furiosamente, eu limpei as lágrimas que estavam começando a cair rápido demais.

— Desculpe. Deixe-me mostrar a você.

Ela me acompanhou até o pé da escada.

— Não precisa. Eu só queria saber como você está, ver se precisava de alguém para desabafar. Sei que Drake quer cuidar de tudo, mas às vezes uma garota precisa de outra mulher para conversar. Posso não ser sua mãe, mas te considero como minha filha.

Balancei minha cabeça quando mais lágrimas começaram a cair pelo meu rosto.

— Não entendo por que ela age assim. Quando meu pai estava vivo, acho que a presença dele a tornava menos severa, menos dura. Ou não. Eu não sei.

Amie me abraçou, realmente me abraçou, e eu me agarrei a ela como se minha vida dependesse disso. Fazia muito tempo desde que eu fui confortada daquela maneira.

— Obrigada.

Recuando, ela me deu um sorriso.

— Estou aqui sempre que precisar. Sei que Drake também. Deus sabe que meu garoto é louco por você. Desde o primeiro dia em que te viu. Quando chegou em casa naquele dia, eu percebi que algo havia mudado. — Amie nunca tinha me dito isso antes. Gentilmente, ela enxugou uma das minhas lágrimas.

— O que você quer dizer?

— Desde pequeno, Drake nunca teve medo de seus sentimentos como Kane e, até certo ponto, Hayden. Drake é mais parecido comigo nesse sentido. Mesmo que vocês se conhecessem desde que eram crianças, no dia em que ele trocou seu pneu, te enxergou. De verdade. Então, entrou pela porta de casa em um completo transe. Ele tinha um encontro com outra garota, mas disse que cancelou e começou a perguntar sobre você. Eu sabia que, naquele momento, meu filho havia encontrado sua outra metade.

Eu sorri com a lembrança.

— Desde pequena, sempre achei que Drake era tão bonito e forte. Mas ele era mais velho, então nunca pensei muito sobre isso. Quando ele apareceu na minha casa com flores, no dia depois de trocar meu pneu, foi difícil acreditar que ele estava lá para me ver. E eu quase estraguei tudo.

— Isso fará com que vocês sejam duas vezes mais fortes.

— Acredito que sim.

— Eu sei que sim.

21

Vinte e Um

Alexa



Amie e eu terminamos de examinar as amostras de tecido que ela levava para as cortinas da clínica e para a residência de Hollis, que seu grupo de costura iria fazer. Eu amava essa cidade. Eles receberam meu amigo sem nenhuma hesitação. Mas nem sempre foi assim. Às vezes, os recém-chegados ficavam de lado por um tempo. Chazz chegara há quase dois anos, e eu duvidava que tivesse recebido as mesmas boas-vindas.

Haveria um tema mais rústico no andar de baixo para combinar com os móveis que escolhemos. No andar de cima, escolhi tons de cinza e creme para combinar com os móveis de Hollis, que chegariam de Nova York em breve. Nós escolhemos antes da viagem. Hollis pensara em vender a casa de seu pai, mas pensei que poderia ser um pouco precipitado até que ele decidisse se queria tornar Skagway seu lar permanente. Mesmo assim, ele poderia querer mantê-la. Eu entendia sua necessidade de um novo começo. Mas fazer isso sem arrependimentos era igualmente importante.

Lá fora, as vozes dos homens ficaram mais fortes conforme se aproximavam do prédio. Forcei meus ouvidos para ouvi-los

claramente. Eles estavam falando sobre abrir terreno. Uma vez que Hollis tomava uma decisão, era raro ele recuar.

Amie se inclinou contra mim enquanto eles riam.

— Eu gosto do seu amigo.

— Ele é um cara legal, além de ser um ótimo médico. — Mas as palavras dela significavam mais para mim do que ela jamais poderia imaginar. Queria que Hollis fosse aceito.

Drake abriu a porta com cuidado.

— Está tudo bem? Podemos entrar agora?

Amie deu um tapinha na minha perna, e eu lhe lancei um sorriso verdadeiro. Ela disse:

— Sim, claro. Vocês discutiram sobre a cabana?

Os homens entraram na sala, e Hollis disse:

— Vamos começar a construir minha cabana na primavera. Eu só preciso encontrar um terreno.

Eu ri.

— Tenho certeza de que poderemos encontrar algo para você.

— Mudando de assunto, aponte para os tecidos espalhados no chão. — O grupo de costura quer fazer cortinas para a clínica. Amie trouxe o livro de amostras de tecido da loja de Arlene. Aqui está o que eu acho que você pode gostar para o andar de baixo e talvez para a sua residência, com base nos móveis que escolhemos em Nova York.

Hollis foi até o livro.

— É muita gentileza do pessoal do grupo de costura, mas eu gostaria de pagar pelo tempo deles.

De pé, Amie acenou para ele.

— Absurdo. É o tipo de coisa que fazemos por aqui. Esta clínica significa muito para todas as famílias em Skagway. Queremos fazer parte do projeto.

— Obrigado.

Era raro que as pessoas no mundo de Hollis fizessem coisas simplesmente para serem gentis. Eu poderia dizer que ele estava emocionado com tudo o que a nossa cidadezinha já tinha feito pela nossa clínica. Ele parecia mais leve, mais feliz. Queria fazer a diferença, e eu sabia que faria.

— O que você acha dos tecidos? — eu disse enquanto apontava para as amostras.

Hollis se inclinou para frente, e eu quase ri alto. Ike e Drake eram como peixes fora d'água quando se tratava de amostras de tecido.

— Gosto das cores mais neutras. No andar de cima, acho que quero algo diferente.

— Como assim diferente?

— Algo mais rústico. Macho do Alasca.

Eu ri.

— Mas não vai combinar os móveis que você encomendou.

— Ike vai fazer os meus móveis. Vou descobrir o que fazer com os que encomendei, pois já foram enviados.

Ah, ele está falando sério. Sem querer, acrescentei:

— Aposto que Kane pode arranjar algum tipo de cabeça de caça para suas paredes ou levá-lo à caça para conseguir a sua.

Seus olhos se iluminaram como luzes de Natal. Acho que Kane me mataria se ouvisse isso. *Ha! Eu não achava nada; ele ia me matar só pela sugestão, com certeza.*

O sorriso de Drake ficou maior.

— Aposto que Kane adoraria isso. Vou informá-lo.

—É disso que eu estou falando! — Hollis respondeu. — Ele provavelmente iria preferir me deixar na floresta, amarrado a uma árvore. Mas matar o único médico da cidade não seria uma boa ideia. Vou aproveitar essa oportunidade para colocar um animal na minha parede.

Puxei Hollis para um abraço. Meu amigo sabia como deixar o clima de qualquer lugar mais leve.

— Você está muito no clima do Alasca.

— Também acho.

Peguei um livro diferente de tecido.

— Podemos olhar essas amostras também. Elas provavelmente são mais parecidas com o que você está procurando.

— Acho que você tem outros planos.

Espera aí. Eu tenho? Tentei lembrar dos meus planos para aquele dia – podia jurar que tinha deixado agenda completamente vazia até terminar de arrumar a clínica.

— Não, não tenho.

— Sim, você tem.

Ele está mesmo discutindo comigo sobre a minha agenda?

— Não, não tenho.

— Sim, você tem. Sim, sim, sim. Três vezes sim.

O que há de errado com ele? Com um sorriso presunçoso, Hollis inclinou a cabeça na direção de Drake. Na mesma hora, Drake me pegou no colo, e eu gritei.

— Estou sequestrando você por um dia. Vejo vocês amanhã.

Hollis falou:

— Está vendo como eu estava muito, muito, muito, muito certo?

— Acho que você estava mesmo — gritei de volta. Enquanto Drake me carregava para o carro, eu balançava minhas pernas levemente, me sentindo mais despreocupada a cada segundo. — Aonde estamos indo? Como assim, você está me sequestrando?

— Você vai ver. — Drake olhou para mim com amor, parecendo radiante. Era como se não houvesse nada entre nós. Eu o queria. E pela fome em seus olhos, ele me queria também.

Ele se inclinou, e seus lábios roçaram os meus.

— Você é minha esta noite.

Essas palavras continham muitas promessas. Formigamentos irromperam por toda a minha pele, e a expectativa fez o meu estômago se revirar. Ele estava me sequestrando para que pudéssemos passar algum tempo sozinhos juntos. Os olhos de Drake se escureceram com luxúria, e isso significava que eu teria tudo o que desejava dele muito em breve.

Ele me colocou no banco do passageiro de sua caminhonete, e eu olhei por cima de seu ombro para olhar para a minha, ainda na entrada da clínica.

— E a minha caminhonete?

— Voltaremos amanhã. Hollis vai dormir aqui esta noite. Meus pais vão ajudá-lo a trazer uma cama extra da loja junto com algumas outras peças até que meu pai possa construir seus móveis.

Eu me sentia culpada por deixar meu amigo sozinho, mas Drake balançou a cabeça.

— Ele está bem. Perguntei a Hollis se queria que ficássemos, mas ele disse que vai ficar bem. Juro. E Hayden está voltando hoje. Ele vai ajudar.

— Parece que você pensou em tudo.

— Espero que sim.

Havia muitas promessas naquelas palavras.

22

Vinte e Dois

Alexa



Drake deu a volta pela frente de sua caminhonete. Olhava para o chão enquanto caminhava, um olhar intenso em seu rosto, como se estivesse pensando muito em alguma coisa.

Quando ele entrou na caminhonete, seus olhos encontraram os meus. Ele estava definitivamente nervoso com alguma coisa; suas respirações eram mais profundas e mais lentas que o normal.

Eu me perguntava para onde estava me levando, mas sabia que ele nunca diria.

Precisávamos desse tempo sozinhos. Houve momentos em que eu sentia que ainda estávamos pisando em ovos, sem dizer o que queríamos. Mas então outra parte de mim tinha medo de estarmos indo rápido demais. *Não, não estamos.* O destino estava corrigindo um erro – nunca deveríamos ter nos separado. Nossas almas foram feitas para permanecerem entrelaçadas.

Na cidade, Drake parou no estacionamento dos correios e me entregou minha máscara de dormir cor de rosa.

—Ponha isto.

—Você pegou da minha bolsa? — Ergui uma sobrancelha questionadora.

Ele piscou.

— Talvez.

Se ele tivesse pegado na minha mochila cinza, havia uma chance de ter visto meu vibrador. Senti um calor subir para minhas bochechas. Nunca tive um quando morei aqui – porque nunca precisei. Mordendo o lábio, perguntei:

— O que mais você viu?

— Nada.

Sua resposta foi rápida demais. Eu sabia que ele tinha visto meu vibrador.

— Tem certeza?

Em resposta, recebi outra piscadela, e ele estendeu a venda.

— Você está pronta para ir?

Com uma risadinha, peguei a máscara e a coloquei. Alguns segundos depois, senti o caminhão avançar. Era hora de um pouco de diversão.

— Você pode me dizer apenas uma coisa?

— Depende.

— Você foi gentil com a bolsa? Há algo muito importante para mim lá dentro.

Ele parou por um segundo e então sua voz ficou mais profunda.

— Quão importante?

— Extremamente importante. Ele me deu algumas das melhores lembranças de todos os tempos. Mudou minha vida.

Ouvi um palavrão sendo murmurado e sorri. Drake era muito bem-dotado, mas também era um pouco possessivo com o meu prazer. Quando descobriu que eu era virgem, depois que começamos a namorar, ele começou a levar as coisas mais devagar. Fui levada de volta àquele momento.

Os lábios de Drake roçando nos meus quando ele me beijava. Eu poderia beijá-lo por horas. Estávamos juntos há dois meses, na época. E, naquele dia, recebi permissão para jantar com ele. Essa fora uma condição do meu pai quando autorizou que namorássemos. Eu tinha que ter dezoito anos para sair para jantar. Papai fora um pouco cauteloso em relação ao nosso relacionamento porque Drake era dois anos mais velho.

Inclinando-me para trás, Drake pairou em cima de mim. Sua mão deslizava sob a minha camisa, e nossos olhos se encontraram.

— Você é linda.

As palavras de Drake soaram cálidas enquanto sua mão deslizava por debaixo minha camisa. Foi a primeira vez que chegamos tão longe. Quando abaixei a cabeça dele para que nossos lábios se encontrassem, ele entendeu que eu estava pedindo que continuasse. Meus mamilos endureceram, precisando sentir suas mãos fortes em mim.

Drake soltou um grunhido de satisfação quando suas mãos roçaram os bicos rígidos dos meus seios pela primeira vez. Arqueei minhas costas enquanto as sensações espiralavam por todo o meu corpo. Ele girou um mamilo entre os dedos.

— Porra, seu corpo é tão sensível.

Esfreguei uma coxa na outra, buscando algum tipo de alívio. Uma de suas mãos desceu pelo meu estômago.

Quando sua língua dominou minha boca, eu gemi.

— Porra, eu quero você.

— Eu também. — Mas então meu corpo enrijeceu. *Estamos prontos? Vai doer?* Nunca tinha feito sexo antes.

Drake imediatamente sentiu a mudança e afastou a mão.

— O que há de errado?

Eu me senti uma tola, então fiquei em silêncio. Não era segredo que Drake era mais experiente do que eu. Eu o vi ficar com garotas em mais de uma ocasião. Tentei puxá-lo de volta para mim, mas ele se sentou sobre seus calcanhares.

— Lex, me diga o que há de errado.

— Eu... uhh...

Quando hesitei, seu rosto demonstrou mais preocupação, e suas sobranceiras se uniram. Certifiquei-me de que minha camisa estava abaixada e me sentei.

— Por que não voltamos para casa?

— Vou levá-la para casa. Mas quero saber o que aconteceu. — Drake colocou a mão no meu rosto, acariciando-o. — Só quero saber se fiz algo errado, Lex. Você sabe que é diferente.

— Diferente?

— Mais do que isso. Você significa muito mais para mim. Mais do que qualquer outra. Sei que é idiota dizer isso, mas é verdade.

A confissão que eu estava segurando começou a pesar. Sentia medo de ele pensar que eu era uma criança. Fechando os olhos,

sussurrei:

— Sou virgem.

Aproximei-me mais, mais envergonhada do que nunca. Quando ele não disse nada, fechei os olhos.

— Você vai me levar para casa agora?

— Lex. Olhe para mim, por favor. — Abri os olhos, e os de Drake estavam pegando fogo. — Você quer me dizer que nunca dormiu com ninguém antes?

— Sim. Drake, você foi meu primeiro beijo.

Seus olhos se arregalaram, e ele praticamente atacou minha boca. No segundo seguinte, ele se afastou.

— Quero ser o seu primeiro em tudo quando chegar a hora. Serei seu para sempre.

A voz de Drake interrompeu meus pensamentos.

— No que você está pensando?

— No dia em que te contei que era virgem.

Ele respirou fundo.

— Melhor dia da porra da minha vida. Você é a coisa mais incrível que já me aconteceu.

— Você me fez esperar quase seis meses — gemi.

Era verdade. Quando Drake percebeu que eu nunca tinha feito nada antes, ele se esforçou para garantir que cada passo que déssemos fosse especial e bem pensado. Eu me senti amada.

Sua mão quente pousou sobre a minha.

— O que você me deu foi um presente. Precisávamos ter certeza.

Um nó se formou na minha garganta. Eu o amava tanto. Não importava para onde estávamos indo, só esperava que ficássemos juntos. Eu precisava mais dele do que do ar que respirava.

— Posso tirar a venda? — Eu queria olhar nos olhos dele.

— Mais cinco minutos. Eu quero que seja especial para você.

Soltei um suspiro profundo. Aquelas palavras confirmaram o que eu esperava. *Paciência. Logo estaremos juntos.*

A caminhonete parou, e eu perguntei:

— Posso tirar agora?

— Ainda não. Eu vou te pegar.

Esperar Drake vir me buscar apenas aumentava a expectativa. Ele deu a volta, abriu minha porta e me levantou do assento no colo. Apenas o silêncio e o cheiro da floresta nos receberam. Pela falta de barulho – com exceção do chilrear dos pássaros – era óbvio que estávamos longe da cidade. Obviamente, levava apenas cinco minutos para deixarmos a cidade e estarmos em um local ermo.

Gentilmente, Drake me colocou no chão. Ele me abraçou por trás, pressionou seu corpo contra as minhas costas. Estremeci quando seu hálito quente fez cócegas no meu pescoço.

— Você é o meu mundo, Lex.

— E você é o meu.

Ele pressionou os lábios no meu ombro, e eu me inclinei para o lado, expondo meu pescoço para ele.

— Ainda quero a vida que sonhamos em ter juntos.

— Eu quero isso também. Mais do que tudo.

Recostei-me contra ele, precisando de mais contato.

Ele deixou uma trilha de beijos no meu pescoço.

— Tire a venda.

Por um momento, eu congelei, completamente envolvida pelo toque de Drake. Então obedeci, abri meus olhos e deixei que eles se ajustassem à luz.

A imagem diante de mim me deixou sem fôlego. Era exatamente como eu sonhei tantas vezes. *Onde estamos?* Meus olhos checaram os arredores enquanto eu tentava me localizar. Eu não me lembrava de uma cabana assim. Mas nós conversamos muito sobre isso. *Será que era dele? Drake construiu este lugar... para nós?*

Eu me virei em seus braços e olhei para ele.

— Isto é...?

— Sim. Todos os detalhes que discutimos.

Eu suspirei. Planejávamos construir uma cabana nas terras de Drake, onde viveríamos depois da faculdade. Enquanto permanecemos separados, ele foi em frente e construiu. *Será que ele sabia que acabaríamos voltando um para o outro?* Eu estava tão perdida que nunca sonhei que me veria novamente em seus braços.

— Por quê?

— Construir este lugar me deu esperança de que moraríamos aqui algum dia. — Seu polegar roçou meu queixo. — Você foi feita para mim, Lex. E eu sabia que se algum dia a tivesse de volta, iria querer ter esse lugar para nós. Eu te amo, Lex. Sempre amei. Sempre vou amar.

Com essas palavras, a última barreira que havia entre nós fora destruída. Jogando meus braços ao redor de seus ombros, eu o puxei para mais perto de mim.

— Eu também te amo. Tanto, Drake.

— Tem mais uma coisa que preciso mostrar para você.

O que mais poderia haver? Enquanto caminhávamos pelo caminho de pedras que levava à varanda da frente, tentei absorver tudo. A grade era quase uma meia parede para ajudar a impedir que a neve se acumulasse em frente à janela. Havia um poço fogareiro de cada lado, cercado por móveis de madeira feitos à mão. Parei, reconhecendo as peças que ajudei a criar. Minhas mãos tremiam quando estendi uma delas para tocar a madeira lisa. Eu sabia a resposta, mas tinha que perguntar.

— Estes são...? — minha voz tremia.

— Sim, são do seu pai. Consegui comprá-los no leilão sem Irene saber, pedindo a alguns amigos que fizessem lances para eles. Eu queria ter certeza de que não estavam perdidos para você. Sei o quanto esse mobiliário é especial. Nossa cabana também tem outras peças da pousada. Peguei todas de volta, amor.

Minha garganta se apertou. Eu tinha um pedaço do meu pai de volta. Passei a mão pelo braço de uma das cadeiras de balanço. A madeira era lisa devido a horas de lixamento. Aquela era a minha favorita para me sentar enquanto papai contava suas histórias à noite.

— Drake... eu não tenho palavras. — Virei-me para encará-lo. — Você... eu.... — Era demais, e eu comecei a chorar copiosamente. Coloquei meus braços em volta de sua cintura. — Eu te amo.

Ele sempre cuidou de mim de todas as maneiras possíveis. *Se eu pudesse me casar com esse homem amanhã, eu me casaria.*

Uma brisa fria soprou, e eu estremeci.

— Vamos lá para dentro — disse Drake.

Eu não queria nada além da promessa por trás dessas palavras.

Ele abriu a porta e, antes que eu pudesse passar do limiar, ele me pegou no colo e entrou. Foi exatamente como combinamos. Havia uma lareira de pedra no lado esquerdo da cabana. A sala de estar, a cozinha e o espaço para refeições foram combinados em um espaço aberto.

— Os dois quartos estão neste corredor?

— Sim, exatamente como discutimos, com um banheiro comum.

Era um lar. *Nosso Lar*. O sonho que sempre compartilhamos. Os quartos eram para as crianças que queríamos no futuro.

— E por ali?

— O escritório e o quarto principal.

Fui colocada no chão, e eu fui atraída para o quarto, correndo naquela direção. Drake seguiu logo atrás de mim. Enquanto andava pelo quarto, não podia acreditar que Drake tinha feito tudo isso. O quarto era cálido e aconchegante, com móveis rústicos de madeira escura.

Passei a mão pela madeira.

— Seu pai fez?

— Eu ajudei. Foi algo que me manteve com a cabeça ocupada.

— Fiz a mesma coisa também. Me ocupei com tudo e qualquer coisa. Se eu ficasse sentada por muito tempo, era quase impossível. Meus pensamentos sempre se voltavam para você.

— Os meus também, Lex.

Ele se inclinou e capturou meus lábios. Quando nos separamos, sussurrei:

— Faça amor comigo.

Ele me levou de volta para a cama, deitou-me e pairou sobre mim.

— Eu amo você, Lex.

— Amo você também.

Drake sempre me fez sentir como a mulher mais amada do mundo.

23

Vinte e Três

Droge



Aquela foi, sem dúvidas, a melhor noite da minha vida. Servi-me de uma xícara de café e me encostei no balcão para olhar a floresta. Estar naquele lugar com Lex foi melhor do que jamais imaginei. Só de pensar nisso, meu pau ficava duro, desejando tê-la novamente, mas ela precisava do descanso. Acordei Lex quatro vezes durante a noite. Foi como se eu vivesse um sonho do qual estava com medo de acordar. Com medo de ficar sem ela novamente. E pela forma como se agarrou a mim enquanto eu me movia dentro dela, soube que também se sentia da mesma maneira.

Lembrar de suas pernas envolvendo minha cintura fez meu pau endurecer outra vez. A porra da minha cueca mais pareciam uma tenda. Eu nunca me satisfaria de Lex.

Verifiquei a hora; eram quase oito. *Merda*. Teríamos que voltar em algumas horas, mas não estava pronto para terminar o nosso tempo juntos. Na noite anterior, usei camisinha em todas as vezes. Nós passamos dois anos juntos antes de eu fazer amor com ela pela primeira sem proteção. Não queria apressar as etapas daquela vez. Era imperativo que cada passo que dávamos, sexualmente, fosse tomado com cuidado. Quando descobri que ela era virgem, quis esperar até que terminasse o ensino médio. Porra, a mulher me

tentara várias vezes para levá-la para cama. Mas era importante, caso ela mudasse de ideia em relação a nós. Eu nunca quis estar na sua lista de arrependimentos.

Reconsiderarei acordá-la, mas tomei um gole do meu café e me concentrei na sensação cálida. Eu sabia que ela ficaria dolorida. Estava apertada, apertada pra caralho, na noite anterior. Cada centímetro de seu corpo lindo me pertencia.

Cada. Centímetro.

Pensar nisso fez o neandertal em mim rugir, com a necessidade de possuí-la novamente. Eu sabia que ela poderia aguentar, mas, inferno, eu queria matar cada demônio que surgisse em nosso caminho.

No dia anterior, pedi ao meu pai para investigar o acidente de Lloyd. Meu pai era um bom amigo de Roy, nosso xerife local. Algo a respeito de sua morte e aquela carta ainda me incomodava. Ou Montgomery recebera a carta duas semanas antes, o que significava que alguém sabia que Lloyd iria morrer, ou ela fora escrita em menos de quatro dias. Não era algo simples obter a caligrafia de alguém, contratar um profissional para forjá-la e colocá-la nas mãos do advogado.

E se tivesse sido premeditado?

Meu punho cerrou com o pensamento. Por enquanto, não ia compartilhar meus pensamentos com Lex. Até que soubesse mais, não havia motivo para falar sobre isso. Pensar que seu pai foi assassinado só levaria a mais perguntas sem resposta. Eu lhe contaria tudo depois que meu pai voltasse com mais informações. A última coisa que ela precisava era de mais preocupação. E eu sabia que Lex faria o mesmo se nossos papéis fossem invertidos.

Eu estava tomando outro gole de café quando ouvi seus passos suaves no chão da cozinha. Seus braços deslizaram em volta da minha cintura, e ela pressionou o rosto nas minhas costas.

— Bom dia.

Aquela voz doce, sexy e sonolenta não estava ajudando minha determinação a deixá-la em paz até a noite. Não me virei imediatamente, porque sabia que, quando isso acontecesse, seria um inferno. O sexo matinal com Lex era algo de outro mundo. Bem, era incrível a qualquer momento, mas havia algo de especial em

fazer amor antes de o dia começar. Foi por isso que saí da cama quando acordei.

— Bom dia, amor. Você dormiu bem? — Tomei outro gole e foquei no meu café. Era isso ou eu a pegaria sobre o balcão.

— Mmm-hmm. Senti falta de acordar perto de você.

— Eu também.

Lex soltou uma risadinha, provavelmente sabendo por que me levantei tão cedo e apertou os braços em volta de mim. Eu saboreei o momento.

Ela deixou escapar um suspiro satisfeito.

— Eu amo isso aqui, Drake.

— Eu também. — Finalmente me virei, e ela se aconchegou contra o meu peito. Estava vestindo uma das minhas camisas de flanela – sem dúvida fez isso de propósito. Sempre tive um fraco por vê-la usando minhas coisas.

— Com que frequência você vem aqui? — ela perguntou.

— Cerca de uma vez por semana para verificar as coisas. A noite passada foi a primeira em que pernoitei.

Ela se afastou, com um choque evidente em seu rosto. Seu cabelo loiro estava preso de uma maneira sexy e bagunçada. Ela tinha fechado apenas alguns dos botões, o que deixava seu colo em exibição. *Porra, estou mesmo fodido.*

A mão dela pousou no meu peito, e eu esperei que fizesse a pergunta que sabia que estava por vir.

— Por quê?

Pousei minha xícara de café na bancada.

— Porque não seria certo se você não estivesse aqui também. Eu queria que estivéssemos juntos em minha primeira noite aqui.

Ela pulou nos meus braços e espalhou beijos por todo o meu rosto.

— Eu te amo muito. Tanto, tanto.

— Eu também te amo, Lex. Mais que a própria vida.

Lex flexionou os quadris e esfregou sua boceta contra meu pau duro. Sim, ela sabia o que aquilo fazia comigo e estava se esforçando ao máximo para me seduzir. Mordiscou meu lábio, e eu a coloquei no chão. Precisava ser forte.

Respirei fundo.

— Você está muito dolorida.

O lábio que eu queria devorar se transformou em um beicinho.

— Sexo matinal é sempre o melhor com você.

Estalei meu pescoço para frente e para trás.

— Não me fale essas coisas.

— Por favor.

Esfreguei uma mão pelo rosto, sentindo que começava a perder essa batalha.

— Lex — eu podia ouvir a hesitação na minha voz. E pelo sorriso em seu rosto, ela também.

Lex deu um passo para trás, com as mãos no botão logo abaixo dos seios. Lentamente, ela o desabotoou.

— Então... você tem certeza de que estou muito dolorida?

Porra, não! Não tenho certeza. Mas assenti de qualquer maneira.

Enquanto recuava na sala de estar, o botão seguinte expôs sua barriga plana. Como um filhote de cachorro, eu a segui.

Sim, eu ia transar com Lex. Ambos sabíamos que ela venceria essa batalha. Já tinha vencido, na verdade. Mas eu aguentaria o máximo de tempo possível.

Ela se deitou sobre o tapete em frente à lareira, que estava ligada para afastar o frio. Meus olhos estavam fixos em seus movimentos enquanto ela esfregava as pernas, impedindo-me de ver sua boceta.

Seus olhos recaíram para o meu pau.

— Acho que ele gosta do que vê.

— Sim, ele gosta. Muito.

Ela soltou outra risada sexy como o pecado.

Ainda havia um botão na blusa dela a ser aberto. Ela brincou com ele com uma mão enquanto traçava os lábios com a outra antes de enfiar um dedo na boca e chupá-lo.

— Puta que pariu — murmurei. Eu estava prestes a atacá-la.

Ela se moveu um pouco, e a camisa se abriu mais, expondo seus seios.

Como se adivinhasse meus pensamentos, ela moveu a mão que estava em sua boca para dentro da camisa, para brincar com a ponta rosada de um seio.

— Que tal uma proposta?

Eu estava cativado por cada movimento.

— Drake?

— Sim.

— Que tal uma proposta?

— Estou ouvindo.

Ela arqueou as costas levemente.

— E se você apenas me tocar? E eu apenas te chupar?

As palavras mal saíram de sua boca antes que eu voasse sobre ela, e Lex soltou um gritinho. Rasguei a camisa e ouvi o botão cair no chão em algum lugar. Mas então tive que fazer uma pausa e observá-la. Ela era pura perfeição. E era minha.

Movi minhas mãos ao longo de seus seios, provocando-a enquanto venerava seu corpo. Beije a parte interna de sua coxa, e ela gemeu quando dei uma pequena mordida. Pretendia provocá-la e atormentá-la, eu a faria se contorcer embaixo de mim.

Quando cheguei ao seu núcleo, lambi toda a doçura que ela tinha para oferecer. Chupei seu clitóris, e Lex se apoiou em mim, procurando mais contato. Pouco antes de ela gozar, diminuí a intensidade.

— Drake. Mais — ela gemeu em frustração.

— Ainda não.

Beije uma trilha até sua barriga enquanto ela usava os pés para empurrar minha boxer para baixo, despindo-me. Quando meus lábios chegaram aos seus mamilos, chupei cada bico na minha boca enquanto meu pau se esfregava contra ela. Lex moveu os quadris contra a cabeça do meu pau. *Putá merda!*

— Drake. Por favor. Eu preciso de você dentro de mim.

Dei uma pequena mordida no mamilo antes de lambê-lo.

— Deixe-me fazer você gozar, então você poderá me chupar antes de mergulhar na banheira. Está muito dolorida.

Ela se contorcia debaixo de mim.

— Beije-me, Drake.

Meus lábios encontraram os dela, e ela remexeu sua buceta mais forte contra mim. Sentia-me mais e mais perdido nela, conforme se arqueava. Segui para seu pescoço, saboreando seu gosto. Jurei que ela tinha sabor de pêssego.

— Drake.

— Mmm-hmm.

Suas pernas envolveram minha cintura, alinhando meu pau bem na sua entrada. Tive que me segurar para impedir meus quadris de arquearem para frente para senti-la. A única coisa que eu ansiava mais do que tudo era senti-la, sem barreiras.

Inclinando-se um pouco, sua boca encontrou minha orelha, e ela traçou o contorno com a língua.

— E se não usássemos camisinha desta vez?

Seus quadris se moveram e eu apenas a penetrei.

— Ah, porra!

Era o paraíso na terra, e meu pau gritou por mais.

— Eu ainda estou tomando anticoncepcional. Por favor. Quero sentir você dentro de mim.

Seus pés pressionaram minha bunda, e eu a penetrei até o fundo, de bom grado.

Nossos olhos travaram quando investi com força. Ela ainda estava apertada e gananciosa pelo meu pau.

Tudo parecia certo no meu mundo quando ficávamos juntos.



LEX ENTROU NA COZINHA, fresca depois do banho de banheira, e sentou-se à mesa onde pousei um prato de bacon, ovos e torradas. Lex estremeceu um pouco quando se sentou. *Sim, vou precisar de mais autocontrole.* Ela olhou para mim e percebeu que eu a vi recuar. Em resposta, recebi um sorriso tímido.

— Nem pense nisso, Drake. Não sou uma boneca de porcelana frágil. Vou ficar bem.

— Eu não quero te machucar.

Dando uma mordida no bacon, ela piscou para mim.

— Pense. Toda vez que me mexer hoje, vou me lembrar de você dentro de mim.

Ok, gostei disso. Sorri por cima da borda da minha xícara de café.

Lex, é claro, entendeu e me deu um lindo sorriso.

— Quando foi que você encheu a despensa?

— Antes de ir te buscar. Minha reunião com Reeser não durou o esperado.

— Melhor surpresa de todas. Eu gostaria que pudéssemos ficar mais tempo. — Ela olhou ao redor da cabana, com uma voz melancólica.

Porra, era tudo que eu queria. Tudo o que desejei desde o momento em que ela voltou para a cidade. Se fosse honesto comigo mesmo, antes mesmo de ela voltar.

— Bem, podemos começar a passar algumas noites aqui, se você quiser. Mas se você não quiser...

— Eu adoraria. — Ela pensou por um segundo antes de acrescentar: —Mas quero contribuir para as despesas.

Na minha opinião, aquele lugar era nosso. A única coisa que dificultava era apenas um detalhe técnico. E um que eu queria corrigir o mais rápido possível. Mas me contentaria com o que tínhamos... por enquanto.

Chegou a hora de irmos embora. Seria um longo dia no bar com os turistas na cidade, e eu precisava estar presente.

— Você quer jantar comigo no Red Onion? Depois que o movimento diminuir, podemos voltar para cá. Se você não quiser ficar no bar, pode ficar no nosso apartamento.

Ela abriu um sorriso bobo quando eu disse *nosso*. Esta era uma coisa que eu amava nela. Nunca tomava as coisas como garantidas.

— Eu gostaria disso. Posso entrar em contato com Teagan, e convidá-la a se juntar a mim para tomar uma bebida. Ela parece estar em algum tipo de encrenca. Quero investigá-la, ver se sabe de alguma coisa.

Teagan estava definitivamente na minha lista de suspeitos. Seria bom tê-la por perto e ver se eu conseguia descobrir alguma coisa. E pelo menos elas estariam no bar.

— Boa ideia.

Lex terminou o café da manhã e levou o prato para a máquina de lavar louça.

—Me diz o que devo pela minha parte nas contas. Posso pagar metade de tudo.

— Ok. — Eu não ia aceitar, é claro, mas não era uma briga que eu quisesse ter naquele momento.

Ela me observou com cuidado.

— Drake. Estou falando sério.

— Como faço para não aceitar seu dinheiro sem irritar você?

— Essa é uma tarefa impossível. — Com um sorriso, ela me deu um beijo. — Não sou uma aproveitadora.

Sim, eu não iria discutir. Entendia que independência era algo importante para Lex. Nós descobriríamos uma forma de lidar com essas coisas. Ela olhou para o seu relógio.

— Eu deveria ir logo. A maior parte do equipamento vai chegar em uma hora.

— Você está animada?

— Muito. É um sonho se tornando realidade. Eu queria que papai estivesse aqui. — Lex ficou quieta. — O que devemos fazer sobre a carta?

No início daquela manhã, enquanto segurava Lex em meus braços, assistindo ao nascer do sol, fiquei pensando nisso. Apenas uma opção parecia viável – continue investigando. Em algum lugar ao longo do caminho, a pessoa por trás disso teria que cometer um erro. Ninguém era perfeito.

— Pensei em falar com Hayden. Ver se ele já ouviu falar sobre a Milano Incorporated.

Uma vez que Hayden viajava muito, ele sabia de muitas coisas. Bem, as pessoas que ele conhecia sabiam de muito. As pessoas com quem ele voava geralmente eram bem informadas, então valia a pena tentar.

— Se você não se importar.

— De modo algum. Vamos para a cidade. Quanto mais cedo terminarmos, mais cedo poderei tê-lo de volta em meus braços em nossa cama.

24

Vinte e Quatro

Alexa

Uma semana depois, entrei na clínica e sorri ao ver a placa DR. FRITZ. Estávamos oficialmente abertos há três dias. Graças a Deus era sexta-feira. Tomei um gole do meu café e curti o momento. Nós conseguimos. E a cidade estava muito feliz. Poderia jurar que a maioria dos moradores de Skagway tinha marcado uma visita inicial a Hollis. Precisaríamos contratar alguém para o trabalho de escritório em algum momento.

Foi um sucesso, e meu coração não poderia estar mais feliz.

Hollis oferecera consultas iniciais a vinte dólares, independentemente da cobertura do seguro. Ele também estava trabalhando com descontos em dinheiro para aqueles que não tinham seguro. As pessoas estavam respondendo e interessadas. E também o estavam enchendo de comida. Ele havia recebido mais gelatina, vegetais enlatados e bolos nos últimos três dias do que poderia comer em um mês. Eu estava muito orgulhosa da minha pequena cidade.

Minha mãe e Raquel não haviam aparecido. Não que eu esperasse, mas ainda assim... E Teagan também não compareceu. Enviei algumas mensagens para ela, liguei algumas vezes e não recebi resposta. Fui até a casa dela várias vezes, mas seu carro não estava lá. Era estranho. Enquanto pensava em Teagan, enviei-lhe

outra mensagem. Meu coração doía por ela. Provavelmente era por isso que já era sua amiga há tanto tempo.

EU: Estou ficando preocupada. Me avise se você está bem.

CLARO, não houve resposta.

Meu telefone, no entanto, vibrou com uma mensagem de Drake.

DRAKE: Só queria que você soubesse que eu te amo.

Eu: Também te amo.

NÃO DESCOBRIMOS MAIS nada sobre a carta, e eu estava começando a pensar que nunca descobriríamos. Drake e eu decidimos seguir em frente com nossas vidas. E se o passado não pudesse ser desenterrado, nós o deixaríamos assim mesmo. Porém, isso me frustrava. Raquel e minha mãe estavam no topo da minha lista, mas nunca confessaram. E não queria que elas soubessem que eu tinha ciência de que a carta era falsa. Elas não deveriam saber o que a carta dizia... a menos que a tivessem escrito. Era tudo uma teia muito distorcida.

Hollis saiu da clínica e acenou para mim. Ike havia emprestado alguns dos móveis extras que ele possuía até que seu pedido fosse feito. Até onde eu sabia, ele só tinha terminado a cama até aquele momento.

Pelo olhar em seu rosto, ele não estava em seu melhor humor. No dia anterior, Hollis mais parecia um urso com o qual tive que lidar. Descobri que ele estava irritado por causa da falta de um café decente. Sua cafeteira atual não estava funcionando. Aparentemente, de acordo com Hollis, produzia apenas lodo. Então ele agia com doçura com os pacientes, mas mal-humorado como o

inferno comigo. Encomendou uma nova unidade de primeira linha, mas é claro que levaria algumas semanas para chegar.

A certa altura, ele me deixou tão irritada que joguei um livro em sua cabeça. Qualquer coisa que eu fazia, ele retrucava. Qualquer coisa. Ficou um pouco perturbado com a forma como usei os cliques de papel. Ou com a posição do grampeador sobre o balcão. Os suprimentos não foram armazenados na ordem alfabética, como ele achava que deveriam ser. Rabugento com R maiúsculo.

Quando Drake passou para me pegar, Hollis murmurou algo sobre livros voadores, mudanças de atitude e subiu as escadas. Se ele continuasse desse jeito, eu poderia drogá-lo.

Isso era mentira. Talvez. Na verdade, não.

Minha oferta de paz precisava colocá-lo de volta aos trilhos. A joalheria local da cidade tinha uma Starbucks. Apenas os turistas realmente paravam lá, e isso me escapou à mente até Drake mencioná-la na noite anterior enquanto jantávamos juntos em nossa cabana.

Ergui o copo à sua frente.

— Eu venho com uma oferta de paz na esperança de que você fique menos irritado.

Os olhos de Hollis se arregalaram.

— Onde diabos você encontrou uma Starbucks?

— Na joalheria.

Ele deu um tapa na própria cabeça.

— Claro. Uma joalheria. Por que seria em outro lugar nesta cidade?

Ok, ele ainda estava um pouco irritado.

— Você quer ou não?

— E o macaco recusa banana? Quero dizer, eles devem recusar em algum momento.

No dia anterior, Hollis lera o boletim das irmãs Twiner sobre um macaco ter sido visto nos arredores da cidade. Isso levou a um discurso retórico sobre algo que não fazia sentido. Eu ainda não fazia ideia de onde ele estava tentando chegar.

Ele pegou o copo, mas eu o mantive em minha mão.

— Se eu te der isso, não haverá mais mau humor.

— Não preciso ficar irritado porque vou tomar uma porra de um café decente.

Mantive o café fora de seu alcance e jurei que vi vapor saindo de seus ouvidos.

— Hollis, preciso que você me prometa. Caso contrário vou pensar seriamente em sedá-lo.

Ele grunhiu.

— É uma promessa.

Oh, Deus, ele está no limite.

Entreguei o café. Ele tomou um gole e suspirou.

— Latte com leite de soja, um toque de baunilha e chocolate com um expresso duplo, nunca senti tanto a sua falta. — Ele tomou outro gole. — Eu pensei que teria que voar de volta para o continente para tomar um desses até a minha nova máquina chegar. — Então ele apontou um dedo acusador para mim. — Você guardou segredo sobre essa Starbucks de propósito.

Coloquei as mãos nos quadris.

— Mantenho a ameaça. É melhor você virar esse dedo e apontar para si mesmo. Esqueci que tínhamos uma Starbucks. Somente os turistas a frequentam. É por isso que fica na joalheria. Eles chegam ao porto e trocam diamantes enquanto tomam seu Starbucks. Não é algo típico do Alasca.

Estreitando os olhos, Hollis sabia que eu acabaria chamando-o de turista, a não ser que ele abandonasse as manias antigas, na intenção de se tornar um verdadeiro homem do Alasca.

Ele tomou outro gole.

— Todos nós damos nossas escorregadas. Eu não preciso ser um homem do Alasca quando se trata do meu café.

Eu ri.

— Vamos, Dr. Fritz, você tem um dia agitado pela frente.

Estávamos com consultas agendadas até o próximo mês. Além disso, tínhamos que manter algumas vagas abertas para os pacientes que precisassem de atendimento de emergência.

Antes da chegada da primeira pessoa, eu me ocupei em conferir se tudo estava como deixei na noite anterior. Em algum momento, precisaríamos contratar uma recepcionista, mas por enquanto eu poderia lidar com isso. Manter o escritório em ordem, checar os

gráficos, marcar as consultas era difícil, além das minhas funções como enfermeira.

— Pronta para hoje? — ele perguntou.

— Claro que sim. O dia está ótimo. Estou super animada. E alguém vai trazer outro café para você daqui a umas duas horas.

Ele me abraçou com força.

— Você é a melhor das amigas.

Sim, eu levaria café para ele todas as manhãs.

— Não era isso que você estava dizendo ontem.

Ele me dispensou.

— Ontem é passado.

— Se você diz. — Eu ri.

Começamos o trabalho, e o dia passou voando. Chegou uma paciente com uma infecção de um corte não tratado, o que nos atrasou. Hollis estava cuidando do último paciente enquanto eu trabalhava na conclusão da papelada antes de sair. Depois de um dia como aquele, só queria dormir até tarde no dia seguinte. Chegamos a conversar sobre abrir a clínica por meio expediente aos sábados, mas decidimos que era melhor não começar desta forma.

Devney, a professora de música do ensino médio, estava com Hollis. Ela era um ano mais velha que Drake e um ano mais nova que Hollis. As crianças a amavam. Sempre a achei bastante quieta.

A porta se abriu e ela saiu.

— Obrigada, Dr. Fritz. Bem-vindo a Skagway.

Hollis olhava para ela com interesse quando se despediram. Era estranho – como se ele estivesse em transe. Larguei minha caneta e fiquei observando-o.

Enquanto ela passava pela minha mesa, suas bochechas estavam coradas e se destacavam contra sua pele pálida. Seu cabelo escuro estava puxado para cima, em um coque, e seu pescoço estava um pouco vermelho também.

— Adeus, Alexa. Bem-vinda de volta.

— Obrigada, Devney. Tenha um bom fim de semana.

Ela saiu, e Hollis ficou olhando para ela por um longo minuto antes de se virar para mim.

— Você a conhece?

Sim, ele estava interessado nela. Completa e totalmente interessado.

— Sim, ela se formou com Drake. Nós nunca fomos amigas, mas ouvi coisas boas sobre ela. Ela é a professora de música do ensino médio. Por quê?

Hollis corou como uma criança pega em flagrante com a mão no pote de biscoitos.

— Por nada. Por que você pergunta? Não posso querer saber sobre um membro da comunidade de Skagway?

Era difícil manter a cara séria. Calmamente, afirmei:

— Porque já vimos vinte e dois pacientes hoje, e com nenhum deles você agiu como um pateta assim. Aconteceu alguma coisa com ela?

Hollis olhou para mim como se eu fosse louca.

— Posso garantir que nada aconteceu.

Eu brinquei:

— Você queria que algo tivesse acontecido?

Ele se empertigou e piscou algumas vezes.

— Você precisa descansar, Alexa. Não estou agindo como um *pateta*, como você diz. Está doida...

— Ou estou totalmente consciente e vejo que o bom e velho doutor foi flechado.

Hollis revirou os olhos para mim. Ele estava protestando demais por isso. Normalmente, quando eu estava errada, apenas dava de ombros e seguia em frente.

— Skagway fica muito ao norte para que o cupido acerte qualquer coisa. Eles normalmente são encontrados no sudeste dos Estados Unidos. Acredito que seu diagnóstico esteja errado, Srta. Owens. O clima não é propício para a espécie.

Eu ri.

— Às vezes você é inteligente demais para o seu próprio bem. Sabe que não foi isso que eu quis dizer. Metaforicamente falando, o cupido te pegou. Admita.

Balançando a cabeça, ele respondeu:

— Estou cansado demais para essa bobagem. Vou para minha casa ler as revistas médicas que chegaram. — Ele parou e olhou as horas. — Não, eu vou comprar outro café. É isso que vou fazer.

— Com a esperança de esbarrar em certa professora de música?

Ele não respondeu. Apenas subiu as escadas correndo para pegar as chaves.

— Cupido uma ova. Você ameaçou me dopar... por isso vou tomar um café.

Ao retornar, ele olhou para mim, e eu sorri antes de fazer uma cara de apaixonada. Ele murmurou:

— Às vezes sinto pena de Drake.

— Boa noite, Hollis. Ouvi dizer que chamar alguém para sair pode curar a flechada do Cupido.

Hollis não disse nada. Sim, ele estava mal. Teríamos que mencionar a Devney na próxima vez em que ele me irritasse, o que provavelmente seria na semana seguinte. Quando ele chegou à porta, perguntei:

— Você quer jantar amanhã à noite em nossa casa? Assim você veria a cabana e poderia começar a pensar no que deseja para a sua. Vou preparar sua sobremesa favorita.

— Você está tentando me subornar.

— Talvez. Está funcionando?

— Conte comigo — ele disse enquanto saía porta afora.

Terminei de mexer nos arquivos e comecei a arrumar a clínica para segunda-feira. Quando estava quase terminando, a porta se abriu novamente, e Hollis voltou e me abraçou.

— Falando sério, obrigado por me convencer a vir para cá, Alexa. Realmente era o que eu precisava.

Eu o abracei mais apertado.

— Obrigada por ter vindo. As coisas ficaram melhores do que eu jamais poderia imaginar. — Não apenas havia ajuda médica regular, mas as pessoas teriam uma chance melhor de sobrevivência quando houvesse um acidente.

Ele levantou a sobrancelha.

— Mas precisamos de uma recepcionista.

Comecei a concordar, mas ele me interrompeu.

— Sério, eu preciso de você comigo lá dentro. Nunca a tornaremos uma clínica totalmente funcional se não estivermos

fazendo o que fomos treinados para fazer. Você está gastando muito tempo em tarefas administrativas.

Nós concordávamos nisso.

— Ok, vou procurar alguém. Talvez possamos começar com uma posição de meio período.

— Apenas consiga alguém de confiança. Meio período, integral... isso não importa. E pagaremos o que for justo por aqui.

— Vou começar a procurar.

Satisfeito com o fato de a razão ter prevalecido, Hollis se despediu. Ele estava certo, é claro. As coisas seriam menos estressantes se eu conseguisse me concentrar na enfermagem e não tivesse que fazer check-in dos pacientes, agendar consultas e lidar com os seguros.

Depois de trancar a clínica, segui para a minha caminhonete. Não era tão tarde quanto eu pensava, e eu cheguei mais cedo do que Drake por algumas horas. Talvez pudesse preparar uma lasanha e acender a lareira. Uma noite tranquila em casa parecia uma boa opção.

Assim que cheguei à minha caminhonete, um carro entrou na garagem e eu gemi. Por mais egoísta que pudesse parecer, eu esperava que não fosse um paciente que precisava ser atendido. Sentia-me extremamente cansada. O carro parou e eu percebi que era Teagan. Ótimo. Ainda estava magoada pelo fato de ela ter deixado minhas coisas na varanda da frente e não ter se incomodado em retornar nenhuma das minhas ligações ou mensagens de texto.

Ela abaixou a janela.

— Oi. Vim pedir desculpas pelo meu comportamento e ver se posso levar minha melhor amiga para jantar.

Eu quase a rejeitei, mas ela implorou antes que eu pudesse falar.

— Por favor, Alexa. Eu preciso falar com você. Você é a única amiga que tenho.

Havia olheiras sob seus olhos, e ela parecia muito magra. *Tinha perdido peso?*

— Você está bem, Teagan?

Ela balançou a cabeça.

— Na verdade, não. Eu esperava que pudéssemos conversar. Você é a única pessoa a quem posso recorrer. Estava esperando você sair.

Fechei a porta da caminhonete e fui até o carro dela.

— O que está acontecendo?

Ela olhou em volta, muito nervosa.

— Podemos ir a algum lugar para conversar? Por favor? Sei que não mereço uma segunda chance, mas decidi perguntar assim mesmo.

— Claro.

Eu nunca tinha ouvido Teagan soar tão desesperada. E não podia negar ajuda a alguém que estava pedindo daquela forma. Nunca fui capaz. Peguei minha bolsa e entrei no banco do passageiro do carro dela. Meu coração doía por Teagan. Em todos aqueles anos em que éramos amigas, sempre fui muito condescendente com ela.

Ela soltou um suspiro.

— Sinto muito por não retornar suas ligações.

— O que está acontecendo?

Seu cabelo estava oleoso, e suas roupas pareciam sujas.

— Vamos para as docas, para conversarmos.

— OK.

Viramos à esquerda, e Teagan coçou o braço, o que fez sua manga subir. Havia feridas se formando no antebraço. De repente, tive um mau pressentimento sobre o que ela estava fazendo. *Eu deveria estar dirigindo*. Seu joelho tremia, fazendo com que atingíssemos 140 quilômetros por hora. E os sinais que eu não havia notado antes começaram a se conectar. Eu me remexi desconfortavelmente no meu assento, me perguntando como deveria lidar com isso.

Não faça nada drástico.

Fique calma.

Avise a Drake para onde você está indo.

Minhas mãos tremiam quando peguei meu telefone dentro da bolsa. Teagan coçou o braço com mais violência.

Peguei meu telefone e fui direto para o número de Drake. Um enjoo avassalador se instalou no meu estômago. Eu precisava sair

dessa situação.

— O que você está fazendo? — ela perguntou, sua voz um pouco alta demais dentro do carro silencioso. A roda estremeceu ao mesmo tempo.

Dando de ombros, tentei esconder minha voz trêmula. Ficar sozinha com ela nas docas não era uma ideia inteligente.

— Avisando a Drake que vou chegar em casa um pouco mais tarde. Combinei de encontrá-lo para jantar. Você sabe como ele é. Enviaria uma equipe de busca atrás de mim.

Seus movimentos se tornaram ainda mais bruscos.

— Sim. Boa ideia. Envie uma mensagem para ele agora. — Comecei a digitar. — Agora! Envie uma mensagem para ele AGORA!

— OK. Eu vou. Estou fazendo isso.

EU: Ei, entrei no carro com Teagan. Estou com um mau pressentimento. Onde você está? Não ligue.

Drake: No Red Onion. Indo para a minha caminhonete. Aonde vocês estão indo?

— O QUE ELE ESTÁ DIZENDO? ME DIGA! O que ele está dizendo? — Ela enxugou o nariz, tirando momentaneamente as mãos do volante.

Talvez eu pudesse convencê-la a parar o carro.

— Por que não encostamos e tomamos alguma coisa?

— O QUE ELE DISSE? — Ela estava ficando mais agitada a cada segundo.

Respirei fundo.

— Disse para te mandar um oi e que nos divertíssemos. Onde estamos?

O telefone tocou, e ela atendeu.

— Eu preciso parar na minha casa. Depois iremos para as docas.

— OK. Sem problemas. — Estávamos perto da casa dela.

Teagan coçou mais a manga da camisa e pude ver as marcas no braço dela. Meu coração batia forte no meu peito. Eu sabia o quão imprevisíveis poderiam ser os viciados em drogas. Se provocada, ela poderia desviar o carro e bater. Os toxicodependentes não agiam pela lógica.

DRAKE: Porra, para onde ela está te levando?

Eu: Para a casa dela. Depois para as docas. Venha rápido. Acho que ela está drogada.

Drake: Estou a caminho. Mas quando ela parar em casa, se eu não tiver chegado, saia do carro.

Eu: Ok.

COMO NÃO PERCEBI OS SINAIS? De alguma forma, deixei todos eles passarem há nem sei quanto tempo. Fui treinada para captar essas coisas e deixei passar completamente. Mas agora fazia sentido.

Entramos no estacionamento do complexo de apartamentos dela.

— Volto logo. Então poderemos ir. — Ela ia fechar a porta, mas depois a reabriu. — Senti sua falta, Alexa. De verdade.

Teagan deixou o carro ligado e correu para seu prédio. Seus movimentos eram desajeitados e careciam de fluidez. Em pânico, abri a porta do carro, mas parei quando vi o celular dela sobre o banco. O aplicativo de mensagem estava aberto. Conforme ouvia a caminhonete de Drake entrando no estacionamento, decidi olhar a mensagem recebida. Era de um número desconhecido.

DESCONHECIDO: Eu sei do que você precisa. Encontre-me na sua casa.

MEU CORAÇÃO quase parou no meu peito, então olhei para a porta do apartamento. Antes que pudesse sair do carro, Drake me pegou no colo, e eu larguei o telefone. Segurou-me com força e caminhou rapidamente para sua caminhonete.

— Você está bem? Está machucada?

Eu ainda estava um pouco abalada e não conseguia formar uma frase.

— Lex, fale comigo.

— Não estou machucada. — Tudo parecia um sonho. Estremeci, lembrando-me de seu estado. — Acho que ela está usando heroína. Vi as marcas em seu braço. Estava agindo estranho.

Em um minuto, eu estava na caminhonete de Drake, e ele saiu do estacionamento. Sua mandíbula estava tensa enquanto observava o espelho retrovisor. Suas juntas ficaram brancas onde ele segurava o volante, e seus cenho estava franzido enquanto ele focava na estrada. A veia em seu pescoço pulsava. Isso não era nada bom.

— Você parece agitado.

— Não, Lex, estou puto pra caralho.

25

Vinte e Cinco

Drake

Eu me concentrei em me acalmar enquanto dirigia para a nossa cabana. Porra, Teagan tinha passado dos limites naquela noite. *Drogas*. E ela estava levando minha namorada com ela. Lex deveria ter imaginado. Ela sabia que Teagan era uma má companhia. Sempre foi. Mas essa foi a primeira vez que foi longe demais.

— Drake. Acalme-se. Estou bem.

E com isso eu perdi a cabeça. Parei a caminhonete no acostamento.

— *Desta vez você está bem. Desta vez. Drogas, Lex. Porra. Você é enfermeira. Poderia ter sofrido um acidente. Ou pior.*

Ela soltou um suspiro, e eu poderia dizer que estava frustrada também. *Bem-vinda ao clube, querida*. Desde o momento em que recebi a mensagem dela, tudo começou a se mover em câmera lenta. As coisas poderiam ter dado drasticamente errado. Até liguei para Hollis, pedindo que ficasse em alerta, caso algo acontecesse.

— Eu estou bem, Drake.

Bem. Aquela maldita palavra novamente.

— Não quero mais você com Teagan.

Ela levantou a mão, e seus olhos brilharam, em chamadas. *Bem, suba no ringue, querida, porque não pretendo me render.*

— Você não me controla.

— Não quero mais você com Teagan.

Os olhos dela se estreitaram. Eu sabia que estava agindo como um idiota. Mas minha preocupação por ela afastava qualquer bom senso que eu possuísse naquele momento. Lex franziu os lábios.

— É incrível que, de alguma forma, eu tenha sobrevivido aos dois anos que passamos separados.

Parecia que ela tinha me dado um tapa, e eu balancei minha cabeça. Estávamos prestes a sair do controle rapidamente. Sabia que ela estava assustada. Mas Lex tinha um coração de ouro que sangrava por sua amiga. Se continuássemos do jeito que estávamos, um de nós diria algo do qual nos arrependeríamos depois.

Então eu levantei minhas mãos.

— Primeiro, não estou questionando se pode sobreviver por conta própria. Você é muito capaz. E não me faça parecer um namorado controlador. Você estava com medo ou não teria me mandado uma mensagem. O que aconteceu hoje à noite... Se eu te perdesse ou algo acontecesse com você, Lex... eu não posso te perder. — Pensar nisso era quase insuportável.

Ela tocou minha mão.

— Mas você não perdeu.

— Mas poderia ter perdido. — Respirei fundo. — Entendo que precisamos tentar ajudar Teagan. Mas a palavra chave é *nós*. Se Donnie estiver envolvido e você ficar sozinha com ela... Porra. Eu nem quero pensar no que poderia acontecer.

— Drake, eu já entendi.

Eu precisava me acalmar. Meu telefone tocou pela conexão no carro e pressionei rejeitar, desejando poder socar a tela.

— Entendeu mesmo? Porque pretendo me casar com você, ter filhos com você. É meu trabalho te proteger. Eu *amo* você, porra.

— Uau. Isso é um pouco profundo para mim. Mas, a propósito, não quero me casar nem ter filhos com você. E dizer que me ama é um pouco estranho — a voz de Hayden ecoou pelos alto-falantes do carro.

Os olhos de Lex se arregalaram. Não era um bom momento para as piadas de Hayden. Ele não tinha ideia de quão sério era o

problema.

— Vá se foder. O que você quer, Hayden?

— Lex está bem? — Ele devia ter percebido que algo estava errado.

Respirei fundo.

— Sim, Teagan ia levá-la para algum lugar. Achamos que ela está usando drogas. Talvez heroína.

— Porra. Lex, você não pode fazer isso. Poderia ter sido gravemente ferida.

Bem, talvez eu possa deixar Hayden intervir por um minuto. Fazia com que eu me sentisse um pouco menos idiota. Quando olhei para Lex, ela estava mordendo o lábio nervosamente.

— Hayden, eu ligo de volta.

Fiz questão de desconectar a ligação daquela vez. Ela remexia as mãos. Fechei os olhos e respirei fundo.

— Lex, me desculpe. Eu não deveria ter gritado assim. Posso te abraçar?

Ela soltou o cinto de segurança e se arrastou para o meu colo. Era mais uma demonstração de medo. Em um primeiro momento, fora uma reação instintiva. Uma coisa que eu sabia sobre Lex era que ela não gostava de ser controlada. Tentei me explicar, esperando que isso ajudasse.

— Quando recebi sua mensagem me pedindo para me apressar, morri mil vezes. Dava para perceber, pela forma como você escreveu, que estava com medo. Então avancei dois sinais para chegar até você. Eu simplesmente não posso te perder de novo.

— Eu sei. Sinto muito pelo que disse. — Ela fungou e se afastou para olhar para mim. — Teagan apareceu na clínica e disse que não estava bem, que precisava conversar comigo. Não vi os sinais. Tudo o que vi foi uma amiga que precisava de ajuda.

— Nós vamos conseguir ajuda para ela.

— Ela precisa de ajuda agora, Drake. Está em péssimo estado.

A preocupação estava clara em seu rosto. A situação era mais séria do que Lex fazendo uma má escolha. Ela queria ajudar a amiga. Eu não poderia ficar em seu caminho, mas permaneceria ao lado dela o tempo todo.

— O que você precisa?

Inclinando-se, ela beijou meus lábios, e eu soube que ficaríamos bem.

— Hayden pode nos encontrar lá? Também vou ligar para Hollis. Não tenho certeza se seu pai está disponível. Viciados em drogas podem ficar irados. Mas tenho que tentar.

— OK. Mas, por favor, nunca mais ande de carro com ela.

— Eu prometo. Também estava com medo. E Drake?

— Sim, querida?

— Eu quero todas essas coisas também.

O anel que eu comprei para ela agora estava queimando dentro do meu bolso.

26

Vinte e Seis

Draže



E ntramos no complexo de apartamentos com meu pai, Hayden e Hollis nos seguindo. Eles nos encontraram na clínica. Pensamos que seria bom ter dois veículos, apenas por precaução.

Um dos dois carros da polícia em Skagway parou no estacionamento, e Roy – o mais velho dos dois policiais da cidade – nos encontrou na calçada. Achamos melhor tê-lo conosco por precaução.

— Se ela não atender à porta, não podemos entrar sem um mandado.

Lex pareceu chocada.

— Não podemos entrar?

— Não, a menos que tenhamos um mandado.

Fechando os olhos, Lex respirou fundo e se conteve.

— Ok. Vamos ver se consigo fazê-la abrir a porta. — Ela olhou ao redor do estacionamento, examinando os carros. — A caminhonete de Donnie ainda está aqui também.

Ótimo. Ainda havia o número desconhecido que me deixava tenso.

Toc.

Toc.

Toc.

— Ei, Teagan, é Alexa. Eu queria ver se podemos conversar agora.

Ela esperou resposta. Nós esperamos. Mas não houve nada.

Toc.

Toc.

Toc.

— Teagan, abra.

Ainda assim, não houve resposta. Mais uma vez, Lex chamou Teagan. E de novo. Mas nada.

Roy estava pronto para ir embora.

— Vou ficar de olho nela, Alexa.

Ela balançou a cabeça e murmurou algo baixinho. Roy virou-se para falar com meu pai, e Lex estreitou os olhos em direção à porta. Eu reconhecia o olhar determinado em seu rosto. Silenciosamente, ela girou a maçaneta.

—Veja. A porta se abriu.

Roy virou-se, os olhos se abrindo de surpresa.

— O quê?

— Acho que ouvi alguém chamar meu nome, pedindo para entrar.

Um cheiro desagradável atravessou a porta aberta. Dei um passo à frente e estendi meu braço.

— Roy, você quer entrar primeiro?

— Sim. — Ao entrar, ele chamou: — Teagan, aqui é o xerife Bolton do departamento de polícia. Você abriu a porta?

Roy sabia muito bem que a porta não fora aberta por alguém por dentro, mas acho que ele tinha que cobrir todas as possibilidades. Depois que Roy entrou, nós o seguimos. Um cheiro avassalador exalava por todo o lugar e havia lixo por toda parte. Uma caixa com uma pizza pela metade, com insetos rastejando, aos nossos pés. *Como alguém pode viver assim?*

Hollis ficou conosco enquanto meu pai e Hayden seguiram Roy mais para dentro do apartamento.

— Eu estava hospedada aqui doze dias atrás. É como se eu tivesse entrado em outro mundo — disse Alexa.

Dos fundos do apartamento, Roy gritou:

— Dr. Fritz, Alexa, precisamos de vocês no quarto da esquerda.

Hollis correu com Lex seguindo atrás dele. Lex entrou no modo profissional subitamente. Quando cruzamos o limiar do quarto, eu não estava preparado para o que encontraríamos.

Donnie estava deitado na cama sobre uma poça de vômito. Teagan estava imóvel na cama, com o braço pendendo para fora, com uma agulha ainda enfiada em sua carne.

Hollis imediatamente entrou em ação.

— Verifique o pulso dele.

Lex tomou seu pulso, mas eu sabia que não havia nada. A pele dele estava em um tom de azul pálido, e seus olhos estavam abertos e imóveis. No entanto, Lex continuou procurando por sinais de vida.

Do outro lado da cama, Hollis trabalhava sem parar em Teagan.

— Eu tenho um pulso, mas ela não está respirando. Preciso de uma seringa com um mililitro de naloxona.

Lex vasculhou a bolsa de Hollis. Com uma mão firme, encheu a seringa e a entregou.

— Fique comigo, Teagan. Não deixe que isso te tire de nós. — Hollis continuou a fazer compressões torácicas e, a cada dez, ele espremia o balão sobre a boca para fornecer oxigênio.

Lex injetou a agulha no braço magro de Teagan e soltou sob o comando de Hollis. Ele continuou trabalhando. Lex manteve os dedos no pulso de Teagan.

— Ainda está fraco.

— Prepare outra dose, caso precisemos repetir.

O tempo corria, enquanto Hollis continuava realizando RCP em Teagan.

— Outro mililitro de naloxona.

Lex injetou na coxa daquela vez.

Houve mais compressões. Outro aperto do balão. Hollis não parava.

— Vamos, Teagan. Lute. Você quer viver. Podemos te ajudar. Lute! Droga! Lute!

Hollis estava insistindo com Teagan, lutando por ela. Ele mal a conhecia, mas se importava. Todos prendemos a respiração enquanto esperávamos que ela respirasse.

Pelo que pareceu uma eternidade, nós observamos, em silêncio, torcendo por ela.

E então, de repente, Teagan ofegou por ar.

— Boa menina. Tudo bem, vamos levá-la à clínica.

Ela não parecia consciente, mas pelo menos estava respirando.

27

Vinte e Sete

Alexa



Que noite.

Teagan estava dormindo pacificamente em uma cama de hospital. Hollis estava sentado no sofá contra a parede, lendo uma de suas revistas médicas. Drake acomodou-se ao meu lado, enquanto eu observava o corpo fraco de Teagan lutar para se recuperar de uma overdose.

Estávamos nos fundos da clínica, em um quarto que montamos para funcionar como um hospital. Do outro lado do corredor, havia outra sala que usaríamos para cirurgias. Esta precisaria receber atualizações na primavera. Simplesmente ficamos sem tempo.

O bipe da máquina quebrou o silêncio.

Pelo que foi encontrado no apartamento, foi determinado que Teagan usava heroína. Infelizmente, eu estava certa. Donnie tomara uma overdose e já estava morto quando chegamos lá. A polícia estava lidando com o acordo para transportar seu corpo para Juneau, conforme os desejos de seus pais, onde ficava a casa funerária mais próxima.

Hollis calculou a hora da morte para aquela manhã, o que significava que Donnie estava morto quando Teagan chegou ao seu apartamento. A polícia me interrogou sobre tudo o que aconteceu.

Mencionei a mensagem do número desconhecido, mas até aquele momento ninguém havia encontrado o telefone dela.

Eu deveria ter desistido de Teagan há muito tempo. Mas talvez, apenas talvez, eu tivesse feito certo em permanecer em sua vida para ajudá-la. Antes, quando Drake e eu estávamos brigando, eu realmente concordei com ele. Senti medo enquanto estava no carro com Teagan.

Eu não podia mais me envolver com Teagan.

Não a abandonaria, mas não poderia mais correr o risco de entrar em seu carro ou de ficar sozinha com ela novamente.

A pressão sólida da mão de Drake na minha me enchia de calor. Ele largara tudo para me ajudar, para ajudar Teagan. Às vezes eu sentia que não o merecia.

Casamento.

Filhos.

Ele mencionou as duas coisas. E eu queria. Queria tudo com ele. Este não era o momento nem o lugar para conversarmos a respeito. Então, concentrei-me novamente na respiração de Teagan. Esperava que ela melhorasse e começasse uma vida nova em outro lugar. Talvez encontrasse felicidade e amor.

Eu me perguntava há quanto tempo ela usava drogas e como conseguira esconder. Trocávamos e-mails de tempos em tempos quando eu estava em Nova York. No começo, talvez uma ou duas vezes por mês. Mas nos últimos tempos fora a cada dois meses, no máximo.

Respirei fundo. A vida era um equilíbrio delicado. E eu queria ter certeza de que vivia a minha ao máximo.

O movimento na porta chamou minha atenção. Hayden ficou parado, olhando Teagan enquanto passava os dedos pelos cabelos. Algo assim abalaria a cidade por inteiro. A notícia do que acontecera se espalharia como fogo. Coisas como overdoses raramente aconteciam em Skagway. As pessoas desconfiariam de Teagan agora. Elas continuariam a amá-la, mas não sei como confiariam nela novamente.

Depois de alguns minutos, Hayden fez sinal para Drake encontrá-lo no corredor. Por nossa insistência, Ike fora para casa ficar com Amie, mas Hayden ficara conosco. A polícia passava em

intervalos regulares para verificar Teagan. Nossa preocupação era o que aconteceria quando ela acordasse. Poderia agir com docilidade ou violência. Se fosse a segunda opção, Drake e Hayden seriam capazes de nos ajudar, caso Hollis e eu tivéssemos que sedá-la.

Drake levantou-se.

— Eu vou falar com Hayden. Você quer vir?

Ele deveria saber qual era o assunto se estava me pedindo para me juntar a eles. Isso apenas aumentava o meu nervosismo.

Hollis ainda estava absorto em sua revista, então precisei interrompê-lo por um segundo.

— Vou estar no corredor, tudo bem?

—Mmm. — Sem olhar para cima, Hollis continuou a ler e fazer anotações. A revista sobre genética devia ser a coisa mais interessante do mundo.

— Hollis?

Ele olhou para mim.

— Tudo bem. Ela não vai acordar por pelo menos mais uma hora.

— OK. Eu estarei lá fora.

Drake e eu seguimos para o corredor, onde o cheiro de alvejante ainda persistia, de quando Teagan vomitara mais cedo antes de finalmente desmaiar.

Hayden levou a mão à nuca.

— Como ela está?

— Estável. Mas a parte mais difícil ainda está por vir. Hollis está usando metadona. Quando ela acordar, o remédio deve manter os sintomas de abstinência afastados enquanto conversamos. Ela simplesmente não terá essa sensação. Mas talvez nos permita argumentar.

Ele balançou sua cabeça.

— É tão difícil de acreditar. Nossa mãe ligou há pouco. Ela vai trazer o café da manhã. O grupo de costura vai trazer o almoço. Eles também queriam saber se há algo que Teagan precise.

Eu não deveria ficar surpresa. Aquela cidade se unia para as pessoas que faziam parte dela, independentemente de quem elas eram. Sempre foi assim.

— Agradeça a todos. Prometo avisar se precisarmos de algo.

— Farei isso. — Houve algum tipo de comunicação silenciosa entre os irmãos antes de Hayden falar novamente. — Eu estava voando com um dos meus amigos ontem. Perguntei se ele sabia algo sobre Milano Incorporated. Ele disse que recebeu uma oferta deles que o deixou verdadeiramente animado.

— Onde fica a propriedade dele? — perguntei.

Pela sobrancelha erguida, tive a sensação de que não iria gostar da resposta.

— Próxima à sua casa. Você conhece os Ewings, de Anchorage?

— Sim. Essa terra pertence à família deles desde sempre. — Eu tinha quase certeza de que eles possuíam aquela terra há quase o mesmo tempo que a minha possuía a nossa.

— De fato. Mas ele disse que ofereceram uma quantia acima do preço de mercado. É difícil recusar essa quantidade de dinheiro. Os negócios têm sido difíceis.

Drake assentiu.

— Sim, em nossa reunião trimestral, ele falou que seus lucros diminuíram. Queria saber se mais alguém estava com o mesmo problema.

Drake fazia parte de um grupo com outros empresários. Eles faziam reuniões quatro vezes por ano para ver como os negócios estavam indo e o que poderia ser feito para ajudar um ao outro.

Não importava o quanto aquela Milano Incorporated tinha oferecido. Algumas coisas não estavam à venda. Minha cabeça girou enquanto eu me perguntava o que estava acontecendo.

Drake perguntou:

— Como eles se comunicaram com Ewing?

— Através do banco. Ele acha que foi Chazz, e este é o único motivo pelo qual ainda não vendeu. Mas o banco confirmou que a oferta era válida.

Para mim, parecia algo muito sombrio.

— Obrigado, Hayden — disse Drake.

Por que alguém se esforçaria tanto para permanecer anônimo? O sigilo nesse tipo de transação geralmente não era uma coisa boa.

O telefone de Drake tocou, e ele olhou para o número, o dedo pairando sobre o botão Ignorar. Era do Red Onion.

Eu toquei seu braço.

— Vá em frente e atenda.

A última semana de normalidade parecera um alívio quando os problemas começaram a se acumular contra nós. Ainda havia uma sensação de pavor no ar, como se estivéssemos esperando que algo mais acontecesse. Afastando-se, ele atendeu, mantendo a voz baixa.

Hayden perguntou:

— Como você está?

— Bem. Eu não tinha ideia de quão mal Teagan estava. Quero dizer, senti que havia algo de errado, mas sempre foi assim com ela. Eu não sei. Minha cabeça também estava uma bagunça por causa da minha volta. Só usava a casa dela para dormir, na verdade. E ela nunca estava presente.

— Agente firme. O que você e Hollis fizeram hoje à noite foi impressionante. É por causa de vocês dois que ela ainda tem uma chance de lutar.

Eu dei um sorriso triste. Uma overdose não fora o que eu imaginara para a nossa primeira emergência.

— Obrigada. Eu só espero que ela queira ser salva. Quando estiver estável, não poderemos mantê-la aqui se não quiser ajuda. E não somos uma instalação de tratamento de dependentes químicos. Não será um caminho fácil.

E Donnie estava morto. Só isso já bastava para fazer Teagan surtar a ponto de não ter volta.

Drake voltou de seu telefonema.

— Era Crete. As notícias de Teagan e Donnie já se espalharam. Todo mundo está falando sobre isso. As irmãs Twiner lançaram um boletim.

Eu gemi.

— Por que elas não podem simplesmente esperar?

Elas já tinham lançado três boletins naquela semana a respeito da clínica, cheias de elogios. Até vestiram seus uniformes de garimpeiras e ficaram na varanda da frente. Aquelas mulheres eram cansativas às vezes.

— O foco do boletim era Raquel. Aparentemente, ela ligou para Elvira com sua nova campanha antidrogas, já que a Skagway agora

tem um problema em relação a isso.

A raiva borbulhou dentro de mim. *Como ela ousa? Como ela ousa transformar isso em algo a seu favor?*

A vida de uma pessoa – muito doente – estava na corda bamba, e Raquel queria transformar a situação em algo completamente diferente. Se Teagan decidisse lutar para melhorar, seria quase impossível que permanecesse na cidade. Raquel faria todo o possível para que Teagan se sentisse desconfortável, o que era a pior escolha para um viciado em recuperação. O negativo geralmente superava o positivo na mente de um viciado.

Fechando os olhos, respirei fundo.

— Eu vou lidar com ela mais tarde. Vou dar uma olhada em Teagan e fazer companhia a Hollis.

Drake começou a me seguir, mas eu coloquei minha mão em seu peito.

— Fique um pouco com seu irmão. Preciso de tempo para acalmar minha mente antes de quebrar o carro de Raquel com um taco de beisebol. Vaca estúpida.



CERCA DE VINTE a trinta minutos depois, Teagan se mexeu. Ela virou a cabeça para o lado, e eu fiquei à beira de sua cama, esperando por mais alguma reação. Hollis abriu a porta do corredor onde Drake e Hayden estavam sentados.

— Ela está acordada.

Drake e Hayden entraram, prontos para nos apoiar. A qualquer momento, ela poderia se tornar violenta ou incontrolável.

Suavemente, eu disse:

— Ei, oi! Você está na clínica. Te encontramos em seu apartamento. Você tomou uma overdose, Teagan.

— Eu? Não, não pode ser! — Os olhos dela estavam vidrados. Teagan pigarreou, e eu levei uma esponja molhada aos seus lábios.

— Chupe isso. — Ela deu mais uma lambida, mas pelo menos conseguiu um pouco de umidade. Até aquele momento, ela parecia

calma. — Dr. Fritz vai te examinar, ok? Você se importa se eu segurar sua mão?

Ela deu outra tosse fraca.

— Vai doer?

Hollis já estava com suas luvas cirúrgicas brancas.

— De modo algum. Posso te chamar de Teagan?

— Pode.

Com movimentos suaves, ele tocou a parte interna do pulso dela.

— Não tive o prazer de conhecê-la oficialmente, mas ouvi muitas coisas boas.

Para isso, ela não deu resposta.

Hollis verificou o básico, explicando tudo o que estava fazendo e como estava fazendo. Pelo atraso em suas respostas, era possível que as drogas tivessem causado um efeito colateral a Teagan, neurologicamente. Meu coração doeu ao pensar nisso.

Com um aceno de Hollis, perguntei:

— Teagan, quando você começou a usar heroína?

Ela respirou fundo, ainda um pouco fora de si.

— Eu não sei. Há pouco tempo. Ele me dava tudo o que eu queria.

Ele? Esperei que ela continuasse, mas seus olhos pareceram mais pesados.

— Quem é ele?

— Meu namorado.

— Donnie?

— Não.

Hollis colocou a mão no meu ombro. Eu sabia que as coisas estavam ficando muito intensas. Teagan começou a se remexer, ficando inquieta. Mudando o ritmo, Hollis tirou as luvas.

— Então... eu estive procurando opções de tratamento. Existem algumas instalações incríveis que você poderia visitar.

— É caro. — Doía ouvir como ela parecia derrotada. Mas isso me dava esperança de que pudesse querer melhorar.

— Sim, são. Mas eu vou cobrir todos os custos. Precisamos de você melhor para que possa jantar comigo e com Alexa. Precisamos conversar sobre os podres de Alexa.

Ela deu uma risada fraca e olhou para mim.

— Você tem sido uma boa amiga.

Eu sorri para Teagan.

— Você também. E você irá melhorar antes que perceba.

Por um segundo, ela fechou os olhos e se concentrou novamente no médico.

— Estou medicada agora?

— Metadona. Para evitar que você tenha sintomas graves de abstinência enquanto desintoxica. — Hollis mantinha a situação bastante nivelada e prática.

Todos na sala esperaram para ver o que Teagan diria a seguir. Ela perguntou:

— Quando posso ir?

— A instituição tem uma vaga agora. Podemos sair bem cedo amanhã, se tudo continuar correndo bem, medicamente falando. Quanta heroína você usava e com que frequência?

— Não, quero dizer, quando posso sair daqui?

Ninguém deixou passar que ela ignorou a segunda parte da pergunta. Pelo número de agulhas e heroína que encontramos, provavelmente era muito.

Lembrei-me de ficar calma.

— Teagan, você precisa de ajuda médica para desintoxicar a heroína. Para recuperar sua vida.

Ela se virou e aproximou a mão da minha.

— Mas eu não quero. Eu gostaria que você tivesse me deixado morrer. Eu fiz coisas. Coisas que uma amiga nunca deve fazer.

Isso me confundiu.

— Teagan, do que você está falando?

— Quanto tempo, doutor?

Hollis parecia dividido.

— Legalmente, não posso forçar você a ficar. Medicamente, você está fraca e precisa de ajuda. Não sei quanto mais seu corpo pode aguentar.

Essa decisão tinha que ser dela. Ela precisava *querer* estar limpa.

Fechando os olhos, ela se afastou de nós mentalmente.

— Vou pensar sobre isso.

28

Vinte e Oito

Droge



Lex estava desmaiada no meu colo, na sala de espera, exausta por tudo o que tinha acontecido naquele dia. Fiquei lá parado, pensando em algo que Teagan dissera que estava me incomodando sobremaneira.

— *Eu fiz coisas. Coisas que uma amiga nunca deve fazer.*

Será que ela estava por trás da carta? Quem é esse cara que ela afirma ser seu namorado? Lex continuou tentando conversar com ela, mas Teagan fingiu dormir.

Hayden me entregou uma xícara de café.

— Do que diabos Teagan estava falando? Ela fez coisas? "Coisas que uma amiga nunca deve fazer". Que tipo de coisas?

— Eu não sei. Nada disso me parece certo.

— Nem para mim.

A probabilidade de ela procurar tratamento parecia pequena.

— Acho que precisamos seguir Teagan discretamente quando ela sair daqui. Ver para onde ela vai. Talvez possamos descobrir quem está por trás disso. Os policiais disseram que havia mais de cem mil dólares de heroína em seu apartamento. Onde diabos ela conseguiu esse dinheiro?

— Eu não sei, cara. Mas acho que devemos vigiá-la. Podemos fazer turnos. Kane vai voltar hoje à noite.

A única pessoa que poderia rastrear uma pessoa sem que ninguém soubesse era Kane.

— Vou ligar para ele e avisar. Ele disse que Dixon é como todo idiota da cidade. O que você achou do irmão de Chazz?

Tinha encontrado Dixon na cidade mais uma vez. Ele estava ajudando Elvira a atravessar a rua com algumas compras pesadas. Se tivesse sido Chazz, ele teria passado por ela sem pensar duas vezes.

— Ele é completamente diferente de Chazz, como dia e noite. Ele é gentil e parecia estar se divertindo. Também não é um mau atirador. E não é tão desajeitado com uma vara de pescar.

— Que bom. — Então nós tínhamos a mesma opinião quando se tratava de Dixon.

— Chazz já causou mais problemas a você?

— Não, não desde a situação com as bebidas. Ele perdeu vários clientes, então imagino que isso o tenha feito recuar.

Na reunião trimestral de negócios, eu confirmei. Vários proprietários tinham passado a utilizar os serviços de Reeser.

Lex se mexeu um pouco no meu colo. Paramos nossa conversa para ver se ela iria acordar, mas apenas respirou fundo e voltou a dormir. Passei meu polegar ao longo de seu rosto e lembrei que meu pai dissera que precisava falar comigo. Estava curioso para saber do que se tratava. Provavelmente tinha a ver com o pedido para investigar a morte de Lloyd.

Após alguns minutos, Hayden disse:

— Fico feliz que ela tenha voltado. Você deixou de ser o idiota que era enquanto estavam separados.

Eu ri.

— Não é bem assim.

— Se você diz. Você estava falando sério sobre o que ouvi no carro? Casamento. Filhos.

Isso me fez parar. *Ah, merda, ele tinha mesmo ouvido.* Mas me ocorreu que seria bom conversar com Hayden. Pegar sua opinião.

— Sim, assim que eu souber que ela está pronta, eu vou fazer o pedido.

— Estou feliz por você. Dá para ver que vocês dois querem isso. Mamãe ficará animada quando acontecer. Talvez isso faça com que

ela se acalme em relação a mim.

Tomei um gole do meu café.

— Nossa mãe não está na sua cola.

— Ela me ligou com o nome de uma garota que gostaria que eu levasse para sair. Parece que está se mudando para cá, e mamãe achou que eu seria a pessoa perfeita. — Hayden se inclinou para trás e soltou um suspiro. — Mas eu estou meio mexido por outra mulher.

Isso chamou a minha atenção.

— O quê?

— Sim. Tem uma garota em Ketchikan. Nós saímos quando cheguei à cidade. Não era para ser especial, mas acabou se tornando. Porra, eu não sei.

— Era?

Ele quase drenou sua enorme caneca de café.

— Sim, ela voltou para casa. Mandeí uma mensagem dizendo que ia aparecer lá, na cidade. Nada. Então eu descobri que ela voltou para Washington.

Isso era novidade. Pelo que parecia, Hayden estava realmente confuso com aquela garota.

— Você já tentou ligar para ela?

— O número foi desconectado.

Ah, era mais sério do que eu pensava. E agora fazia sentido por que ele não havia nos contado sobre suas conquistas – ou conquista – daquele verão. Mas Hayden parecia um pouco perdido.

— O que você vai fazer?

— Ainda não sei. Mas me sinto um tolo.

Balancei minha cabeça.

— Meu conselho? Vale a pena. Cada um desses sentimentos valerá a pena se ela for a mulher certa. Não desista.

29

Vinte e Nove

Alexa



Nós sobrevivemos à noite. Depois que Teagan acordou pela primeira vez, ela voltou a dormir e não acordou novamente. Eu dormi um pouco no colo de Drake, mas, fora isso, foi um sucesso ou um fracasso. No momento, eu estava sentada à beira da cama de Teagan para que Hollis pudesse dormir por algumas horas. Todo mundo estava se arrastando naquela manhã.

Amie entregara pães de canela recém assados cerca de uma hora atrás. Coloquei-os em um prato para tentar fazer com que Teagan comesse. Aquele seria o dia em que ela teria que escolher – vida ou morte. A escolha estava em suas mãos. Mas se decidisse continuar usando drogas, eu seria forçada a cortar todos os laços com ela. Era um limite que precisava ser definido.

Enquanto dormia, ela parecia um pouco mais agitada, o que era de se esperar que fosse acontecer conforme mais tempo passasse sem a heroína. A dose de metadona ainda era alta, mas não o suficiente para enganar seu corpo, pensando que estava recebendo a dose de drogas à qual estava acostumada.

Os olhos de Teagan se abriram, e eu enviei uma mensagem para Drake e Hollis.

EU: Ela acordou.

Drake: Estou do lado de fora, se você precisar de mim.

Hollis: Estou indo.

EU PEDI algum tempo para conversar sozinha com Teagan naquela manhã. Eles concordaram com uma condição: ficarem do lado de fora da porta. Felizmente, conseguimos manter as coisas calmas.

Enquanto ela ficava mais alerta, seus olhos percorriam toda a sala.

— Oi. Amie trouxe pães de canela. Você quer tentar comer alguma coisa?

Teagan assentiu rigidamente, e eu coloquei o prato na mesa, antes de subir a cama. Ela precisava desesperadamente de um banho. Os cabelos escuros estavam emaranhados e grudados na lateral do rosto.

— Se importa se eu ficar aqui com você?

— Não — seu tom era quase hostil. Ela pegou o pão aleatoriamente, mas depois de duas mordidas, deixou-o de lado.

Sentei-me ao lado da cama e tentei relaxar. Esta era a minha primeira vez fazendo algo assim. *E se eu estragar tudo?* Felizmente, Hollis me orientou no básico.

Cautelosamente, continuei.

— Você nos assustou bastante. Como está se sentindo?

Fui recebida apenas com silêncio.

Aquela conversa não estava indo nada bem.

— Posso pegar alguma coisa para você?

Ela bufou.

— Não.

Soltei um longo suspiro. *Não estava dando em nada.*

— Não sei se você se lembra, mas o Dr. Fritz ofereceu te incluir em um programa de desintoxicação. Com todas as despesas pagas.

— Ele é um cara legal. — Ela limpou o nariz com o antebraço.

— Sim ele é. Ontem à noite você mencionou algo sobre um namorado.

Ela fez uma pausa e se remexeu um pouco, como se estivesse desconfortável.

— Ele... uh... sim. Cadê o Donnie?

Houve uma batida na porta, e Hollis entrou.

— A polícia está aqui para interrogar Teagan, já que ela está acordada. Eu disse a eles que ela precisava terminar o café da manhã primeiro.

— Obrigada.

Teagan pegou minha mão. Sua pele pendia frouxamente em sua estrutura óssea, e ela parecia uma sombra de quem fora um dia.

— Eu acho que quero tentar me limpar.

Era uma boa notícia. Muito boa. Peguei a mão dela.

— Estarei aqui para ajudar em cada passo. Precisamos contar ao seu namorado?

Ela balançou a cabeça numa resposta rápida. Muito rápida.

— Não.

— Eu acho que seu namorado gostaria de saber que você está bem.

Mais uma vez, ela balançou a cabeça.

— Sam não ia gostar disso. De modo algum.

Depois de um momento, ficou óbvio que Teagan não percebera que me dera um nome.

— Você quer que eu ligue para ele para que saiba onde você está?

— Eu vou mandar uma mensagem mais tarde. Ele salvou seu número de telefone no meu.

Eu tentei mais uma tática.

— Você se lembra do número? Eu poderia ligar para ele.

— Não.

OK. Voltamos à frieza. As mudanças de humor eram normais. Mas eu queria ajudá-la.

Hollis bateu na porta novamente.

— Teagan, você está pronta?

Os olhos dela voaram para Hollis.

— Posso falar com você? A sós?

— Sim.

Eu sabia que seria difícil, mas senti que Teagan não estava cem por cento. Saí da sala. Roy, o policial mais velho, o mesmo da noite passada, estava do lado de fora com o outro policial de Skagway, Travis. Eles eram parceiros há cerca de sete anos. Roy era mais velho, tinha a idade do meu pai, mas Travis e Drake haviam se formado juntos. Depois que Drake me convidou para sair no nosso primeiro encontro, Travis e eu começamos a nos encontrar mais do que o habitual, e ele sempre puxava conversa. Isso irritava Drake, que pensava que suas intenções eram mais do que apenas amigáveis. E, como percebemos depois, Drake estava certo. Depois de um mês de namoro, Travis me convidou para sair. Foi um caos, porque Drake ouviu.

— Ei, Alexa. É bom ver você. — Travis tocou o chapéu em um cumprimento.

Tentei me manter simpática.

— Bom te ver também. Como você está?

— Ótimo. Melhor agora que você voltou.

Ah, droga! Eu estava cansada demais para lidar com Travis. Ele abriu um daqueles sorrisos que com certeza deixava algumas mulheres todas pegajosas. *Eu não*. Vi Drake se empertigar atrás dele. Quando Drake agira como um homem das cavernas por causa de Travis, quando éramos mais jovens, fiquei irritada. Eu poderia me controlar. Se ele não conseguia confiar em mim, aí era outro problema. Daquela vez, Drake recuou e me deixou lidar com a situação.

Travis tocou meu braço.

— Que tal tomarmos uma cerveja e pôr a conversa em dia?

— Vou falar com Drake. Nós três nos divertiríamos conversando, tenho certeza.

Fiz um gesto para Drake se colocar ao meu lado. Ele tinha um sorriso no rosto.

— Ei, Travis. Desculpe por não te cumprimentar antes. Estamos um pouco nervosos com a situação de Teagan.

Travis franziu o cenho. Sempre houve uma animosidade entre Travis e Drake. Acho que tinha algo a ver com um torneio de bilhar no ensino médio. *Estúpido*. Desde então, Travis nunca se deu bem com Drake.

— Faz algum tempo.

— Sim, faz. — Então fez uma pausa. — Como ela está? — perguntou suavemente, e eu lembrei que Travis namorou Teagan no colegial. Ele parecia realmente gostar dela. Então, um dia, do nada, ela terminou tudo. Honestamente, acho que foi porque ele a tratava bem – como um namorado deveria fazer.

Hollis surgiu no corredor.

— Ela pediu para ser interrogada sozinha. — Ele se virou para os policiais. — Vocês podem entrar. Lembrem-se do que discutimos.

Eles assentiram e entraram. O fechamento da porta parecia uma sentença de morte.

— Será que é uma boa ideia?

Balançando a cabeça, Hollis passou os dedos pelos cabelos. Ele havia residido na unidade de desintoxicação de drogas e já vira casos como aquele antes.

— Provavelmente, não. Mas ela, tecnicamente, pode sair daqui a qualquer momento; portanto, se nós a pressionarmos, ela fugirá. E não posso impedir que a polícia a interrogue.

— Você acha que ela levou a sério a possibilidade de considerar a internação ou apenas me disse o que eu queria ouvir?

— Eu não sei. Deixe-me preparar a papelada, caso ela esteja falando sério.

Eu estava exausta. Felizmente, Drake colocou o braço ao redor do meu corpo.

— Depois de todo esse tempo, finalmente entendo por que você nunca cortou laços com Teagan.

Curiosa, olhei para ele, dando a entender que deveria continuar.

— É o mesmo motivo pelo qual construiu esta clínica. Você salvaria o mundo se tivesse a chance.

Eu sorri.

— Eu gostaria. Todo mundo precisa de alguém que lute por eles. Do jeito que eu tenho você.

— E você sempre vai ter. — Drake beijou minha testa, e eu me inclinei para ele, grata por sua força.

Eu podia ouvir vozes falando na sala, mas não conseguia entender nada. Dez minutos se passaram e um dos policiais gritou o nome de Teagan. Parecia Roy. Hollis e eu olhamos um para o outro

e corremos em direção à porta. Qualquer sonolência restante se dissipou imediatamente.

— O que está acontecendo? — Hollis perguntou.

Os dois policiais estavam batendo na porta do banheiro.

— Começamos a fazer perguntas, e ela disse que precisava usar o banheiro. A porta está trancada, e ela está lá dentro há cerca de dez minutos.

Hollis pegou sua chave e a destrancou.

— Teagan, eu vou entrar.

Ele desapareceu no banheiro, mas voltou rapidamente.

— Ela se foi. Pela janela. O que você disse a ela?

Já indo para a porta, Travis gritou:

— Nada. Nós não chegamos a fazer nem a primeira pergunta.

Fique aqui, caso ela volte.

Meu coração afundou no peito. Ela me enganou o tempo todo.

Às vezes, as pessoas não querem ser salvas.

30

Trinta

Alexa



Fazia uma semana que Teagan tinha desaparecido. Parte de mim se preocupava com ela, sabendo que estava cada vez mais próxima da morte. Do fundo do meu coração, eu acreditava que ninguém deveria ser deixado para trás. Todos mereciam uma chance de serem salvos. No entanto, não conseguia salvar alguém que considerava uma amiga. Desde que eu a conheci, sempre tive as melhores intenções no coração. No entanto... ela escolhera ficar doente.

Pelo resto da semana, me senti muito mal. Um fracasso. Mas sabia que tinha que seguir em frente e me concentrar no que poderia fazer para ajudar outras pessoas. No final das contas, Teagan precisava querer se salvar primeiro.

Imaginei que ela provavelmente estaria morta em algum lugar ou perto disso. Seus sinais vitais estavam ruins. Não havia como seu corpo aguentar muito mais.

No entanto, eu continuei esperando.

A cada dia que passava, um pouco mais de esperança desaparecia. Teagan não voltara para o apartamento dela. Ninguém a viu. Depois que os policiais vasculharam a área, Kane chegou à clínica e conseguiu segui-la até uma estrada do outro lado da floresta. Lá ele encontrou um segundo conjunto de trilhas. Não

levava longe – talvez uma caminhada de dez minutos em um ritmo fácil. De lá, a trilha desaparecia. Era provável que o misterioso Sam a tivesse encontrado.

Mas como ela sabia que ele estaria lá?

Respirei fundo enquanto me sentava no meu carro, fora do centro comunitário, infeliz por estar lá. Eu não estava com disposição para socializar. Mas eu precisava estar, uma vez que Drake fazia parte do conselho da cidade. Mais pessoas caminharam em direção ao arco do balão. Holofotes coloridos voltados para o prédio, quase transformando nosso salão de reuniões branco e liso em um lugar diferente.

Naquela noite aconteceria o Festival de Outono local. Era uma celebração do final da temporada turística. Normalmente, eu amava o evento. As pessoas da cidade se reuniam para desfrutar de uma noite de socialização antes do inverno rigoroso. Depois disso, todos seriam consumidos com os preparativos antes que a temperatura ficasse insuportável.

Mas naquele ano, Raquel assumiu a organização. Normalmente, era um evento simples da cidade. Tinha a sensação de que não seria tão simples daquela vez.

Saí do meu carro e caminhei até a entrada, alisando a saia do meu vestido preto simples. O traje era formal, mas eu não conseguia imaginar alguém aparecendo em um smoking ou vestido de baile. Essa não era a cultura da nossa cidade.

Algumas vezes naquela semana, liguei para Raquel para conversar com ela sobre a venda de suas terras para a Milano Incorporated, mas minha ligação era sempre enviada para o correio de voz. Na terça-feira, convidei mamãe para almoçar. Quando já estava no restaurante, ela me mandou uma mensagem dizendo que não poderia ir. Todas as mensagens subsequentes que enviei ficaram sem resposta. Era como se eu fosse uma estranha para minha própria família. Uma estranha para minha própria mãe. Às vezes, eu sentia que não tinha mais pais. Quando meu pai morreu, eu perdi tudo.

Isso doía.

Muito.

Mas continuei seguindo em frente. Não tinha escolha.

Quando eu estava a meio caminho da porta, meu telefone vibrou.

DRAKE: A reunião de última hora acabou atrasando. Estarei aí em trinta minutos. Precisei parar no Red Onion. Foi um dia infernal com este Festival de outono.

Eu: Te vejo lá. Amo você.

Drake: Também te amo, Lex.

TALVEZ PUDÉSSEMOS SAIR do festival mais cedo. Hollis planejava me encontrar lá depois que terminasse de instalar sua nova máquina de café que chegara naquele dia. O Starbucks sentiria falta dele. Ou não. Imaginei que provavelmente continuaria mantendo sua posição VIP por lá.

Acenei um olá para as irmãs Twiner, que estavam perto da porta e falavam em um gravador. Elas normalmente descreviam o que as pessoas vestiam e o que usavam. Em seguida, enviavam o boletim Twiner, que fazia parecer como se estivéssemos em uma espécie de festa de gala com celebridades, quando, na realidade, era apenas um evento descontraído em nossa cidade natal.

Devney se juntou a mim na calçada. Eu disse:

— Olá. Como vai você?

— OK.

Mas ela não parecia bem. Toquei seu cotovelo.

— O que está acontecendo?

Entramos no vestíbulo dentro das portas principais. O peso do mundo parecia descansar sobre seus ombros, mas ela parecia adorável em seu vestido florido.

— É minha mãe. Acabei de descobrir que ela tem câncer. Vou procurar um segundo emprego para ajudar nas despesas médicas. Ela vai morar com meu irmão, que a levará para suas consultas na Clínica Mayo. Ele está ajudando significativamente, mas eu quero ajudar também.

Devney e eu não éramos íntimas, mas era óbvio que ela precisava de alguém com quem conversar.

— Oh, Devney, sinto muito. Onde você se inscreveu?

— Em quase todos os lugares nos quais consegui pensar. Mas a temporada turística acabou, então não restam muitos empregos. Pensei que vir hoje à noite seria uma boa ideia, mas agora que estou aqui, acho que preciso ir para casa. — Os ombros dela cederam com o peso de seus problemas.

Uma ideia me surgiu.

— Você consideraria ser recepcionista na clínica? O trabalho ainda não está listado, mas Hollis e eu decidimos que precisamos de ajuda.

Ela agarrou meus ombros enquanto seus olhos se iluminavam.

— Você está falando sério? Mas não vou conseguir chegar lá até o meio dia. Meu expediente no colégio termina às 11:30. Mas eu poderia mudar minhas aulas particulares para a noite. — Devney era professora em tempo parcial na escola. Devido à nossa baixa população, uma professora de música integral não era uma necessidade.

— Meio-dia seria ótimo. A clínica estará fechada amanhã, para o Dia do Trabalho, então quando você acha que pode começar?

Devney pegou o telefone, colocando o cabelo escuro atrás da orelha com a mão livre.

— Você acha que eu poderia ter alguns dias para reorganizar minhas aulas de música? Talvez eu precise desta semana se não for pedir muito.

— Claro.

— Vou passar lá na quarta-feira para levar toda a papelada, se estiver tudo bem. Minha agenda é mais vazia às quartas.

— Perfeito.

Devney me abraçou.

— Obrigada, Alexa. Obrigada. — Ela voltou para a porta. — Vou para casa. Pensei que poderia tentar me divertir, mas não estou com vontade. Nem sei como te agradecer.

— Estou feliz que tudo se encaixou.

Antes que pudéssemos discutir o pagamento, ela estava do lado de fora. Eu não conseguia imaginar pelo que ela estava passando.

Meu coração chegava a doer. Tinha que me lembrar de contar a Hollis mais tarde. Seria uma aventura por si só. Talvez eu pudesse fazê-lo acreditar que o cupido estava na área.

Fiz uma pausa quando entrei no centro comunitário. As coisas estavam mais exageradas do que eu esperava. As paredes normais de madeira estavam cobertas com tecidos cintilantes. Bolas prateadas e pretas pendiam do teto. Um quarteto de cordas tocava música suave do palco. Eles provavelmente tinham sido trazidos de Juneau ou Anchorage.

Aquele não era o Festival de Outono. Longe disso.

O velho Rooster estava sentado a uma mesa no canto, parecendo um pouco perdido. Atrás dele havia uma fonte de champanhe de três camadas. Ele usava um paletó sobre o macacão. Pareceu aliviado quando me viu e acenou para eu ir até ele. Seria interessante ver sua opinião sobre esse circo.

Raquel tinha ido longe demais.

— Ei, Rooster. Como você está?

Ele resmungou.

— Morrendo de fome.

Seu tom ofendido me fez rir.

— Quer que eu pegue alguma comida para você?

— Não tenho como comer coisas que não consigo pronunciar.

Olhei ao redor da sala e localizei a mesa de comida. Parte das guloseimas, pelo que pude ver, era quase irreconhecível.

Ele bufou.

— É pedir muito uma comida apimentada e uma cerveja?

Uma ideia me surgiu.

— Eu pretendo fazer uma festa de boas-vindas ao Dr. Fritz em nome de Skagway. Vou pedir ao grupo de costura que forneça o chili, e posso conseguir algumas cervejas. — Dei uma piscadela.

Ele se levantou e me abraçou.

— Se você fosse um pouco mais velha, eu te roubaria de Drake e me casaria com você.

— Eu seria cuidadoso em dizer isso alto demais. Ele já me deu um soco uma vez. E deixe-me dizer, não é algo que eu queira sentir novamente.

Virei-me para ver Hollis vestido com calça e camisa social. Ele estendeu a mão para cumprimentar o velho Rooster.

Normalmente, o velho Rooster era um pouco abrasivo com as pessoas novas na cidade. Ele não era fã de mudanças. Então, eu me preparei para o que ele diria.

— Onde está o seu traje de pinguim?

Hollis deu de ombros.

— Nunca fui fã. Essa é uma das razões pelas quais eu vim para cá. Alexa me garantiu que nunca precisaria usar um.

Um sorriso lento de aprovação apareceu no rosto de Rooster.

— Você deve ser um forasteiro um pouco mais esperto. Fiquei na dúvida quando te vi entrando naquele café chique e elegante. Pensei que fosse um daqueles caras. — Rooster apontou com a cabeça em direção à frente da sala, onde havia dois homens de smoking. *Deviam ser Chazz e o irmão do qual ouvi falar.*

— Em sou um projeto em andamento. Roma não foi construída em um dia. Acho que me transformar em um homem do Alasca é a mesma coisa. Espero que não seja tão demorado.

Rooster soltou uma risada alta e rouca.

— Venha. Quero que você conheça a minha neta.

Os olhos de Hollis se arregalaram, e ele me procurou em busca de ajuda. Lancei-lhe um sorriso doce e dei um tapinha em seu ombro.

— Divirta-se. Vou dar uma olhada de perto na mesa de comida.

— Aquilo não deve fazer bem, Alexa. Ovos verdes e laranja. — Ele estremeceu. — Os ovos devem ser brancos e amarelos.

— Eu não vou experimentar os ovos. Promessa. — Pensar em ovos verdes e laranja não era atraente.

Enquanto eles se afastavam, Hollis se virou e olhou para mim. Apenas acenei para ele. Aquilo era uma vingança pela semana em que ele esteve mal-humorado, quase insuportável, para mim. Enquanto eu caminhava até a mesa de comida, disse olá para outros locais. Todos pareciam infelizes. Todos, exceto Raquel, que estava na frente da sala, alheia ao fracasso total.

Amie e Ike me viram.

— Você está linda, Alexa. Onde está Drake? — ela perguntou.

— Obrigada. Você também. — Aquele vestido verde escuro fazia olhos dela brilharem e contrastava com seus cabelos loiros. — Drake me mandou uma mensagem há pouco tempo. A reunião do conselho da cidade terminou mais tarde, e ele precisou passar no Red Onion primeiro.

Ike usava jeans e uma camisa de botão. Não consegui conter o riso ao pensar que as pessoas se recusavam a obedecer às regras de Raquel. Amie deu um tapinha no meu ombro.

— Esta é definitivamente uma quebra de rotina.

— Sim. O velho Rooster está bem indignado. Ele está sentindo falta de pimenta. Pensei que talvez pudesse ser uma boa ideia verificar se o clube de costura poderia preparar alguma coisa para a festa de boas-vindas de Hollis no Red Onion.

— Considere feito. Vou ver se o pessoal da igreja pode preparar algumas sobremesas.

— Perfeito. — O pessoal da igreja costumava preparar as sobremesas para o Festival de Outono. Hollis se tornaria um herói — a cidade teria acesso a comida normal do Festival de Outono na festa *dele*.

Amie pegou o telefone.

— Qual seria a data? Preciso tomar nota ou vou me esquecer de perguntar a todos.

Parei para pensar a respeito.

— Bem, com a chegada do inverno seria uma boa ideia fazê-la o mais breve possível. O que acha da próxima sexta-feira?

Amie deu alguns tapinhas no meu ombro.

— Bem pensado. Com este fracasso do Festival de Outono, Hollis será o herói da cidade.

— Eu estava pensando a mesma coisa.

Ao lado de Amie, Ike resmungou:

— Estou morrendo de fome, e toda essa conversa sobre comida apimentada só está piorando. — O evento estava se saindo muito pior do que eu imaginava com Raquel no comando. Eu, ao menos, estava contando os minutos para poder ir embora.

31

Trinta e Um

Alexa



A festa se arrastou. Segundos pareciam minutos. Do outro lado da sala, Jim Hathaway fez um gesto para Ike. Ele era o dono da empresa madeireira e, durante anos, fora o chefe do meu pai. Quando me viu, veio em nossa direção. Eu me senti um pouco desconfortável. Sempre gostei de Jim, mas foi a máquina dele que matou meu pai. Afastei esses pensamentos quando ele se aproximou de mim.

— Alexa, é bom ver você.

Não foi culpa dele.

Mantive um sorriso no meu rosto.

— Você também, Jim.

— Sei que esse é provavelmente um momento inadequado, mas ainda tenho as coisas do seu pai. Sua mãe nunca quis ir pegá-las.

Suas palavras foram outra faca no meu peito. *Minha mãe amava meu pai?* Eu não tinha mais certeza. Ela ficara grávida de Raquel e eles se casaram alguns meses depois. Com o passar do tempo, parecia que tinham ficado juntos mais por obrigação do que por amor. Senti minha garganta se fechar.

— Sim, eu adoraria pegar as coisas do meu pai. Quando seria um bom momento?

— Vou deixá-las na clínica na próxima semana, quando passar por lá.

— Perfeito.

Quando Ike e Jim começaram a conversar sobre entregas, pedi licença e fui até a mesa de comida. Minha curiosidade me venceu. Quando cheguei lá, não tive certeza se deveria rir ou vomitar pelas opções. Como Rooster dissera, havia pequenos ovos laranja e verdes dispostos em torno de algum tipo de coisa marrom fedorenta. *Ao menos eram comestíveis?* Não havia nada que eu reconhecesse sobre a mesa.

— Você poderia pelo menos fingir que está se divertindo — minha irmã sussurrou em meu ouvido, me provocando.

Ensaando um sorriso agradável, virei-me para encará-la.

— Eu estava tentando descobrir qual é a da pasta marrom e por que os ovos não são da cor certa. — Era infantil, mas eu sabia que o comentário a irritaria.

Ela alisou os cabelos escuros com um revirar de olhos.

— É patê com ovas de peixe como enfeite.

Eca. Parecia nojento. O velho Rooster estava certo; qualquer coisa mais apimentada cairia bem. Meu estômago roncou, mas teria que esperar até mais tarde.

Os dois homens de smoking estavam atrás de Raquel, ambos parecidos e bonitos. Seus olhos azuis se destacavam proeminentemente contra os cabelos escuros.

O da direita estendeu a mão.

— Sou Chazz Hennington, e este é meu irmão, Dixon.

Então aquele era o meu cunhado. Foi uma apresentação estranha para alguém que deveria ser da família.

— Prazer em conhecer vocês dois. — Fiquei ali parada por um momento, rígida, antes de perceber que eles estavam esperando que eu me apresentasse. — Sou Alexa, irmã de Raquel. Bem, acho que sou sua cunhada. É um prazer finalmente conhecê-lo.

— Você também. Raquel, querida, vamos nos sentar. Não quero que você fique em pé, em sua condição delicada.

Raquel e Chazz começaram a se afastar quando as palavras me atingiram. Agarrei seu cotovelo.

— Oh, meu Deus. Raquel, você está...?

Eu vou ser tia?

Por um segundo, esqueci nosso relacionamento precário. No entanto, minha mãe veio até Raquel e agarrou sua mão, seus olhos lançando punhais em minha direção.

— Venha, querida. Venha se sentar.

— Ei, mãe.

— Alexa. — Seus olhos passearam pelo meu vestido, e sua carranca visivelmente o reprovava. Comparado ao vestido brilhoso de Raquel, eu mais parecia uma mendiga. — Venha, querida. Vamos pegar um pouco de água e aproveitar sua festa.

A festa dela?

Eles se afastaram sem olhar novamente na minha direção. Eu sabia que deveria me acostumar com isso, mas era difícil. Poderia me tornar tia, mas talvez nunca viesse a conhecer minha sobrinha ou sobrinho. Eu queria tanto ter uma família amorosa.

— Então, eu acho que você não é fã de patê, ou é?

Eu me virei para ver o irmão de Chazz. Ele definitivamente tinha incorporado o papel de pinguim.

Estendendo minha mão, lembrei-me dos bons modos.

— Dixon, certo?

— Prazer em conhecê-la, Alexa. — Conspirador, ele se inclinou para mais perto. — Cá entre nós, se você ainda não experimentou o patê, não faça isso. É positivamente uma das coisas mais horríveis que já comi. E pelo andar da carruagem, a cidade concorda.

Eu ri.

— O cheiro por si só me fez pensar duas vezes. Somos mais uma cidade que prefere caranguejo, camarão e pimenta.

— Comi o chili daqui pela primeira vez na semana passada. É bom. Dá para entender por que está no topo da lista.

Um dos garçons apareceu com taças de champanhe em uma bandeja. Peguei uma, grata pela distração temporária enquanto controlava minhas emoções. Depois de um momento, perguntei:

— Há quanto tempo você está na cidade? Acho que me lembro de ver seu nome no boletim.

— As fofocas correm rápido em uma cidade pequena. Estou planejando voltar para a Califórnia em mais duas semanas. Nossas negociações comerciais anuais serão concluídas até essa data, e eu

estarei pronto para voltar para casa. O hotel é agradável, mas sinto falta de uma refeição caseira. Ou uma refeição bem feita pela minha empregada, a sra. O'Neal.

Dixon não parecia o tipo de cara que soubesse lavar roupa ou cozinhar. Mas, como aprendi com Hollis, as aparências enganavam. Bem, Hollis não sabia, mas ao menos não era um esnobe.

— Talvez você deva ficar com a Raquel. Ela, na verdade, cozinha muito bem.

Ele tomou um gole de champanhe e soltou um suspiro.

— Acho que já fiquei aqui por tempo demais. É melhor ir embora, se é que você me entende.

— Ah, eu entendo.

Nós rimos, e foi bom deixar o encontro anterior com minha família para trás. Dixon pegou uma das bolachas com algum tipo de mistura por cima e colocou na boca.

— Então, eu ouvi dizer que você voltou para abrir uma clínica. Trouxe seu amigo de Nova York.

— É verdade. Vou ter que te apresentar Hollis. — Olhei ao redor da sala. Ele ainda estava com o velho Rooster, mas agora tinham se juntado a quatro das solteiras de Skagway. Pobre, pobre Hollis. Ele era como carne fresca, o que seria bom. Ainda não tinha terminado a minha vingança. — Ele parece um pouco ocupado. Talvez mais tarde.

Dixon riu. Era um som profundo e agradável.

— Eu meio que estou com pena dele agora. Samone e Jane me encurralaram mais cedo. Eles são bastante... ousadas.

Sim, elas eram "amigáveis" com os turistas.

— Isso vai deixá-lo mais pronto para a cidade.

— Um brinde a isso. — Batemos nossos copos.

Naquele momento, senti Drake antes de vê-lo. Pequenos formigamentos percorreram minha pele em antecipação ao seu toque depois de algum tempo separados.

— Ei, Lex. Desculpe, estou atrasado.

Beijou minha bochecha, e eu me derreti com seu toque. Ele vestia jeans e uma bela camisa de botão. Estendendo a mão, disse:

— Dixon. Bom te ver de novo. Como foi a caçada com Kane?

Então, eles se conheciam. E Dixon fora caçar com Kane. Bom saber. Pelo comportamento de Drake, ele parecia gostar de Dixon. Imaginei que já o tinha investigado por inteiro.

— Fantástica. Aquele seu irmão consegue rastrear qualquer coisa na floresta. Encontramos o que estávamos procurando todos os dias. A caçada guiada mais incrível que já tive.

Antes que Drake pudesse responder, a voz de Chazz preencheu a sala através do sistema de som.

— Boa noite a todos. Queiram se sentar, começaremos a servir o jantar em cerca de quinze minutos.

— Essa é a minha deixa. É melhor eu me juntar ao meu irmão. Acho que vamos ter que comer ovos de codorna.

Aquele era o menu mais estranho de todos os tempos. Era como se Raquel tivesse encontrado as comidas mais desagradáveis e as tivesse servido em uma única noite.

— Foi um prazer conhecê-lo, Dixon. Tenho certeza de que vou te ver por aí, mas aproveite a sua estadia.

— Obrigado. — Inclinando-se, ele sussurrou: — Eu não acho que ela está grávida. Tem algo a ver com cordas vocais.

Meus ombros relaxaram. É claro que eu queria que Raquel tivesse filhos, se fosse do seu desejo, mas saber que ela não estava grávida ajudava a aliviar o ostracismo que eu sentia.

— Sim, as cordas vocais sempre foram uma preocupação para Raquel e para minha mãe. Não sei se você sabe, mas ela vai ficar famosa quando um agente aparecer na cidade e descobrir seus talentos.

— Aposto que sim. — Com isso, ele apertou a mão de Drake e foi para sua mesa. Uma vez, perguntei por que não íamos a L.A. para minha irmã ter uma chance. Mamãe respondeu com: *"Somente as pessoas que estiverem dispostas a percorrer alguns quilômetros extra valerão o tempo de Raquel"*. Foi então que desisti de tentar entender o raciocínio delas.

Drake e eu fomos para os fundos do salão.

— O que foi aquilo?

Balancei minha cabeça.

— Loucuras normais daquelas pessoas. Chazz disse algo sobre a "condição delicada de Raquel", e eu pensei que ela estivesse

grávida. Dixon acha que ela não está.

Ele suspirou, passando as mãos pelos cabelos.

— Bem, parece que a festa é um sucesso.

A sala já começara a esvaziar, porque as pessoas iam saindo antes mesmo de o jantar ser servido. Não pude deixar de rir. Todos pareciam infelizes.

— No que ela estava pensando?

Ele suspirou.

— Foi uma bagunça. Na semana passada, ela disse a um dos caras do conselho que iria mudar o menu. Ele esqueceu de mencionar, porque, honestamente, quem teria pensado que seria essa merda? Ele pensou que ela queria trocar uma torta ou bolo. As pessoas da cidade não estão gostando, para dizer o mínimo. Desde o início do festival, recebemos várias reclamações, motivo pelo qual o conselho da cidade teve uma rápida reunião. Isso vai se transformar em uma tempestade. O povo de Skagway sempre fica ansioso pelo Festival de Outono.

— Bem, boas notícias. Vamos pedir ao clube de costura para preparar algumas guloseimas, e o grupo da igreja fará as sobremesas para a festa de boas-vindas de Hollis. Pensei em usarmos o Red Onion na próxima sexta-feira.

— Ótimo. Você acabou de tornar nossas vidas muito melhores.

— Ele me deu um beijo. — Sempre soube que amar você era um bom negócio.

Hollis entrou na nossa frente e se abaixou.

— Acho que minha bunda foi apertada duas vezes por Jane ou Samone. Não consigo controlá-las. O velho Rooster prometeu um encontro comigo para a neta. As irmãs Twiner querem fazer algum tipo de leilão, que inclui a palavra *solteiro*. Alexa, você tem que me ajudar.

Levei a mão ao queixo.

— Vou pensar sobre isso.

— Você precisa. Estou falando sério. Sua vingança tem que terminar.

Drake riu.

— Boa sorte.

Hollis jogou a cabeça para trás e gemeu.

— Vinganças são uma merda. Mesmo no Alasca. — Então ele olhou para mim. — A propósito, tem *Surströmming* no Alasca? Não acredito que vi em uma das bandejas de aperitivos.

Meu estômago revirava conforme os cheiros dos diferentes alimentos se misturavam.

— Tenho medo de perguntar o que é isso.

— Vou aceitar isso como um não. — Hollis esfregou a testa dramaticamente. — Talvez eu tivesse que sair do Alasca, se fosse comum por aqui.

— O que é isso? — perguntei.

— Arenque do Báltico fermentado.

Fermentado e arenque não consistiam em uma boa combinação. A bile subiu na minha garganta.

— Acho que vomitei na minha boca. Quando no mundo você experimentou isso? Talvez eu precise deixar de ser sua amiga.

O cenho de Hollis se franziu.

— Em uma festa em que participei com minha família em Nova York. Não foi uma... experiência agradável.

— Não é à toa que você veio para o Alasca.

— O *surströmming* me fez fugir para bem longe.

Nós sorrimos. Ter Hollis conosco era um presente. Ele era um amigo leal.

O centro comunitário ficou ainda mais vazio.

— Quer ir embora, amor?

Por um segundo, quase me opus, querendo apoiar a minha família, mas depois lembrei de como Raquel e mamãe haviam me tratado. Qual o sentido de me esforçar por elas? Nenhum.

— Vamos lá. Hollis, quer se juntar a nós para jantar?

— Com certeza. Eu não vou ficar aqui sozinho.

Enquanto fugimos, vi Ike e Amie entrando na caminhonete ao mesmo tempo em que o telefone de Drake tocou. Ele leu a mensagem.

— Meus pais acabaram de nos convidar para jantar. Hollis também. Ela vai fazer hambúrgueres.

— Parece ótimo. — Dei um tapinha no ombro de Hollis. — Hollis, podemos conversar sobre como vamos te livrar desse encontro com a neta do velho Rooster.

- Espera aí. E o leilão?
- Você está por conta própria neste caso.

32

Trinta e Dois

Alexa



Na manhã seguinte, passei um bom tempo descansando no sofá. Estava frio, mas Drake acendeu a lareira. Puxei o cobertor para mais perto de mim, mergulhando no momento de perfeição absoluta. A vida era boa... mais do que boa, para ser honesta.

— Preparei café para você — a voz profunda de Drake chamou minha atenção para longe do fogo crepitante. Respirei fundo e fui recebida com o aroma de café fresco. Drake estava delicioso vestindo apenas um jeans, sem camisa.

— Você é o melhor namorado de todos os tempos. — Estendi a mão. Ele fez uma pausa antes de me entregar a caneca. — O que foi? — perguntei.

— Nada. Só gosto de ter você aqui comigo.

Isso era um pouco estranho. Eu sabia que o passado ainda estava fresco em nossas mentes, mas ele normalmente não o trazia à tona.

Tomei um gole.

— Eu também adoro. Este lugar é mais perfeito do que eu jamais poderia imaginar.

—É. — Ele fez um gesto para eu me inclinar para a frente e depois se acomodou atrás de mim. Deitei-me contra seu peito. A

lareira crepitou, e o vento soprou as folhas do lado de fora. Aquele era um momento que eu desejava congelar e guardar para sempre. — Esta é uma manhã de sábado perfeita. A que horas você tem que sair?

Durante o jantar da noite anterior, Reeser ligou para Drake e perguntou se ele poderia ir a Juneau. Reeser foi chamado para um jantar de negócios de última hora com alguns líderes empresariais influentes do Alasca. De alguma forma, o nome de Drake surgiu e pediram a Reeser para convidá-lo. Era uma oportunidade que Drake não deixaria passar. Seria discutida a possibilidade de reunir um grupo de empresários para promover negócios do Alasca. Normalmente, os alasquianos não eram fãs de companhias que tiravam os clientes de nossas empresas locais. Nós apoiávamos ao máximo os negócios da região.

Ele verificou o relógio.

— Em algumas horas. Hayden vai me levar até lá e depois voltar. Um dos caras, Rick, que vai se juntar a nós e vai me trazer de volta, a caminho de Anchorage.

— Vou sentir saudade.

Ele beijou meu pescoço.

— Eu também vou sentir sua falta. Vai ficar aqui esta noite ou seguir para a cidade?

Eu tinha pensado nisso, mas achei a ideia de um isolamento silencioso reconfortante.

— Aqui. Vou mergulhar na nossa banheira enorme e tomar sorvete. Talvez leia um pouco.

— Estou com ciúmes da banheira. — Sua mão subiu pela minha coxa, e meu estômago se revirou em antecipação.

Coloquei minha xícara de café de lado e me virei para montar em seu colo. O cobertor caiu bem atrás de mim.

— Acho que preciso de um banho agora. De repente, comecei a me sentir suja. Muito, muito suja.

Num instante, Drake se levantou comigo no colo, seus braços sob minhas coxas. Minha boca encontrou a dele enquanto me carregava ao banheiro.

— Vou garantir que você esteja completamente limpa antes de eu sair.

Suas palavras continham uma promessa do que estava por vir.



— EU VOU SENTIR TANTO a sua falta.

Um vento leve soprou quando Drake me segurou em seus braços ao lado de sua caminhonete. Puxei minha jaqueta com mais força ao redor do meu corpo.

— Eu também, amor. — Seu nariz roçou o meu. — Por que não vamos a algum lugar no próximo fim de semana? Depois da festa de boas-vindas de Hollis. Apenas nós dois.

— Eu gostaria muito disso.

Outro caminhão entrou na garagem. Reconheci Jim e acenei. Eu sabia que era errado, mas tinha medo de vê-lo. Vê-lo me lembrava a perda do meu pai.

Com uma caixa de papelão branca nas mãos, Jim saiu da caminhonete.

— Boa tarde. Eu estava na área e pensei em deixar as coisas do seu pai. Espero que esteja tudo bem. Achei que poderia ser mais fácil.

Meu peito se apertou quando peguei a caixa, sabendo que era do meu pai.

— Obrigada, agradeço. É mais fácil, sim. Obrigada por pensar em mim.

Jim era um bom homem. Ele deu alguns passos para trás, provavelmente sabendo o quanto era difícil para mim.

— Desculpa pela pressa, mas vou me encontrar com Ike para o almoço.

Assentindo, Drake respondeu:

— Meu pai mencionou isso ontem à noite. Tenha um bom dia.

— Diga a Mallory que mandamos um abraço — acrescentei. A esposa dele era um doce.

— Farei isso.

Tão rápido quanto ele chegou, foi embora. Fiquei aliviada. Talvez da próxima vez não fosse tão difícil. Percebi que tinha me esquecido de contar a Drake sobre minha conversa com Jim na noite anterior.

— São coisas do meu pai. Aparentemente, minha mãe nunca foi buscar.

Pela mandíbula cerrada, eu soube que Drake estava se abstendo de dizer qualquer coisa.

— Você está bem?

— Vou ficar. Prometo. Se eu precisar de companhia, ligo para Hollis ou para sua mãe.

Era fácil perceber que Drake não queria ir embora, mas precisava ir. E ele sabia disso. Coloquei a caixa no chão e fiquei na ponta dos pés para lhe dar um beijo.

— Ligue-me quando chegar em Juneau. Amo você.

— Amo você também.

Seu telefone vibrou, e ele estremeceu ao olhar para a tela.

— Hayden está ameaçando sair sem mim.

— Vai. Eu prometo que ficarei bem. Você vai voltar amanhã à tarde. Estaremos juntos o mais cedo possível.

Senti que ele estava pronto para cancelar a reunião. Mas era importante que continuássemos avançando com nossas vidas. Eu queria evitar ficar estagnada. Foi assim que vivi nos últimos dois anos. Era algo que eu precisava trabalhar.

— Nada de cancelar a reunião, Drake Foster.

— Você venceu. — Drake me deu outro beijo. — No próximo fim de semana, você será toda minha.

— Toda sua.

Drake me beijou novamente. Com intensidade. Então ele me deu o sorriso lindo que deixou meus joelhos fracos e foi até a caminhonete.

Abaixou a janela e acenou quando saiu da garagem. Meu coração estava pleno. Vi suas luzes de freio e, dois segundos depois, recebi uma mensagem.

DRAKE: Sinto sua falta. Te amo, querida.

Eu: Sinto sua falta também. Te amo muito. Cuide-se.

COM ISSO, voltei para dentro com a caixa e a coloquei na mesa antes de fechar a porta e me inclinar contra ela. *O que haveria ali?* Estava cheia das coisas de papai. Provavelmente algumas das últimas nas quais ele tocou. No fim das contas, não restava quase nada, depois das poucas que peguei após o funeral e os móveis que Drake conseguiu salvar. Parecia que tinha recebido um tesouro, e uma parte de mim queria abri-lo imediatamente, enquanto a outra parte pensava que eu deveria saborear – esperar um momento especial para revelar o que havia lá dentro.

Eu encarei a caixa, insegura.

Peguei meu telefone e chequei a hora. Àquela altura, Drake já deveria estar no heliporto.

EU: Você acha que devo esperar para abrir a caixa?

Drake: Eu acho que você precisa fazer o que achar melhor para você.

OLHANDO PARA O TELEFONE, fiquei me perguntando o que pensar sobre tudo aquilo. Segundos depois, outro texto apareceu.

DRAKE: Você não precisa encontrar a resposta agora. Saberá quando for a hora.

Eu: Você está certo. Vou mergulhar na banheira.

Drake: Você está me deixando excitado só de pensar em como você deslizou no meu pau mais cedo dentro da água.

Eu: Talvez eu pegue meu vibrador. É à prova d'água.

Drake: Porra.

Eu: Sim, é isso mesmo que vou fazer.

Drake: Querida, quando o jantar terminar, vou te ligar.

Eu: Ah, eu gosto da ideia. Estarei esperando.

E, assim, Drake ajudou a drenar os mares tempestuosos em minha mente. Ele era minha outra metade. Eu queria pertencer a Drake de todas as formas, incluindo ser sua esposa. Mas, por ora, deixei a caixa em cima da mesa e voltei para o banheiro para relaxar na banheira.

Várias horas depois, eu estava de volta à sala, bebendo uma taça de vinho tinto no sofá em frente à lareira. A caixa me chamou como um farol. *O que havia nela?* Incapaz de aguentar mais um momento, peguei-a só para me atormentar.

Tomei outro gole do meu vinho. O sol havia se posto cerca de três horas antes, estava escuro lá fora. Sem Drake na cabana comigo, parecia um pouco assustador, então fechei as cortinas. A única luz vinha da lareira, que estalava no ambiente silencioso.

Eu gostaria que Drake estivesse aqui. Ele chegou a Juneau com segurança. O jantar levou a um bar local. Normalmente, eu não era do tipo pegajoso, mas tudo parecia estranho naquela noite. E eu queria falar com ele. Sabia que atenderia minha ligação, mas precisava deixá-lo lidar com seus negócios. Era uma oportunidade incrível para ele. Ocorreu-me que não saber o que havia na caixa poderia ser o motivo pelo qual eu estava mais nervosa.

Fiquei olhando para a caixa branca, dizendo a mim mesma o quão ridícula eu era. *Trinta minutos.* Se eu não abrisse a caixa na próxima meia hora, iria para a cama – era quase meia-noite.

Cinco minutos se passaram. Então dez.

Meu telefone tocou, acusando um e-mail, e eu o verifiquei, agradecida pela distração. O tempo parecia ter parado. O e-mail era de Morgan, a oficial de empréstimos.

Alexa,

Desculpe-me pelo atraso. Foi uma semana movimentada e estou tentando recuperar o tempo perdido.

A seu pedido, pesquisei nossos registros de todas as ofertas feitas para sua terra. De acordo com suas instruções, retemos as informações, mas não as repassamos a você. Em anexo há uma lista de ofertas recebidas com os valores e informações de contato.

Para cada oferta, Owens recusou sem contraoferta.

Atenciosamente.
Morgan

O SANGUE DESAPARECEU do meu rosto quando abri o anexo. A Milano Incorporated fizera ofertas à minha terra a cada dois meses, aumentando o preço significativamente a cada vez. Era mais do que a propriedade valia.

Subitamente, um calafrio percorreu meu corpo.

Quem são eles? O que querem?

Primeiro, eles queriam a terra de Raquel.

Então a dos Ewings.

Então quiseram as minhas.

Quais outras mais?

Crec.

Levantei-me do sofá ouvindo um som vindo da varanda da frente. Meu coração quase parou, e eu congelei, ouvindo.

Crec.

Meus olhos estavam fixos na cortina. *Aquilo é uma sombra?* Meus olhos poderiam estar pregando peças em mim, mas no fundo eu sabia. A sombra se aproximou da janela, como se alguém estivesse olhando através dela. O tempo parou, e minhas respirações se tornaram mais rasas. Fiquei imóvel, até quem quer que fosse recuar. Definitivamente, havia alguém lá fora. Meu coração estava martelando no peito, e meus instintos estavam aguçados. Agarrando meu telefone, rastejei em direção ao escritório onde Drake guardava as armas. Para sobreviver no Alasca, você precisava se sentir à vontade com armas de fogo e saber como se manter no controle. O mesmo se aplicava por ser enfermeira. Uma cabeça equilibrada era uma necessidade.

Pensei nas notícias da semana passada. Um urso fora visto na cidade. Talvez fosse um urso na varanda da frente. Um urso faria barulho. Mas um urso não espiava pela janela. *Não é? E não faria mais barulho?* Minha mente disparou enquanto eu tentava resolver o problema.

Fique calma.

Pense.

Ligue para alguém.

Drake estava fora da cidade. Eu precisava de alguém que estivesse perto. Liguei para Hayden, sabendo que sua casa não ficava muito longe.

No segundo toque, ele atendeu.

— Ei, garota! O que você está fazendo? Está...

— Acho que tem alguém do lado de fora, na varanda.

Ele ficou sério imediatamente.

— Estamos a caminho. Onde você está dentro de casa?

Pegando uma arma e munição, me preparei. Rastejei de volta pelo corredor em direção ao nosso quarto. Eu estava completamente nervosa, mas mantive minha respiração normal. No entanto, um leve tremor rompeu minha calma.

— Estou no corredor, a caminho do quarto. Deixe-me parar e ver se ouço alguma coisa.

— Ale...

— Shh.

O motor da caminhonete de Hayden estava alto através do telefone, então eu afastei o aparelho da minha orelha. Fechando os olhos, concentrei-me em ouvir. O som da maçaneta da porta da frente me deixou com medo.

— Tem mesmo alguém aqui. Estão tentando abrir a porta.

Ursos não sabem abrir portas.

— Alexa, eu estou com Kane. Estamos a menos de dois minutos. Continue indo para o quarto e tranque-se.

Havia outra saída no quarto. Continuei seguindo em frente, embora meus pés parecessem estar presos em areia movediça.

Hayden continuou falando. Ele estava calmo, mas autoritário.

— Fique no telefone comigo. Se alguém entrar por aquela porta, você atira no filho da puta. Kane está no telefone com Drake.

Drake.

Eu queria que ele estivesse aqui.

Forcei meus ouvidos para ouvir, mas o som do meu batimento cardíaco era mais alto do que qualquer outra coisa. Com a mão trêmula, soltei a arma e respirei fundo para me acalmar. Os

tremores diminuía enquanto eu permanecia focada na tarefa em questão da mesma maneira que quando a vida de um paciente estava em risco.

Fique calma.

Avalie a situação.

Reaja ao que acontece.

Pense no que poderia acontecer.

Esteja preparada.

— Estamos a um minuto de distância —a voz de Hayden me trouxe de volta dos meus pensamentos. Fiquei de olho na porta do quarto. Eu estava no canto do cômodo onde conseguia ver a entrada e também a porta que dava para a varanda dos fundos.

— Eu ainda estou no quarto.

Uma silhueta correu pela janela, com passos pesados, e meu coração disparou mais rápido. Levantei minha arma, preparada para atirar se fosse preciso.

— Quem quer que seja acabou de passar correndo pela janela do quarto.

— Estamos entrando na garagem. Vou entrar na casa e Kane vai atrás do filho da puta. Ele vai correr pelo seu quarto. Não atire nele.

Eles estavam chegando, e minha voz falhou pela primeira vez.

— O-ok.

Tive que repetir o mantra para me acalmar novamente antes que o medo me consumisse.

Fique calma.

Avalie a situação.

Reaja ao que acontece.

Pense no que poderia acontecer.

Esteja preparada.

Eu tinha que manter o foco para não cometer um erro crítico.

A caminhonete de Hayden parou. Ouvi passos estrondosos quando Kane passou, chamando.

— Fareje, Mariah!

Com um latido, eles se foram.

A voz de Hayden surgiu pelo telefone.

— Alexa, estou usando a chave que Drake me deu. Vou desligar agora e ligar para ele. Quando eu entrar na casa, vou te avisar.

— OK.

A porta se abriu, e eu ouvi Hayden chamar:

— Estou na casa. Por favor, não atire em mim. Eu tenho um rosto muito bonito.

Com uma risada nervosa, afastei meu dedo do gatilho e reativei a trava de segurança.

Ouvi o som da fechadura.

— Alexa, sou eu.

— Estou aqui atrás.

A porta se abriu, e Hayden entrou com a arma apontada, mas para o chão.

— Drake. Está tudo bem. Estou com ela.

Corri para os braços de Hayden. Fiquei um pouco mais ofegante conforme começava a me sentir segura.

Eu vou ficar bem. Vou sobreviver.

— Ei, nós estamos aqui. Você está bem.

Meu corpo tremia conforme a adrenalina diminuía. Alguém tentou invadir a casa.

A arma foi removida da minha mão.

— Sim, Drake. Ela está apenas abalada. Eu juro. Espere. — Ele se afastou um pouco. — Ei, ele quer falar com você.

Minhas mãos tremiam quando peguei o telefone.

— Drake.

Ao dizer seu nome, não consegui segurar um soluço.

— Porra, obrigada, Deus! Amor, você está bem?

Isso destruiu o meu autocontrole, então, soltei um soluço antes de me recuperar.

— Sim, sim, eu estou bem. Estou apenas... eles só...

— Eu sei, Lex. Eu sei. O que aconteceu?

— Eu estava no sofá lendo um e-mail quando ouvi o rangido. Então vi alguém lá fora. Liguei para Hayden. Peguei uma arma, carreguei e esperei.

Dei mais detalhes, recontando o que eu conseguia lembrar conforme Hayden e Drake faziam mais perguntas. Tudo estava começando a desfocar. Colocamos Drake no viva-voz, enquanto Hayden vigiava e voltamos para a sala de estar.

— Lex, você pode ficar com meus pais esta noite? Hayden e Kane vão para lá também. Só por esta noite até que eu possa chegar em casa para você. Estou trabalhando nisso agora.

A última coisa que eu queria era ficar sozinha na cabana.

— Sim. Sem problemas. Eu irei.

— Obrigado.

— Eu amo você, Drake.

— Eu também te amo.

Eu me sentia mais calma. Drake ia voltar para casa. Para mim.

— Posso falar com Hayden de novo? — Drake perguntou.

— Pode.

Eu devolvi o telefone. Hayden o tirou do viva-voz, mas continuou a procurar algo fora do comum.

— Sim. Sem problemas. Sim, vou dormir no meu antigo quarto. Não, ele ainda não voltou. Sim, quando paramos, Kane correu ao longo da varanda, dizendo a Mariah para farejar, então desapareceram. Eu vou. Sim. Deixe-me levar Alexa para nossos pais primeiro. Sim.

Ele encerrou a ligação.

— Onde estão as chaves da sua caminhonete?

Procurei na minha bolsa, que estava sobre o balcão da cozinha. Esqueci de levá-la comigo mais cedo quando peguei a arma. Isso foi um erro, e meu coração afundou no peito. Eu deveria ter pensado melhor. *Se alguém tivesse invadido, como eu teria saído daqui?*

— Aqui estão elas. — Eu podia ouvir mais uma vacilação na minha voz, mas me concentrei em mantê-la sob controle.

Hayden entrou na cozinha e as escondeu na gaveta com os talheres.

— No caso de alguém voltar, não quero suas chaves à vista. Vou avisar a Kane onde elas estão. Está pronta para ir para a casa dos meus pais?

— Sim.

Peguei minha bolsa, e Hayden me entregou a arma que eu estava segurando antes.

— Fique com ela. É apenas uma precaução.

A caixa branca de antes chamou a minha atenção.

— Eu preciso pegar esta caixa. São coisas do meu pai.

Se alguém voltasse e pegassem algo daquela caixa, seria mais do que eu poderia suportar.

— Puxe a trava de segurança da sua arma e coloque-a na bolsa. Coloque cruzada no ombro. — Virei minha cabeça, olhando-o com um olhar confuso. — Isso é apenas uma precaução.

Fazia sentido. Se alguém estivesse lá fora e tivéssemos que correr, Hayden me queria armada. Fiz o que ele pediu e peguei a caixa. Esperava que, quando voltasse, o lugar não estivesse revirado. *Será que sentirei medo de ficar aqui sozinha?* Provavelmente. O que significava que só poderia ficar ali sem companhia em algum momento no futuro, depois que descobríssemos o que estava acontecendo.

O ar fresco da noite atingiu meu rosto enquanto caminhávamos para a caminhonete de Hayden, que estava estacionada a menos de um metro da varanda. Hayden trancou a porta.

— Kane tem uma chave para entrar.

Todo o caminho foi feito em silêncio, enquanto eu tentava entender o que havia acontecido. *Por que alguém tentou invadir?*

E pior ainda... como sabiam que eu estaria lá sozinha naquela noite?

33

Trinta e Três

Droge



Passava um pouco das quatro da manhã quando entrei na casa dos meus pais. Era bom estar em casa. Só de estar no mesmo lugar que Lex eu já me sentia mais calmo.

Mariah deu um grunhido de aviso, sinalizando para Kane que alguém havia chegado.

— Sou eu, garota — eu disse.

Imediatamente, o rosnado cessou, e Kane acendeu a luz. Ele parecia tão irritado quanto eu. Alguém tentara invadir a casa quando Lex estava lá sozinha. Nunca me senti tão impotente e enfurecido em toda a minha vida. Eu não queria nada além de subir e envolver Lex nos meus braços, mas precisava falar com Kane primeiro sem mais ninguém por perto. No telefone, quando ele voltou para minha casa, senti que só me contou o mínimo. Algumas coisas precisavam ser discutidas pessoalmente.

Quando me sentei, Kane se inclinou para frente.

— Eu acho que havia duas pessoas lá hoje à noite. Acho que alguém tentou entrar pela porta dos fundos primeiro e depois deu a volta na frente. Alexa disse que todas as luzes estavam apagadas porque ela estava em frente à lareira, mas a caminhonete dela estava estacionada na sua garagem. Eles sabiam que ela estava lá.

Meu sangue gelou.

— Por que você acha que havia duas pessoas?

— Havia uma pilha de bitucas de cigarro nos arredores. Alguém estava esperando.

Um inferno se acendeu dentro de mim. Alguém tinha fodido com a minha garota. O que significava que tinham fodido comigo. Estalei meus dedos e cerrei os dentes.

Kane continuou:

— Não fui rápido o suficiente. Estava escuro, e eles tinham cerca de noventa segundos de vantagem sobre mim. Quando cheguei à estrada, já estavam seguindo em uma van. A luz da placa do carro estava apagada. Eles Talvez estivessem planejando levar Alexa. Não tenho certeza. Mas não consigo imaginar que uma van fosse uma boa escolha para veículo de fuga sem uma razão válida.

— Porra! — *Sequestro?* Meu coração foi tomado por um medo que eu mantive escondido até aquele momento. —Algo mais?

— Eu vou voltar amanhã e vasculhar o resto do lugar. Hoje não foi a primeira vez que estiveram na sua casa.

— Por quê?

Ele zombou.

— Escuro. Lugar novo. De jeito nenhum eles chegariam ao veículo com tanta facilidade. De jeito nenhum. Mariah estava seguindo a trilha deles. Nós não nos perdemos.

Porra de novo! Isso significava que tinham estado na minha casa, quem sabe quantas vezes antes. Na última semana, Lex ficara lá com frequência. Se tivessem chegado até ela... Eu tinha que parar de pensar nessas coisas. Eles não a tinham levado. Ela estava em segurança.

— O que Lex sabe? — perguntei.

— Que eu não consegui chegar a tempo antes que a pessoa entrasse no veículo. Vou deixar você decidir o que quer que ela saiba. Mas meu conselho? Menos é mais.

Não guardamos segredos um do outro.

Kane reagiu ao meu silêncio.

— Drake, alguém queria algo dela. Quem diabos sabe o que poderia ser? Acho que estão vigiando sua casa há um tempo. Ela realmente precisa saber disso? Alexa é forte, mas vamos lá, saber que alguém quer sequestrá-la pode lhe causar um trauma.

Ele tinha razão.

— Você provavelmente está certo. Mas não vou mentir para ela.

— Ela pode não querer saber por que e como. Deixe que as reações dela te guiem no que dizer.

Olhei para Kane, tentando reconhecê-lo. Aquele não era o seu *modus operandi* normal.

— Ouça, eu posso imaginar como você está chateado. Ela é como uma irmã para mim, e estou pronto para destruir o filho da puta. Mas temos que agir com inteligência.

Isso definitivamente era verdade.

— Concorde. Menos é mais. Mas se ela perguntar, vou deixá-la informada.

— Eu também não mentiria para a minha garota, se tivesse uma.

Essa foi a primeira vez que Kane mencionou algo a respeito de ter uma garota, mas eu estava muito cansado e estressado para zombá-lo. Estalei o pescoço e disse:

— Lex ligou para Hollis. Ele disse que nada aconteceu na clínica. Se alguém estava procurando drogas, acho que lá seria o lugar ideal para começarem a procurar.

Recostei-me na cadeira, relaxando, já que o pior tinha passado.

Kane respondeu:

— Sim, eu concordo. Eles não estavam atrás das drogas.

O que significava que queriam outra coisa. Por um momento, o tique-taque do relógio do meu avô foi o único som na sala.

Kane perguntou:

— Você sabe por que alguém poderia querer pegar Lex?

— A única explicação são as terras. É tudo em que consigo pensar.

Depois de se recuperar, ela me contou, pelo telefone, sobre as ofertas que o banco recebeu da Milano Incorporated. E meu pai teve uma atualização sobre o acidente de Lloyd. Ele me ligou quando cheguei em Juneau e perguntou se eu poderia passar na casa dele e conversar quando voltasse. Isso não era bom. Porra, havia muita coisa se acumulando contra nós.

— Meu palpite é que tem a ver com os direitos minerais — disse Kane.

Esse era o meu pensamento também.

— Petróleo. E a família de Lex ainda tem os direitos. Imagino que os Ewing tenham também.

— Aposto que o velho Calgary também recebeu uma oferta. A terra dele fica no extremo sul da de Alexa.

— Se isso for verdade, eles estão montando um quebra-cabeça. A peça de Raquel lhes dá acesso à água. Se eles juntarem o suficiente, poderiam ter um acesso direto para o oceano. Não haveria como detê-los.

— Estaríamos cercados por madeira e campos de petróleo. Literalmente cercados. Eles obviamente estão ficando impacientes.

Por enquanto, eu precisava chegar a Lex e segurá-la em meus braços enquanto pensava sobre tudo isso.

— Eu vou para a cama. Obrigado por tudo que você fez. Agradeço muito.

Apertando minha mão, Kane disse:

— Boa noite, idiota.

— Boa noite, babaca.

Algumas coisas nunca mudavam.

Depois de conversarmos mais, decidimos não envolver a polícia. O que eles poderiam fazer? Não tinham encontrado pistas desde que Teagan desaparecera. Às vezes, era melhor manter as cartas na manga até que houvesse algum tipo de prova. Até aquele momento não havia nenhuma, apenas conjunturas.

No primeiro degrau das escadas, tirei minhas botas antes de ir para o meu quarto. A última coisa que eu queria fazer era acordar a casa inteira. Nas próximas horas, só queria segurar Lex em meus braços.

Abri a porta e a vi na cama, os cabelos espalhados no travesseiro com a luz do banheiro lançando um brilho que a fazia parecer um anjo.

Silenciosamente, fechei a porta e apenas a observei. Ela era o meu mundo inteiro. Tudo o que eu sempre quis, e eu poderia tê-la perdido naquela noite. Toquei a caixa do anel, que parecia fazer um buraco no meu bolso. Eu queria pedi-la em casamento naquele momento, mas, de alguma forma, precisava tornar o momento especial.

Tirei minha camisa e minha calça, deixando o anel no bolso, antes de me deitar na cama. Lex se aproximou de mim e colocou o braço sobre o meu peito.

— Oi, amor.

Sonolenta, ela ergueu a cabeça.

— Drake. Você está aqui. — Antes que eu pudesse responder, ela enterrou o rosto no meu peito e se agarrou a mim. —Você está aqui.

— Eu estou.

— Como?

Eu odiava o quão assustada sua voz soava. Tudo aquilo a abalara profundamente. Mas ela era uma sobrevivente e sei que iria se esforçar para que eu não a visse como algo frágil.

— Rick Stocks. Quando ele soube o que aconteceu, se ofereceu para me trazer para casa hoje à noite em vez de amanhã.

Ela se aconchegou mais a mim.

— Estou tão feliz por você estar aqui.

— Eu também. Como você está?

— OK. Melhor. Pelo menos não sou uma dessas garotas de filmes de terror que perde a cabeça e sai correndo para fora da casa.

Dei uma risadinha.

— Você é uma mulher durona.

Ela bocejou. Devia estar muito cansada.

— Vamos tentar dormir um pouco.

Aproximando-me mais, deixei a exaustão me reivindicar.

34

Trinta e Quatro.

Drake

Acordei e busquei Lex, mas ela não estava ali. Levantei-me, em alerta, mas depois relaxei. Nós estávamos na casa dos meus pais. Tudo estava bem. Esfreguei meus olhos. Cara, eu estava exausto. *Que horas são?* Demorou alguns segundos para os números vermelhos no relógio ficarem claros. Merda, passava das dez da manhã. Peguei meu telefone e verifiquei minhas mensagens. Apenas as mensagens normais do conselho da cidade, declarações e algumas solicitações adicionais para a posição que publiquei dois dias atrás. O fato de estar me ausentando tanto do bar nos últimos tempos me fazia perceber que era hora de pedir ajuda a Crete.

Vesti uma roupa e desci as escadas para procurar Lex. Depois do que aconteceu na noite anterior, eu precisava ver como estava a minha garota. Ao pé da escada, ouvi risadas na sala de estar. Era um bom sinal, o que me ajudou a relaxar um pouco.

Na porta, vi as duas mulheres mais importantes da minha vida sorrindo enquanto conversavam.

Encostei-me no batente da porta, tentando não ser notado. Bem, talvez Lex tivesse sentido minha presença; sua boca se contraiu um pouco, e seu sorriso aumentou.

Minha mãe perguntou:

— Então me diga como você está de verdade. Não como quer que as pessoas pensem que está.

— Fiquei abalada ontem à noite. Mas quando Drake chegou em casa e me abraçou, meus medos diminuíram. — Ela suspirou. — Sei que isso soa arcaico, mas o toque dele me acalma e me deixa centrada.

Enquanto a ouvia, soube que ficaria bem. Ela parecia forte e pronta para seguir em frente.

Nós sobreviveríamos a tudo aquilo.

Minha mãe disse:

— Não, não é. Ike faz o mesmo por mim. Eu entendo. E eu sei que você faz o mesmo por Drake. É o que fazem almas gêmeas.

— Ele é a minha, com certeza.

Aquelas palavras só me trouxeram mais certeza.

Dando um tapinha nas minhas costas, Kane disse em voz alta:

— E não é que a princesa finalmente decidiu acordar?

— Deixa de ser um babaca.

Minha mãe suspirou.

— Juro que não usei sabão suficiente na boca deles quando eram mais jovens. Se você tiver um menino um dia, Alexa, e ele seguir a linha dos Foster, use muito sabão.

A linda risada de Alexa preencheu o ar.

— Farei isso.

Nossos olhares se encontraram, e eu sabia o que ela estava pensando. *Filhos. Nossos filhos.*

Minha mãe se levantou.

— Você quer café da manhã, Drake?

— Posso eu mesmo fazer, mãe. Obrigado.

Ela acenou com a mão.

— Não seja bobo. Vou requeimar o que está pronto.

Hayden entrou ao mesmo tempo em que nossa mãe desapareceu na cozinha. Porra, eu fui o último a acordar.

— Oh, olha quem acordou! Bom dia, Drake.

— Ele está preferindo ser chamado de princesa esta manhã — disse Kane presunçosamente ao meu lado.

Hayden sorriu.

— Sim, eu gosto de como soa. Bom dia, princesa.

Lancei um olhar mortal para os dois.

— Filhos da puta.

Lex ficou de pé.

— Seja legal. Vou ajudar sua mãe com seu café da manhã. — Ela caminhou até mim e ficou na ponta dos pés para me beijar. — Bom dia!

— Bom dia. — Eu sorri contra seus lábios.

Minha mãe falou da cozinha.

— Eloise ligou esta manhã. Ela perguntou se algum de vocês poderia passar lá para ajudá-la.

Eloise era uma das vizinhas. Nós a ajudávamos de vez em quando, principalmente no inverno. Ela era um pouco inconveniente, às vezes. Quase como uma pantera. Gritei:

— Kane disse que adoraria ajudar. Avise a Eloise.

— Ah, ótimo. Ela ama Mariah. Vou mandar uma mensagem agora.

Isso me valeu um empurrão.

— Não foi engraçado.

— Sim, foi, *príncipe encantado*. Depois me conte como foi ter a bunda apertada por Eloise.

Ele murmurou alguns palavrões. Eloise era uma figura, e ela amava Kane. Quando estava perto dele, de alguma forma, suas mãos terminavam "acidentalmente" apertando o traseiro do meu irmão. Hayden era seu segundo favorito. Foi por isso que, na maioria das vezes, acabava sendo eu a ajudá-la.

Kane gesticulou com a cabeça para que o seguíssemos. Pelo frio, ficava claro que o outono estava definitivamente terminando. Porra, eu queria tomar um café – minha cabeça latejava como se um trem de carga tivesse me atingido.

— Então, fui à sua casa esta manhã e montei algumas câmeras. Saberemos se alguém pisar na propriedade. Pelo que sei, alguém já andou muitas vezes por lá, provavelmente tentando descobrir a melhor maneira de chegar e sair do local. Algumas das trilhas tinham uma semana, eu estimaria. Então, a presença deles é constante.

— Porra!

Kane passou as mãos pelos cabelos escuros.

— Sim. Mas ninguém voltou ontem à noite. Coloquei algumas coisas em lugares específicos antes de sair e nenhuma delas foi modificada. Mesma coisa com sua casa na cidade. Também coloquei câmeras nas portas para monitorá-la. — Conhecendo Kane, depois que fui para a cama, ele provavelmente começou a arrumar as coisas. — Qual é o seu plano, Drake?

Pensei por um segundo.

— Hayden, você pode ligar para Ewing e perguntar há quanto tempo Milano vem fazendo ofertas?

— Claro. Vou fazer isso agora mesmo. — Hayden se afastou alguns passos, com o telefone no ouvido.

Mariah sentou-se aos pés de Kane, e meu irmão olhou para mim, esperando o plano. Comecei com o óbvio.

— Eu preciso expulsar esse bastardo. Não são apenas cartas e ofertas bancárias. Eles vieram à minha casa. Para pegar Lex.

— Como você vai fazer isso?

Hayden voltou para nós.

— Ewing disse que vem recebendo ofertas há cerca de três anos. Até uns seis meses atrás, elas não valiam a pena.

— Começaram na época em que Lloyd ainda estava vivo. — Eu precisava encontrar meu pai e ver o que ele descobrira. — Você sabe onde nosso pai está?

Hayden disse:

— Está na oficina nos fundos. Ele mencionou que queria falar com a *princesinha* quando ela acordasse.

Empurrei meu irmão e Kane riu, acrescentando:

— Mais parecido com a *princesinha irritada*, se você preferir.

Quando comecei a andar de costas, lancei-lhe aquele olhar novamente. *Maduro da minha parte, eu sei*. Mas isso era tudo o que eu poderia oferecer no momento. Quero dizer, vamos lá... *princesinha irritada*? Ainda agíamos como se estivéssemos no ensino médio. Algumas coisas nunca mudavam. Falei, por cima do ombro:

— Posso contar a vocês sobre a conversa se deixarem de ser idiotas imaturos.

Eles me encararam, confusos, e eu expliquei:

— Pedi ao nosso pai que investigasse o acidente de Lloyd.

— Você acha que pode não ter sido um? — Kane perguntou. O fato de ele não ter feito piada sobre isso me dizia que provavelmente concordava com meus pensamentos sobre o assunto.

Olhando de volta para a casa, vi Lex na janela. Ela acenou e me deu um sorriso.

Kane me bateu na nuca.

— Você é uma vergonha para o nome Foster. Pare de ficar com esse sorriso idiota ou eu posso ter que te deserdar.

Para realmente irritá-lo, coloquei minhas mãos em forma de coração e apontei-as para Lex. Pude vê-la rindo na janela. Kane resmungou e foi para o celeiro. Hayden apenas balançou a cabeça. Eu disse:

— Mal posso esperar até que esse merda se apaixone por alguém. Vou tirar muito sarro dele.

— Sim... eu também.

Demos mais alguns passos até que perguntei:

— Você tem pensado naquela garota?

— Tentei não pensar. — Todo o comportamento de Hayden havia mudado. Na verdade, ele provavelmente não conseguia parar de pensar nela. Havia uma nova intensidade no meu irmão.

Claro que eu tive que continuar.

— E como isso está funcionando para você?

— Nada bem. Eu estou realmente gostando dela.

Uau. Aquela era uma revelação e tanto.

— E...

— Eu não sei.

Daquela vez eu balancei minha cabeça, querendo bater com a dele na parede. Passei por um inferno como aquele há pouco tempo. E eu deveria ter ido atrás de Lex. Isso teria nos poupado muita dor de cabeça. Em vez de lembrá-lo disso, tentei por outro ângulo.

— Bem, ela não deve ser tão boa assim, considerando o quanto você está hesitando. Provavelmente foi só mais uma transa de verão.

No segundo seguinte, precisei me abaixar para impedir que o punho de Hayden acertasse o meu rosto.

— Não fale dela assim — ele cuspiu.

— Foi o que pensei.

Isso fez Hayden parar, e ele ficou com o punho erguido, pronto para dar outro golpe.

— O quê?

— Meu conselho? Vá atrás dela antes que seja tarde demais. Você obviamente gosta dessa garota. Não negue. Só não se coloque em uma situação como a minha e a de Lex. Não dá para voltar no tempo. Eu deveria ter ido até ela e discutido as coisas quando estive em Nova York. Não apenas assumir que estava namorando Hollis. Nós não teríamos passado dois anos tão horríveis se eu tivesse feito isso. E se algo tivesse acontecido para nos separar para sempre, eu teria passado a vida inteira arrependido.

Sua boca se abriu e fechou algumas vezes. E eu continuei caminhando.

— Pense nisso. Mas não pense muito.

Chegamos à oficina, Hayden ainda pensativo, com a testa franzida. Esperava que ele não fodesse com tudo.

Kane deixara a porta aberta e estava sentado em uma cadeira, observando uma planta.

— São os esboços finais da cabana de Hollis?

— Sim, parece bastante simples. Seremos capazes de terminá-la em pouco tempo.

Meu pai estava de pé à mesa, medindo madeira para alguns móveis de Hollis.

— Olá, pai.

— Bom dia. Como está Alexa?

— Bem. Melhor hoje. Vamos ver. — Eu ainda estava preocupado com como ela fora afetada. Considerando que saíra da cama naquela manhã, presumi que não estava pronta para conversar. E eu entendia que ela precisava de tempo. Lex sempre precisara de tempo para processar as coisas.

Ele assentiu para si mesmo.

— Acho que é tudo o que se pode esperar. — Ele deixou de lado o cedro recém cortado e tirou as luvas de trabalho. — Eu falei com Roy. Suponho que você tenha explicado tudo aos seus irmãos?

Assenti.

Meu pai passou os dedos pelos cabelos, embolando algumas lascas de madeira nos fios no processo.

— Bem, eu disse a Roy que estávamos trabalhando nos manuais de segurança no depósito de madeira e esqueci os detalhes do acidente de Lloyd. Pensei que isso não levantaria suspeitas. Quando ele foi procurar o arquivo, tinha desaparecido.

— Desapareceu?

Meu pai assentiu, com uma expressão solene. Ele também não parecia satisfeito com isso.

— Desapareceu. Nenhum registro, nem digital ou em papel. Agora ele está procurando.

Merda! Isso não era bom.

— Então... os arquivos sobre a investigação de Lloyd desaparecem misteriosamente. Alguém está escondendo alguma coisa.

As sobrancelhas do meu pai se arquearam em preocupação.

— Eu concordo com você. Sinceramente, não acreditava nisso. Mas está ficando cada vez mais suspeito. Depois que Jim saiu da sua casa, nós almoçamos. Planejamos nos encontrar depois de conversarmos no Festival de outono. Ele me contou que ia levar a caixa para Alexa. Então, perguntei, fingindo indiferença, o que havia acontecido com a investigação da morte de Lloyd. Lembrei que em um momento seu escritório estava cheio de investigadores e, no outro, seu nome fora inocentado.

— O que ele disse?

— Disse que vasculharam seus arquivos, certificando-se de que tudo estava em ordem. Investigaram se a máquina tinha passado por uma manutenção adequada ou se algum dos homens excedera as horas de expediente. Tudo normal. Uma coisa em particular na qual eles se concentraram foi na manutenção. Jim não entende o porquê. No dia seguinte, eles entraram, pegaram suas coisas e fecharam o caso.

— Um pouco abrupto, não acha?

— Jim também achou. Mas supôs que chegaram à conclusão de que ele seguiu todas as leis e excedeu todos os requisitos. Os caras

disseram que a máquina estava sem óleo e foi apreendida. Aparentemente houve um vazamento.

Uma máquina daquele tamanho deixaria uma poça considerável se o óleo estivesse vazando. Lloyd teria notado.

— Jim achou estranho?

— Filho, quando você está no mercado há tanto tempo quanto ele, entende que as máquinas podem parar de funcionar. É uma conclusão lógica. Por que ele pensaria que alguém poderia estar atrás disso? Quando a perícia decidiu fechar o caso, ele provavelmente pensou que tudo estava em ordem. Um homem culpado não compartilharia esse tipo de informação. Ele nem evitou as perguntas.

Talvez.

Mas eu não estava satisfeito. E pelas expressões nos rostos dos meus irmãos, eles concordavam comigo.

35

Trinta e Cinco

Drake



Kane e Hayden voltaram para suas casas, e eu me sentei na varanda dos fundos, tentando organizar meus pensamentos. Minha mãe surgiu com um prato de comida e uma xícara de café. Ela entregou os dois para mim.

— Ei. Se importa se eu me juntar a você?

— Claro que não. Obrigado, mãe. Eu precisava muito disso.

— A ideia foi de Alexa.

Sorri por cima da borda do copo enquanto bebia.

Ela se sentou ao meu lado. Ao longe, eu podia ouvir a serra na oficina enquanto papai continuava trabalhando nos móveis. Era estranhamente reconfortante, pois era um som nostálgico que eu ouvi durante toda a minha vida.

—Então... como você está?

Respirei fundo.

— Honestamente, mãe, sinto que mal consigo manter a cabeça sobre o pescoço. Parece que problemas vêm de todos os ângulos.

— Bem, eu dei o mesmo conselho para Alexa. Reserve um tempo para você mesmo.

Recostei-me, beliscando a ponta do nariz.

— Estou tentando.

— Eu sei. — Ela colocou algo sobre o meu joelho, e eu abri meus olhos. *Merda*. O anel. Eu tinha me esquecido dele na noite anterior. — Entrei no seu quarto para pegar roupas para lavar e encontrei isso. Acho que você não iria gostar se Alexa o encontrasse. — Ela fez uma pausa, e eu me virei para encará-la. — Não perca muito tempo esperando o momento perfeito. Faça quando parecer certo.

Olhei de volta para o anel. Parecia um farol no meu joelho. Eu estava ansioso para dá-lo a ela. Mas queria que ela se lembrasse do momento pelo resto de sua vida. E com tudo o que tinha nos acontecido, não parecia certo.

— Drake, por que você não caminha um pouco para limpar a cabeça? Tire um tempo para respirar.

Minha cabeça estava um caos. Talvez alguma normalidade me ajudasse a clarear a mente. Mas não podia deixar Lex. Levantei-me e dei um beijo na testa da minha mãe.

— Obrigado.

Entrando na casa, encontrei Lex peneirando farinha na cozinha. Deslizei meus braços em volta da cintura dela.

— Ei. — Ela me cumprimentou docemente com um beijo.

— Ei, como você está?

— Bem. Melhor do que eu pensava que estaria. Decidi cozinhar um pouco para o pessoal da igreja com os biscoitos desta semana.

Enquanto olhava em seus lindos olhos, não via sinais de angústia. Lex me apertou com mais força.

— Eu juro que estou bem. Quero dizer, não estou pronta para ficar sozinha em nossa casa por enquanto, mas eles não me machucaram. Só teremos que ser cuidadosos até descobrirmos tudo.

Meu telefone vibrou no meu bolso, mas não o peguei. Lex ergueu uma sobrancelha.

— Ao menos verifique quem é. Veja se não vai perder algo importante.

Chequei meu telefone. Era Moochie.

MOOCHIE: Hoje à noite, na minha casa. Você vem?

EU DEVO TER DEMORADO MUITO, porque Lex perguntou:

— O que foi?

— Apenas Moochie querendo saber se vou jogar cartas. Vou avisar que não.

Ela novamente arqueou uma sobrancelha.

— Acho que você deveria ir.

Olhei para ela.

— Eu não vou.

— Ah, sim, você vai.

Havia momentos em que eu pensava que ela era comprovadamente insana. E o olhar determinado em seu rosto me fez parar de insistir antes mesmo de começar.

— Lex, ontem à noite alguém tentou invadir nossa casa.

— *Tentou*. Mas não invadiram. E eu vou ficar aqui com seus pais esta noite. — Ela se afastou de mim. — Drake, você precisa ir. Eu vou ficar bem.

Foi então que percebi que não era eu que ela precisava convencer. Podia ver em seus olhos. Havia medo, mas ela estava tentando enfrentá-lo, acreditar nas palavras que me dizia.

— Ok, que tal assim... Posso jogar algumas rodadas de cartas, mas não vou ficar até tarde.

Inclinando-se na ponta dos pés, ela me deu um daqueles beijos doces dos quais eu nunca conseguia me cansar.

— Bom. Divirta-se. Ganhe muito dinheiro.

— Pode deixar, querida. Eu te amo.

— Amo você também.

Peguei minhas chaves e saí porta afora. Enquanto seguia para a minha caminhonete, recebi outra mensagem de Moochie.

MOOCHIE: Você vem?

Eu: Estou a caminho.

Moochie: Bom. Traga cerveja.

TOMEI outro gole da minha cerveja, pegando leve para me certificar de que conseguiria dirigir para casa. Moochie e eu nos sentamos na varanda dos fundos, para conversar. Sua esposa, Amber, fora a Ketchikan com seus dois filhos. O resto dos caras não pudera aparecer. Como sempre, mamãe e Lex estavam certas. A ida à casa dele ajudou a clarear minha mente e a colocar meus pensamentos de volta nos trilhos.

Moochie bateu sua cerveja na minha.

— Então, você e Alexa estão bem?

— Sim, parece que conseguimos retomar de onde paramos.

— Bom. Fico feliz. Vocês sempre pareceram felizes juntos.

Joguei minha garrafa no lixo.

— Obrigado. É melhor eu ir. O próximo jogo de cartas será na minha casa.

— Perfeito. Vou avisar aos caras.

Na minha caminhonete, abaixei as janelas e voltei para a casa dos meus pais. No dia seguinte, tentaríamos voltar às nossas vidas normais; eu no Red Onion, e Lex, na clínica. Seria difícil ficar longe dela. De alguma forma, teríamos que elaborar um sistema que lhe desse independência, mas que me deixasse informado se estava segura.

Embiquei na garagem. Meus irmãos também estavam lá. Era bom estarmos todos sob o mesmo teto, unidos contra quem quer que estivesse lá fora.

Entrei na casa e segui o som de um filme vindo da sala de estar.

Lex virou-se de seu lugar no sofá.

— Ei. Estamos assistindo *Duro de Matar*. Sua mãe e eu fomos derrotadas.

Hayden jogou pipoca nela.

— Você queria assistir *Uma Linda Mulher*. De jeito nenhum.

— É melhor que arranquem minha masculinidade antes de eu assistir a essa merda — acrescentou Kane.

Eu ri, juntando-me a Lex no sofá.

— Tenho que dizer que também teria votado em *Duro de Matar*.

— Traidor — ela brincou e me deu um beijo rápido enquanto se aconchegava ao meu lado. Era perfeito. Apesar de toda a loucura, ainda conseguíamos encontrar um pouco de normalidade.

Mas eu sabia que a escuridão não estava longe.

36

Trinta e Seis

Draçe



Fora um dia longo e infernal. Eu poderia jurar que todo mundo que eu conhecia entrara no bar para falar sobre o recente desastre do Festival de Outono. Porra, todo o conselho da cidade estava em pé de guerra com as queixas. Graças a Deus, tivemos a festa de boas-vindas de Hollis para amenizar a situação.

Arrastei meus pés pelas escadas. Até o momento, Lex não havia perguntado muito sobre o que Kane encontrara, então eu não lhe passei as informações. Concordamos que, para aquela semana, eu a seguiria até a clínica e Hollis a seguiria para casa. E, na semana seguinte, reavaliamos a situação. Foi um acordo conjunto para ajudar a manter todos nós vivendo nossas vidas, mas sendo cautelosos ao mesmo tempo.

Abri a porta e encontrei Lex sentada no sofá com uma taça de vinho. Naquela noite, iríamos ficar no meu apartamento em cima do Red Onion.

— Ei, querida, estou em casa.

— Oi, como foi o seu dia?

— As pessoas estavam reclamando do Festival de Outono. Você é minha heroína por sugerir a festa de boas-vindas. Caso contrário, acho que todos os membros do conselho poderiam estar encrencados.

Ela riu.

— Sim, os pacientes também se queixaram comigo. Já que sou irmã de Raquel, acho que eles acham que eu tenho algum tipo de influência sobre ela. Mas então me abraçaram e a Hollis por salvarmos a cidade.

Nossa cidade amava o Festival de Outono. *Quem teria pensado?* Foi então que notei que a caixa branca que estivera no meu quarto na casa dos meus pais agora estava sobre o aparador.

— Você ainda está hesitando?

— Não, não é bem isso. Vou abri-la hoje à noite. Estou pronta, mas queria que você estivesse aqui comigo.

Isso chamou minha atenção. Na última vez em que Lex quis ler algo do pai, ela fez isso sozinha, o que levou a uma enorme confusão. Daquela vez, enfrentaríamos juntos.

Juntei-me a ela no sofá quando levantou a tampa da caixa. No topo havia várias fotos emolduradas. Pegando a primeira, Lex sorriu.

— Veja isto.

Ela virou para mim. Era uma foto de nós três pescando no cais.

— Foi um dia bom.

— Foi mesmo.

Foi no primeiro dia decentemente quente da primavera. Fomos pescar no cais, no pedaço de terra que Raquel havia herdado. Fora um dia cheio de risadas. Naquela noite, nós comemos peixe fresco cozido em uma fogueira aberta e apenas aproveitamos a companhia um do outro.

Com o dedo indicador, ela traçou a imagem de seu pai, sua respiração tornando-se um pouco mais instável. Fiquei em silêncio, permitindo que Lex guiasse a conversa. Ela colocou a primeira foto de lado e pegou a próxima. Era uma de família, que ela rapidamente largou. Assim como a próxima, que foi descartada imediatamente. No resto da caixa havia prêmios que Lloyd ganhou. Na parte inferior havia uma pasta de arquivos.

Ela abriu a pasta e começou a ler, e eu esperei para ver o que iria dizer. Seus olhos se arregalaram, e ela ofegou.

— Por que ele tinha *isto*?

— O que é isso?

Ela me mostrou o arquivo. A primeira página continha os resultados dos testes. Resultados dos testes de paternidade. O nome da Alexa estava escrito na parte superior.

99,99% de probabilidade de paternidade

— ELE FEZ um teste de paternidade em mim? Por quê? — Ela pegou o papel de volta e continuou a ler. Virou para a próxima página. — Foi de uma amostra de cabelo. Uma amostra de cabelo? Quando ele pegou uma amostra de cabelo minha? Eu estava na faculdade quando o teste foi feito.

— Uma escova de cabelo teria amostras que eles poderiam usar. Lex olhou para os papéis, com uma expressão ilegível.

— Por que ele duvidaria que eu era filha dele?

— O que o resto da papelada diz? — Esperava que houvesse respostas. *O que diabos Lloyd estava pensando?* Era óbvio que ela era dele, considerando o quanto eram parecidos fisicamente. Um sentimento desconfortável se instalou na boca do meu estômago.

Ela continuou revirando os papéis e de repente parou. Soltou um suspiro audível, e sua mão voou até a boca.

— O que é isso?

— Raquel não é filha do meu pai. Se estou lendo isto direito, ele não é o pai dela.

Ela me entregou o papel. No topo, o nome de Raquel estava impresso exatamente como o de Lex.

0,01% de probabilidade de paternidade

A DATA do relatório era de quatro semanas antes do acidente.

— Você notou a data?

Os olhos dela piscaram um pouco mais rapidamente.

— Sim, o meu foi duas semanas depois do de Raquel.

— Então seu pai testou Raquel e depois checkou você?

— Sim. Isso faz muito mais sentido. Muito mais.

As peças estavam se encaixando para Lex, mas ela não me passava as informações. Deixei que refletisse. Em algum momento, eu seria incluído.

Ela balançou a cabeça.

— Lembra quando estávamos no cais, e eu te disse como meu pai não estava agindo normalmente nas últimas semanas antes de morrer? Parecia que estava escondendo algo de mim. Por isso a carta era tão crível.

— Sim.

Ela balançou os papéis na minha frente e tudo se encaixou para mim.

— Ele descobriu que Raquel não era filha dele.

Put a que pariu.

Raquel não era filha de Lloyd. Ele se casou com Irene porque ela estava grávida.

Ficamos olhando os papéis, esperando as informações serem absorvidas. Depois de alguns minutos, Lex sussurrou:

— Você acha que minha mãe sabe?

Eu esperei Lex me olhar. Não seria fácil dizer isso, mas não mentiria para ela.

— Para ser sincero, sua mãe pode não ter certeza, mas ela deve saber que a possibilidade existe.

Eu odiava ver aquela tristeza curvando seus lábios para baixo.

— Eu sei. Há momentos em que não suporto o fato de ela ser minha mãe. Como pôde fazer isso? Vou ter que confrontá-la.

— Eu sei.

— Graças a Deus que sou filha do meu pai. Não sei se conseguiria aguentar se não fosse. — Ela fez uma pausa como se um novo pensamento tivesse lhe ocorrido. — Raquel é apenas minha meia-irmã.

— Sim, ela é.

Embora Raquel fosse um saco, eu não tinha certeza de como Lex se sentiria com a notícia. Deveria doer saber que sua mãe a enganara, o que levava Irene direto para o topo da minha lista de suspeitos.

Lex respirou fundo e vasculhou o resto dos papéis. Algo chamou sua atenção e ela parou para ler com atenção.

Olhei para o cabeçalho.

Últimos desejos e testamento.

— Drake, este é o testamento do meu pai.

Esperei enquanto Lex continuava analisando as páginas.

Ela se levantou abruptamente, e eu peguei o copo de vinho antes que ele caísse.

— Ele mudou. Mudou tudo. Não foi isso que leram no escritório do advogado.

— O que diz?

— Eu seria a herdeira de tudo. As terras de Raquel. A pousada. Tudo isso. Papai comprou a pousada antes de se casar com a minha mãe. Lembra? A escritura nunca foi mudada para o nome dela.

Ah, merda.

Ela me entregou os papéis e começou a caminhar. A raiva estava claramente começando a aumentar.

— Drake, o que eu vou fazer?

— Você não precisa decidir hoje. O que mais há aí? — Apontei para a pasta aberta.

A única coisa que restava era um envelope. Lex pegou, viu o nome dela impresso e o deixou cair como se estivesse pegando fogo. Ela deu um passo para trás, com as mãos para cima.

— Drake, a última vez que li uma carta que pensei que fosse do meu pai, ela quase me destruiu.

Ela se encostou na parede, e eu peguei o envelope. A palavra Alexa estava escrita nele com uma caligrafia elegante. A sensação de déjà vu era avassaladora.

— Você não precisa ler. Mas isso pode fechar o ciclo.

Mordendo o lábio, ela se aproximou um passo. Depois mais dois. Depois de alguns minutos, estava sentada no meu colo e olhando para o envelope na minha mão. Seus dedos traçaram as letras. Pelo

jeito que a mão dela tremia, eu sabia que ela também estava sentindo.

— Você pode ler para mim? Acho que não consigo.

— Claro, amor. — O cômodo ficou mortalmente silencioso. Virei o envelope, abri e comecei a ler.

QUERIDA ALEXA,

Se você está lendo isso, é porque segui para a minha próxima aventura. Esta notícia pode ser um choque para você. Pensei muito em como lidar com o fato de Raquel não ser minha filha. E se você está lendo esta carta, é porque não soube como contar a você ou a qualquer outra pessoa. Ainda é um choque para mim. Talvez eu mude de ideia, e você nunca a leia. Não importa o que aconteça, nunca vou me arrepender do que fiz, porque tudo me levou a você. E você é a melhor coisa que já me aconteceu.

Você floresceu em uma linda mulher e tenho muito orgulho de que esteja seguindo o seu sonho. Mal posso esperar para vê-la abrir sua clínica. E eu sei que Drake estará ao seu lado o tempo todo, apoiando seus sonhos. Ele é sua alma gêmea, Alexa, e te ama. Um pai sempre espera que sua filha encontre um homem que a torne prioridade em todos os sentidos. Drake é esse homem. Dar minha bênção para vocês dois se casarem foi a decisão mais fácil que já tomei. Amo você mais do que a minha própria vida.

Papai.

QUANDO TERMINEI A CARTA, Lex me abraçou e começou a soluçar. Aquela era a carta que ela deveria ter recebido. Era assim que tudo deveria ter acontecido. Lloyd nos aprovava, e qualquer dúvida que pudesse permanecer em nossas mentes desapareceu. Definitivamente.

Obrigado Lloyd. Eu amarei sua filha para sempre e sempre.

37

Trinta e Sete

Alexa



Tristeza.
Raiva.
Frustração.
Arrependimento.
Traição.

Todos esses sentimentos corriam pelas minhas veias ao mesmo tempo. Eu contei à família de Drake o que descobrimos e mostrei-lhes a papelada da pasta do meu pai. Eles não sabiam o que dizer. Então chamei Hollis, que veio imediatamente. Ele contatou seu advogado, que deu uma olhada no testamento. Aparentemente, não havia nada que pudesse ser feito. Pensei no que nos dissera.

— O testamento está fora de inventário, e o prazo de prescrição expirou. Uma opção que você tem é processar o escritório de advocacia por negligência, pois eles forneceram o testamento errado. No entanto, o advogado que o executou é falecido. A não ser que possamos descobrir onde foi arquivado, o testamento verdadeiro não terá peso em um tribunal. Também pode ser um processo demorado e caro. Assim que eles perceberem o que estamos fazendo, será quase impossível obter as informações.

— Como ela pôde? Como pôde fazer isso?

Drake ficou comigo enquanto eu desabafava. Eu estava pronta para entrar no meu carro e ir confrontar minha mãe, mas Drake sugeriu que eu me acalmasse um pouco. Passar a noite na cadeia não estava na minha lista de prioridades.

Minha mãe mentiu. Ela mentiu. Para mim... para o meu pai ...

Será que ela sabe que meu pai descobriu? Raquel sabe?

E tudo parecia coincidência demais – as ofertas de terras, a paternidade, a morte de papai. Drake compartilhou comigo o que descobriu sobre o acidente. Toda a papelada havia desaparecido. Simplesmente desaparecera. *Será que os policiais estavam envolvidos?*

Como? Por quê? Quem?

Peguei meu telefone e liguei para a minha mãe. Correio de voz.

— Não acredito que ela me enviou para o correio de voz! Eu sou filha dela!

Era isso. Eu estava no meu limite. Levei os resultados do teste de paternidade e o testamento até o computador de Drake e comecei a digitalizá-los.

— O que você está fazendo?

— Dando ao Twiner Tellings um boletim bem quente.

—Você realmente quer toda a cidade envolvida?

Parei o que estava fazendo e afundei na cadeira. Drake se apoiou no batente da porta. Era o que ele fazia quando eu estava com muita raiva: me dava espaço.

— Só estou dizendo: depois de publicado, você não vai poder voltar atrás. Vai perder qualquer elemento de surpresa. Sei que está chateada e magoada, mas que bem isso vai trazer? Se quer falar sobre isso, sugiro confrontar Irene e Raquel cara a cara. Então vai descobrir se elas sabiam.

Ergui minhas pernas, cruzando-as sobre o assento.

— Você acha que minha mãe está envolvida no acidente do meu pai, de alguma forma?

— Gostaria de pensar que não, mas... — Ele deixou a frase morrer, obviamente sem saber como terminá-la. O triste era que eu também não tinha certeza de como ela poderia terminar. Toda a situação fazia minha mãe parecer muito suspeita.

Inclinei minha cabeça para trás e olhei para o teto.

— Eu me pergunto se foi Chazz ou Raquel. Mas isso parece tão óbvio. Você acha que Raquel sabe?

— Eu não sei. Se acho que Raquel sabia quando você morava aqui antes? Talvez não, mas não tenho certeza. Agora? É uma possibilidade.

— Quero falar com ela. E com minha mãe.

— Você tem certeza disso?

— Sim. Preciso descobrir se elas sabiam.

~~~~~

A IDA à pousada foi um fracasso. Minha mãe não estava em casa. Em seguida fui à ilustre casa de Raquel, localizada na colina. A casa era completamente deslocada para os padrões de Skagway. Foi a primeira vez que estive lá.

As luzes estavam acesas, e o carro da mãe estava estacionado bem na frente. Claro que ela não atendeu minha ligação. Fechei os punhos enquanto pensava no que iria encontrar.

— Você tem certeza de que quer fazer isso?— Drake perguntou.

Apreciava que Drake estivesse tentando ser o mais razoável possível, mas eu queria olhar em seus rostos. Precisava descobrir se elas sabiam. Mantendo minha voz firme, eu disse:

— Sim, não sou eu que estou agindo irracionalmente. Talvez tivesse sido, se acabasse enviando as informações para as irmãs Twiner, mas agora me sinto entorpecida. Quero-as fora da minha vida para sempre depois disso.

— Entendo, Lex. Realmente entendo.

Honestamente, era bom ter uma família. Mas eu ficaria feliz em me livrar da minha.

Saltamos da caminhonete e seguimos até a enorme e ornamentada porta da frente. Era como se aproximar de algum tipo de castelo. *Ridículo*. O exterior de pedra parecia frio. Quando apertei a campainha, uma música chique tocou. Esperamos e fiquei ainda mais irritada com o passar dos segundos. Recusava-me a sair dali até vê-las, então apertei o botão novamente. E de novo. Quando meu dedo foi em direção ao botão pela quarta vez, a porta

se abriu. Uma mulher vestindo um uniforme preto e branco respondeu:

— Olá, como posso ajudá-la?

— Eu sou Alexa Owens, irmã de Raquel. Quero ver a ela e minha mãe por um minuto. É urgente. Informe-as de que não vou embora até que me recebam. E elas vão querer me ver. Caso contrário, irei às irmãs Twiner.

E eu faria exatamente isso. A mulher pareceu surpresa.

— Só um momento, senhora.

A porta se fechou, e nós esperamos. Em um minuto, ela se abriu.

— O que você está fazendo aqui? — Raquel surgiu gritando, cruzando os braços sobre o vestido de miçangas. *Um pouco exagerado para um jantar casual, eu diria.*

Se ao menos eu pudesse tirar aquele olhar arrogante do rosto dela. Isso sempre me deixou irada. *Será que ela sabe? Meu coração amoleceu um pouco. E se não souber?*

Mas então Raquel rosnou para mim:

— Você é surda? O que quer?

*E o dilema terminou.*

— Eu preciso falar com você e com nossa mãe.

Ela cruzou os braços novamente.

— Sobre o quê?

Virando-me, olhei para Drake.

— Isso é uma perda de tempo. Me leve até Elvira e Sylvia. Elas vão ficar mais interessadas no que tenho a dizer.

Nós nos viramos e demos alguns passos até o carro antes de Raquel dizer:

— Tudo bem, entre. Mas tire os sapatos. Não quero que você suje meu chão.

Seguimos Raquel, mas não tiramos nossos sapatos. Normalmente, sim, eu os tiraria, mas nos tratar como se fôssemos animais de curral era inaceitável. E, francamente, eu não dava a mínima para ela – ou seu piso chique – naquele momento.

Chazz estava sentado no sofá, tomando uma bebida.

— Alexa, Drake, o que os traz à nossa casa esta noite?

Ele usava um daqueles robes de seda vermelhos que você vê nos filmes, combinados com calças pretas. Honestamente, ele parecia ridículo. Toda aquela cena, incluindo a minha mãe em seu vestido de baile, bebendo vinho enquanto a lareira crepitava, parecia fabricada.

Chazz fez um sinal para nós.

— Vocês gostariam de se sentar? Eu pretendia pedir a Raquel que a convidasse. É uma pena que a primeira vez que nos encontramos tenha sido no Festival de outono.

— Obrigada, mas vou ficar de pé. Não vamos demorar. — Virei-me para Raquel, que parecia prestes a explodir. Além disso, seu penteado elegante fazia parecer como se houvesse dois chifres escuros brotando de sua cabeça. — Por que você vendeu as terras do nosso pai para a Milano Incorporated?

Ela revirou os olhos.

— Porque eu quis.

Respirei fundo.

— Quanto você conseguiu por elas?

— O suficiente para aceitar a venda.

*Vadia.* Eu queria dar um tapa naquela cara dela.

— Papai não queria que você vendesse a terra. Deveria ir para os netos dele.

Raquel revirou os olhos novamente. Eu estava a cerca de dois segundos de perder a cabeça. Drake colocou a mão na minha cintura, e eu abri os punhos. O movimento ajudou a me centrar.

— Você sabe quem é a Milano Incorporated?

— Não, eles me ofereceram através do banco.

Chazz se inclinou para frente e, pela primeira vez, vi algum tipo de qualidade humana nele.

— Algo está errado, Alexa?

— Não, este não é o problema. Eu só queria que alguém tivesse me dito.

Durante a conversa, minha mãe não disse uma palavra.

— Mãe, eu tenho tentado ligar para você.

— Desculpe, querida, eu andei ocupada. — Ela deu um tapinha no cabelo. Podia jurar que ela e Raquel eram duas ervilhas dentro de uma vagem, e fiquei feliz por me parecer mais com meu pai.

Cansada de enigmas, peguei as fotocópias de dentro da minha jaqueta. Minha mãe e Raquel obviamente não me forneceriam informações adicionais. Agora eu precisava saber se – ou o quanto – elas sabiam.

— Então... eu peguei algumas coisas do papai com o Jim.

Raquel e mamãe se entreolharam. Seus olhos se arregalaram por apenas um segundo, mas então suas expressões se fecharam novamente. Minha mãe suspirou.

— Ele não guardava nada no ambiente de trabalho.

Eu levantei um dedo e dei um passo à frente.

— Ah, guardava, sim. Jim disse que entrou em contato com você várias vezes, pedindo para buscá-las, mas você não se incomodou.

Mais uma vez, elas compartilharam outro olhar. OK. Era hora do *grand finale*.

—Enfim... encontrei algo interessante lá. Testes de paternidade.

O rosto da minha mãe se contorceu de raiva.

— Alexa, estou avisando.

— *Me avisando?* Sobre o quê? O que eu encontrei? Ou sobre o fato de que vou contar à cidade o que você fez?

Fervendo de ódio, ela deu um passo em minha direção com a mão levantada.

Drake disparou, colocando-se na minha frente.

— Irene, eu sugiro que você dê alguns passos para trás. Se colocar a mão em Lex, vai ter que lidar com as consequências.

Drake nunca bateria em uma mulher, mas a ameaça foi suficiente para fazer minha mãe recuar. No entanto, eu tinha minhas respostas. Virei-me para Raquel, que não parecia nem um pouco perturbada.

— Então você sabia também.

Ela não disse nada

— Foi por isso que você vendeu a terra. Para pegar o dinheiro o mais rápido possível.

Ainda assim, ela não disse nada.

— Não há nada que queira dizer? Há quanto tempo você sabe, Raquel?

E ainda, nada.

Chazz ficou de pé.



— Você se importaria de esclarecer o que está falando? Estou um pouco perdido.

Por um segundo, estudei-o para ver se ele estava mentindo. Suas sobrancelhas estavam cerradas, e ele parecia ter sido mantido no escuro. *Mas quem sabe?*

— Raquel não é filha do meu pai.

— Você tem certeza? — Ele olhou para mim, incrédulo.

Joguei a cópia dos resultados do teste de paternidade em cima da mesa.

— Sim, eu tenho. Raquel e eu seríamos identificadas como apenas meias-irmãs. Aqui está uma cópia, se quiserem verificar.

Chazz analisou os papéis. Raquel pigarreou.

— Acredito que é hora de vocês irem embora.

— Eu estava pensando a mesma coisa. — Balancei minha cabeça. — Eu não te conheço, Chazz. Mas se eu fosse você, escaparia enquanto é tempo. Vi que você é próximo do seu irmão. É assim que minha família trata as pessoas quando elas não são úteis. Espero que você nunca se torne obsoleto, nem se pegue na mesma posição em que estou agora.

E com isso, virei-me e saí.

Quando Drake ligou a caminhonete, senti a porta de qualquer relacionamento com minha mãe e irmã se fechar. Minha mãe não tentou me impedir enquanto eu saía. Ela não se importava em me ter em sua vida.

E isso me feria. Agora eu não tinha nenhum dos meus pais.

# 38

## Trinta e Oito

### Alexa



**N**a tarde de quarta-feira, Hollis estava terminando com um paciente enquanto eu tentava recuperar o atraso. Não foi uma tarefa fácil; minha mente seguia desordenada, em todos os tipos de direções. Uma pequena parte de mim esperava que minha mãe ou minha irmã estendessem a mão e quisessem conversar sobre tudo. Eu não conseguia imaginar o quão solitário o meu pai deveria ter se sentido quando descobriu a verdade sobre sua esposa e filha.

A porta da frente se abriu, e Devney entrou de óculos, os cabelos claros em um coque solto. Ela realmente parecia uma professora de música do ensino médio.

— Ei, Alexa. Espero que agora seja uma boa hora.

— Sim. Sim, claro que sim. — Balancei minha cabeça para tentar limpar as teias de aranha. Com todo aquele caos, esqueci que Devney chegaria naquele dia. *Ops!* Hollis teria uma surpresa. — Aqui está a papelada. Você pode começar a preencher lá no escritório dos fundos, se não tiver problema.

Isso me daria a chance de dar a notícia a Hollis. Com tudo o que acontecera na noite anterior, Hollis fora muito legal comigo o dia todo. Ele me cumprimentou no degrau da frente com café, trouxe meu almoço favorito do Red Onion e ouviu minha playlist super

feminina ao invés das coisas clássicas e chatas que ele gostava de tocar durante os intervalos.

Devney pegou os papéis.

— Perfeito. Obrigada novamente por esta oportunidade.

— *Eu* que agradeço. — Indiquei as pilhas de papéis que precisavam ser arquivadas. — Precisamos da ajuda, como você pode ver.

Os papéis não estavam tão organizados quanto gostávamos de mantê-los. A clínica parecia um hospício.

— Isso não será problema.

Conduzi Devney ao escritório dos fundos e expliquei os diferentes formulários. Por razões legais, ela teria que assinar acordos de confidencialidade.

A porta da sala de exames se abriu e eu disse:

— Já volto.

— Sem problemas. Vou continuar preenchendo tudo.

O Sr. Hortishire saiu da sala e acenou um adeus. Aquela era a minha chance de dar um pequeno aviso a Hollis.

Ele me entregou a ficha.

— Eu notei que o Sr. Hortishire tem pressão alta. Dei-lhe algumas sugestões para ver se conseguiríamos normalizá-la. Gostaria de agendar um acompanhamento em uma semana.

Escrevi as anotações.

— Considere feito.

— Nós realmente precisamos de alguém para nos ajudar por aqui.

Estalando a minha língua, logo soube que aquela era a oportunidade perfeita.

— Então, veja bem, acho que a vaga já foi preenchida.

— Já? — Hollis inclinou a cabeça para mim como se eu fosse louca.

Estava na hora. *Só arranque o Band-Aid.*

— Sim, nós já temos alguém.

— Ok, o que você sabe que eu não sei?

— Bem, nossa nova funcionária está lá trás preenchendo a papelada. Eu preciso saber qual é o salário.

Hollis considerou por um segundo.

— Que tal vinte dólares por hora?

— Ela ficará agradecida. Perfeito.

— Alexa, já preenchi a papelada.

— Estou indo!

Ah, merda, pensei que teria mais alguns minutos para contar a ele. Porra, Devney foi rápida.

O rosto de Hollis congelou.

— É... eu... ela ... você...

Dei um tapinha no ombro dele.

— Respira fundo, Hollis. Você falou que não está atraído por Devney, não falou? — Dando uma piscadela, voltei ao escritório e peguei os papéis de Devney.

— Acabei de confirmar com Hollis; o salário é vinte dólares por hora.

— Ah, meu Deus! Eu estava esperando apenas a metade disso. Agradeço muito. Vai ajudar imensamente. Muito obrigada. — Seus olhos se voltaram para a porta, onde eu tinha certeza de que Hollis se juntara a nós. — Dr. Fritz, obrigada novamente.

— De... nada. Eu estou... — Hollis começou a mexer no estetoscópio. — Estou feliz em tê-la... — De alguma forma, no segundo seguinte, o estetoscópio enrolou-se em seu pescoço. — Droga. Essa coisa está tentando me matar.

Ele jogou o estetoscópio do outro lado da sala, e todos nós o observamos cair. O som do metal batendo no chão foi o único que ouvimos.

— Bem, foi uma boa maneira de se livrar dele — eu disse.

Devney deu uma risadinha, mas depois se calou. Um silêncio constrangedor preencheu a sala. Eu estava prestes a falar quando Devney disse:

— Almocei com Marlena hoje. Ela está animada.

— Animada? — Hollis perguntou, perplexo.

Os olhos de Devney se arregalaram, e ela olhou para mim. Eu não tinha ideia do que ela estava falando.

— Humm... para o encontro de vocês nesta sexta-feira.

— O quê? — o tom alterado da voz de Hollis nos fez pular. — Que encontro?

Devney olhou para mim em busca de ajuda. Ela provavelmente estava pensando que Hollis era louco. Às vezes, ele não tinha o comportamento de um médico. Na última vez em que ela esteve aqui, ele fechou a mão na gaveta. Agora quase se estrangulou com o estetoscópio e estava gritando daquele jeito.

— Eu... hum... eu vou sair agora. Obrigada, Dr. Fritz. Vejo você na segunda-feira, Alexa. Obrigada de novo.

Acenei, dizendo:

— Tchau, Devney.

A porta se fechou atrás dela, e eu me virei para Hollis.

— Você poderia fazê-la se sentir um pouco mais bem-vinda. Acho que a assustou.

— O quê? Eu não... droga! — Hollis partiu em direção à porta da frente, quase tropeçando em seus próprios pés. Eu o ouvi dizer: — Obrigado por aceitar o trabalho, Devney. Estamos ansiosos para segunda-feira.

Foi um pouco melhor. Agora ele apenas parecia um pouco estranho. Gostaria de saber se ele gostava mais dela do que eu pensava. Hollis parecia bastante afetado.

Quando voltou, Hollis se encostou na parede.

— Está quente aqui? Pensei que morássemos numa tundra congelada.

Sim, ele parecia um pouco estranho. Provoquei-o um pouco mais, porque era exatamente o que ele teria feito.

— Ou é o cupido.

Ele me ignorou.

— Ela começa na segunda-feira?

— Sim.

— E a cidade inteira acha que vou sair com Marlena?

— Sim.

Ele passou a mão pelos cabelos.

— Vocês do Alasca são loucos. E, por associação, estou ficando louco também.

— Eu pensei que você queria ser um de nós, exceto... pelo café.

— Apenas na parte viril. Todas essas outras coisas... eu vou ficar na vibe de Nova York.

Coloquei meu braço em volta do ombro dele.

— Deixa eu pegar um café com leite de soja com uma pitada de baunilha e chocolate com um expresso duplo. Não teremos outro paciente por trinta minutos.

— Talvez você esteja se redimido como minha melhor amiga.

Bem, eu provavelmente estava prestes a me redimir. Ao subir as escadas, perguntei:

— Você quer que eu finja uma doença na segunda-feira?

— Por quê?

*Ah, cara!* Era tão fácil quanto tirar doces de um bebê.

— Eu imaginei que você poderia querer brincar de médico com Devney.

— Prepare um expresso triplo e me traga meu martelo. Preciso me sentir como um homem do Alasca.

Eu ri enquanto entramos na copa. Sim, o dr. Hollis Fritz fora flechado pelo cupido. Com força.

# 39

Trinta e Nove

Draque

A festa de boas-vindas foi um sucesso; as pessoas relaxaram e desfrutaram da boa comida e da companhia de amigos. Despedi-me de todos conforme iam saindo. O conselho da cidade me parabenizou por salvar o dia. As pessoas ficaram felizes por termos conseguido nos redimir após o Festival de outono. As festas na cidade tinham a ver com fazer parte da comunidade e apenas curtir a companhia.

Por causa disso, parecia que minha reeleição estava no papo. O que começou como uma maneira de me distrair pela ausência de Lex se transformou em algo que eu realmente gostava de fazer. Skagway era importante para mim, e manter nosso senso de comunidade era algo que eu sempre guardaria no meu coração.

É claro que Irene e Raquel não apareceram. Chazz também não. Mas Lex havia trabalhado muito em cada detalhe. Elas nunca foram verdadeiramente sua família, embora ela tivesse esperança, da mesma maneira como acontecera com Teagan. Nesse ponto, eu acreditava que Teagan estava desaparecida há tanto tempo que tudo o que encontraríamos seria um corpo. De jeito nenhum ela poderia sobreviver por tanto tempo. E eu sabia que incomodava Lex o fato de não poder salvá-la.

Independentemente de quão desagradável a pessoa fosse, Lex queria ajudá-la.

Nada mais havia acontecido naquela semana. Kane estava nos fundos, revendo as fitas das câmeras que montou. Qualquer coisa para fugir da socialização.

Lex surgiu e bateu no meu quadril. Ela estava ajudando a servir no bar já que dei a Crete a noite de folga para se divertir.

— Pobre Hollis.

No canto, Hollis estava sentado a uma mesa, cercado por garotas. Ele parecia querer dar o fora dali.

Devney se aproximou do bar. Percebi que ela olhou por cima do ombro com indiferença antes de se voltar em nossa direção.

— Foi uma ótima festa. Obrigada por me convidar. Mal posso esperar para começar na segunda-feira.

— Nem nós — Lex respondeu, dando-lhe um sorriso doce. — Você será um ótimo complemento para a equipe.

Mais uma vez, ela lançou outro olhar para o canto. Sim, ela gostava de Hollis. Lex estava certa. Remexendo as mãos, ela perguntou nervosamente:

— Você pode dizer a Hollis que eu dei boa noite? Não quero interrompê-lo.

— Tenho certeza de que ele adoraria ser salvo daquela bagunça, se você quiser lhe dizer adeus. Ele provavelmente vai me matar porque eu o deixei ali com Samone e Jane.

Com um sorriso genuíno, ela deu uma piscadinha.

— Tenha uma boa noite. Não o faça sofrer por muito tempo. Não queremos um chefe mal-humorado na segunda-feira.

— Você provavelmente está certa — respondeu Lex. — Já tive um Hollis rabugento em minhas mãos, e isso resultou em eu jogando um livro na cabeça dele.

— Ah, meu Deus! — Os olhos de Devney se arregalaram como pires. — Bem, vou deixar o livro por sua conta.

Lex riu.

— Combinado.

Quando Devney saiu, bati no balcão três vezes e disse:

— Última chamada!



Quando terminei de falar, mais pessoas desapareceram até restar apenas um pequeno grupo. O velho Rooster se aproximou do bar, caminhando como um avô orgulhoso.

— Acho que minha Marlena vai se casar em breve.

*Oh, oh!*

Aparentemente Lex ficou sem saber o que dizer, então perguntei:

— Como assim?

Colocando as mãos nos bolsos, ele deu um sorriso.

— Ah, dá para ver, pela maneira como seu médico está olhando para ela, que está apaixonado. — Ele bateu no balcão. — Meu trabalho aqui está feito. Boa noite, pessoal.

— Boa noite — gritamos em uníssono.

Olhei para Hollis, que parecia qualquer coisa menos apaixonado quando se levantou. Marlena acenou com os dedos antes de caminhar em direção ao avô. Lex olhou para a porta, depois para Hollis novamente. Ah, eu sabia o que iria acontecer. Coloquei minhas mãos em volta da cintura de Lex e a trouxe um pouco mais perto.

— Posso ver as engrenagens da sua cabeça girando.

Ela lançou a ele um olhar inocente.

— Do que você poderia estar falando?

— Eu que pergunto.

Antes que Lex pudesse responder, Hollis estava no bar, apontando para ela.

— Por que você não foi me salvar?

Eu me ocupei servindo alguns copos de cerveja.

— Você parecia apaixonado como um gatinho — Lex disse com uma risadinha.

Hollis olhou furioso, mas notei que ele continuava olhando ao redor da sala como se procurasse alguém.

— Ela foi embora — disse Lex.

— Quem? — Hollis tentou parecer inocente. Sim, ele gostava de Devney. Ele e Hayden deveriam se unir e trocar dicas sobre o que não fazer. E a primeira de todas era não deixar a garota escapar por entre seus dedos.

Lex respondeu:

— Bem, quem você está procurando?

— Eu não sei do que você está falando. Então, Drake, pesca no gelo?

*Ah, merda.* Ele ia me colocar na conversa. Casualmente, perguntando a mim mesmo aonde ele queria chegar, perguntei:

— O que houve?

Não havia meio termo com Hollis. Até onde eu sabia, ele queria seu próprio buraco no gelo. Eu me perguntava se o cara já havia pescado antes, ainda mais no gelo.

— Acho que precisamos reunir um grupo. Você sabe... Homens do Alasca em uma cabana de gelo. Pescar. Beber cerveja. Sei lá... coisas viris.

Eu ri. Aquele cara crescia no meu conceito mais e mais a cada dia. Quase não dava para dizer que era médico só por conversar com ele.

— Bem, eu vou todo mês de dezembro com meus irmãos. Quer se juntar a nós?

Hollis bateu no balcão.

— Conte comigo. Vou encomendar o equipamento. Boa noite.

Despedi-me com um gesto. Apenas uma pessoa permaneceu no bar. Olhei duas vezes, surpreso ao ver Chazz sentado lá. *Quando foi que entrou?* Ele estava nos observando, e era óbvio pela maneira como rastreava nossos movimentos que ele queria falar conosco. Lex ficou rígida ao meu lado. *Que tipo de jogo ele está planejando?* Coloquei Lex um pouco atrás de mim antes de dizer:

— Desculpe, cara. Estou fechando.

— Entendido. — Ele olhou ao redor da sala, sem se mexer uma polegada. Aparentemente, ele não havia entendido. Eu estava prestes a dizer algo quando ele falou: — Alexa, podemos conversar?

— Tudo o que você tem a me dizer, pode dizer na frente de Drake — sua voz era fria, distante.

Chazz ajeitou o paletó e depois as abotoaduras, levando algum tempo na tarefa. Ele estava prestes a ser expulso, à força, se necessário.

— Muito bem. Como posso dizer? As informações que você recebeu recentemente; o que você planeja fazer com elas?

Lex deu um passo em sua direção e eu também me remexi.

— Até agora não tenho planos. Por quê?

— Estou preparado para pagar uma quantia considerável por sua discrição.

*Idiota.* Eu tive que cerrar os dentes para não dizer nada. Aquela era uma luta de Lex, e ela era forte o suficiente.

Ela balançou a cabeça.

— Eu não quero o seu dinheiro, Chazz.

Suas palavras foram recebidas apenas com silêncio. *Filho da puta.* Ele estava tentando intimidá-la, mas não funcionaria.

Ele entrelaçou os dedos e perguntou:

— Então o que você quer? Deve haver algo.

— A pousada — disse ela sem hesitar. Lex estava tentando reconstituir as terras do pai e conseguir o que era seu por direito.

Ele soltou um suspiro.

— Algo mais?

— Eu não me importaria em ter de volta o pedaço de terra que Raquel vendeu.

Ele riu.

— Isso não vai acontecer.

A porta se abriu e Dixon entrou. Eram como noite e dia. Chazz parecia pronto para uma reunião executiva enquanto Dixon estava vestido casualmente.

— Acabei de pegar o jantar. Você está pronto? — Ele olhou para nós. — Drake. Alexa. É bom ver vocês novamente.

Nós o cumprimentamos de volta.

Chazz continuou olhando fixamente para Lex, e eu queria dar um soco nele.

Dixon perguntou:

— Chazz?

— Estou indo. — Chazz assentiu para si mesmo antes de olhar Lex diretamente nos olhos. — Vou te devolver sua pousada, mas não quero que volte a procurar sua mãe ou Raquel novamente. Vamos nos mudar para Ketchikan e tenho objetivos que prefiro não frustrar desta vez.

— Então certifique-se de que eles fiquem fora do meu caminho também.

Chazz me olhou nos olhos pela primeira vez.

— Você deixou sua namorada negociar?

— Lex não precisa que eu fale por ela. Mas vou dizer uma coisa.

— Cheguei mais perto do balcão e me inclinei. Eu me elevava sobre ele. — Não brinque com ela, comigo ou com minha família. Ou não haverá um lugar nesse estado onde você possa se esconder.

Senti a mão de Lex nas minhas costas, mas ele precisava entender que eu estava ao lado dela. Havia um limite até onde Chazz poderia me provocar.

— Isso é uma ameaça? — ele zombou.

— Não, é um fato.

Desafiei o filho da puta a dizer mais alguma coisa. Ele ajustou as abotoaduras novamente.

— Bem, a pequena façanha do seu namorado pode ter lhe custado a pousada, Alexa.

Ela pegou o telefone.

— Engraçado, essa ameaça pode ter custado que as irmãs Twiner recebam aquelas informações junto com outras que você ainda não viu.

*Essa é minha garota.*

Chazz bufou.

— Entrarei em contato. Boa noite.

E com isso ele foi embora. Ao meu lado, Lex jogou seu pano no balcão.

— Ele é um verdadeiro balde de bosta. Ugh, ele e Raquel se merecem.

— *Balde de bosta?* — Eu não pude deixar de rir.

— Não importa, você entendeu.

Ela estava adorável fazendo careta para a porta. Verdade fosse dita, ela provavelmente estava ansiosa para enviar o relatório às irmãs Twiner, independentemente do que Chazz dissesse.

Suspirando, Lex flexionou os dedos.

— Talvez eu consiga a pousada de volta.

— Vamos torcer.

Kane entrou pela porta dos fundos.

— Acabei de revisar todas as filmagens. Não há nada novo.

Hayden estava com ele. Imaginei que, em algum momento durante a festa, ele fora lá para os fundos para ajudar.

— Isso é bom. — Quem quer que fosse, tinha decidido ficar longe da minha casa, o que significava que de Lex também.

Ao lado de Kane, Mariah deu um rosnado baixo, e os cabelos de sua nuca se arrepiaram. Kane se ajoelhou e perguntou:

— O que foi, garota?

Seus rosnados ficaram um pouco mais intensos, e ela tocou a mão de Kane. Jurei que os dois falavam algum tipo de linguagem secreta.

Ele ficou parado.

— O idiota esteve aqui hoje à noite.

Merda. A cidade inteira estivera no bar naquela à noite.

— Acha que ela consegue farejar lá fora? Descobrir para onde ele foi?

— Sim.

A porta se abriu, e Chazz voltou. Meus olhos se voltaram para Mariah, mas ela ficou parada e apenas o observou.

— Me desculpe. Eu esqueci meu casaco.

Neste momento, Dixon entrou pela porta.

O rosnado baixo de Mariah aumentou. *Dixon?* Kane olhou para mim e assentiu. Ele fez algum tipo de gesto, e Mariah se acalmou.

Pigarreei.

— Escute, por que todos nós não tomamos uma bebida? Ouvi dizer que Dixon vai embora em alguns dias. Sei que tivemos nossas diferenças, mas talvez possamos colocá-las de lado.

Chazz parou.

— Claro.

Pelo aperto nos olhos de Dixon, ficou claro que ele não aprovava a ideia.

Bem, *que pena*. Já era hora de ele dançar conforme a música.

# 40

Quarenta

Drake



A primeira coisa que eu precisava fazer era tirar Lex de lá. Só por precaução. Precisava ter certeza de que ela estava segura. *Pense em um motivo.* Peguei alguns copos e uma garrafa do meu uísque de primeira linha. Pela carranca em seu rosto, era fácil perceber que ela não estava satisfeita com a presença de Chazz e provavelmente estava procurando uma explicação. *Apenas me dê alguns minutos, baby. Eu vou resolver isso.* Kane e Hayden iniciaram uma conversa com os irmãos Hennington.

Era a minha primeira prioridade – afastar Lex. Coloquei minha mão no ombro dela e sussurrei:

— Você se importaria de fechar as contas lá no escritório para mim? Preciso de alguns minutos para resolver uma coisa. — Ela olhou para mim, confusa, e eu arregalei os olhos. — Por favor — murmurei.

Mesmo confusa, ela disse:

— Claro. Eu vou cuidar disso.

Virando-se para Dixon, Lex abriu um sorriso genuíno. *Se ela soubesse...*

— Boa noite, Dixon. Dê uma passada aqui antes de sair da cidade.

— Farei isso.

Kane pediu licença.

— Deixei meu telefone no escritório. Volto já.

Ninguém suspeitou de nada ou captou o pequeno gesto quase indiscernível que ele fez. Mariah ficou e prendeu o olhar, quase sem piscar, nos irmãos.

Dixon riu quando tirou o casaco.

— Esse é um cachorro intenso. Ela é incrível. Mas eu não gostaria de ser seu inimigo.

— Sim, ela herdou isso de Kane — respondi.

Ele balançou sua cabeça.

— Sim, esses dois são durões.

Hayden levantou o copo.

— Cara, não é todo dia que consigo convencer meu irmão a abrir um uísque desses. Um brinde.

— Sim, só quando me sinto excepcionalmente bem com alguma coisa. Saúde. — Nós batemos os copos e bebemos.

Kane voltou do escritório.

— Me de um pouco dessa merda. Eu também estou me sentindo bem.

Hayden obedeceu e, com outro gesto furtivo, Mariah foi até a porta da frente. Hayden sentou-se ao lado de Chazz, e Kane sentou-se ao lado de Dixon. Esses idiotas foram efetivamente engaiolados.

Kane engoliu toda a bebida e disse:

— Porra, é boa.

Tomei outro gole e coloquei o copo sobre o balcão.

— Então... eu tenho uma pergunta.

— Manda — disse Dixon.

Olhando-o diretamente nos olhos, eu disse:

— Diga-me por que estive na minha casa na outra noite, Dixon? Você quase assustou a minha namorada.

O copo que ele segurava parou por uma fração de segundo no caminho em direção à boca. Foi uma pausa suficientemente suspeita e pude ver as engrenagens de sua cabeça girando para ganhar algum tempo.

— Do que você está falando?

Eu zombei.

— Você sabe exatamente do que estou falando. Vou perguntar de novo. Por quê. Você. Estava. Na. Minha. Casa?

— Eu não estava. Acho que é hora de partirmos, Chazz. Parece que já recebemos nossas boas-vindas.

Dixon se levantou, e a mão de Kane disparou para agarrar seu ombro.

— Eu acho que vocês estão onde deveriam estar. Meu irmão fez uma pergunta. É rude não responder.

De má vontade, Dixon voltou ao assento. Cruzei os braços sobre o peito e fiquei olhando. Chazz parecia estar enjoado. Ele não tentou se mexer, mas Hayden estava pronto para ele.

— Ei, ei, amigo. Eu acho que o mesmo vale para você.

Os olhos de Chazz se arregalaram, e ele parecia desconfortável pra caralho. Dixon estava tentando permanecer calmo e sem se mostrar afetado, mas sabia que fora pego. Quando o silêncio se tornou tão denso que a tensão era quase palpável, continuei dizendo:

— Há duas maneiras com as quais podemos resolver isso. Uma é você me dizer por que estava na minha casa. A outra...

Kane continuou de onde eu parei.

— Nós faremos um bom passeio até a floresta.

Dixon tentou se afastar do bar, mas Kane foi mais rápido e segurou seu ombro novamente. Mariah rosnou, mostrando os dentes, e se aproximou do bar em alerta. Dixon olhou para trás e ordenou:

— Mande-a parar.

Estalando a língua, Kane disse:

— Não, não estou com vontade hoje.

Em um movimento rápido, pulei por cima do bar, pegando-os de surpresa.

— Pegue a carteira dele. Preciso identificá-lo e garantir que tem vinte e um anos.

De forma bruta, Kane ergueu Dixon da cadeira.

— Me entregue sua carteira. — Dixon não se mexeu. — Eu não vou pedir novamente. Só preciso de um comando para Mariah te rasgar ao meio. Sugiro que colabore.



*Porra, Kane era um filho da puta assustador.* Dixon pegou sua carteira e Kane a jogou para mim. Peguei a de motorista.

— Parece que você não é ilegal, Dixon Samuel Hennington. — Ele não precisou dizer mais nada. O nome Samuel piscou em neon para mim. — Samuel? Sam? O mesmo Sam que forneceu drogas a Teagan?

— Você não pode provar nada — ele cuspiu.

Chazz se remexeu, e Hayden colocou a mão em seu ombro.

— Vamos ficar confortáveis em nossas cadeiras. Temos ingressos na primeira fila para o show.

Eu decidi blefar.

— Não, não posso. Mas as testemunhas no prédio de Teagan podem. Eles identificaram um homem que se parece muito com você.

Com um sorriso sinistro, o homem calculista reapareceu.

— Você não tem nada. Não há testemunhas.

*Idiota.* Ele era bom, mas eu era melhor depois de precisar esconder meus sentimentos por dois anos.

— Você tem certeza disso? Pense muito bem; não houve uma única vez em que você cometeu um deslize ou deixou algo para trás? — Virei-me para Chazz. — Você vai entrar como cúmplice.

Chazz ergueu as mãos.

— Vamos ser razoáveis. Nós podemos resolver isso. Dixon precisa da terra.

— Cale a boca, seu idiota — ele gritou.

Chazz virou-se para ele.

— Eu não vou me encrascar por isso. Você prometeu.

— Eles não têm nada. E cale a boca!

— Você tem certeza disso? — Kane cruzou os braços contra o peito e Mariah se aproximou. — Ouvi dizer que a prisão não é muito divertida. Eles não fazem a comida besta que vocês comeram na festa. Deve parecer mais com coisa enlatada.

Chazz parecia tão horrorizado que era quase cômico. Pela primeira vez, vi hesitação nos olhos de Dixon enquanto ele examinava nossos rostos. Chazz ficou mais inquieto. Dixon deu um passo para trás, e Mariah rosou.

— Eu não a irritaria. Acho que ela não jantou ainda — falei.

— O que você vai fazer? Me levar para a floresta e me enterrar?  
— Ele riu. — Isso está ficando ridículo.

Peguei meu telefone. *Não estamos chegando a lugar algum.* Era hora de outra abordagem. Disquei um número, e Roy atendeu no terceiro toque.

— Isso não deve ser nada bom. Normalmente você não me liga tarde da noite, a menos que haja uma confusão.

— Ei, Roy. Você pode vir para o Red Onion? Eu gostaria de denunciar uma ocorrência.

Eu podia ouvir papéis farfalhando ao fundo.

— Claro, o que aconteceu? A festa de boas-vindas deixou Bernie e Mac muito bêbados?

Sim, aqueles dois eram normalmente o motivo.

— Não dessa vez. São Chazz e Dixon Hennington. Eu acho que você deveria vir.

— Claro — ele respondeu hesitante.

Dixon pegou seu telefone celular, mas Kane o arrancou dele.

— Acho que não, idiota.

— Vou pedir que meus advogados puxem suas fichas e vou comprar essa merda desse estabelecimento e tudo mais que você gosta.

Mais uma vez, Kane riu e levantou o dedo.

— Você não sabia? Quando levei Alexa de volta ao escritório para cuidar dos livros, decidi deixar a câmera gravando para termos algumas provas. Engraçado como isso funcionou.

No instante seguinte, Dixon se mexeu e Kane congelou, permitindo que um soco lhe acertasse o rosto. Mariah latiu, mas Kane estendeu a mão. *Bem pensado, Kane.* Peguei meu copo.

— Parece que também teremos o olho roxo para provar a ocorrência agora. Obrigado, Dixon. Quer um brinde?

Ele permaneceu calado.

— Não? Bem, vou brindar ao fato de que logo essa sua bunda estará atrás das grades.

As luzes do carro da polícia piscaram na frente do bar, e eu saí para ver se conseguia que Roy pudesse dar algum tempo. Tecnicamente, ainda não tínhamos nada.

— O que aconteceu?

— Dixon socou Kane. Ele quer apresentar queixa.

Roy balançou a cabeça.

— Merda. Tem certeza de que deseja seguir esse caminho? Puxei a ficha de Chazz, por dirigir bêbado no ano passado, e seus advogados o livraram rapidamente.

*Não ia adiantar de nada.*

— Sim, eu preciso de outro favor.

— O quê? — Roy se inclinou, olhou para dentro do bar e soltou um suspiro.

Bem, ele provavelmente também não iria gostar do próximo pedido.

— Eu preciso que você adie ao máximo as ligações deles e os mantenha separados.

— O quê?

— Dixon está por trás do fornecimento das drogas a Teagan. E acho que eles estão ligados à morte de Lloyd. Talvez também esteja por trás de uma empresa que tentou comprar terra nossas, chamada Milano Incorporated.

— Filho, ouça...

— Eu terei a prova em duas horas. Só preciso que você aja. Mande Travis vir para cá e leve-os para a delegacia separadamente.

— Drake — ele falou em tom de aviso.

Essa era a nossa única esperança. Se eles fossem libertados, nunca os pegaríamos. Cobririam completamente todo e qualquer rastro. E eu teria que andar desconfiado pelo resto da minha vida. Se eles se libertassem, Dixon se vingaria e Lex pagaria o preço.

Isso. Não. Poderia. Acontecer.

— Roy, nunca te pedi um favor antes, mas estou pedindo um agora. Dixon e Chazz foram à minha casa, tentaram invadi-la, uma semana atrás. Mariah farejou e os identificou hoje à noite, mas eu sei que a identificação de um cachorro não é suficiente. Então eu preciso te dar a prova. E provavelmente há mais coisas que não sei.

Ele trocou o pé de apoio.

— Você tem duas horas. Depois disso, terei que permitir a ligação.

— Combinado.

Roy chamou Travis. Depois de alguns minutos, ele chegou, e Roy explicou o que estava acontecendo. Travis me olhou nos olhos.

— Deixando nossas diferenças de lado, você realmente acha que ele estava envolvido com Teagan?

Graças a Deus ele não ia me atrapalhar. A última coisa que eu precisava era de um estúpido e velho mal entendido para estragar tudo. Eu o olhei diretamente nos olhos.

— Sim. E se não fizermos tudo com cautela, ele se safará de quem sabe o quê.

Travis e eu não nos demos bem anos atrás. Lex me lembrou que Travis namorara Teagan no colegial. Eu sabia que ele estava tentando localizá-la. Talvez não fosse um completo idiota. Então continuei.

— Acho que ele é nossa única chance de encontrar Teagan. Duas horas. Temos que impedir que os advogados os ajudem ou que se comuniquem com alguém.

— Pode deixar — disse Travis. — Você tem duas horas. Faça-as valer a pena.

— Farei.

# 41

Quarenta e Um.

Drake

Chegamos à casa de Chazz e Raquel. Parecia que Irene não estava lá, o que era bom. Se ela não estivesse, nos dava mais chance de pegar Raquel desprevenida. Lex não falou muito depois que eu lhe contei tudo. Ela parecia quase entorpecida. Normalmente, eu lhe daria um pouco mais de tempo para processar, mas isso era algo que não tínhamos. Demoramos analisando o que sabíamos.

Mas eu estava preocupado. Fora assim que ela ficara quando seu pai morreu – retraída e calada.

Hayden e Kane foram conosco. Ninguém se mexeu para sair da caminhonete antes de Lex. Ela olhava para a porta da frente. Senti a pressão do relógio correndo. Só nos restava uma hora e meia. Finalmente, depois de cinco minutos, Lex disse:

— Quero ser eu a confrontá-la.

— Vou com você.

Ela assentiu e saiu da caminhonete. Kane e Hayden também saíram. Antes de Lex tocar a campainha, um carro da polícia parou e Travis saltou. *Porra, o que ele está fazendo aqui?* Tive a sensação de que, de alguma forma, os irmãos tinham sido libertados.

— Imaginei que vocês poderiam precisar que eu fizesse uma declaração. Chazz e Dixon estão confinados em locais separados

na estação. Roy está adiando as coisas.

*Porra, graças a Deus.* Soltei um suspiro e estendi minha mão.

— Obrigado.

— Quero ser a única a enfrentar Raquel — disse Lex a Travis. —

Depois você pode fazer o que for necessário.

Eu perguntei:

— Tudo bem. Como você quer fazer isso?

— Kane e Hayden ficam aqui fora. Você e Travis vêm comigo.

Ninguém discutiu, e Lex apertou a campainha. A mesma mulher de uniforme preto e branco respondeu.

— Por favor, diga à minha *irmã* que estou aqui. E ela vai querer me ver. É sobre Chazz.

Os olhos da mulher se arregalaram, e ela assentiu.

— Sim, senhora.

Apenas alguns minutos depois, Raquel abriu a porta.

— O que está acontecendo?

— Podemos entrar para conversar?— Lex perguntou em um tom frio e distante.

Travis ficou para trás e disse algo em seu rádio.

Raquel gritou:

— O que está acontecendo? Chazz está bem?

Antes que Lex pudesse responder, Travis entrou, dizendo:

— Posso?

Assentindo, Lex deu a palavra a Travis.

— Ele está sob custódia policial — disse Travis enquanto entrava no hall. — Acabei de saber que ele está disposto a testemunhar contra Dixon. Se você não quiser se juntar ao seu cunhado, precisa nos dizer o que está acontecendo.

O rosto dela se contorceu.

— Do que você está falando?

Sua negação alimentou a raiva de Lex, e eu vi minha garota começando a se aprontar para uma briga.

— Morte do papai. A carta. As terras. Seu *testamento*. Milano Incorporated. Teagan. Montgomery.

O sangue desapareceu de seu rosto.

— Eu... eu não sei do que você está falando.

— Vou apresentar queixa. E você ficará presa pelo resto da vida como cúmplice. Travis, temos o suficiente para incriminá-la?

— Sim.

Bem, isso era mentira, mas esperava que Raquel acreditasse.

Ela deu alguns passos para trás.

— Eu não quero ir para a cadeia.

— Então me diga o que aconteceu, Raquel.

Ela franziu os lábios.

— Preciso que você jure que não prestará queixa.

Tudo estava ficando complicado. Eu não tinha certeza se Chazz iria realmente testemunhar. Mas aquela podia ser a nossa única esperança de conseguir alguma coisa com os irmãos. Lex sabia disso, e ela olhou para Travis. Ele sacudiu levemente a cabeça. Então, Chazz ainda não havia dito nada. Lex fechou os olhos, e eu sabia que o que estava prestes a dizer a matava:

— Não vou prestar queixa.

O rosto de Raquel estava pálido.

— Você não pode me mandar para a cadeia. Eu encomendei a carta.

— O quê? — perguntamos em uníssono.

Raquel começou a ficar mais histérica, apontando para Lex.

— Quando seu pai morreu, tentei encontrar uma forma de torná-la ainda mais infeliz. Por que não tirar o homem que você amava também? Acontece que você tinha tudo. Meu pai é um pescador bêbado de Ketchikan. Você tinha tudo. E eu te odiei por isso.

— Você tentou arruinar a minha vida.

Não havia sinal de remorso quando ela respondeu:

— Sim.

Irene entrou pela porta da frente.

— O que está acontecendo? Por que a polícia está aqui?

Ah, não. Se Raquel continuasse falando, a mãe poderia tentar fazê-la parar. Precisávamos separá-las.

Travis foi até Raquel.

— Eu preciso que você venha comigo. Há perguntas sobre o envolvimento de Dixon e Chazz Hennington e o quanto você sabia sobre isso que precisam ser respondidas. Você precisará fazer uma declaração oficial.

— Sim, está bem. Sem acusações, certo? — Raquel olhou para Lex.

Para Lex, aquela deveria ser uma pílula amarga de engolir.

— Manterei minha palavra enquanto você mantiver a sua. Diga a Travis tudo o que sabe.

Ela assentiu.

Travis e Raquel caminharam silenciosamente até o carro, mas Irene os seguiu, gritando perguntas. Travis não parou para responder; em vez disso, ajudou Raquel a entrar em seu carro.

O veículo saiu e eu posicionei meu braço no ombro de Lex.

— Você está pronta para ir para casa?

— Sim.

Quando chegamos à porta, Irene voltou, com um olhar selvagem em seus olhos, e eu enrijei.

— O que você fez? Por que a polícia veio levar Raquel?

Ela deu alguns passos em nossa direção, e eu me coloquei na frente de Lex.

— Eu sugiro que você mantenha distância. Se Lex quiser falar com você, ela vai falar. Se não quiser, nós iremos embora.

Agora dependia de Lex.



# 42

## Quarenta e Dois

Alexa

**A**s emoções se revolviam dentro de mim, e eu estava à beira de perder a cabeça completamente. Raquel falsificou a carta, mas eu não tinha certeza do que mais havia feito. Será que estava envolvida na morte do meu pai? Havia tantas perguntas sem respostas e nenhuma prova concreta. Tudo dependia de sua declaração. Os caras disseram que Chazz iria incriminar o irmão, mas eu não tinha certeza.

E agora minha própria mãe estava me olhando com puro ódio.

— O que você fez?

— Você sabia sobre a carta que Raquel falsificou?

De repente, ela ficou em silêncio.

Eu estava furiosa com a admissão de Raquel. *Minha própria mãe.*

— Por que você me odeia tanto? Eu não entendo. Também sou sua filha.

— Porque seu pai ia me deixar. Eu tive que engravidar para ficar com ele. E assim que você veio ao mundo, nada mais importava. Você foi apenas um meio de manter um teto sobre a cabeça de Raquel.

Suas palavras foram como um tapa na cara, e eu recuei fisicamente. *Não mais.* Essa mulher não teria mais poder sobre

mim. Sim, eu fiquei arrasada, mas não seria um peão em seu jogo. Nunca mais.

— Você enganou meu pai para que se casasse com você?

— Era ele ou o pescador falido que bebia até cair. A escolha foi simples. — Não havia um pinga de remorso nela. Nenhum. Se tivesse que fazer tudo de novo, eu sabia que ela faria.

Era hora de esclarecer as coisas.

— Você tem duas opções.

— Quem é você para falar assim comigo? Eu sou sua *mãe*.

— Não. Não, você não é. Nunca foi. Tenho certeza de que os promotores podem descobrir uma maneira de enfiá-la nessa bagunça. Você sabia da falsificação, então tenho certeza de que posso apresentar uma queixa. Para salvar a própria pele, tenho certeza de que Raquel nos informará qual papel você desempenhou nisso tudo.

Ela ofegou.

— Vou manter minha palavra para Raquel, mas você não fez parte desse acordo. Seria terrível se a mãe dela fosse parar na prisão. Aposto que ela teria dificuldade em encontrar alguém adequado se Chazz a deixasse.

Se a mulher pudesse me matar, com aqueles olhos em chamas, ela me mataria.

— O que você quer?

— A pousada.

— Isso é extorsão. É minha por direito. — Ela bateu com o punho na mesa.

— Não, não é. Você enganou meu pai para se casar com você. Ele nunca adicionou seu nome à escritura. Ele revisou o testamento e deixou tudo para mim. — Dei de ombros. — É uma escolha sua. Me avise quando decidir. — Voltando-me para Drake, eu disse: — Leve-me para casa.

— Claro. Vamos lá, Lex.

Fomos até a porta. Talvez o que eu estava fazendo fosse errado, mas eu as queria fora da minha vida. E queria que as coisas fossem como meu pai desejava.

— Alexa, pare.

Eu continuei andando.

— Tudo bem! Pode ficar com a pousada.

Eu me virei e olhei para ela, mas não senti nenhuma emoção. Durante anos, ela não fez nada além de me machucar. No futuro, nunca mais haveria essa chance.

— Resolva tudo esta noite. Eu não ligo para o que você terá que fazer.

— Eu sou sua mãe. Você não pode me tratar assim.

*Mãe.* A palavra tinha gosto azedo na minha boca.

— Não, você foi a mulher que me deu à luz. Eu não tenho mãe.

E, com isso, saí pela porta sem olhar para trás.



DE VOLTA À CABANA, sentei-me em frente ao fogo, aninhando-me a Drake para me aquecer. Desde que chegamos em casa, comecei a sentir calafrios até os ossos. A realidade de tudo ainda não havia me atingido completamente.

Todo o clã Foster passou em nossa casa para me checar. Amie e Ike trouxeram comida e se sentaram comigo por algum tempo. Eu não falei muito, mas até Hayden e Kane me abraçaram antes de partirem. Eu os amava com todo o meu coração. Se não fosse pelos Foster, eu estaria perdida.

Durante essas visitas, minha mãe trouxe a papelada para transferir a pousada para mim. Hollis mandou o advogado examiná-la e validá-la. Olhei para os papéis sobre o aparador. Os Fosters iriam seguir minha mãe de volta para garantir que as fechaduras fossem trocadas naquela mesma noite. No dia seguinte, Hayden, Ike e Amie iriam supervisionar sua saída da casa para garantir que nenhum dano fosse causado. Mãe... a palavra agora não me soava familiar.

Estava acabado.

— Não acredito que é minha outra vez.

Drake me apertou em seus braços.

— Ela está com quem deveria estar. Estou feliz que você a tenha recuperado. O que você vai fazer com ela?

— Eu não sei. Amo a nossa casa. Talvez encontre alguém que queira administrar uma pousada. Preciso encontrar alguém para ajudar a mantê-la durante o inverno. Nós vamos resolver esse problema.

— Sim nós vamos. O que você precisar, querida. Estou aqui.

— E eu te amo por isso.

Antes, o advogado de Hollis dissera que se alguém admitisse que o testamento havia sido alterado, eu poderia ter uma chance de recuperar as terras. Era um tiro no escuro, mas não perderia a fé.

— Como você está?

Aquela era a pergunta de um milhão de dólares.

— Eu não sei. Estou magoada, mas não surpresa. Estou aliviada, mas triste. É como se houvesse uma emoção oposta a tudo o que estou sentindo. Mas vou melhorar. E quero saber o que está acontecendo. Quero dizer, se descobrirem que realmente não temos nenhuma evidência concreta, eles serão libertados.

Eu queria justiça pelo que havia sido feito.

*Toc.*

*Toc.*

*Toc.*

Drake se levantou.

— Deixe-me ver quem é.

Olhei para o relógio; era tarde. Tarde demais para receber visitas. Drake cumprimentou quem quer que fosse calorosamente, o que significava que era alguém bem-vindo.

Travis entrou, e eu me levantei.

— Agora é uma boa hora? Eu queria atualizar vocês pessoalmente.

— Entre. Sente-se. — Fiz um gesto para a cadeira vazia.

Um nó se formou no meu estômago, e meu coração acelerou. Travis sentou-se na grande cadeira estofada.

— Alexa, como você está?

— Estou processando as coisas.

— Entendido. Bem, eu queria atualizar você – em caráter extraoficial, é claro. Foi uma chuva de bosta na estação.

*Isso é bom ou ruim?* Era difícil ler nas entrelinhas. Drake sentou-se ao meu lado. O calor do seu corpo me confortou.

— O que aconteceu?

Ele respirou fundo.

— Chazz se virou contra Dixon, confessando tudo em troca de imunidade. Raquel corroborou com sua história – pelo menos a parte que ela sabia – em troca de imunidade também. — Fazendo uma pausa, ele passou as mãos pelos cabelos. — Tivemos que fazer o acordo. Nesse momento, não há evidências físicas e precisávamos das testemunhas para garantir que Dixon fosse preso.

Eu teria que lidar com o fato de que Raquel ficaria livre da falsificação. Antes que pudesse processar essa informação, eu precisava entender o papel que cada pessoa desempenhara.

— Então, o que eles disseram?

Travis passou a mão pelo rosto, claramente cansado. Fora uma noite longa para todos.

— Dixon tem reunido terras para cavar petróleo. Ele é dono da Milano Incorporated. É uma empresa de fachada. Os irmãos Hennington estão quase sem dinheiro. Eles precisavam que esse acordo fosse aprovado. Pretendiam construir campos de petróleo. Aparentemente, eles tinham pessoas esgueirando-se pelas terras para confirmar quais delas eram lucrativas. Na parte de Raquel, ele planejava construir uma doca de embarque.

— Como conseguiram o dinheiro?

— Investidores. Eles estavam ficando sem tempo para finalizar os negócios. Seu pai realmente se encontrou com Dixon e se recusou a vender sua terra. Dixon estava por trás da situação do seu empréstimo. O plano era que você perdesse a terra como garantia. É uma chuva de bosta, mas serão apresentadas acusações contra o banco matriz em Juneau, de onde as decisões vieram. Sinceramente, ainda não entendo esta parte.

— A morte dele foi um acidente? — Eu podia ouvir minha voz vacilando.

— Não, Dixon a planejou, de acordo com Chazz. O óleo foi drenado da máquina, que foi apreendida. Com base apenas no testemunho de Chazz, temos Dixon sob acusações de assassinato por todos que morreram naquele dia. Ele também tinha registros dos acordos que fez.

Mas não havia evidências concretas. Ainda. Minha garganta ficou mais apertada. *Papai fora assassinado*. Ele foi tirado de nós antes que seu tempo acabasse. Fechei os olhos, angustiada.

— Tantas vidas foram perdidas.

— Sim, sinto muito, Alexa. Dixon também matou o advogado, Montgomery, que lidou com o testamento. Ele foi envenenado com ricina. O médico legista foi recompensado por mentir sobre o ataque cardíaco. Entramos em contato com a Juneau PD para prender o médico legista. Chazz tinha cópias da última versão onde seu pai deixava tudo para você. Sugiro que envolva seus advogados. Imagino que possa recuperar suas coisas.

— Eu vou. E Teagan? — Queria que ainda houvesse uma chance de Teagan ser salva. Mas não sabia ao certo qual era sua parte no caso. Depois de suas palavras no hospital, eu tinha certeza de que sabia alguma coisa.

O rosto de Travis ficou duro, com raiva.

— Raquel a chantageou com fotos comprometedoras dela e de Donnie para forçá-la a entregar a carta a Montgomery. Segundo Chazz, Dixon usou Donnie para viciá-la em heroína depois disso. De lá, ele foi capaz de controlá-la. Se ela ajudava, ganhava mais drogas. Aparentemente, ela estava perdendo o controle. No dia em que você chegou à cidade, ela deveria atraí-la para um beco para Dixon conversar com você sobre as terras.

— Porra! — Drake murmurou.

— Sim, na noite em que Alexa entrou no carro com ela, Teagan deveria levá-la para o apartamento também.

Então, Teagan me traiu primeiro e depois tentou me proteger à sua maneira. Eu não tinha certeza do que pensar sobre isso. Mas talvez ela ainda tivesse bondade dentro dela – ao menos o suficiente para querer ser salva.

— Você sabe onde ela está?

— Não, Chazz não sabia, mas acredita que esteja morta. Dixon disse a ele que ela foi silenciada. — As juntas de Travis ficaram brancas.

Deixei escapar um suspiro angustiado.

*Tanta perda.*

*Tanta dor.*

*Tanto sofrimento.*

E tudo por um quebra-cabeça que Dixon montara por dinheiro.

— Dixon disse alguma coisa?

— Não, ele não falou nada. Seus advogados estão a caminho. Chazz confirmou que eram eles em sua casa naquela noite. Estamos colhendo amostras de DNA do apartamento de Teagan. Se conseguirmos combinar alguma coisa com Dixon e os medicamentos, isso ajudará ainda mais o caso. Dixon parece ser o cérebro por trás de tudo. Chazz apenas seguiu o baile.

Que bagunça.

— Então, o que devo fazer?

— Apenas espere. Usaremos o testamento como evidência. Com o testemunho de Raquel e Chazz e as evidências corroboradoras, há uma boa chance de uma condenação. Os promotores acham que têm um bom argumento neste momento. Qualquer evidência adicional que encontrarem apenas a tornarão mais forte.

Bem, isso foi um alívio.

— Alguma coisa vai acontecer com Chazz ou Raquel?

— Seus ativos foram apreendidos. Isso não fazia parte do acordo. Então, vamos ver aonde isso vai nos levar.

Não era muito, mas se eles acabassem com nada, seria a justiça de uma forma diferente.

— Obrigada, Travis.

— Eu odeio ter que fazer comparações, mas Dixon é definitivamente o pior dos três.

— Melhor ter o diabo atrás das grades do que livre — eu disse.

Travis se levantou.

— Verdade. Vou mantê-la informada. Podemos precisar falar com você, então fique na cidade. Se quiser viajar, avise-nos para que possamos entrar em contato.

— Farei isso.

Ele saiu, e eu me sentei, sem saber o que pensar. A vida era uma coisa engraçada. Nem tudo era preto e branco, certo e errado. Às vezes, as coisas eram cinzentas, e sacrifícios tinham que ser feitos para o bem maior. Era uma pílula amarga de engolir. E eu

odiava o quão errado parecia, mas fiquei agradecida por haver alguma justiça.

— Como você está? — Drake sentou-se na minha frente, no pufe, e me observou atentamente.

— Eu odeio a ideia de Raquel e Chazz se livrarem. Mas sem os acordos, todos eles poderiam ser liberados. É difícil e complicado. E eu me afastei da minha mãe hoje à noite. Eu estava pronta, mas ainda dói saber como ela se sente ao meu respeito. É só que... eu não sei... é muito para absorver. E vai levar tempo, eu acho. — Honestamente era como estar em um barco, flutuando no mar, sem uma vela ou motor.

Drake esperou que eu continuasse.

— Estou feliz que tenha terminado. Estou feliz por termos fechado essa história. E estou feliz por estar livre para viver a minha vida.

— Eu também, amor. Eu também. E nós vamos superar juntos.

— Juntos.



# 43

Quarenta e Três

Drake

O resto da semana foi um caos. Raquel, Chazz e Irene não estavam autorizados a deixar a cidade por enquanto. A transferência da pousada foi finalizada. Dixon estava atrás das grades em Anchorage. No meio de tudo isso, Hollis levava seu advogado para examinar o testamento. Com o testemunho de Chazz, pudemos provar que havia conhecimento do testamento revisado, e os advogados estavam certos de que Lex recuperaria a parte que faltava da terra de seu pai.

Raquel e Irene haviam se envolvido em partes do plano de Dixon, mas pelo que pudemos supor, não estavam informadas de tudo. Chazz fazia o que seu irmão lhe dizia para fazer enquanto o dinheiro continuava entrando. O presidente do banco em Juneau também era um dos investidores de Dixon que estavam atrás do empréstimo de Lex. Foram apresentadas acusações contra ele.

As coisas estavam se corrigindo. Bem, se corrigindo o máximo possível. Uma perda de vidas nunca poderia ser corrigida. Pessoas inocentes pagaram o preço final por causa da ganância. Crete nos ajudara muito, porque seu pai fora um espectador no incidente madeireiro no qual o pai de Lex morrera. Entre muitos outros. A cidade estava sangrando, mas nós nos curaríamos e seguiríamos em frente.

Lex tentou ir trabalhar, mas todos – incluindo as irmãs Twiner – apareceram na clínica. Ela e Hollis decidiram fechá-la por um tempo, exceto emergências. Eu estava preocupado com ela. Mais do que preocupado. No final da semana, as pessoas foram para Anchorage para o início do julgamento.

Talvez as coisas voltariam ao normal. Na segunda-feira, a clínica seria reaberta. No momento, Lex precisava se concentrar em seu trabalho.

Apertei a mão de Lex enquanto dirigíamos, e ela retribuiu. Com o passar dos dias, minha garota foi voltando ao normal. Ela estava absorvendo todas aquelas merdas, mas, no final das contas, seria mais forte.

Entrei na garagem e desliguei a caminhonete.

— A cabana do meu pai? Que grande ideia. Acho que isso era exatamente o que eu precisava. — Ela se inclinou e me deu um beijo. — Eu te amo.

— Amo você também.

*Ufa.* Ela poderia não ter gostado. Pulei para fora da caminhonete e peguei a mão dela enquanto os nervos começavam a me dominar.

— Vamos dar um passeio.

— OK.

*Droga.* Ela sabia que havia algo de errado comigo. *Respire fundo, lentamente.* Eu liderei o caminho para a parte de trás da cabana, em direção à floresta.

Lex estava completamente relaxada ao meu lado.

— Lembro-me de passear aqui com o papai. Passávamos horas explorando, e ele me contava histórias.

Diminuindo o ritmo, eu me permiti me perder no momento.

— Eu me lembro de você me contando isso. Ele me disse a mesma coisa da última vez em que estivemos aqui juntos.

— Sério? — Ela cutucou meu ombro e brincou. — Eu me lembro de você dizer que discutiram outra coisa também.

*Porra, sim! Isso é um bom sinal.* Eu fingi ignorância.

— Do que você está falando?

Ela revirou os olhos e riu. Continuamos andando e deixamos os sons da natureza nos confortarem. Por dentro, eu me sentia naufragando em nervosismo, mas estava tentando esconder. Antes,

liguei para minha mãe e meu pai para ver se eles poderiam me ajudar. Mamãe ficou ansiosa demais.

Chegamos à clareira, e Alexa parou.

— O que é isso?

Na clareira, uma fogueira de pedra tinha um fogo baixo. À direita, uma toalha de piquenique vermelha e branca estava aberta no chão com cobertores mais quentes empilhados ao lado. Uma cesta de vime cheia de comida estava no meio. Meus pais não foram embora até eu avisar que estávamos a caminho. Sobre a toalha havia guloseimas que minha mãe preparara para nós.

Quando eu não respondi, Lex se virou para mim.

— Obrigada. Eu precisava disso mais do que você pode imaginar.

Ela inclinou a cabeça, esperando que eu continuasse. Respirei fundo, tirei o anel do bolso e me ajoelhei.

— Foi aqui que pedi a seu pai a bênção para me casar com você. E é aqui que espero que você diga sim para passar o resto da vida comigo.

Ela começou a falar, mas eu apertei sua mão. Precisava esclarecer tudo.

— Alexa Marie Owens, eu te amo desde o momento em que te ajudei a trocar o pneu na beira da estrada. Você mudou a minha vida para sempre. Não há mais ninguém que possa se comparar com você. Você possui meu coração, todo o meu ser. Não haveria honra maior do que se você se tornasse minha esposa.

— Sim! Sim! Sim! — Ela jogou os braços em volta de mim. — Sim, eu quero isso mais do que qualquer coisa.

— Obrigado, Deus.

Levantei-me, coloquei o anel em seu dedo e a girei em meus braços.

Isso era amor.

Isso era vida.

Isso era tudo.

APERTEI LEX com mais força contra mim, enquanto nós dois estávamos deitados juntos no grande saco de dormir perto do fogo. Logo iria escurecer e precisaríamos ir embora.

Virando-se para me encarar, Lex parecia saciada, depois de fazer amor.

— O que você está pensando?

— Que finalmente todos os nossos sonhos estão se tornando realidade.

Demorou quase uma vida inteira para chegarmos àquele momento. Mas, no final das contas, eu faria tudo de novo se isso significasse um final feliz .

Lex olhou para o anel dela.

— É tão brilhante. Eu adorei. Obrigada. Eu te amo.

Ela me deu um beijo gentil.

— Eu também te amo.

Ela suspirou, contente.

— Quando você quer contar à sua família?

— O mais cedo possível.

Ela riu. Eu estava falando sério.

— Sua mãe convidou todo mundo para jantar amanhã. Por que não fazemos o anúncio, então?

— Eu gosto da ideia.

Seus dedos delicadamente traçaram algum desenho no meu peito.

— Mal posso esperar para passar o resto da minha vida com você.

— Nem eu.

Eu não tinha certeza de quão rápido poderíamos organizar um casamento, mas queria que fosse como Lex quisesse. Ela me deu outro beijo e sorriu.

— Consigo ver as engrenagens de sua cabeça girando.

— Sobre?

— Com que rapidez vamos nos casar.

Cara, ela me conhecia bem. Eu esperava que ela dissesse algo mais, e pelo seu sorriso provocador, ficou claro que eu teria que me esforçar para isso.

—E?

— Eu quero me casar o mais rápido possível. Quero começar nossa vida juntos como marido e mulher.

Girei, colocando-me em cima dela.

— Eu gosto da forma como você pensa.

— Bom, Sr. Foster, você está preso comigo.

— Não há ninguém com quem eu prefira ficar preso, futura Sra. Foster.